

Jader Gontijo Maia

**IMAGINÁRIOS DO DISCURSO POLÍTICO E A CONSTRUÇÃO
DA IDENTIDADE: UM ESTUDO SOBRE NARRATIVAS DE VIDA
NA ENTREVISTA POLÍTICA**

**UFMG
BELO HORIZONTE
2015**

Jader Gontijo Maia

**IMAGINÁRIOS DO DISCURSO POLÍTICO E A CONSTRUÇÃO
DA IDENTIDADE: UM ESTUDO SOBRE NARRATIVAS DE VIDA
NA ENTREVISTA POLÍTICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística do Texto e do Discurso.

Área: Linguística do Texto e do Discurso.
Linha de Pesquisa: Análise do Discurso
Orientadora: Profa. Dra. Ida Lúcia Machado

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG

2015

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos

Tese intitulada “*Imaginários do discurso político e a construção da identidade: um estudo sobre narrativas de vida na entrevista política*”, de autoria do doutorando Jader Gontijo Maia, apresentada à Banca Examinadora constituída pelos professores relacionados a seguir:

Profa. Dra. Ida Lúcia Machado – FALE/UFMG
Orientadora

Profa. Dra. Gláucia Muniz Proença Lara – FALE/UFMG

Prof. Dr. Wander Emediato de Souza – FALE/UFMG

Prof. Dr. Cláudio Humberto Lessa – CEFET-MG

Profa. Dra. Gianni David Silva – CEFET-MG

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Ida Lúcia Machado, pela paciente e precisa orientação, também pelo apoio e incentivo a mim concedidos.

Agradeço aos Professores Wander Emediato, Giani Silva, Cláudio Lessa e Gláucia Muniz por aceitarem participar da banca de defesa desta tese e também por colaborarem em outros momentos desta pesquisa com sugestões e considerações sempre muito pertinentes e enriquecedoras.

Agradeço aos meus pais, aos meus irmãos e irmãs, pelo carinho e apoio sempre;

A Hilda, por acreditar;

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da FALE, com quem pude adquirir e desenvolver meus conhecimentos;

Aos colegas da secretaria do POSLIN: Malu, Graça e muitos outros que já passaram por lá e que sempre me ajudaram quando necessário;

Aos colegas do NETII e do NAD;

A CAPES, pelo apoio.

A UFMG, por todo esse tempo;

E aos amigos e colegas que acompanharam de perto e contribuíram de alguma forma.

Epígrafes

“Descrever os imaginários é contribuir para a construção de epistemes, essas ‘grades de inteligibilidade do campo social’ de que falava Foucault.” Patrick Charaudeau¹.

Quisera eu poder ter herdado as qualidades que Tancredo tinha no seu temperamento, no seu conhecimento sobre o país e na sua capacidade de articulação, não é? Estou longe disso, Markun. Mas eu sou um homem do meu tempo, se você me permite uma autodefinição. É claro que eu busco sempre estar me inspirando, sobretudo na questão comportamental, em Tancredo e tantos outros brasileiros, mas eu enfrento no dia-a-dia os desafios desse meu tempo. (Aécio Neves - Programa Roda Viva - 18/04/2005)

Eu acho que eu aprendi talvez que, necessariamente, para poder viver, cada um tem um jeito. Eu também tenho um jeito. Mesmo que vocês me forcem a ser de outro jeito, eu não vou ser. Muitos não gostam do meu jeito, tudo bem. (Fernando Henrique Cardoso - Programa Roda Viva - 14/10/1996)

Ou seja, o povo brasileiro não está precisando de um "paizão", porque "paizão" ele teve a vida inteira; alguém que dissesse que vai resolver tudo, ele já teve. O que ele está precisando é de um companheiro, e um companheiro que acredite em outro tipo de governo, que acredite que é possível chamar a dona de casa a dar palpite, o companheiro trabalhador a ajudar a deliberar o que vai ser feito neste país. Eu não prometo ser um "paizão", não, eu prometo ser um companheiro que vai agir com a honestidade maior que possa existir na face da Terra para permitir que a classe trabalhadora brasileira possa viver, possa morar, possa comer e possa trabalhar. É esse presidente que eu quero ser e acho que é desse presidente que o povo está precisando. Aquele negócio de querer alguém que dá bronca, que vai multar carro na rua, o povo não está precisando mais, o povo cansou, enjoou. Está precisando é de um outro tipo de político e eu pretendo ser esse outro tipo de político de que eu acho que o povo brasileiro precisa. (Luís Inácio Lula da Silva - Programa Roda Viva - 28/11/1988)

Temos projetos. E é em cima desses projetos que nós vamos firmar uma imagem. E também, nem ser só a senadora da Amazônia, eu quero ser a senadora do Brasil e discutir os problemas da nação. (Marina Silva - Programa Roda Viva - 19/11/1994)

¹ Charaudeau (2006, p. 208).

RESUMO

Esta pesquisa tem como proposta o estudo sobre os processos de constituição da identidade do sujeito político, a partir da análise dos imaginários e dos diversos *ethé* que são evocados por seu discurso recorrendo para tal à observação e interpretação de relatos biográficos proferidos por políticos em situação de entrevista televisiva.

Para fins de constituição do objeto de análise foi escolhido o gênero jornalístico *entrevista*, pois este apresenta certas características ligadas às suas condições de produção e de enunciação que buscam privilegiar a expressão oral do sujeito político. Nessa forma de interação dialógica pressupõe-se que a palavra e a voz do entrevistado estejam em destaque, uma vez que a própria organização discursiva da entrevista possibilita o desenvolvimento das narrativas de vida. Desse modo, foram consideradas nesta pesquisa entrevistas realizadas com algumas lideranças do cenário político brasileiro, pelo programa *Roda Viva*, da TV Cultura de São Paulo, no período entre 1988 e 2006: Aécio Neves, Fernando Henrique Cardoso, Luís Inácio Lula da Silva, Marina Silva.

Quanto aos pressupostos teóricos que norteiam este estudo, o caminho adotado prestigia os conceitos tratados pela Teoria Semiológica, de Patrick Charaudeau, particularmente o conceito de *discurso político* proposto por este linguista, cujo papel é primordial na fundamentação deste trabalho, bem como sua proposição sobre os *imaginários sociodiscursivos*, sobre o *ethos* e as diversas formas de *ethé* que participam da organização do discurso político. Outras abordagens que dizem respeito à noção de *ethos*, em Amossy e Maingueneau também são aqui consideradas. A fundamentação teórica recorre ainda a algumas ideias oriundas de outras disciplinas representadas aqui por Bertaux, Machado e outros, para poder organizar nossas ideias em torno da temática da *narrativa de vida* ou ainda da presença da narratividade no quadro do discurso político. Contribuem também para a discussão algumas disciplinas que tratam das características do gênero *entrevista*, sobretudo em Morin, Medina e Charaudeau. Ideias essas que são aqui conjugadas de modo a construir uma “interdisciplinaridade focalizada”.

As análises das entrevistas permitiram de início observar como as referências aos episódios da história de vida dos sujeitos políticos, considerados nesta pesquisa, constituem parte significativa da organização discursiva do discurso político, pelo menos no que tange a uma situação de entrevista. Elas nos possibilitaram perceber ainda

como a evocação de determinados imaginários e as representações que a eles correspondem contribuem de modo fundamental para o processo de significação dos relatos que se apresentam no discurso político analisado.

Outro aspecto a ser considerado é que no discurso político em questão percebe-se a evocação tanto de imaginários relativos à tradição, à modernidade e à soberania popular, quanto de diversas representações sobre o “sucesso” no campo político. O que se constata é que estes imaginários e *ethos* fusionam-se nos discursos dos políticos entrevistados, gerando uma sobreposição de sentidos e estabelecendo uma correspondência complexa, e um tanto quanto misteriosa, entre eles. Característica esta que parece demonstrar, da parte dos políticos, intenção de elaborar um discurso capaz de atender e satisfazer diferentes expectativas oriundas de públicos heterogêneos.

O foco de interesse desta pesquisa centralizou-se, portanto, na identidade que é projetada por meio dessa reflexividade que a narrativa de si possibilita. Estratégia com a qual o sujeito político procura seduzir e persuadir o maior número de cidadãos eleitores a aderir às suas propostas. O que percebemos é que esse processo de constituição da identidade política, possibilitada por meio da narrativa de si, acaba por implicar a conjugação de imaginários e *ethé* diversos que vai dar origem a um amálgama de valores e figuras.

RÉSUMÉ

Cette recherche a eu comme but l'étude des procédés utilisés dans la construction identitaire du sujet politique. Pour ce faire nous avons observé les imaginaires et les *ethé* que de différents sujets construisent dans leurs récits lors d'une situation d'interview divulguée par la télévision.

On a donc privilégié ici l'interview, comme genre journalistique car, elle présente des caractéristiques liées à ses conditions de production et d'énonciation qui privilégient l'expression orale du sujet politique. Il s'agit d'une forme d'intervention dialogique où (on le croit bien) la parole et la voix de l'interviewé ont une place de choix. Ont été pris en compte dans cette étude des entrevues avec certains leaders de la scène politique brésilienne au programme *Roda Viva*, de TV Cultura de São Paulo, entre 1988 et 2006: Aécio Neves, Fernando Henrique Cardoso, Luís Inácio Lula da Silva, Marina Silva.

L'instrumental théorique que nous avons décidé d'adopter est venu de la Théorie Sémiolinguistique de Patrick Charaudeau, surtout en ce qui concerne la vision que le linguiste a posé sur le discours politique, depuis une dizaine d'années. Cela ne nous a pas empêchés de considérer la notion d'*éthos* selon Amossy et Maingueneau. Nous avons aussi puisé dans des concepts formulés par Bertaux, Machado et d'autres, pour pouvoir organiser nos idées autour du récit de vie ou de la présence de la narrativité dans le cadre du discours politique. Il faut dire que ont aussi contribué à former nos catégories d'analyse et nos réflexions les pensées de Morin et Medina que, une fois conjuguées à celles de Charaudeau, nous ont aidé à construire et à travailler sur une «interdisciplinarité focalisée».

Les analyses des interviews sélectionnées nous ont permis d'observer comment les sujets politiques racontent leurs vies, comment ils évoquent certains imaginaires socio-discursifs et songer aux représentations que ceux-ci suscitent. Cela nous a permis surtout de cerner les sens explicite et implicite de leurs énoncés.

Ainsi, nous avons pu y constater la présence d'imaginaires liés à la tradition mais aussi à la modernité, aussi bien que plusieurs représentations sur le « succès » dans le domaine politique. Nous avons ainsi vérifié que les imaginaires finissent par se fusionner aux discours des politiques interviewés. Les sens des discours qu'ils énoncent se correspondent de façon complexe et - pour quoi ne pas le dire - mystérieuse. Certainement, cela est dû à la volonté (de la part des politiques) de réaliser des discours

susceptibles d'atteindre et satisfaire aux différentes expectatives d'un publics hétérogène.

L'intérêt majeur de la thèse s'est concentré enfin dans l'identité politique projetée à travers une sorte de réflexivité que la narrative de soi a autorisé. Nous voilà devant des stratégies mises en place par les acteurs du jeu politique brésilien dans leur recherche de persuasion à large échelle, dirigé vers leurs électeurs. À la fin de ce parcours (bien que les parcours entrepris dans le terrain d'une recherche n'ait jamais une fin) nous nous sommes rendus compte que les procédés de constitution d'identité politique étudiés par le moyen de la narrative sont fatalement liés à toute une série d'imaginaires et d'*ethé* divers qui vont donner origine à un amalgame de valeurs et de figures.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
-----------------	----

CAPÍTULO 1 - O DISCURSO POLÍTICO NA PERSPECTIVA DA SEMIOLINGUÍSTICA: DISPOSITIVO, CONTRATO E ESTRATÉGIAS

1.1 - A palavra política entre o <i>debate de ideias</i> e o <i>fazer político</i>	18
1.2 - O discurso político enquanto objeto de estudo	20
1.3 - O dispositivo político e suas instâncias	22
1.3.1 - O contrato de comunicação do discurso político	24
1.4 - O discurso político e suas estratégias: argumentação, emoção e imagem	26
1.4.1 - O discurso político em sua dimensão argumentativa	28
1.4.2 - Discurso político e argumentação persuasiva	30
1.4.3 - O discurso político em sua dimensão afetiva	33
1.4.4 - As emoções no discurso político	35
1.4.5 - As estratégias de dramatização do discurso político	36
1.4.6 - O discurso político e a construção da imagem de si	37

CAPÍTULO 2 - IMAGINÁRIOS DO DISCURSO POLÍTICO: DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL À CONSTRUÇÃO DA OPINIÃO

2.1 - As representações sociais e a significação da realidade	41
2.2 - Representações sociais: a elaboração e a organização do <i>saber</i>	43
2.3 - A opinião enquanto saber de crença	47
2.4 - Algumas considerações sobre <i>estereótipos</i> e <i>representações sociais</i>	50
2.5 - O <i>imaginário</i> na perspectiva de Castoriadis: alguns comentários.....	53
2.6 - Os imaginários do discurso político	54
2.7 - O discurso político e seus imaginários de “verdade”	57
2.7.1 - Considerações sobre o imaginário da “tradição”.....	57
2.7.2 - Considerações sobre o imaginário da “modernidade”.....	59
2.7.2.1 - O discurso sobre os valores da economia	61
2.7.2.2 - O discurso sobre os valores da tecnologia	62
2.7.3 - Considerações sobre o imaginário da “soberania popular”.....	64
2.7.3.1 - O discurso sobre os valores da igualdade	65
2.7.3.2 - O discurso sobre os valores da solidariedade	66

2.8 - Alguns imaginários de sedução do discurso político	67
2.8.1 - O imaginário do sucesso e suas representações no discurso político	71
2.8.1.1 - O progresso e o avanço	72
2.8.1.2 - A superação	73
2.8.1.3 - A vitória	74
2.8.1.4 - O trabalho, o esforço e a dedicação	75
2.8.1.5 - A luta, o combate e a força	77
2.8.1.6 - A coragem	78
2.8.1.7 - O saber e a competência	79
2.8.1.8 - O reconhecimento e o mérito	80
2.8.1.9 - Outras figuras do imaginário do sucesso	81
2.8.2 - Considerações sobre a análise do imaginário do sucesso	82

CAPÍTULO 3 - OS DIFERENTES *ETHÉ* DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO

3.1 - A credibilidade no discurso político: imagens da razão	87
3.2. - A imagem de “seriedade”	88
3.3 - A imagem de “virtude”	89
3.4 - A imagem de “competência”	90
3.5 - A identificação no discurso político: imagens do afeto	92
3.6 - A imagem de “potência”	93
3.7 - A imagem de “caráter”	94
3.8 - A imagem de “inteligência”	96
3.9 - A imagem de “humanidade”	97
3.10 - A imagem de “chefe”	100
3.11 - A imagem de “solidariedade”	101
3.12 - Imaginários e <i>ethos</i> : uma conjunção estratégica de valores e imagens	102

CAPÍTULO 4 - O DISCURSO POLÍTICO NA ESFERA MIDIÁTICA

4.1 - O falar político na mídia	105
4.2 - Os diferentes espaços da fala política: fala pública, fala privada, fala íntima	107
4.3 - Espaço midiático, televisão e informação	110
4.4 - O contrato de comunicação da informação midiática	112
4.5 - O discurso de informação e a programação televisiva	116

CAPÍTULO 5 - GÊNEROS DO DISCURSO: A ENTREVISTA E A NARRATIVA DE VIDA

5.1 - O gênero entrevista	120
5.1.1 - Entrevista: algumas tentativas de definição	121
5.1.2 - A entrevista política	128
5.1.3 - A entrevista na televisão	131
5.1.4 - O programa <i>Roda Viva</i>	134
5.2 - O gênero <i>narrativa de vida</i>	136
5.2.1 - A narrativa de vida como espaço de construção da identidade	136
5.2.2 - A narração no discurso político	143

CAPÍTULO 6 - ANÁLISES DAS ENTREVISTAS

6.1 - Hipóteses	150
6.2 - O objeto da análise	150
6.3 - Metodologia e procedimentos de análise	151
6.4 - Análises - alguns recortes que se fizeram necessários	153
6.5 - Aécio Neves	154
6.6 - Fernando Henrique Cardoso	163
6.7 - Luís Inácio Lula da Silva	171
6.8 - Marina Silva	178

BALANÇO INTERPRETATIVO

A identidade política de Aécio Neves entre competência e virtude - O sucesso como eficiência

Fernando Henrique Cardoso: a identidade política entre competência e inteligência

A identidade humanitária em Lula: o povo como soberano - O sucesso como resultado do trabalho e da superação

A identidade política de Marina Silva entre as imagens de competência, de solidariedade e de caráter - A superação, o trabalho e o esforço

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANEXOS

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema central o estudo dos processos de constituição da identidade, a partir da análise dos imaginários que são evocados por sujeitos políticos em seus discursos recorrendo para tal à observação e interpretação de relatos biográficos manifestados em programas de entrevistas.

A observação e interpretação dos dados, tendo em vista o modo como o discurso político é organizado nesses relatos, pode possibilitar a compreensão dos imaginários recorrentes na configuração discursiva de alguns políticos, objeto de nossas observações. Pode também mostrar de que forma isso contribui para elaborar e conservar determinadas identidades. O tema suscita algumas problemáticas aqui colocadas sob a forma de questões a serem investigadas pela pesquisa, como por exemplo: - Quais tipos de representações e saberes participariam da organização discursiva desses relatos? Ou ainda: - Como entender qual a relação desses saberes com a constituição de determinadas identidades? Mas, a questão central que se coloca é a seguinte: - Quais valores e imagens seriam evocados pelas histórias de vida que são inseridos na fala dos sujeitos políticos e quais os imaginários fundamentariam tal inclusão?

A proposta que fundamenta esta tese procura esclarecer como se dão os processos recentes da representação política brasileira e os mecanismos de construção da imagem de liderança, que são ativados nos discursos de alguns atores políticos. Para isso foram realizadas análises de entrevistas com sujeitos políticos em programas de televisão que tratam da temática política, espaço em que essas falas são colocadas em circulação. O intuito é perceber possíveis especificidades nos relatos de vida e na organização discursiva dos saberes e dos tipos de imaginários associados aos discursos observados. Indicações estas que talvez forneçam subsídios para vislumbrar os imaginários que estariam sendo recuperados e re-elaborados pelo discurso político produzido no Brasil.

Quanto aos pressupostos teóricos que norteiam este estudo, o caminho adotado prestigia os conceitos tratados pela Teoria Semiolinguística, de Patrick Charaudeau, particularmente o conceito de *discurso político* proposto por este linguista, que tem papel primordial na fundamentação deste trabalho, bem como o conceito de *imaginários sociodiscursivos* e sua proposição sobre a noção de *ethos*. A fundamentação teórica recorre ainda a algumas noções oriundas de disciplinas diversas, como aquelas que se

interessam pela temática relativa à *narrativa de vida*, representadas aqui por Bertaux, Machado e outros; também contribuem para a discussão algumas disciplinas que tratam das características do *gênero entrevista*, sobretudo em Morin, Medina e Charaudeau, assim como os conceitos de *identidade* em Charaudeau e Kaufmann, e de *ethos* em Amossy e Maingueneau. Ideias que são conjugadas de modo a construir uma “interdisciplinaridade focalizada”² e possuem, portanto relevância para a discussão, pois podem contribuir para o desenvolvimento da pesquisa.

Diante da dificuldade em constituir um *corpus* significativo que projetasse as falas e dizeres dos atores políticos de modo mais fluido, livre e direto, se fez necessário recorrer a um material mais consistente nestes aspectos e que nos permitissem, por um lado, identificar com maior clareza as representações e imaginários que participam da elaboração discursiva, e, por outro lado, nos possibilitassem também analisar as relações que se estabelecem nesses relatos. Optamos então por um tipo de *corpus* buscando um gênero cujo acesso fosse mais viável e que revelasse as bases de alguns projetos de fala.

Nesse sentido, privilegiamos então o gênero jornalístico, considerado dentro do contrato de informação, que apresentasse nitidamente as condições de produção e enunciação que privilegiasse a expressão oral do sujeito político. Chegamos assim à *entrevista*. Nela pressupõe-se que a palavra e a voz do entrevistado estejam em primeiro plano, uma vez que toda sua organização discursiva elabora-se em função de perguntas e respostas, cujos temas e assuntos tratados procuram corresponder aos interesses do público visado.

Ao tratar do discurso político em sua enunciação midiática e por meio de entrevistas percebemos que as possibilidades de abordagem seriam diversas fazendo-se necessário uma melhor delimitação do objeto em virtude de sua abrangência. Portanto, os estudos foram centrados na entrevista televisiva. Isso por que consideramos a televisão como a principal mídia em termos de alcance e impacto, um veículo de ideias que muito interessam aos políticos e suas assessorias.

Ainda dentro desse recorte realizado sobre a entrevista com políticos na televisão, se fez necessário um outro cerco. Assim cogitamos a possibilidade de efetuarmos uma delimitação em alguns trechos das entrevistas, trechos estes que apresentassem relatos e narrativas de cunho biográfico, que revelassem aspectos da vida

² Charaudeau, 2010. Pour une interdisciplinarité "focalisée" dans les sciences humaines et sociales. in *Questions de Communication*.

do próprio entrevistado, uma vez que o uso de tal procedimento poderia revelar determinadas estratégias discursivas. Isso nos levou à necessidade de introduzir um capítulo que tratasse dos conceitos e abordagens relativas aos estudos sobre as *narrativas de vida*.

No que se refere ao *corpus* definido para a efetivação das análises existia, inicialmente, a possibilidade de analisar os discursos de um determinado político em várias situações de entrevistas, em programas diversos, em diferentes épocas e períodos, mas isso se mostrou inviável pela dificuldade de acesso a um material tão diverso.³ Desse modo, a opção feita centralizou-se sobre entrevistas com políticos diversos em um mesmo programa, no caso o *Roda Viva*, da TV Cultura de São Paulo. A escolha levou em conta o tempo em que o programa está no ar e a quantidade relevante de entrevistas realizadas, mas também a característica social e a identidade pública que a emissora possui, bem como a credibilidade que é atribuída ao programa pela opinião pública. Em seus quase trinta anos de edição, o *Roda Viva* tem possibilitado debates com figuras de destaque nos diversos setores da atividade social brasileira e internacional, sobretudo na política, na economia, na cultura, nos esportes, nas ciências e no pensamento social, de modo geral.

Portanto, o material que compõe o *corpus* de análise deste estudo é constituído exclusivamente de entrevistas televisivas com políticos realizadas no programa *Roda Viva*.⁴ De um conjunto amplo e diverso de possibilidades foram escolhidas algumas entrevistas nas quais os atores políticos⁵ recorrem a inserções de relatos biográficos em suas falas, no decorrer das entrevistas.

As razões que nos levaram a fazer estes recortes estão baseadas em dois pontos: (i) nós decidimos privilegiar as entrevistas portadoras de atos de linguagem de dois políticos brasileiros que já ocuparam o posto de Presidente da República do Brasil e de dois outros sujeitos políticos que aspiram também alcançar o mais alto posto do poder executivo; (2) a partir daí, nós procuramos selecionar a partir das análises preliminares

³ Além da dificuldade de acesso ao material, pois envolveria o contato com emissoras e programas diferentes, surgiriam problemas relativos à dimensão exagerada que o *corpus* poderia adquirir e possibilidade de inviabilizar a análise pela exaustividade, sem garantias quanto à relevância quantitativa dos dados.

⁴ De acordo com o portal do projeto *Memória Roda Viva*, que transcreve, cataloga e arquivava entrevistas do programa, estavam disponibilizadas 432 entrevistas referentes à temática política, até o momento da coleta.

⁵ Sujeitos políticos considerados na análise: Aécio Neves (3), Fernando Henrique Cardoso (6), Luís Inácio Lula da Silva (7), Marina Silva (2). [Entre parênteses o número de entrevistas de cada político selecionadas para análise].

das entrevistas os trechos nos quais os sujeitos políticos narram suas vidas e ações que foram empreendidas por eles em função de sua ligação com a vida política. Estas escolhas e estes recortes se fizeram necessários uma vez que em razão do extenso volume de dados gerados pelas análises poderia inviabilizar a execução da pesquisa em tempo hábil.

Após o processo de coleta, seleção, leitura e organização das entrevistas e dos trechos referentes aos relatos de teor biográfico foram iniciadas a observação e análise do material, com o intuito de detectar as representações e os imaginários recorrentes nas narrativas dos políticos entrevistados. Estes imaginários sociodiscursivos são então interpretados procurando perceber e entender a organização discursiva que caracteriza tais relatos, bem como compreender de que modo tanto imaginários, quanto *ethos* contribuem para a constituição de uma determinada identidade política.

A tese está estruturada da seguinte forma: o primeiro capítulo trata do discurso político compreendido a partir de uma perspectiva semiolinguística considerando as características de seu dispositivo comunicacional, bem como procurando observar as estratégias discursivas que são mobilizadas. Neste capítulo também se discute o discurso político em suas diferentes e complementares abordagens que pressupõem tanto os aspectos relacionados com a argumentação, quanto àqueles voltados para a emoção, assim como as estratégias de persuasão que são ali mobilizadas.

O segundo e terceiro capítulos abordam os aspectos relacionados à dimensão identitária do discurso político, recuperando para isso alguns conceitos e noções que tratam das representações sociais, bem como sobre o papel dos imaginários sociodiscursivos e das diversas formas de *ethé* que são evocadas durante o processo de incorporação da imagem de si.

O quarto capítulo discute o discurso político em sua interface com a instância midiática buscando entender melhor algumas especificidades decorrentes dessa relação.

Já no quinto capítulo são apresentadas algumas características do gênero entrevista e as tentativas de definição dessa forma de interação dialógica, sobretudo aquelas orientadas para a entrevista jornalística, tendo a entrevista política como objeto de interesse de nossas investigações.

No sexto capítulo são tecidas algumas considerações sobre a narrativa de vida e suas implicações no discurso político, assim como sua correspondência a uma pressuposta *nova ordem narrativa*.

No capítulo sete são realizadas as análises das narrativas que constituem o *corpus* da pesquisa com a finalidade de extrair o máximo de informações a respeito dos dados observados, procurando levantar as especificidades que caracterizam as falas de cada sujeito político.

Enfim, cabe ainda explicar que a tese agora apresentada revestiu-se de um duplo aspecto: um teórico e outro prático. Não pudemos nos desligar completamente do primeiro para já passar ao segundo ou tentar imediatamente misturar os dois, pelo menos no primeiro capítulo. Tivemos que proceder a uma reflexão sobre o que seria a AD face ao discurso político, em geral, para depois abordar o particular, que está no *corpus*. Tentamos assim dialogar com alguns teóricos e deles recolher o que acreditamos ser mais adequado para essa reflexão. Foi somente através dela que nos sentimos aptos para proceder à parte prática, ou seja, às análises do *corpus* por nós selecionado. Se não passássemos por esse primeiro aspecto - didático/explicativo/teórico - sentimos que estaríamos traindo nosso jeito de pensar o mundo analítico-discursivo face ao mundo político. E acreditamos que uma tese seja o local para se dar vazão a nossa maneira de pensar/classificar esse mundo de palavras.

Após apresentar esse rápido panorama iremos nos debruçar sobre a teoria que guiará nossos passos nas análises que, posteriormente, aplicaremos em nosso *corpus*. Conforme foi dito, o objeto deste estudo é constituído por entrevistas que recolhemos a partir do acervo do programa *Roda Viva*. Trata-se, portanto, de entrevistas políticas, logo requerem um cuidado especial e uma discussão teórica que nos forneça as bases para a compreensão de tal gênero discursivo e suas características ligadas ao processo de construção da identidade.

Exporemos, pois, a seguir alguns pontos precisos da Teoria Semiociológica que nos serão de grande utilidade para os capítulos posteriores.

CAPÍTULO 1 - O DISCURSO POLÍTICO NA PERSPECTIVA DA SEMIOLINGUÍSTICA: DISPOSITIVO, CONTRATO E ESTRATÉGIAS

1.1 - A palavra política entre o *debate de ideias* e o *fazer político*

Abordar o discurso político requer de antemão que se compreendam os sentidos que envolvem tanto o conceito quanto a prática política e o que ele pode representar em diferentes situações, bem como exige que sejam observadas as características da palavra política e de sua circulação no espaço social.

Charaudeau (2006) aponta que a palavra política, assim como toda forma de discurso, deve ser compreendida enquanto o resultado da articulação entre linguagem, ação, poder e verdade. Nessa perspectiva, seria possível entender que o ato de linguagem⁶ possibilitaria o estabelecimento das relações entre os sujeitos, permitindo construir assim o vínculo social. E no que tange ao campo discursivo em questão seria a ação política aquela responsável por organizar a vida social com a finalidade de se alcançar o bem comum. A palavra política, por sua vez, seria assim responsável por intervir no espaço público caracterizando-o como lugar de discussão, de ação, e também de persuasão.

No que diz respeito ao entendimento sobre o poder político, Charaudeau (2006) o vê caracterizado por um duplo fundamento, que deve levar em conta em primeiro lugar tudo o que diz respeito à organização da vida em sociedade e aos assuntos que competem à coletividade, tendo como referência certos princípios e valores capazes de mobilizar os indivíduos. E em segundo lugar, observando a prática política, que estaria por sua vez relacionada com o modo como o sujeito conduz a gestão da vida coletiva em meio às relações de forças instauradas, principalmente entre a instância de governança e a instância cidadã. O autor propõe o entendimento segundo o qual:

[...] poder político resulta dialeticamente de dois componentes da atividade humana: o do *debate de ideias* no vasto campo do espaço público, lugar onde se trocam opiniões; o do *fazer político* no campo mais restrito do espaço público, onde se tomam decisões e se instituem atos. (CHARAUDEAU, 2006, p. 22).

⁶ Segundo Charaudeau (2006, p. 16) os princípios de *alteridade*, de *influência* e de *regulação* seriam fundadores do ato de linguagem “que o inscrevem em um quadro de ação, em uma praxiologia do agir sobre o outro”.

Entretanto, esse processo se dá sob um jogo de relações de forças em que cada campo procura estabelecer suas formas de dominação, seja pela legitimidade das opiniões produzidas, seja pela autoridade exercida por meio de regulamentações e de sanções.

Ao campo político estariam associados outros setores considerados principais na organização social: o jurídico, o econômico e o midiático. Esses setores de atividade social estabelecem relações de forças diversas em que todos se influenciam mutuamente segundo as situações em que se encontram. Isso mostra a natureza dinâmica dos setores sociais e seu processo contínuo de transformação e ajustamento. Como afirma Charaudeau:

O espaço público não é homogêneo. Ele é fragmentado em diferentes espaços que se entrecruzam e não respondem as mesmas finalidades. O discurso político circula nesses meandros metamorfoseando-se ao sabor das influências que sofre de cada um deles. (CHARAUDEAU, 2006, p. 31).

Fator preponderante no processo de organização do campo político, o constante aprimoramento das tecnologias de comunicação e o desenvolvimento das mídias de massa ao longo dos dois últimos séculos promoveram determinada configuração do espaço público de modo que os setores de ação social se organizassem tendo o campo político, e também o econômico, como centro das atividades exercidas pelo homem. Mas essas ações políticas, por sua vez, não seriam possíveis sem levar em conta as opiniões que as mídias contribuem para consolidar. Isso mostra o complexo jogo de influência que se estabelece nas relações entre estas instâncias, como revela Charaudeau ao dizer: “[...] um jogo em que todos mudam sob a influência dos outros: a opinião sob a influência das mídias, as mídias sob a influência da política e da opinião, o político sob influência das mídias e da opinião” (CHARAUDEAU, 2006, p. 25).

O conceito de *discurso político* tratado por Charaudeau, concebe o discurso como constitutivo da atividade política⁷. Para o teórico, a palavra política deve ser compreendida como ato de comunicação que possibilita a interação e que coloca em movimento o discurso para circular no espaço público e produzir sentido. O autor explica que existiriam três lugares de fabricação do pensamento político: o discurso

⁷ Faz-se necessário também distinguir a *ação política* tida como atividade pragmática, do *discurso político* enquanto atividade de linguagem. A política é aqui entendida como instrumento de organização da atividade social, responsável por regular as tomadas de decisões relativas ao plano social como um todo, de acordo com suas esferas de atuação.

político como *sistema de pensamento*, lugar de determinação das filiações ideológicas; como *ato de comunicação*, espaço discursivo responsável por construir as imagens dos atores políticos e as estratégias de persuasão e de sedução, por meio de diversos procedimentos retóricos. O discurso político pode ser compreendido também como *comentário*, forma esta considerada como corresponde ao campo político, mas que não representa uma implicação direta nas ações políticas, sendo externo ao espaço de execução do poder. Como diz Charaudeau (2006), um discurso de comentário é revelador da opinião do sujeito que comenta.

Estes espaços de falas referentes ao universo da atividade política se relacionam no processo de construção do sentido que o *discurso político* adquire. Portanto, interessamo-nos aqui em abordar de modo mais específico o discurso político enquanto *ato de comunicação*, por considerar que nele se encontram os atores que participam efetivamente da cena enunciativa política, que constitui o lugar de representação dos imaginários e das estratégias de persuasão.

1.2 - O discurso político enquanto objeto de estudo

O fenômeno político, ao longo da história, constituiu-se como objeto de interesse de diversas disciplinas, como a Filosofia, a Sociologia, a Psicologia Social, a Antropologia Social, as Ciências Políticas, o Marketing e a Comunicação Política e as Ciências da Linguagem. Cada disciplina contribuindo com seu instrumental teórico e metodológico próprios, muitas vezes compartilhando-os entre si e possibilitando a articulação e a interação de abordagens diversas.

Como mostra Charaudeau (2006), a Filosofia Política procura se questionar sobre os fundamentos do pensamento político e as categorias que o compõem, tendo por objeto as diferentes formas possíveis de racionalidade política. Já a Ciência Política estaria interessada na ação política, mais especificamente em suas finalidades pragmáticas e seus efeitos. O foco do interesse da Ciência Política estaria centrado, sobretudo em estudos dos comportamentos dos atores políticos em função de suas identidades e de seus engajamentos. No campo da História, o interesse estaria em reconstruir os acontecimentos políticos do passado e propor explicações para suas causas e consequências, isto por meio de métodos de tratamento dos arquivos, correlação dos fatos, análises de conteúdo temático.

Diferentemente das demais disciplinas que também se interessam pelo fenômeno político, a Análise do Discurso (AD) não procura se questionar sobre a legitimidade da racionalidade política, nem sobre os mecanismos que produziram esse ou aquele comportamento político. Também não busca explicações sobre as causas e consequências de determinado acontecimento da história política. Mas, a Análise do Discurso, como afirma Charaudeau (2006), tem sua atenção voltada para a organização e as estratégias dos discursos que sustentam a ação política. Portanto, o foco de interesse da AD encontra-se nos atos de linguagem que circulam no mundo social e que testemunham, eles próprios, o que são os universos do pensamento e de valores dominantes num determinado momento da história.

Desde suas origens, a Análise do Discurso tem demonstrado interesse pelo objeto de estudo representado pelos discursos produzidos no campo político. No decorrer de seu desenvolvimento enquanto disciplina, inserida no campo das Ciências da Linguagem, são elaboradas noções fundamentais para o estudo e a pesquisa sobre a linguagem, como os conceitos de *enunciação*, de *corpora de textos* mais completos, de *contextos* e de *condições de produção*. No entender de Charaudeau a AD também irá “flertar” com as ideias e teorias oriundas de diversos campos do conhecimento, sobretudo das Ciências Sociais, recuperando e adaptando certas noções e conceitos como o de *materialismo histórico*; as ideias e teorias propostas sobre as *ideologias*, sobretudo em Althusser; bem como o conceito de *formação discursiva*, em Foucault.

Quanto às metodologias de análises empregadas pode ser observado o desenvolvimento de instrumentos e métodos sucessivos, como a análise automática, a análise distribucional, a análise lexicométrica, a análise enunciativa (comportamentos locucionais); a análise argumentativa (lógicas de raciocínio) e a análise crítica (estratégias de legitimação). Metodologias que podem ser, em muitos casos, associadas e utilizadas de modo complementar, se assim se fizer necessário, tendo em vista as características do objeto tratado e da perspectiva que é escolhida.

Charaudeau (2006) constata ainda a existência de duas orientações que geralmente são adotadas pelos estudos sobre o discurso político: uma direcionada para os conteúdos do discurso e a outra para os mecanismos da comunicação. Uma voltada para o conteúdo das proposições e a outra para os procedimentos encenados, ou seja, a primeira correspondendo ao valor dos argumentos e a segunda às estratégias persuasivas que são mobilizadas. Porém, como observa o autor, esses dois modos de abordagem do discurso político seriam indissociáveis um do outro.

Na perspectiva da Teoria Semiolinguística, proposta pelo autor, o discurso político é inserido numa problemática da influência social, o que traz ao analista do discurso político alguns desafios a serem superados, uma vez que este se coloca a interpretar esses discursos, buscando extrair deles todos os sentidos possíveis.

1.3 - O dispositivo político e suas instâncias

O que pode ser destacado aqui é a concepção de que o *discurso político*⁸ poderia ser compreendido enquanto um gênero pertencente a uma categoria discursiva denominada por Charaudeau (2010) como *Discurso Propagandístico*⁹. Segundo o autor, uma das características deste tipo de discurso está em sua finalidade de “incitação”, de um *fazer crer* a uma instância coletiva, sendo propagado geralmente por meios de difusão em massa. Outra característica do *discurso propagandístico* é sua estruturação em um sistema narrativo que articula uma carência em relação a um objeto ideal que gera uma busca e um meio para atingir este ideal¹⁰. Um esquema argumentativo também faz parte do discurso propagandístico, pois ao dizer que somente este “meio”, uma ideia ou produto, permite ao sujeito conseguir atingir o objeto almejado, exclui assim uma possível objeção, uma vez que o destinatário não pode deixar de querer o objeto proposto. Ele não só deve querer como também aderir.

Nessa perspectiva, o *Discurso Propagandístico* pode ser subdividido em gêneros discursivos denominados como *Discurso Publicitário*, *Discurso Promocional* e *Discurso Político*. No *Discurso Publicitário* a instância publicitária possui sua legitimidade alicerçada na lógica mercantil, numa relação em que seu papel é difundir bens de consumo. Para isso ela vai construir um objeto de discurso fundado num benefício individual sonhado que será dirigido a uma *instância-público* composta por um duplo consumidor: consumidor comprador e consumidor da publicidade. Segundo Charaudeau (2010), o que diferencia o discurso publicitário do discurso político é que enquanto a publicidade recorre a uma retórica superlativa de cunho individual, o

⁸ Compreendendo o discurso político enquanto o “ato de comunicação”, ou a fala do sujeito político que é lançada no espaço social. Existem determinados gêneros do discurso político em que a vinculação ao propagandístico não é tão evidente, como nas conversas cotidianas sobre questões políticas, os comentários e as opiniões.

⁹ Charaudeau, P. *O sujeito do discurso: uma história de máscaras*. Colóquio Interinstitucional do NAD: FALE-UFMG, 2010.

¹⁰ É nesse espaço de desejo construído pela instância publicitária, ou mesmo política, que se apresenta um produto ou ideia, como meio para se alcançar o objeto ideal, gerando o consumo ou adesão a um projeto de sociedade.

político procura elaborar uma retórica comparativa, possuindo um objeto de discurso de caráter coletivo, como veremos abaixo.

O *Discurso Promocional*, característico das campanhas promocionais de cunho social, é produzido por uma instância promocional (ONGs, Cruz Vermelha, *Greenpeace*, campanhas contra o cigarro, campanhas de prevenção e combate às doenças, etc.) que se sustenta numa legitimidade moral, construindo um objeto de discurso estruturado na reparação de uma desordem, ou de um problema de natureza social. A instância cidadã deve ser, portanto, solidária com os iguais, numa espécie de comunhão de uma identidade civil (povo), promovendo o benefício coletivo.

Quanto ao *Discurso Político*, nele a instância política encontra sua legitimidade no processo de representação popular, por meio do voto, por exemplo. Cada grupo propõe um objeto de discurso representado pela ideia de se chegar ao melhor regime político, devendo a *instância-público* aderir ao projeto e reconhecer e aceitar a legitimidade da representação política¹¹. Dentro desse contrato de “idealidade cidadã” que rege o discurso político vigora um objeto orientado por uma dupla lógica. Uma *lógica simbólica* representada por um projeto de sociedade ideal e que leva à produção de um discurso que faça emergir todos os valores que ela pretende assumir; e uma *lógica pragmática* que faz explicar quais os meios concretos utilizados para promover a sociedade ideal, isto é, concretizar esses valores.

O discurso político também está estruturado em três diferentes e complementares espaços de estratégia: estratégia de *legitimação*, estratégia de *credibilidade* e estratégia de *captação*. Pela *legitimação*, a instância política estabelece o contato e busca garantir a relação; através da *credibilidade* ela promove a imagem e possibilita a identificação; e na *captação* ela busca o equilíbrio entre a emoção e os processos de dramatização nela envolvidos, com a razão lógica dos argumentos. São utilizadas também, neste tipo de discurso, estratégias de persuasão que buscam evocar imagens responsáveis por promover credibilidade e identificação. Representações estas feitas sobre os valores de um grupo social e que transmitem ideias como “virtude”, “potência”, “competência”, de “chefe” unificador, bem como a ideia de “humanidade” e de “solidariedade”, de uma aproximação ao povo. (CHARAUDEAU, 2006).

¹¹ Nas sociedades democráticas, mecanismos de contra-poder permitem à *instância-público*, isto é, ao eleitor, o direito de vigilância. Daí a importância do papel das mídias de informação e da liberdade de expressão na manutenção da democracia.

Neste mecanismo de elaboração das estratégias encontram-se também os *modos de interpelações* e de implicação do interlocutor, ou do auditório, no discurso (por meio de atos *alocutivos*), como, por exemplo, em enunciações que comportam sintagmas do tipo “Nós brasileiros”, “povo brasileiro”, “cidadão brasileiro”; ou naquelas que destacam as diferentes identidades (nacionais / regionais / comunitárias); ou ainda em enunciados de chamada à luta, ao combate, à defesa da pátria, do meio-ambiente, do petróleo, do patrimônio cultural, etc.

1.3.1 - O contrato de comunicação do discurso político

De acordo com Charaudeau (2006), todo contrato de comunicação é efetivado em função da articulação entre um campo de ação, lugar este de trocas simbólicas e relações de forças, com um campo de enunciação, espaço de encenação da linguagem.

Segundo a proposição do autor, o contrato de comunicação que rege o discurso político é caracterizado por um dispositivo¹² de interação que lhe é próprio, podendo ser compreendido tanto por uma perspectiva que o concebe em sua globalidade ou centrando o interesse em suas manifestações específicas, isto é, em variantes de gêneros (enunciação televisiva, radiofônica, entrevistas, pronunciamentos, etc.).

Esse dispositivo que rege o contrato de comunicação do discurso político seria constituído por instâncias de enunciação que interagem mutuamente estabelecendo relações de forças, de poder e contra-poder e, sobretudo, de influência. As instâncias do dispositivo político podem ser compreendidas pela correspondência a três lugares onde os discursos do campo político são produzidos: um lugar de governança (*instância política*) e de disputa pelo poder (*instância adversária*), um lugar de opinião (*instância cidadã*) e um lugar de mediação (*instância midiática*). Instâncias estas de naturezas heterogêneas e constituídas por organizações diversas. (CHARAUDEAU, 2006, p. 55).

¹² De acordo com Charaudeau (2006, p. 53): “Em uma perspectiva da análise dos fatos de comunicação, o dispositivo é, antes de tudo, de ordem conceitual. Ele é o que estrutura a situação na qual se desenvolvem as trocas linguageiras ao organizá-las de acordo com os lugares ocupados pelos parceiros da troca, a natureza de sua identidade, as relações que se instauram entre eles em função de certa finalidade. Mas o emprego do dispositivo depende também das condições materiais em que se desenvolve a troca linguageira. Uma vez que estas podem variar de uma situação de comunicação a outra, estabelece-se uma relação de encaixamento entre o macrodispositivo conceitual que estrutura cada situação de troca social e os microdispositivos materiais que a especificam enquanto variantes”. E ainda: “O dispositivo é aquilo que garante uma parte da significação do discurso político ao fazer com que todo enunciado produzido em seu interior seja interpretado e a ele relacionado”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 54).

A *instância política* ocupa o espaço político de representação e é o lugar de atuação dos atores políticos responsáveis pela governança, pelas tomadas de decisões e pelas ações políticas executadas. Esta instância estabelece relações diversas com a instância cidadã, quase sempre por meio da instância midiática, propondo-lhe um conjunto de valores e ideais de sociedade com o intuito de conquistar ou se manter no poder. Para isso, a instância política deve lidar paralelamente com as pressões oriundas da instância cidadã e, ao mesmo tempo, com os ataques feitos pela instância adversária, que por sua vez também participa da disputa pela conquista do poder político. Assim, uma forma de batalha discursiva é colocada em marcha com o intuito de influenciar a opinião pública e alcançar, por meio de um discurso persuasivo, a adesão da instância cidadã ao projeto de sociedade proposto. Como destaca Charaudeau:

A instância política estabelece com seu parceiro principal, a instância cidadã, relações diversas segundo a maneira como a imagina: como um público heterogêneo, quando se trata de dirigir-se a ele por meio das mídias; como um público-cidadão que tem uma opinião, quando se trata de fazer promessas eleitorais; como um público-militante que já tem orientação política, quando se trata de mobilizar os filiados. (CHARAUDEAU, 2006, p. 57).

A *instância adversária* caracteriza-se por não ser portadora do poder político institucionalizado e também pelo lugar que ocupa nesse dispositivo, o que lhe coloca em situação de oposição e a torna a representante de uma determinada parcela da sociedade, levando-a a produzir um discurso recorrente de crítica, e muitas vezes de denúncia, ao político ou grupo responsável pelo exercício do poder.

Na perspectiva de Charaudeau, a *instância cidadã* representa a coletividade das opiniões que são construídas fora do governo. Ocupando um espaço de contra-poder, ela seria responsável por produzir discursos de reivindicação, de interpelação do poder vigente e mesmo de sanção. Instâncias política e cidadã encontram-se numa relação recíproca de influência.

Segundo o autor, a *instância midiática* também se encontraria fora do lugar de governança e se caracterizaria por possibilitar a ligação entre a instância política e a instância cidadã, recorrendo para isso a todo um conjunto de procedimentos que permitem a exibição e, muitas vezes, a espetacularização da cena e da palavra políticas. Diz ele:

O discurso da instância midiática encontra-se, portanto, entre um enfoque de cooptação, que o leva a dramatizar a narrativa dos acontecimentos para ganhar a fidelidade de seu público, e um enfoque de credibilidade, que o leva a capturar o que está escondido sob as declarações dos políticos, a denunciar as malversações, a interpelar e mesmo a acusar os poderes públicos para justificar seu lugar na construção da opinião pública. (CHARAUDEAU, 2006, p. 63).

Assim, as instâncias que constituem o dispositivo que regem o discurso político produzem seus discursos, cada uma delas, com vistas a garantir sua legitimidade, construindo para isso imagens que correspondam aos papéis que lhes cabem no espaço social, seja de lealdade (para a instância política); de protesto (para a instância cidadã); de denúncia (para a instância midiática).

1.4 - O discurso político e suas estratégias: argumentação, emoção e imagem

O processo de persuasão que caracteriza o discurso político estrutura-se em função da conjunção e articulação de certas estratégias que são ativadas pelo sujeito político com a finalidade de cativar o cidadão-eleitor, procurando corresponder às demandas sociais por meio da elaboração de um discurso que visa promover certos valores e evocar determinados imaginários, bem como pela encenação narrativa e pela incorporação de imagens que contribuem para a constituição da identidade política. Diz Charaudeau:

Para o político é uma questão da estratégia a ser adotada na construção de sua imagem (*ethos*) para fins de credibilidade e de sedução, da dramatização do ato de tomar a palavra (*pathos*) para fins de persuasão, da escolha e da apresentação dos valores para fins de fundamento do projeto político. (CHARAUDEAU, 2006, p.84).

O discurso político é caracterizado também por possuir uma dupla finalidade, que seria convencer o maior número de pessoas da pertinência de seu projeto político e fazer os cidadãos aderirem aos valores que são propostos. Para isso, o sujeito político procura construir uma dupla identidade discursiva que leva em conta tanto o conceito político, por meio do posicionamento ideológico adotado, como também a prática política, espaço de mobilização das estratégias empregadas para a condução e manutenção do poder.

É nesse sentido que se faz necessário ao sujeito político ser reconhecido em suas virtudes, inspirando confiança e admiração, almejando produzir identificação a sua pessoa e fazendo aderir as suas ideias. Daí a importância que o plano dos sentimentos e das emoções adquire no discurso político, fato que os sujeitos políticos que possuem certo prestígio parecem ter consciência. Em outras palavras: eles não desconhecem que, no campo da política, o sucesso se concentra muito na capacidade que o líder possui de gerir a paixão das massas. Mas, a elaboração de um discurso político, na verdade, recorre tanto aos elementos da razão quanto àqueles relacionados à paixão. É o que Charaudeau (2006, p.81) afirma, como vemos a seguir: “[...] sustentamos a hipótese, seguindo filósofos da retórica política, de que a influência política é praticada tanto no terreno da paixão quanto no do pensamento”. Logo, a persuasão no discurso político se efetiva por meio de uma encenação que procura estabelecer uma articulação de elementos do *ethos*, do *logos* e também do *pathos*, fato que esta citação pode melhor esclarecer:

[...] Parece que o discurso, mesmo sendo uma mistura desses três componentes, progressivamente deslocou-se do lugar do *logos* para o do *ethos* e do *pathos*, do lugar do teor dos argumentos para o de sua encenação. A exemplo do discurso publicitário – e talvez também do midiático –, o discurso político mostra mais sua encenação que a compreensão de seu propósito: os valores de *ethos* e de *pathos* terminam por assumir o lugar de valores de verdade. (CHARAUDEAU, 2006, p. 46).

Com o intuito de alcançar um contingente de cidadãos cada vez mais amplo, a instância política irá colocar em marcha discursos que possam representar determinados valores e corresponder às demandas oriundas do grupo social ao qual ela se dirige. O discurso político é organizado, então, a partir da mobilização de certas estratégias discursivas que, mais do que explicar as razões da viabilidade do projeto de sociedade proposto ou das ações a serem executadas, procuram tocar os sentimentos e o afeto dos cidadãos e também construir e apresentar uma identidade que reflita esses ideais, pela evocação de um conjunto de representações e imagens, isso com a finalidade de fazer aderir o maior número de eleitores às suas ideias.

Como constata Charaudeau (2006, p.78), seja em situação de campanha eleitoral ou em situação de governança, isto é, lugar de decisão e de exercício do poder, a comunicação política almeja sempre alcançar e seduzir as massas e para isso procura recorrer a temas que interessam ao conjunto da sociedade, produzindo discursos que

sejam simples e claros, que buscam evocar certos mitos e imaginários capazes de reverberar no espaço social, gerando como resposta uma forma de adesão empática.

Desse modo, o discurso político se revela predominantemente persuasivo, pois para fazer cumprir seu objetivo de reunir o maior número de indivíduos em torno de suas proposições o sujeito político deve mostrar-se capaz de realizar as promessas feitas e persuadi-los do fato que compartilha os mesmos valores e princípios, procurando articular diferentes opiniões com a finalidade de estabelecer um consenso.

Nos itens seguintes serão tratados alguns aspectos relacionados a essas estratégias empregadas pelo discurso político, como a dramatização do discurso, a construção da imagem, a proposição dos valores e argumentos; procurando realizar um comentário panorâmico sobre as características de cada uma delas e dos espaços de organização discursiva que ocupam.

1.4.1 - O discurso político em sua dimensão argumentativa

A argumentação constitui objeto de interesse do pensamento filosófico desde a antiguidade, período no qual se acreditava que a razão, ou o pensamento racional, seria a única e verdadeira fonte de conhecimento, método de raciocínio este que influenciaria o pensamento científico definitivamente. Com a retomada do interesse pela temática relativa à argumentação, ocorrido de modo mais fecundo no século XX até os dias atuais, alguns pesquisadores promovem o resgate de determinadas noções da retórica aristotélica inserindo-as em suas perspectivas teóricas.

Perelman (2005), por exemplo, postula uma concepção mais ampla sobre a razão, percebendo que a atividade racional não se reduziria ao rigor lógico da demonstração. O autor irá então estabelecer uma separação entre pensamento demonstrativo e pensamento argumentativo, procurando mostrar, por meio de uma classificação das operações e dos processos de argumentação retórica, que esta não pode ser excluída do campo da racionalidade.

A elaboração de um quadro teórico de análise como o de Perelman insere a argumentação no campo discursivo, uma vez que ela pode ser compreendida enquanto dimensão ou atividade de discurso, constituindo desse modo uma teoria pertinente para analisar os discursos sociais.

Nesse sentido, Amossy (2009) propõe que seja conferido ao discurso o estatuto de unidade do estudo da argumentação. Para esta autora, que se inspira em Perelman e

nos recentes desenvolvimentos da linguística discursiva, a dimensão persuasiva de um discurso é indissociável dos níveis de argumentatividade que ele apresenta. O estudo da argumentação na análise do discurso conduz a uma abordagem que leva em consideração noções de *sujeito psicossocial*, de *situação de comunicação*, bem como as relações sociais inerentes a todo processo discursivo. A organização discursiva leva em conta também valores, crenças, normas e regras cuja consideração contextual ou situacional ultrapassa a ideia generalizante de uma perspectiva universalista da argumentação.

Por seu lado, Charaudeau (2008) insere a argumentação (e os atos de linguagem de modo geral) em uma *problemática da influência* e, para compreender este processo, o autor sustenta a proposta de uma “interdisciplinaridade focalizada”, sendo necessária a conjugação de noções e conceitos oriundos de diversas disciplinas, como a Psicologia Social, a Sociologia, a Antropologia, as Ciências da Linguagem, entre outras. Conceitos que dentro da perspectiva da semiolinguística ganham uma redefinição apropriada.

Para Charaudeau (2008) o ato argumentativo está inserido numa dada situação de comunicação que o valida, podendo ser compreendido em relação a três grandes ordens argumentativas: a *demonstração* (estabelecer uma verdade), a *explicação* (fazer saber uma verdade já estabelecida) e a *persuasão* (fazer crer). Isto implica dizer, de acordo com o autor, que o sujeito argumentante leva em conta as instruções da situação de comunicação na qual se encontra para promover uma tripla atividade discursiva de argumentação: *problematizar* (questionar dentro de um domínio temático), *se posicionar* (escolher um ponto de vista) e *provar* (racionalizar e argumentar para justificar sua escolha). Para tanto, o sujeito argumentante irá lançar mão de uma série de estratégias argumentativas, buscando influenciar seu interlocutor.¹³

¹³ No que se refere aos modos de raciocínio, Charaudeau (2008) irá partir da tradição retórica para reagrupar em número de quatro o conjunto, às vezes vasto, de tipos de raciocínio apresentados por diversos autores que abordaram a questão ao longo do tempo. São eles: raciocínio por *dedução*, raciocínio por *analogia*, raciocínio por *oposição* e raciocínio por *cálculo*. Segundo o autor (2008): “O raciocínio por dedução corresponde aos tipos de ligações de causalidade que podem ser estabelecidos entre uma asserção e sua causa ou uma asserção e sua conseqüência [...]. O raciocínio por analogia consiste em estabelecer uma aproximação entre ao menos dois fatos, dois saberes, dois julgamentos, dois comportamentos, etc. [...]. O raciocínio por oposição consiste em comparar fatos, estados, julgamentos opostos que se excluem, o que permite argumentar evidenciando as contradições ou as incompatibilidades [...]. O raciocínio por cálculo consiste em se apoiar sobre uma operação mais ou menos matemática de igualdade (“Trabalho igual, salário igual”), de interpelação recíproca (“Olho por olho, dente por dente”), de transitividade (“Os amigos dos meus amigos são meus amigos”), de proporcionalidade (“Mais se ganha, mais se paga imposto, menos se ganha, menos se paga”). (CHARAUDEAU, 2008, p. 11, tradução nossa).

Portanto, a argumentação no discurso político é aqui considerada por uma perspectiva persuasiva, uma vez que em sua organização discursiva busca privilegiar a veracidade e a encenação de valores, apoiando-se em crenças importantes no imaginário social. O político busca propor então, uma simplificação de seus discursos, por meio de alguns modos de raciocínio e de emprego dos argumentos. Constituem as condições de argumentação, por um lado, o uso de uma forma de raciocínio causal, não complicada, que busca a adesão do auditório por meio da exposição de ideias mais facilmente assimiladas; por outro lado, a força de convicção que tais argumentos podem produzir segundo a maneira como são evocadas no discurso político.¹⁴ Como afirma Charaudeau (2006, p. 104): “Todos esses procedimentos concorrem para dar ao discurso político uma aura de racionalidade, produzindo um efeito dramatizante”.

1.4.2 - Discurso político e argumentação persuasiva

Charaudeau (2005) propõe que a argumentação seja entendida enquanto um “modo de organização do discurso”, o que corresponderia a uma “atitude mental” do sujeito que visa explicar o *como* e *por que* dos fenômenos do mundo, cuja finalidade central seria influenciar o interlocutor de uma dada interação em seu modo de pensar e agir. Mas, para o autor, a argumentação não existiria *a priori* em um enunciado ou expressão, ela dependeria das circunstâncias em que ocorre a enunciação. A argumentação é para o autor uma noção genérica, que se aplica de modo geral a todo tipo de discurso, sendo a finalidade comunicacional aquilo que determina sua especificidade, isto é, se a argumentação é *demonstrativa*, *explicativa* ou *persuasiva*.

[...] a argumentação deve ser o objeto de uma dupla descrição: como *modo de organização* do discurso se estruturando em torno de uma matriz cognitiva de causalidade; como estratégia discursiva revelando procedimentos variáveis segundo as visadas situacionais. Isto porque, não se opõem argumentação à persuasão, à demonstração ou à explicação, mas se falará de argumentação persuasiva, demonstrativa ou explicativa. (CHARAUDEAU, 2007, p.8; grifo do autor).¹⁵

¹⁴ Charaudeau (2006, p. 102-104) apresenta uma série de tipos de argumentos: os argumentos pela força das crenças partilhadas; os argumentos pelo peso das circunstâncias; os argumentos pela vontade de agir; os argumentos pelo risco de não se fazer a escolha certa; os argumentos relativos à autoridade de si; os argumentos pela desqualificação do adversário; os argumentos por analogia.

¹⁵ Tradução nossa do original francês: « [...] l’argumentation doit faire l’objet d’une double description: comme *mode d’organisation* du discours se structurant autour d’une matrice cognitive de causalité ; comme stratégie discursive relevant de procédés variables selon les visées situationnelles. Ce pourquoi, on n’opposera pas argumentation à persuasion, démonstration ou explication, mais on parlera

Portanto, a persuasão não seria uma forma contrária à argumentação, mas sim um modo específico de argumentar. De acordo com o raciocínio de Charaudeau (2005), o mecanismo de persuasão, no caso do discurso político, implicaria não só fatores relativos ao *logos* da argumentação, como também elementos do *pathos*, que visam tocar o afeto do auditório e a manifestação de estados emocionais no público. Seria justamente essa mistura de elementos da razão, da emoção, aliados aos valores e aos procedimentos adotados, fatores estes que caracterizam o discurso político, e que tornariam bastante complexa a identificação e a descrição dos diferentes componentes desse mecanismo. Assim, diz Charaudeau (2006, p.46): “O discurso político, mesmo sendo uma mistura desses três componentes, progressivamente deslocou-se do lugar do *logos* para o do *ethos* e do *pathos*, do lugar do teor dos argumentos para o de sua encenação”.

Para o supracitado autor, o que pode ser percebido é a ênfase que o discurso político parece dar à dimensão emocional tornando a argumentação persuasiva carregada de valores correspondentes a um universo de afetos que visam tocar o público por meio da elaboração de narrativas dramatizantes.¹⁶ Segundo ele:

O discurso político – mas não é só ele – produz esta encenação de acordo com o cenário clássico dos contos populares e das narrativas de aventura: uma situação inicial descreve um mal, a determinação da causa deste mal, a reparação deste mal pela intervenção de um herói natural ou sobrenatural. O discurso político, que busca fazer aderir o público a um projeto ou uma ação, ou a dissuadi-lo de seguir um projeto adversário, insiste mais particularmente sobre a *desordem social* na qual o cidadão é a vítima, sobre a *fonte do mal* que se encarna no adversário e sobre a *solução salvadora* que se encarna no homem político que detém o discurso. (CHARAUDEAU, 2005, p.36; grifos do autor; tradução nossa).¹⁷

d’argumentation persuasive, démonstrative ou explicative. » (CHARAUDEAU, 2005, p.36; grifos do autor).

¹⁶Segundo Charaudeau, “é possível distinguir na encenação do discurso político, as marcas que são destinadas a apresentar certa imagem de si (*ethos*) e aquelas que são destinadas a tocar o público por meio de uma encenação dramatizante (*pathos*).” (CHARAUDEAU, 2005, p.40, tradução nossa).

¹⁷ Tradução nossa do original francês: « Le discours politique – mais il n’est pas le seul – procède à cette mise en scène en suivant le scénario classique des contes populaires et des récits d’aventure : une situation initiale décrivant un mal, détermination de la cause de ce mal, réparation de ce mal par l’intervention d’un héros naturel ou surnaturel. Le discours politique, qui cherche à faire adhérer le public à un projet ou à une action, ou à le dissuader de suivre un projet adverse, insiste plus particulièrement sur le *désordre social* dont est victime le citoyen, sur la *source du mal* qui s’incarne dans un adversaire et sur la *solution salvatrice* qui s’incarne dans l’homme politique qui tient le discours. » (CHARAUDEAU, 2005, p.36; grifos do autor).

Então, seria por meio da provocação de um estado de angústia no público, gerado por uma determinada ameaça ou problema responsável por levar à desordem social, que o discurso político irá contrapor um projeto de sociedade ideal e promover a figura de um líder capaz de combater a fonte desse mal, geralmente representada pelos adversários, e restabelecer a ordem e a paz social. Essa construção de uma imagem de líder salvador, que parece estar na base de uma estratégia do discurso político que visa persuadir o cidadão a partilhar de seus valores e a aderir à suas ideias e proposições, revela como a construção da imagem de si, o *ethos*, é fator preponderante na organização do discurso político. A elaboração e promoção de uma identidade política e de um discurso que corresponda às expectativas da instância cidadã levam em conta as formas de organização de narrativas que articulam razão, emoção e aspectos da vida pessoal. Como afirma Charaudeau:

Estamos em plena “subjetivação” do político, uma subjetivação que, como diz vários pensadores da política de Tocqueville a Foucault e Deleuze faz entrelaçar inextrincavelmente afeto e racionalidade, histórias pessoais e histórias coletivas, espaço público e espaço privado, religião e política, sexo e poder. E isto, considerado do ponto de vista do indivíduo-cidadão, é que funda a opinião política, inicialmente um impulso que brota das profundezas da história pessoal de cada um. É em seguida que emerge uma racionalização que tende a justificar esta pulsão e lhe dar uma razão social segundo uma moral da vida em sociedade que navega entre pragmatismo e utopia. (CHARAUDEAU, 2006, p. 84).

A conjugação de diferentes fatores que caracterizam a elaboração do discurso político contemporâneo faz dele um objeto bastante complexo de ser analisado, uma vez que tal discurso joga com valores e imaginários muitas vezes opostos, colocando ao pesquisador uma série de aspectos que devem ser considerados para que possa conseguir dar conta de tal complexidade e empreender avanços no entendimento de sua organização.

Como foi possível perceber, a argumentação dentro do quadro teórico da AD aqui apresentada incorpora diversos conceitos de diferentes disciplinas, noções que contribuem para o enriquecimento da compreensão dos fenômenos e processos argumentativos, permitindo entender melhor os mecanismos de influência e persuasão presentes nos discursos sociais que circulam pelo espaço público, dentre eles o *discurso político*.

1.4.3 - O discurso político em sua dimensão afetiva

Muitas são as abordagens que tratam das emoções, uma vez que estas podem ser compreendidas como um fenômeno da experiência humana ordenado pelos mecanismos puramente fisiológicos (neurobiológicos), ou ainda como traços perceptíveis e universais do desenvolvimento evolutivo da espécie, como propunha Darwin. A emoção é também entendida no sentido de algo que provoca motivações emocionais do sujeito que, em uma dada situação de troca, executa determinada ação em direção a um objeto. Assim as emoções existiriam sempre em função de uma orientação e de uma intenção.

Outra forma de abordar as emoções pode ser encontrada a partir do princípio da racionalidade, que propõem que os mecanismos responsáveis por conduzir às emoções, em seu conjunto, passariam por uma organização e estruturação racional. Ainda em outra perspectiva de compreensão, as emoções seriam orientadas por crenças e controladas por um conjunto de normas que fazem delas uma forma de julgamento de valor. Um processo em que as relações sociais e os grupos colocariam suas determinações sob a forma de normas e condutas impregnadas por crenças.

A proposta do teórico francês Le Breton (2009) parte de uma crítica em relação às interpretações naturalistas desenvolvidas por algumas correntes científicas da medicina, da biologia e da psicologia, entendendo que algumas formas de emoções teriam uma correspondência universal e outras dependeriam das especificidades culturais de cada grupo. Ele refuta a ideia de conceber a emoção como fazendo parte de processos puramente fisiológicos, isto é, enquanto reação do corpo biológico, em que as emoções poderiam ser identificadas e “catalogadas” de modo fixo e determinista, a partir de uma leitura da organização muscular, mais especificamente da face, como representação das formas de expressão das emoções. Le Breton recusa-se a essa concepção na medida em que propõem um entendimento mais dinâmico da elaboração das emoções.

Para o autor não existiria um padrão universal de expressão da emoção, mas sim diversas nuances do rosto e do corpo, as quais demonstrariam a afetividade de um ator social em dado contexto. Segundo ele, a emoção dependeria do contexto social e da atitude individual adaptando-se à situação. Desse modo, as emoções podem ser compreendidas como “estados transitórios”, formas de conhecimentos socialmente compartilhados, que alimentam os estados afetivos, os quais são mais ou menos facilmente identificáveis pelos homens de um mesmo grupo, já que, segundo Le Breton:

Os sentimentos nascem num indivíduo preciso, numa situação social e numa relação particular ao evento. A emoção é ao mesmo tempo avaliação, interpretação, expressão, significado, relação e regulamento do intercâmbio. Ela se modifica de acordo com os públicos e com o contexto. De acordo com a singularidade pessoal, ela varia em intensidade e nas formas de manifestação. A tonalidade afetiva da relação com o mundo é sempre simultaneamente a relação com os outros, a qual se simboliza através dos vínculos sociais, implicando as modulações introduzidas pelos demais e, portanto, uma atividade pensante. Ela flui dentro da simbólica social e dos ritos em vigor. (LE BRETON, 2009, p. 210).

Portanto, se as emoções têm sua origem em uma racionalidade subjetiva para depois se tornarem um “real significante”, elas poderiam ser concebidas enquanto formas de representações sociais, já que exercem o papel de mediadoras da relação entre o sujeito e o objeto. Tendo em vista essa flutuação subjetiva, seria possível então afirmar que as emoções estão ligadas às crenças. Como diz Charaudeau (2007, p. 241): “[...] estas crenças se apóiam sobre a observação empírica da prática das trocas sociais e fabricam um discurso de justificação que instala um sistema de valores erigidos em forma de norma de referência”.

O presente trabalho orienta-se então pela compreensão de que as emoções são de ordem social, garantidas por um conjunto de sistemas de base que articula tanto os aspectos relativos ao ambiente sócio-cognitivo, quanto os elementos psicológicos e fisiológicos que ali são implicados, podendo se manifestar em discursos produzidos pelos sujeitos em situações comunicacionais diversas. Aqui se toma com mais interesse o entendimento de que as paixões humanas organizam sistemas distintos, porém complementares, em um conjunto integrado de mecanismos de variadas competências da espécie humana e do homem como ser social. Parte-se, portanto, da concepção que leva em conta as complexidades do fisiologismo do corpo humano, que, ao tentar se adaptar continuamente em função do melhoramento e desenvolvimento da espécie, encontra-se em um universo social de interações simbólicas que organizam a prática cotidiana. Isso possibilita a contínua transformação dos sentidos que o homem dá aos objetos do mundo que o envolve.

Todos esses aspectos relacionados com a emoção mostram como o discurso está envolto pela situação, pelo contexto e pela história dos sujeitos implicados, como também por uma série de fatores que fazem dele um espaço impregnado de valores sociais e de crenças que regem as normas sociais e a vida em grupo.

1.4.4 - As emoções no discurso político

De acordo com Charaudeau (2000), em sua proposta de categorização dos efeitos patêmicos¹⁸, pode-se observar que uma forma recorrente de emoção tratada pelo discurso político refere-se à tópica da *angústia* e seu oposto, a tópica da *esperança*. No discurso político, a esperança permite a elaboração de um horizonte de expectativas fundadas em valores e crenças que circulam nos grupos sociais. Tal horizonte opera na busca constante pela adesão da instância cidadã, ligando-se a um projeto de sociedade ideal proposto. Portanto, a emoção representada pela ideia de “esperança” (confiança-apelo) é visada a partir da proposição de promessas políticas vinculadas a esse objeto ideal de sociedade. Outras formas de emoções relacionadas com a tópica da “esperança” seria o “orgulho”, a “paixão” e a “paz”, expressões que também podem ser percebidas de modo recorrente no discurso político, de modo geral.

Dentro da lógica de oposição proposta por Charaudeau (2000), a “angústia” seria um estado de espera desencadeado por um objeto desconhecido e que representaria um perigo para o sujeito. Desse modo, o sujeito passaria a produzir diferentes representações negativas do referido objeto, ao mobilizar, intuitivamente, uma rede de crenças. Essa ameaça cria certo grau de expectativa no sujeito mantendo-o em estado de espera. O curioso é que, apesar de ter as mesmas características da angústia, no que se refere a este estado de expectativa, a *esperança* caracteriza-se também pela espera, mas a espera de um benefício, de um acontecimento agradável, de um futuro melhor. Isso poderia gerar no sujeito um movimento de confiança portador de um efeito positivo. Daí o surgimento de figuras como a “confiança”, o “desejo” e a “oração”. (CHARAUDEAU, 2000).

A *esperança* pode, assim, ser concebida enquanto uma crença de orientação emocional da possibilidade de resultados positivos relacionados aos eventos e às circunstâncias da vida pessoal ou coletiva. Requer, portanto certa força de perseverança, que consiste em acreditar na possibilidade de que algo desejado possa acontecer, mesmo quando existem indicações de que possa ocorrer justamente o contrário disso. O sentido de crença desse tipo de sentimento o aproxima muito dos significados atribuídos à “fé”. A *esperança* consiste, portanto, em uma forma de emoção que possibilita crer que algo

¹⁸ Charaudeau (2000) propõe categorias denominadas “tópicas do *pathos*”: tópica da “dor” e seu oposto, o “prazer”; tópica da “angústia” e seu oposto, a “esperança”; tópica da “antipatia” e seu oposto, a “simpatia”; tópica da “repulsa” e seu oposto a “atração”.

melhor poderá acontecer ou existir. No discurso político, a esperança constitui uma representação recorrente, uma vez que é com base naquela que a promessa política pode sustentar-se. Um projeto político tem sua razão de ser não apenas em sua viabilidade pragmática, mas também na capacidade de corresponder à expectativa de concretização dos valores e ideais que são propostos aos cidadãos. Ao prometer, o sujeito político necessita, antes de tudo, conclamar a instância cidadã a ter esperança: de “Um futuro melhor”, de “Um país mais justo”, etc.

1.4.5 - As estratégias de dramatização do discurso político

O entendimento aqui adotado segue a proposição de que as emoções correspondem às formas de representações sociais, podendo ser utilizadas com a finalidade de seduzir e atrair um auditório. São mobilizados para isso discursos impregnados de afeto que buscam desencadear no interlocutor determinadas sensações ou comportamentos. Assim, o sujeito político recorre a um conjunto de procedimentos capazes de provocar a adesão da instância cidadã a sua imagem e as suas ideias, recursos estes que fazem parte do processo de persuasão.

Para Charaudeau (2006), um discurso seria capaz de gerar determinados efeitos emocionais no público ao qual é dirigido, sendo necessário levar em consideração as associações existentes entre alguns fatores, como a natureza das crenças que são evocadas, as formas de encenação que são construídas, bem como a posição social dos sujeitos visados.

Como observa o teórico, o discurso político é geralmente estruturado de modo semelhante à organização narrativa clássica, que possui como característica central a descrição de uma situação inicial em que se apresenta o problema, às vezes representado como uma forma de “mal”, seguido de uma busca pela determinação de uma origem ou das causas desse “mal”, com a proposição de uma solução para reparar os danos e prejuízos, por meio da intervenção de um herói salvador. Essa forma de organização narrativa se revela estratégica na medida em que busca tocar o afeto do público pela dramatização do discurso, constituindo o que Charaudeau chama de ‘triângulo da dramaturgia política’:

O discurso político, que procura obter a adesão do público a um projeto ou a uma ação, ou a dissuadi-lo de seguir o projeto adverso, insiste mais

particularmente na desordem social da qual o cidadão é vítima, na origem do mal que se encarna em um adversário ou um inimigo, e na solução salvadora encarnada pelo político que sustenta o discurso. (CHARAUDEAU, 2006, p. 91).

O discurso político tem se caracterizado como uma forma discursiva na qual predomina cada vez mais a subjetividade do sujeito político, que procura produzir um discurso mesclando elementos da paixão com os da razão. Desse modo, como já pudemos observar, a persuasão no discurso político estaria relacionada tanto com a ordem da razão dos argumentos utilizados, quanto com a ordem da paixão e também com as imagens de si que o político procura construir. Entretanto, como observa Charaudeau (2006, p. 94): “Com frequência, no fluxo do discurso político, tudo se mistura, e é bem difícil fazer a distinção entre os diferentes componentes desse mecanismo de persuasão”. O que torna o trabalho de análise do discurso político um grande desafio a ser enfrentado pelo investigador, que deve procurar levar em consideração que tal complexidade é resultado de uma conjugação de estratégias discursivas.

1.4.6 - O discurso político e a construção da imagem de si

A estratégia da construção da imagem de si possui um lugar central no processo de persuasão que caracteriza o discurso político, o que acaba por gerar formas específicas de relações entre a instância política e a instância midiática. As mídias, de modo geral, procuram representar a cena política encenando os acontecimentos do mundo em uma dramaturgia que consiste numa batalha de imagens construídas com vistas a conquistar os corações e as mentes dos indivíduos.

Mesmo sem atingir o topo do sucesso, o político encontra-se sempre tomado por uma dramaturgia que o obriga a construir para si um personagem, certa figura que vale como imagem de si, e que faz com que a construção do *ethos* tenha características próprias. (CHARAUDEAU, 2006, p. 85).

A importância da imagem para o sujeito político mostra-se fundamental uma vez que a partir da construção de uma identidade política que seja portadora de ideais e valores almejados pelo grupo em questão, constitui o caminho possível para gerar identificação e conseqüentemente, conquistar a adesão do público.

Mas ao contrário do que possa parecer, a apreensão e o entendimento das imagens que são construídas pelos sujeitos políticos não constitui tarefa fácil, uma vez que estas imagens caracterizam-se pela imprevisibilidade e instabilidade dos sentidos que produzem em determinadas épocas e em diferentes contextos, não podendo fornecer, portanto, garantias de sua eficácia. O processo de construção da imagem de si constitui fenômeno complexo e dinâmico, no interior do mecanismo da representação social e da constituição da identidade política.

Assim, após essa revisão teórica introdutória, o *ethos* pode ser entendido, a nosso ver, enquanto uma forma de representação, por excelência, da cidadania, no sentido de que as imagens que os políticos apresentam supostamente corresponderiam às expectativas oriundas dos cidadãos. Estes se vêem então representados pelos valores que são encenados pelo discurso em questão.

Nos dois próximos capítulos serão tratadas algumas noções relativas à dimensão identitária do discurso, abordando respectivamente os conceitos de *representações sociais*, de *imaginários sociodiscursivos*, os diferentes tipos de *ethé* e suas implicações no discurso político.

Como é possível perceber, para nós a noção de “dimensão identitária” concerne tanto à identidade social quanto à identidade discursiva do sujeito político. Também diz respeito às imagens que o político constrói de si (*ethos*), aos valores, às representações e aos imaginários que constituem a identidade de um determinado grupo social. Mas para fins funcionais, nesta tese as dividiremos em dois capítulos, reservando um deles especialmente para expor os imaginários que comumente participam da organização do discurso político e outro para expor os *ethé* suscetíveis de aparecer no discurso de diferentes sujeitos políticos brasileiros.

CAPÍTULO 2 - IMAGINÁRIOS DO DISCURSO POLÍTICO: DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL À CONSTRUÇÃO DA OPINIÃO

Para tratar da questão relativa aos *imaginários sociodiscursivos* que fundamentam o discurso político, Charaudeau (2005; 2006)¹⁹ retoma algumas noções que possuem relação com os processos de construção da identidade. Para ele, os imaginários que se constituem a partir do mecanismo de representação social que o homem imprime ao mundo, significando assim a realidade, pressupõem a existência de um saber que é compartilhado entre os indivíduos e também entre os grupos. Conhecimentos sobre o mundo, sobre os objetos, os seres e suas relações, saberes estes que acabam por se estruturar em sistemas de pensamento, que cada grupo social procura elaborar com a finalidade de construir para si uma identidade que corresponda aos valores colocados como fundamentais em uma determinada sociedade, isto é, os princípios norteadores de uma nação e de um povo.

Charaudeau inicia sua discussão a respeito da representação social, compreendida por ele enquanto um mecanismo de construção do real, retomando a noção relacionada com o *propósito* do discurso, isto é, aquilo que diz respeito ao tema, ou o assunto que é tratado pelo discurso. O *propósito* poderia ser compreendido então como o responsável pela deflagração e efetivação de uma interação social.

No caso do discurso político entende-se que o seu propósito diz respeito à organização social e à vida dos cidadãos no que tange ao “governo da coisa pública”. Portanto, o discurso político encontraria sua razão na tentativa de corresponder a um ideal de sociedade tratando de temas e dos assuntos que poderiam convergir o maior número de cidadãos.

Segundo Charaudeau, uma das dificuldades que se apresenta ao sujeito político nasce do paradoxo que caracteriza tal gênero de discurso, que seria a capacidade de definir um ideal que consiga conjugar a “pluralidade” de expectativas e opiniões, com a “universalidade” de um discurso que possa carregar os valores desse ideal, visando unificar um grupo cada vez maior de indivíduos. De acordo com Charaudeau (2006, p. 190): “O discurso político pretende ser, em seu propósito, um discurso de verdade que diz qual é o sistema de valores em nome do qual deve se estabelecer o elo social que une essa diversidade”.

¹⁹ Obra original em francês: *Le discours politique: les masques du pouvoir*. Paris, Vuibert, 2005.

Para lidar com a questão da representação social enquanto uma necessidade recíproca entre o homem e a realidade no processo de significação do mundo, Charaudeau (2006) também traz para a discussão a noção de *ideologia* estabelecendo inicialmente uma abordagem de certo modo histórica ao apresentar algumas perspectivas de entendimento a respeito desse conceito dentro de determinadas correntes de pensamento.

Segundo o autor, a noção de ideologia pode ser concebida por uma perspectiva chamada “realista”, que a compreende como um modo de articulação entre significação e poder, apresentando as funções de *legitimação*, *dissimulação*, *fragmentação* e *reificação*.²⁰ Nesse sentido, a ideologia estaria ligada às relações de poder, podendo vir a conformar-se em discursos dominantes a serviço de um “mascaramento” da consciência social e da realidade.

Outra perspectiva considerada em relação à ideologia seria a chamada “representacional”, que parte do postulado da impossibilidade de se chegar ao real, uma vez que a cada tentativa o sujeito se depararia com uma outra representação e assim sucessivamente. Esta perspectiva de cunho representacional discorda da possibilidade de se alcançar um real puramente empírico, portador de uma verdade absoluta. Como diz Charaudeau:

Em tal perspectiva, a ideologia não é um sistema de valores que tem por função mascarar o real. Trata-se antes de um *processo de ideologização* que constrói um conjunto de crenças mais ou menos teorizadas sobre a atividade social e que tem por efeito discriminar as identidades sociais. (CHARAUDEAU, 2006, p. 201).

Em sua abordagem, o autor parte do entendimento de representação social enquanto um fenômeno cognitivo-discursivo geral, responsável por engendrar *sistemas de saber*.

Os próximos segmentos retomam algumas noções relacionadas com a representação social, a começar pela sua origem no campo da Sociologia e, em seguida, seu desenvolvimento na Psicologia Social e na Semiologia.

²⁰ De acordo com Charaudeau, recuperando Lefort (1986) e Thompson (1984): “[...] uma *legitimação*, que consiste em racionalizar sua própria legitimidade para justificar-se e significar sua posição de dominação; uma *dissimulação*, uma vez que essa atividade de racionalização acaba por mascarar as relações de dominação; uma *fragmentação*, uma vez que essa dissimulação acarreta a oposição dos grupos entre si; enfim, uma *reificação*, uma vez que essa racionalização tende a naturalizar a história como se ela fosse atemporal.” (CHARAUDEAU, 2006, p. 192).

2.1 - As representações sociais e a significação da realidade

O conceito de representação surge no campo das Ciências Sociais a partir da necessidade de melhor entender a maneira como o homem, enquanto ser social, representa o mundo e os fenômenos nele implicados, isto é: a visão de mundo produzida pelos grupos sociais. Foi com a noção de *representações coletivas* que os estudos sociológicos voltaram-se para a compreensão das relações que são estabelecidas entre os indivíduos de um determinado grupo social, das formas de interações possíveis com o mundo e a realidade que os cerca, bem como o papel das representações na organização social.

De acordo com Charaudeau (2006, p. 195), a noção de representação pode ser encarada de diferentes pontos de vista: pela perspectiva dos teóricos *marxistas* da ideologia, para quem as representações têm o papel de mascarar a realidade; pela visão *subjetivista*, cujo papel das representações seria de orientação das condutas; e outra perspectiva mais *cognitivista*, representada principalmente por Piaget e Moscovici, que procura entender o processo de representação enquanto uma função constitutiva do sujeito e que teria como finalidade a adaptação ao meio.

Com a Psicologia Social, aqui representada por Moscovici, o termo ganha nova e significativa revisão, passando a ser designada como *representações sociais*. De acordo com Moscovici (2003), elas seriam um conjunto de explicações, de crenças e ideias que nos permitem evocar um dado acontecimento, pessoa ou objeto. Estas representações são resultantes da contínua interação social estabelecida entre os indivíduos e do modo como eles percebem a realidade, dando sentido, assim, à existência humana. Para Moscovici, compreender o mecanismo e o significado das representações sociais seria o ponto de partida para a análise de uma determinada situação. Segundo o autor:

Representações sociais determinam tanto o caráter do estímulo, como a resposta que ele incita, assim como, em uma situação particular, elas determinam quem é quem. Conhecê-las e explicar o que elas são e o que significam é o primeiro passo em toda análise de uma situação ou de uma relação social e constitui-se em um meio de predizer a evolução das interações grupais, por exemplo. (MOSCOVICI, 2003, p. 100).

Segundo Moscovici (2003) seriam dois os processos que geram representações sociais e que tornam possível familiarizar-se com algo novo e desconhecido que ora se apresenta ao sujeito: o processo de *ancoragem* e o processo de *objetivação*. O primeiro

transfere o estranho para um referencial que possibilita sua interpretação e comparação, através de uma relação de categorização, que permite ao grupo reconhecer-se pelas semelhanças e diferenças. O segundo processo tem a função de construir uma significação global a partir de informações selecionadas, confeccionando um cenário familiar ao que até então era desconhecido. Nessa perspectiva, ancoragem e objetivação seriam processos fundamentais para a produção e consolidação das representações sociais.

Outro aspecto levantado pela Psicologia Social é quanto ao modo de funcionamento desse mecanismo de representação da realidade, que propõem uma interação entre o que se retém do sentido e aquilo que se modifica pela dinâmica dos processos sociais. Como nos confirma Boyer:

Sabe-se que uma das orientações da psicologia social desenvolveu a teoria dita de “núcleo central” que identifica dois conjuntos de constituintes da representação: o sistema central, fechado, que garante à representação sua estabilidade e um sistema periférico em que os recursos, de natureza contextual e, portanto instáveis, permitem a adaptabilidade da representação. (BOYER, 2008, p. 100).²¹

Quanto ao significado de “representações sociais” na perspectiva *Semiolinguística*, de acordo com Charaudeau (2006), nota-se que são recuperadas noções consideradas tanto na Psicologia Social, quanto na Antropologia Social e que possuem um sentido ligado ao resultado de uma atividade humana de categorização cognitiva referente à posição e ao papel social do sujeito. Para o autor, essa atividade teria uma tripla função: a de *organização coletiva* dos conhecimentos e dos sistemas de valores, a de *exibição-visibilidade* dos sujeitos através de rituais e estilos de vida, e de *assimilação*, pelos sujeitos, destes conhecimentos e valores dominantes no grupo social. As representações sociais são, portanto, uma forma de conhecimento socialmente elaborado e partilhado, isto é, o “saber que se compartilha”. O autor completa:

Essas representações constituem *maneiras de ver* (discriminar e classificar) e de *julgar* (atribuir um valor) o mundo, mediante *discursos* que engendram *saberes*, sendo que é com esses últimos que se elaboram

²¹ Tradução nossa de: “On sait que l’une des orientations de la psychologie sociale a développé la théorie dite du «noyau central » qui identifie deux ensembles de constituants de la représentation: le système central, fermé, qui garantit à la représentation sa stabilité et un système périphérique où les traits, de nature contextuelle et donc instables, permettent l’adaptabilité de la représentation. (BOYER, 2008, p. 100).

sistemas de pensamento, misturas de conhecimento, de julgamento e de afeto. (CHARAUDEAU, 2006, p. 197).

Outro aspecto a ser considerado diz respeito à natureza dos fenômenos das representações nas sociedades contemporâneas, cada vez mais caracterizadas por uma constante e intensa fluidez das trocas e interações comunicacionais, crescente desenvolvimento tecnológico e de todas as áreas da ciência, diversificação cultural e mobilidade social. Logo, as representações sociais são fenômenos complexos, pois ao mesmo tempo em que refletem a realidade social engendram também novos saberes que transformam a dinâmica da sociedade.

2.2 - Representações sociais: a elaboração e a organização do *saber*

Charaudeau entende que a Análise do Discurso, em interdisciplinaridade com a Filosofia, com a Antropologia Social e com a Psicologia Social pode dar sua contribuição para a definição e classificação dos sistemas de pensamento. Assim, de acordo com Charaudeau (2006, p. 203), o papel da AD seria o de observar “[...] a organização dos saberes em que é realizada a demarcação das ideias e dos valores colocados como epígrafe sem prejudicar o sistema de pensamento ao qual eles poderiam corresponder”.

Assim, o entendimento adotado aqui parte do pressuposto de que o *saber* que é compartilhado por indivíduos ou por grupos de indivíduos corresponde a uma competência semântica²², que pode ser entendida como a capacidade do sujeito em perceber e compreender os significados dos objetos, seres e relações em seu entorno²³, bem como os sentidos oriundos das inferências²⁴ que consolidam as interações humanas. O *saber* seria constituído, então, a partir do mecanismo de representação social, sendo também o responsável pela elaboração dos sistemas de pensamento, que por sua vez se organizariam em torno de imaginários sociodiscursivos, aqui entendidos enquanto “um modo de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais”

²² A *competência semântica* associada às demais competências *situacional*, *semi-lingüística* e *semi-discursiva* constituem habilidades fundamentais para a consolidação do discurso e da possibilidade do sujeito interagir socialmente, produzir sentido e compreender outros.

²³ Para Charaudeau (2010), o *saber* pode ser visto nas representações socioculturais que o grupo tem sobre o mundo: o espaço, o tempo, os indivíduos, os comportamentos, os valores.

²⁴ Mecanismo de inferência: *inferências interdiscursivas* (saber compartilhado/cultural), *inferências situacionais* (situação de comunicação), *inferências contextuais* (do contexto lingüístico); (Charaudeau, 2010).

(CHARAUDEAU, 2007, p. 3; tradução nossa)²⁵, que se depositam na memória coletiva. O *saber* seria, assim, o resultado desse mecanismo de significação da realidade operado pelas representações sociais. Segundo Charaudeau: “Os saberes não são categorias abstratas da mente, mas maneiras de dizer configuradas pela e dependentes da linguagem que ao mesmo tempo contribuem para construir sistemas de pensamento”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 197).

De acordo com tal perspectiva, esse processo de produção de sentido que leva à construção do *saber* corresponde às formas de elaboração dos sistemas de pensamento e pode ser classificado em dois grandes grupos ou categorias: *saber de conhecimento* e *saber de crença*. Nas palavras de Charaudeau (2006, p. 198): “Saberes de conhecimento e saberes de crença estruturam as representações sociais. Os primeiros, ao construírem representações classificatórias do mundo; os últimos, ao darem um tratamento axiológico às relações do homem com o mundo”.

De acordo com tal proposição, o *saber de conhecimento* caracteriza-se por ser uma categoria em que o saber encontra-se fora do sujeito, portanto sua verdade é exterior ao homem, ou seja, é orientada do mundo para o sujeito, podendo ser verificada e comprovada por métodos científicos. Produz por um lado, um tipo de saber *culto* e *teórico*, de caráter demonstrativo, isto é, uma construção puramente intelectual, como por exemplo, os conhecimentos promovidos pelas ciências e suas pesquisas.

O *saber de crença* por sua vez é um tipo de saber cuja verdade encontra-se no próprio sujeito, em sua singularidade, portanto não é verificável como no conhecimento teórico científico. É um saber orientado do homem para o mundo e que produz tipos de saberes que estão ligados a uma forma de *revelação*, que pode ser seguida de uma adesão do sujeito a determinadas ideologias, doutrinas e dogmas. Gera também tipos de saberes reveladores de *opinião*, ou seja, da apropriação de determinadas ideias e valores que colocados em um campo de discussão levam o sujeito a tomar posição em relação a uma questão ou objeto de controvérsia e ao final de um processo de avaliação emitir um julgamento.

Os saberes de *revelação* pressupõem uma verdade de certo modo transcendental que não pode ser nem provada, nem verificada e que impõe uma adesão total do sujeito aos seus princípios de coerência, devendo ser ratificada por testemunhos que fazem

²⁵ Tradução nossa de : « L’*imaginaire* est un mode d’appréhension du monde qui naît dans la mécanique des représentations sociales [...] ».

referência aos valores em questão. Estes saberes são responsáveis pela elaboração de determinados sistemas de pensamento, como as *doutrinas*, os *dogmas* e as *ideologias*.

O termo doutrina pode ser definido como o conjunto de princípios que servem de base a um sistema religioso, político, filosófico, militar, pedagógico, entre outros. Nos dicionários, de modo geral, podem ser encontradas diversas definições para este conceito. Neles, o termo “doutrina” aparece quase sempre como: um conjunto de crenças ou de princípios que traduzem uma concepção de universo, de sociedade, de mundo, constituindo um sistema de ensinamento religioso, filosófico, político, etc., que leva frequentemente à exposição ou à formulação de certas regras de pensamento ou de conduta. Uma doutrina está sempre relacionada à disciplina, a qualquer coisa que seja objeto de ensino, e pode ser propagada de várias maneiras, através de pregações, de opiniões de pessoas conhecidas, ensinamentos, textos de obras literárias, entre outras formas. Pode ser entendida também como uma opinião, uma tese, ou uma tomada de posição de um grupo ou indivíduo sobre um problema especial. Diferentemente das teorias produzidas pelo conhecimento científico, as doutrinas são sistemas fechados e não aceitam ser colocadas sob dúvidas ou questionamentos. Quando isto ocorre, as críticas são refutadas por não estarem em um campo de confrontação e de demonstração, como no caso das teorias. É por meio desse processo de enrijecimento das crenças que uma doutrina acaba por se instituir em dogma.

Os *dogmas* podem ser entendidos como verdades absolutas que não permitem qualquer discussão. Corresponderiam a um conjunto lógico e sistemático de representações (ideias, valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicariam ou prescreveriam aos membros da sociedade o que deveriam pensar e como deveriam pensar; o que deveriam valorizar e como deveriam agir para tanto; enfim, indicariam os sentimentos, as ações. Como era de se esperar, tal conjunto possui um caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais. Para Charaudeau (2007, p. 6), o dogma seria o ponto fundamental e considerado como incontestável em uma determinada doutrina religiosa ou filosófica.

Os dogmas são encontrados em muitas religiões, sistemas de crenças estes em que são considerados alguns princípios fundamentais que devem ser respeitados por todos os seguidores dessas crenças. Ainda no campo da religião, o dogma seria uma verdade divina, revelada e acatada pelos fiéis. Como um elemento fundamental da religião, o termo *dogma* é atribuído a princípios teológicos que são considerados básicos, de modo

que uma proposta de revisão de um dogma apresentada por um fiel de determinada religião é sempre rejeitada. A rejeição do dogma é geralmente considerada heresia ou blasfêmia em determinadas religiões e pode levar à excomunhão e expulsão do grupo religioso.

Com relação às *ideologias*,²⁶ do ponto de vista discursivo, elas se caracterizariam pela utilização de saberes genéricos que são articulados, com frequência, de modo doutrinal, propondo uma explicação ampla e generalizante da atividade social. Algumas ideologias podem se tornar mais rígidas que outras e se sedimentar em textos de referência e com certo valor sagrado, o que as transformaria em doutrinas, em alguns casos.

Já os saberes de *opinião* nascem de um processo de avaliação no final do qual o sujeito toma posição e se engaja em um julgamento a propósito dos fatos do mundo. Como em todo saber de crença, não é o mundo que se impõe ao sujeito, mas o sujeito que se impõe ao mundo. A opinião resulta de um movimento de apropriação que um sujeito faz de um saber por meio dos saberes circulantes nos grupos sociais. Esse saber é então compartilhado e pode ser discutido. De acordo com a compreensão de Charaudeau (2007), existiriam três categorias de opinião, que são discriminadas a seguir.

A *opinião comum* teria uma investida generalizante e universal e seria a mais largamente compartilhada. Com a opinião comum, o sujeito falante não tem como reivindicar uma posição particular uma vez que ele se apropria do julgamento da *doxa*, isto é, representa de certo modo o senso comum sobre determinado ponto de discussão.

A *opinião relativa* possuiria uma abordagem mais limitada uma vez que emana de um sujeito individual ou de um grupo restrito. Mas, este sujeito ou os membros do grupo sabem que este julgamento é circunstancial, relativo ao grupo e à situação na qual ele é emitido. A opinião relativa inscreve-se, portanto num espaço de discussão entre grupos com posicionamentos distintos em relação a um determinado tema, podendo ou não configurar uma polêmica. Nesse sentido, a opinião relativa seria aquela que melhor representaria o espaço democrático do debate social.

A *opinião coletiva* seria mais ampla na medida em que representa a visão que um grupo expressa em relação a outro grupo. Ela consiste em colocar o outro grupo em uma categoria definitiva e essencializante. Esse tipo de opinião estaria relacionado com a identidade dos grupos.

²⁶ CHARAUDEAU, 2007, p. 49-63.

Mas, como alerta Charaudeau, no discurso político essa fronteira entre os tipos de saberes é sempre porosa, ocorrendo na maioria das vezes uma sobreposição de saberes. Diz ele:

Evidentemente, são desses tipos de saberes que se alimentam os imaginários, realizando muitas vezes um jogo com tais categorias, embaralhando as pistas, fazendo passar um saber de crença por um saber de conhecimento, um saber de opinião por um saber de revelação, apresentando um saber de opinião relativa na forma de um saber de opinião comum, transformando um saber teórico em saber de doutrina (Marxismo), fazendo crer que um saber de revelação seja também fundado em um saber culto (seitas). (CHARAUDEAU, 2007, p. 7).²⁷

Cientes dessa possibilidade os políticos procuram “jogar” com os saberes de modo a corresponder às especificidades de cada enunciação, com vistas a atender as demandas, muitas vezes contraditórias, das expectativas oriundas da instância cidadã; procuram também detectar e representar os imaginários que fundamentam os valores do grupo em questão.

O tópico seguinte procura discutir algumas considerações a respeito da natureza dos saberes que constituem as diferentes formas de *opinião* e de alguns aspectos que caracterizam o processo de construção da *opinião coletiva*.

2.3 - A opinião enquanto saber de crença

Em sua obra sobre a opinião e a persuasão no discurso político, referente à campanha presidencial francesa de 2012, Charaudeau (2013)²⁸ retoma algumas questões relacionadas com a temática do *saber* fazendo inicialmente uma reflexão sobre a natureza e as características do fenômeno discursivo da *opinião*, procurando entender os elementos

²⁷ Tradução nossa de: « C'est de ces types de savoirs que s'alimentent les imaginaires, évidemment, en jouant souvent avec ces catégories, en brouillant les pistes, en faisant passer un savoir de croyance pour un savoir de connaissance, un savoir d'opinion pour un savoir de révélation, en présentant un savoir d'opinion relative sous le jour d'un savoir d'opinion commune, en transformant un savoir théorique en savoir de doctrine (le Marxisme), en faisant croire qu'un savoir de révélation est aussi fondée en savoir savant (les sectes). » (CHARAUDEAU, 2007, p. 7).

²⁸ Neste livro, o autor questiona sobre os mecanismos que interfeririam na construção das opiniões, considerando seus aspectos individual e coletivo; trata também de sua natureza homogênea e, ao mesmo tempo, heterogênea; lança a questão sobre a existência da *opinião coletiva*; fala sobre as estratégias que levam à “fabricação” da *opinião pública* e ainda comenta sobre o papel que lhe cabe no funcionamento da democracia.

que participam do processo de formação das opiniões produzidas pelos indivíduos e por grupos sociais.

De acordo com essa perspectiva, a *opinião* não corresponderia a uma forma de conhecimento, mas a uma forma de julgamento. Assim sendo, ela expressaria um tipo de saber que pertence ao campo da crença: “[...] uma opinião é um julgamento que um indivíduo coloca sobre os seres ou os acontecimentos do mundo os avaliando, os qualificando do ponto de vista de seu valor, é aquilo que o leva a tomar posição” (CHARAUDEAU, 2013, p. 24; tradução nossa).²⁹

Como visto acima, a opinião enquanto *saber de crença* nasce de um processo de avaliação a respeito dos objetos e acontecimentos do mundo, revelando um ponto de vista sobre os saberes, fato que a diferencia do *saber de conhecimento* que procura enunciar uma verdade científica sobre os objetos e fatos do mundo. A opinião constitui uma forma de saber muito difundida na linguagem humana e que por isso apresenta sua relevância no que tange à regulação das interações que ela faz operar organizando, na medida do possível, a vida em sociedade.

Seguindo essa linha de pensamento, a *opinião coletiva* poderia ser compreendida enquanto um processo de aprendizagem social contínuo e duradouro que se funda na alteridade entre os sujeitos, isto é, na possibilidade de se reconhecer através da relação com o outro e ao mesmo tempo buscar sua singularidade. Levando-se em consideração o fato de que quando o sujeito coloca-se a falar, ele nem sempre se dá conta de que sua fala não constitui necessariamente uma criação genuína e original do seu próprio pensamento. O modo como o sujeito compreende os fatos do mundo e suas relações, bem como a forma de expressar suas opiniões, não constituem características exclusivas de sua pessoa. Na maioria das vezes, o sujeito não percebe que sua fala constitui uma reverberação de uma voz coletiva, isto é, um eco de outras vozes que repercutem nas suas palavras; e como diz Charaudeau (2013, p. 28): “[...] sem mesmo nos darmos conta, nos tornamos um *Eu-Nós*”.³⁰

Portanto, a *opinião coletiva* não seria simplesmente a soma de opiniões individuais, na medida em que se concebe a opinião enquanto uma forma de saber compartilhada pelo grupo, que é capturada e apropriada pelo indivíduo, em suas

²⁹ Tradução nossa de: “[...] une opinion est un jugement qu’un individu porte sur les êtres ou les événements du monde en les évaluant, en les qualifiant du point de vue de leur valeur, ce qui l’amène à prendre position. » (CHARAUDEAU, 2013, p. 24).

³⁰ Tradução nossa de: “[...] sans même nous en rendre compte, nous devenons un Je-Nous.” (CHARAUDEAU, 2013, p. 28).

contingências e especificidades, como uma opinião própria, pessoal. Charaudeau (2013) partilha da ideia de uma opinião pública que se apresenta ao mesmo tempo como heterogênea e fragmentada, na medida em que corresponderia aos posicionamentos dos múltiplos e diversos grupos e orientações de pensamentos que constituem uma sociedade. A opinião, entretanto, não pode surgir do nada, simplesmente ocorrer de modo espontâneo, pois se faz necessária que exista alguma motivação que leve o sujeito a tomar posição, intelectual ou afetiva, e efetuar um julgamento de opinião.

Nessa linha de pensamento, vemos que a *opinião pública* poderia então ser concebida em relação ao modo como os indivíduos adquirem consciência de fazerem parte de uma vida em sociedade, isto é, enquanto membros de uma mesma coletividade, podendo adquirir, de acordo com Charaudeau (2013) três formas de organização e apresentação da voz coletiva: a *opinião civil*, a *opinião cidadã* e a *opinião militante*.

A *opinião civil* corresponderia a uma vontade de “estar junto”, que leva os indivíduos a uma tomada de posição sobre determinados fatos da sociedade que possuem implicações diretas na vida das pessoas e da comunidade em questão.

Uma *opinião cidadã*, caracterizada pela vontade de “viver em conjunto”, seria aquela que levaria os indivíduos a se pronunciarem sobre a vida política ou transformarem o espaço público em espaço de discussão. E dentro de um movimento semelhante, também a *opinião militante*, seria marcada por uma vontade de “fazer junto”, que se caracterizaria pela consciência de pertencer a um grupo organizado para agir politicamente (partidos, sindicatos, associações).

Cabe ainda lembrar que a opinião pública constitui-se também por meio do olhar que se coloca sobre ela. Seja através do olhar dos políticos, que a concebem como uma massa a ser seduzida; seja pelo olhar das sondagens e das pesquisas, que efetuam uma estratificação social da opinião. E ainda há que se considerar o olhar das mídias, traduzido pela capacidade de difusão em massa e de categorização do público e seus hábitos de consumo. Esses olhares tendem a essencializar a compreensão sobre a opinião pública dando a ela um sentido definitivo e completo, frequentemente estatístico (caso das mídias e dos institutos de pesquisa). Talvez uma tentativa de se colocar frente à dinâmica que caracterizaria os processos de emergência da opinião coletiva. Resumindo:

A opinião pública está em construção permanente [...] Ela se apresenta ao mesmo tempo fragmentada e homogênea, reativa e convocada, autônoma e sob influência, deve ser dita sob a forma plural: não uma opinião

pública, mas as opiniões públicas. (CHARAUDEAU, 2013, p. 31; grifos do autor).³¹

O que se pode concluir dessa breve discussão é que a *opinião pública* apresenta-se como um objeto de estudo consideravelmente complexo, um fenômeno do discurso social que se elabora em função de múltiplos fatores, que acaba por fornecer uma ideia de sociedade ao mesmo tempo fragmentada e homogênea. Portanto, se faz necessária uma compreensão da opinião coletiva enquanto um cruzamento permanente e contínuo de vozes que buscam refletir um posicionamento em relação a um fato social, e que acabam por se amalgamar em um provisório ou ilusório consenso.

No próximo segmento abordaremos alguns aspectos das relações que se estabelecem entre representações sociais e estereótipos.

2.4 - Algumas considerações sobre *estereótipos e representações sociais*

Em uma perspectiva histórica, o termo “estereótipo” tem origem no campo da psiquiatria, em que designava certos distúrbios relacionados à repetição; e também ao campo da tipografia, significando a placa com caracteres necessária para a produção de materiais impressos. Como se percebe, a ideia relacionada ao termo estereótipo possui um sentido original que remete a algo que se fixa em certo tipo de estrutura reconhecida e assimilável de modo quase imediato, pelo indivíduo e pelo grupo.

A partir da introdução do termo *estereótipo* no campo das Ciências Sociais³², essa noção se tornará de interesse de outras disciplinas, como a Psicologia Social e a Etnologia. Ambas se baseiam na definição de estereótipo enquanto um tipo de imagem pré-concebida e cristalizada, e que possui certa função social, sobretudo no estabelecimento das relações e interações sociais.

No campo de uma argumentação, que se liga à Análise do Discurso, uma das pesquisadoras que realizou estudos sobre a noção de estereótipo foi a professora Ruth Amossy. A autora vê o estereótipo como um modelo cultural cristalizado que impõe uma forma e um sentido pré-fabricados, e que “[...] se apresenta como um esquema restritivo que se aplica sobre o real o deformando”. (AMOSSY, 1991, p. 101). Para a autora, a fabricação do estereótipo passa por um processo de esquematização que garante a

³¹ Tradução nossa de: “L’opinion publique est en construction permanente [...] Elle se présente à la fois fragmentée et homogène, réactive et assignée, autonome et sous influence, c’est-à-dire sous forme plurielle : non pas une opinion publique mais des opinions publiques.» (CHARAUDEAU, 2013, p. 31).

³² Pelo jornalista americano Walter Lipman, na obra *Public Opinion*, de 1950.

promoção e a repercussão de uma imagem simples e de fácil assimilação: “Ela se integra então ao nosso cotidiano e faz parte de nosso imaginário cultural”. (AMOSSY, 1991, p. 100). Amossy levanta a questão sobre qual seria a relação do mito, enquanto uma imagem coletiva, com o estereótipo. Para ela, o estereótipo estaria em um estágio anterior ao processo de mitificação e a elaboração do mito passa necessariamente pelo estágio da redução estereotípica e da difusão em massa. Nesse sentido, o estereótipo daria à apreensão direta do real um “efeito midiaticizante e deformante do esquema cultural”. (AMOSSY, 1991, 102). Para Amossy, o estereótipo possuiria um papel essencial no estabelecimento do *ethos*, uma vez que possibilitaria a incorporação³³ da identidade do enunciador num “verdadeiro jogo especular”. Diz Amossy (2008, p. 125): “A estereotipagem, lembremos é uma operação que consiste em pensar o real através de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado”.

Já Boyer (2008) parte do conceito de representação social oriundo da Psicologia Social para tentar compreender por meio da articulação de certos conceitos - de estereótipo, emblema e mito - a natureza dos imaginários coletivos de uma sociedade ou de seus subgrupos. O estereótipo é considerado pelo autor como uma forma de representação que se estabelece como algo de destaque dentro de uma comunidade pela notoriedade do objeto representado, a frequência em que isso ocorre e também pela simplicidade de sua estrutura. Segundo Boyer (2008), são muitas as características que fazem do estereótipo um elemento que torna a comunicação humana mais fluida, devido à estabilidade de sentido e a economia cognitiva e comunicacional proporcionadas por ele, características estas que facilitam sua disseminação e imersão no pensamento social produzindo certos consensos. O autor destaca ainda a função identitária e a eficácia dialógica do estereótipo na sociedade:

De modo geral, o estereótipo possui inegavelmente uma função identitária em uma dada comunidade (ou em um grupo dentro de uma comunidade). Que ele seja negativo ou positivo, ele é realmente um filtro etno-sociocultural. Também deve ser notado que, como a representação, mas com ainda mais força, o estereótipo funciona mais ou menos ostensivamente como um (pseudo)argumento: sua eficácia dialógica o torna de fato um ingrediente (inter) discursivo insubstituível. (BOYER, 2008, p.103).³⁴

³³ De acordo com Maingueneau (2008, p. 72) *incorporação* designa a maneira pela qual o co-enunciador se relaciona ao *ethos* de um discurso.

³⁴ Tradução nossa de: “D’une manière générale, le stéréotype remplit indéniablement une fonction identitaire dans une communauté donnée (ou dans un groupe donné au sein d’une communauté). Qu’il soit négatif ou positif, il s’agit bien d’un filtre ethno-socioculturel. Il convient d’observer également que

A partir dessa compreensão, Boyer (2008) propõe uma abordagem que procura considerar a forma de organização do estereótipo em relação com a da representação. Ele questiona se poderia compreender o funcionamento do estereótipo análogo ao do sistema de representação, com seu “núcleo central” e “sistema periférico”. Chega à conclusão de que enquanto na representação o funcionamento entre estes dois “polos” de construção de sentido é mais dinâmico e flexível, no estereótipo isso se daria de uma forma mais rígida e englobante:

No caso do estereótipo, esta flexibilidade teria desaparecido em proveito de uma pertinência pragmática. De fato, a estrutura do estereótipo não teria mais uma partilha funcional entre núcleo central e sistema periférico (como se o núcleo teria absorvido o sistema periférico): por uma eficácia máxima, ela seria reduzida a um conjunto fixo (e então necessariamente limitado) de recursos, totalmente solidários, em graus variados, aleatoriamente nos discursos. (BOYER, 2008, p. 103).³⁵

Desse modo, Boyer (2008) parece sustentar a ideia de que a diferença entre estereótipos e representações está no mecanismo de “fixação representacional”, o que ele define como processo de *estereotipagem*, no qual certos tipos de representações se consolidam em estruturas e formas rígidas o bastante para impregnar por certo período o imaginário social, colaborando assim para o compartilhamento dos saberes.

Levando-se em conta alguns aspectos considerados na discussão acima se torna possível concluir que o conceito de *representação social* pode fazer referência a um mecanismo cuja função é dar sentido à realidade, significando o real em signos e levando à elaboração de saberes, que por sua vez depositam-se na memória coletiva constituindo os imaginários sociais de um dado grupo social.

Nos tópicos seguintes falaremos a respeito da noção de imaginários a partir de algumas noções apresentadas em Castoriadis (1975; 1982) e Charaudeau (2005; 2006; 2007).

tout comme la représentation, mais avec encore plus de force, le stéréotype fonctionne plus ou moins ostensiblement comme un (pseudo-) argument : son efficacité dialogique, peu coûteuse, en fait un ingrédient (inter)discursif irremplaçable. » (BOYER, 2008, p.103).

³⁵ Tradução nossa de: « Dans le cas du *stéréotype*, *cette souplesse aurait disparu au profit de la pertinence pragmatique*. En fait, la structure du stéréotype ne ferait plus un partage fonctionnel entre noyau central et système périphérique (comme si le noyau avait absorbé le système périphérique): pour une efficacité maximale, elle serait réduite à un ensemble figé (et donc forcément limité) de traits, totalement solidaires et donc, en définitive, selon des degrés divers, aléatoires en discours. » (BOYER, 2008, p.103).

2.5 - O imaginário na perspectiva de Castoriadis: alguns comentários

Castoriadis (1982) afirma que o imaginário é uma criação indeterminada de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de “alguma coisa”. Aquilo que denominamos “realidade” e “racionalidade” seriam seus produtos. O autor argumenta que toda sociedade existe instituindo o mundo como seu mundo, e seu mundo como mundo possível, assim instituindo-se também como parte deste mundo. Para ele, “No por-vir-a-ser emerge o imaginário radical, como alteridade e como origem perpétua de alteridade [...]” (CASTORIADIS, 1982, p. 414).

Na perspectiva de Castoriadis o imaginário radical seria formado então pelo *imaginário social* (“sócio-histórico”) e pela *imaginação radical* (“psique” / “soma”). O imaginário social, também nomeado por Castoriadis como “sociedade instituinte” levaria à criação e à instituição de significações imaginárias sociais, enquanto a imaginação radical criaria figuras como forma de presentificação de sentidos figurados. O autor insiste na ideia de que o imaginário social e a imaginação radical apresentam uma relação de reciprocidade e complementaridade, uma interdependência em sua mecânica de produção da significação social. Segundo suas palavras:

A formação da sociedade pela sociedade instituinte se estabelece sobre o primeiro extrato natural do dado – e se encontra sempre (em um ponto de origem insondável) em uma relação de recepção/alteração com aquilo que já teria sido instituído. (CASTORIADIS, 1982, p. 414).

Mas essa instituição da sociedade pregada por Castoriadis, se estabelece sobre o próprio sujeito vivente (*Psiquê*). Desse modo, as ideias do filósofo nos permitem pensar o homem enquanto um corpo psíquico dotado de inteligência, capaz de agir no mundo e sobre o mundo (fazer social), por meio do imaginário social e da imaginação radical, que constituem a *sociedade instituinte*, fundando assim a *sociedade instituída*.

Na compreensão de Castoriadis a *sociedade instituída* não se opõe à *sociedade instituinte*, uma vez que a primeira representaria uma fixidez/estabilidade relativa e transitória das formas-figuras instituídas. E é por meio destas formas-figuras que o imaginário radical, atravessado pelo imaginário social, pode ser e se fazer ser como social-histórico. Para o autor, cada sociedade teria seu próprio modo de *auto-alteração*, configurando-se em certa *temporalidade*:

A criação da sociedade instituinte, como sociedade instituída, é cada vez mais o mundo comum - *kosmos Koinos* [mundo partilhado]: posição dos indivíduos, de seus tipos, de suas relações e de suas atividades; mas também posição de coisas, de seus tipos, de suas relações, de sua significação – uns e outros tomados cada vez em receptáculos e referenciais instituídos como comuns, que lhes dão unidade. (CASTORIADIS, 1982, p. 415).

Castoriadis destaca, assim, a alteridade como fator ou dado que produz certa ruptura na ordem das significações estabelecidas, algo que escapa e rompe com a norma e produz um estado de transitoriedade, de mudança. Na visão do autor, a auto-alteração perpétua da sociedade seria assim sua própria essência.

Podemos concluir a partir dessas ideias que o imaginário possuiria relação estreita com a constituição da identidade de um grupo social, na medida em que fundamenta e ao mesmo tempo contribui para a regulação das relações humanas e para o funcionamento social, reconstruindo continuamente o sentido de mundo que os indivíduos elaboram por meio da representação social e dos imaginários que circulam no grupo.

No próximo segmento procuraremos refletir um pouco sobre o conceito de *imaginários sociodiscursivos* e suas formas de ocorrências no discurso político, ilustrando essas ocorrências por falas de atores políticos brasileiros, que compõem o *corpus* de análise desta pesquisa.

2.6 - Os imaginários do discurso político

Charaudeau (2006) concebe a noção de imaginário por uma perspectiva diferente das classificações que lhe atribuem um sentido frequentemente ligado à fantasia, ao irreal, à imaginação ou mesmo à ficção. O autor propõe um entendimento que não corresponderia a uma relação entre o verdadeiro ou falso, mas antes de tudo diria respeito a sua verossimilhança, ou seja, a sua capacidade de representação da realidade. Para ele, os imaginários se estruturam a partir do processo de significação da realidade, isto é, de “semiotização do mundo” que o homem realiza por meio do mecanismo das representações sociais. Segundo o autor, o imaginário resultaria de uma dupla interação, do homem com o mundo e do homem com o homem, para assim produzir sentido. Essa perspectiva parte do princípio segundo o qual a realidade existiria independente do homem, mas ela não pode ser apreendida em si mesma, a não ser por intermédio da linguagem. Mas, ela teria, em contrapartida, “[...] necessidade de ser percebida pelo

homem para poder significar, e é essa atividade de percepção significativa que produz os imaginários, que por sua vez dão sentido à realidade”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 203).

Retomando algumas noções a respeito do conceito de *imaginário social* em Castoriadis e atentando, sobretudo para a concepção de imaginário social enquanto um universo de significações responsável por fundar a identidade do grupo, mas também sobre sua natureza verossímil, na obra supracitada, Charaudeau levanta uma discussão a respeito do paradoxo verdadeiro/falso enfrentado pelo imaginário, fazendo acrescentar que todo imaginário seria de fato um “imaginário de verdade”, pois o imaginário se orientaria sempre por um “princípio de verdade”, buscando corresponder de modo fiel à realidade representada, o que o faria senão pretender refletir uma verdade.

Ainda dentro dessa linha de compreensão, o autor observa que os imaginários têm necessidade de materializar-se em determinados tipos de comportamentos (ritos sociais), em atividades coletivas (manifestações, cerimônias), em objetos e emblemas (bandeiras, *slogans*). Mas também, eles podem ser sustentados por uma racionalização discursiva, constituindo *maneiras de dizer*, que circulam e transmitem as ideias e valores de um grupo social. Assim:

No espaço político, por exemplo, circulam imaginários sobre o comportamento que o político deve adotar, conforme a situação em que se encontre: campanha eleitoral, alocução televisiva, debate, reunião etc., imaginários relativos ao *ethos* que ele deve construir para si em função de uma expectativa coletiva dos cidadãos, imaginários de opinião que sustentam os programas eleitorais, as profissões de fé ou os escritos analíticos. Frequentemente, esses imaginários se sobrepõem e constroem espécies de arquétipos coletivos inconscientes. (CHARAUDEAU, 2006, p. 207).

O conceito de *imaginário sociodiscursivo*, nessa linha de pensamento, compreende então o processo de representação social como responsável pela significação da realidade, da constituição dos saberes e dos sistemas de pensamento; atenta para sua vinculação social ao desempenhar seu papel de “espelho identitário”; e sua materialização discursiva que circula e retorna ao espaço público contribuindo para a dinâmica do processo.

O conceito de *imaginário sociodiscursivo* agrega o qualificativo *discursivo* à noção de *imaginário social* por conceber que as diversas formas de materialização dos tipos de comportamentos da vida cotidiana, das atividades coletivas, até mesmo dos

objetos de consumo, das doutrinas religiosas, teorias científicas, provérbios, ditados e *slogans* manifestam-se pela linguagem.³⁶

De acordo com Charaudeau (2007), os imaginários sociodiscursivos possuem uma dupla função: de criação de valores e de justificação de atos. Tal imaginário pode ser pensado em uma dimensão variável e se constitui a partir da sedimentação de discursos responsáveis por conduzir certos tipos de representações sociais. Conclui o autor:

O imaginário é um modo de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, a qual, como dito, é construída a partir da significação sobre os objetos do mundo, os fenômenos que se produzem, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante. Ele resulta de um processo de simbolização do mundo de ordem afetivo-racional por meio da subjetividade das relações humanas, e se deposita na memória coletiva. Assim, o imaginário tem uma dupla função de criação de valores e de justificação da ação. (CHARAUDEAU, 2007, p. 3).³⁷

Trata-se, de modo geral, de formas de representações que os grupos produzem a partir da percepção e das diversas formas de interação que se estabelecem, sedimentam-se na memória coletiva formando desse modo os imaginários sociais para que possam construir o sentido e o significado dos objetos e dos seres do mundo e de suas relações, podendo compreender, assim, a realidade do contexto que os envolve. Dentro desse complexo mecanismo da representação social, alguns imaginários podem ser recuperados em função de um projeto com vistas à elaboração de determinadas formas identitárias.

A partir desse entendimento preliminar a respeito da natureza do imaginário social podemos abordar algumas de suas características quanto a sua manifestação no discurso político, tendo por base as ideias propostas por Charaudeau (2006) sobre a questão.

³⁶ Nos dizeres de Charaudeau: “À medida que esses saberes, enquanto representações sociais constroem o real como universo de significação, segundo o princípio de coerência, falaremos de ‘imaginários’. E tendo em vista que estes são identificados por enunciados linguageiros produzidos de diferentes formas, mas semanticamente reagrupáveis, nós o chamaremos de ‘imaginários discursivos’. Enfim, considerando que circulam no interior de um grupo social, instituindo-se em normas de referência por seus membros, falaremos de ‘imaginários sociodiscursivos’.” (CHARAUDEAU, 2006, p. 203).

³⁷ Tradução nossa de: “L’*imaginaire* est un mode d’appréhension du monde qui naît dans la mécanique des représentations sociales, laquelle, on l’a dit, construit de la signification sur les objets du monde, les phénomènes qui s’y produisent, les êtres humains et leurs comportements, transformant la réalité en réel signifiant. Il résulte d’un processus de symbolisation du monde d’ordre affectivo-rationnel à travers l’intersubjectivité des relations humaines, et se dépose dans la mémoire collective. Ainsi, l’*imaginaire* a une double fonction de création de valeurs et de justification de l’action. » (CHARAUDEAU, 2007, p. 3).

2.7 - O discurso político e seus imaginários de verdade

No que diz respeito ao discurso político, notamos que este campo discursivo possui como características centrais fazer referência à vida em sociedade e ao bem estar social, e que devido a esse fato o torna portador em sua essência de uma “força de verdade” que se pretende superior àquelas lançadas, por exemplo, pelos discursos dos adversários. No campo de batalha discursiva, o objetivo do discurso político seria o de convencer por meio de um *efeito de verdade* do qual se reveste a palavra e a fala políticas. Como diz Charaudeau (2006, p. 210): “[...] esses efeitos de verdade dependem eles próprios das representações construídas por cada grupo social, portanto dos imaginários que estruturam”.

O autor propõe reagrupar os discursos que fazem referência a determinados valores de uma sociedade, como a liberdade, a justiça, a benevolência, a sociabilidade, a igualdade, a harmonia, a tradição, dentre outros, em tipos de imaginários sociodiscursivos, que considera recorrentes no campo político. Ele então distingue alguns tipos de *imaginários de verdade* do discurso político (imaginário da “tradição”, imaginário da “modernidade” e imaginário de “soberania popular”) e aponta caminhos para se compreender os valores e as estratégias adotados pelos sujeitos políticos na configuração de seus discursos e na apresentação de suas imagens públicas. Vamos examinar cada um desses imaginários, a seguir, ainda que rapidamente.

2.7.1 - Considerações sobre o imaginário da tradição

O imaginário da “tradição” é caracterizado por uma busca pela origem e pelos valores do passado, de um estado de pureza e autenticidade, como também um discurso que visa promover nos membros do grupo social o dever de recuperação de uma pressuposta origem identitária. O discurso de tradição pode fazer referência também a uma forma de relação harmônica entre o homem e a natureza, bem como à fidelidade e à responsabilidade para com os princípios e os valores do grupo em questão. Essa busca pela origem encontra sua razão na defesa dos valores que outrora foram fundadores da comunidade, que são muitas vezes transmitidos a cada geração, pelos quais seus membros deveriam sentir-se responsáveis, uma vez que estes valores serviriam para manter o elo entre as gerações. Mas por outro lado, estes mesmos valores levados ao extremo também possibilitam gerar discursos fóbicos que promovem o ódio e a repulsa

ao diferente, ao transgressor, ao que veio de fora, de outro lugar. Como observa Charaudeau:

O imaginário da tradição pode servir tanto para justificar ações violentas de eliminação do outro, que maculam a pureza identitária (maneira negativa de resolver os problemas devido à presença do outro em um território), quanto para temperar os efeitos nefastos da fuga para adiante que os progressismos cegos representariam. (CHARAUDEAU, 2006, p. 214).

O autor levanta a discussão sobre as relações entre tradição e modernidade dizendo que os indivíduos e os grupos recorreriam ao *imaginário da tradição* como forma de resistir e afastar uma possível ameaça que representaria o *imaginário da modernidade*, pois a modernidade, em seu aspecto anti-histórico, poderia levar à perda da tradição e da identidade do grupo, uma vez que o progresso tecnológico os levaria a se afastar de suas origens.

Os trechos seguintes, correspondente a uma fala de Marina Silva, parecem representar diversas formas de referência ao *imaginário da tradição*, na medida em que se contrapõe a uma ideia de desenvolvimento predatório que poderia levar à destruição dos recursos naturais:

Exatamente, com a preservação do meio ambiente, porque o que nós queremos não é fazer daquilo ali um santuário, como algumas pessoas, às vezes, nos acusam e têm até, talvez, alguns que pensam assim. Nós queremos dar, realmente, uma viabilidade econômica para a Amazônia. Eu sempre digo que as políticas de investimento na Amazônia, é como se quissem fazê-la deixar de ser a Amazônia, não é isso o que nós queremos, nós queremos desenvolvê-la, mas queremos que ela continue sendo a Amazônia. (Marina Silva - Entrevista - 19/11/1994 - DVD/Entrevistas³⁸).

[...] quando nós começamos o governo, nós fizemos um levantamento, eu e a minha equipe, sobre as obras de infra-estrutura, principalmente no caso da Amazônia, que geravam um altíssimo impacto ambiental. (Marina Silva - Entrevista - 13/03/2006 - DVD/Entrevistas).

Eu acredito nisso e trabalho por isso. Eu sempre digo para minha equipe: “Durante muito tempo os ambientalistas ficaram choramingando: o que o desenvolvimento pode fazer pelo meio ambiente?”. Nós começamos a dizer o que meio ambiente e os ambientalistas podem fazer pelo

³⁸ Os trechos citados encontram-se no DVD anexo, na pasta “Entrevistas”, e podem ser acessados também na pasta “Trechos pré-selecionados”, que contém as falas que foram pré-selecionadas para a análise preliminar das narrativas.

desenvolvimento. (Marina Silva - Entrevista - 13/03/2006 - DVD/Entrevistas).

No que tange à fundamentação do discurso que Marina utiliza na resposta acima, o que se observa é a evocação do *imaginário da tradição* por meio de uma fala que visa promover os valores da preservação da natureza e do equilíbrio ambiental, e também dos riscos trazidos pela modernidade, representada no caso pela ideia de desenvolvimento tecnológico, o aumento do consumo e da produção de riquezas, mas que levaria à exploração predatória dos recursos naturais. Perspectiva desenvolvimentista esta questionada por um imaginário de sustentabilidade que se coloca cada vez mais pregnante, em razão das indicações de saturação do modelo atual e da lógica do hiperconsumo que parece reger o comportamento das massas nas sociedades contemporâneas.

2.7.2 - Considerações sobre o imaginário da modernidade

O imaginário da “modernidade” sustenta-se por sua vez em discursos nos quais os valores de uma sociedade moderna, como as ideias de eficiência máxima na produção e do consumo crescente, são colocados como superiores aos do passado. Estes discursos podem centrar-se em uma linguagem do *economismo*, como representação de um caminho possível para o desenvolvimento econômico e social. Podem também apresentar uma defesa do *tecnologismo* como ferramenta indispensável para a sobrevivência e o sucesso social, imaginário este muito em voga nos dias atuais, com o vertiginoso desenvolvimento e aderência aos meios que possibilitam as interações pelas mídias digitais.

O sentido de modernidade, sobre o qual falamos, faz referência à ideia de superação do passado, partindo do entendimento de que a cada momento da história corresponderia uma representação social de modernidade que acaba por considerar o momento atual quase sempre superior - no sentido mesmo de superação - em relação ao estágio de desenvolvimento do período anterior, seja no âmbito científico, tecnológico, ou até mesmo, no que diz respeito ao desenvolvimento humano. Mesmo em situações em que se reconhece o grau de avanço tecnológico e cultural de civilizações passadas haveria sempre um olhar, ou até mais que isso, um sentimento de superioridade em relação ao passado. No entendimento de Charaudeau:

Trata-se de um imaginário, isto é, de um conjunto de representações que os grupos sociais constroem a propósito da maneira como percebem ou julgam seu instante presente, em comparação com o passado, atribuindo-lhe um valor positivo, mesmo quando o criticam. (CHARAUDEAU, 2006, p. 215).

Seguindo essa compreensão, cada momento da história da humanidade possuiria uma representação própria de modernidade que estaria ligada à ideia de avanço, de progresso e de superação em relação ao período que o antecedeu e ao passado mais remoto. Portanto, a ideia da contemporaneidade como estágio de desenvolvimento superior, segundo a qual o tempo presente se beneficiaria sempre de um estado de saber superior é que funda o *imaginário da modernidade*.

O *imaginário da modernidade* seria responsável, então, por engendrar discursos que buscam promover a *eficácia* da ação humana em concretizar os sonhos. Eficácia esta entendida enquanto “resultado da conjunção de uma competência e de uma vontade de agir: a competência como condição para que o homem aja de maneira eficaz; a vontade sem a qual nenhuma empresa pode obter sucesso”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 216).

Assim, seguindo a corrente teórica adotada aqui, o triunfo poderia ser alcançado por meio da conjugação de um *saber*, com um *saber-fazer* e um poder de *ação*. Desse modo o *imaginário da modernidade* seria portador de uma crença no progresso que se faz necessário para que o homem, vivendo em sociedade, atinja seu ideal de bem-estar.

Alguns aspectos mencionados acima sobre o *imaginário da modernidade* podem ser constatados nos excertos seguintes:

Eu estou criando algo que vai ser, talvez, a grande novidade dessa nossa gestão. (Aécio Neves - Entrevista - 26/03/2001 - DVD/Entrevistas).

Eu sei a minha dimensão hoje, eu tenho um desafio pela frente, eu tenho um desafio que é fazer uma gestão na Câmara dos Deputados que seja revolucionária. (Aécio Neves - Entrevista - 26/03/2001 - Trecho 1 - pg. 154³⁹).

O discurso que Aécio Neves emprega nessas falas parece evocar o imaginário da modernidade, na medida em que busca transmitir a ideia de ousadia e de superação de um estado de coisas consideradas por ele como já ultrapassadas, ao propor uma gestão da

³⁹ As falas citadas como exemplos que correspondem aos trechos analisados (Trecho 1, ou Trecho 2) podem ser conferidas na íntegra na página indicada, no capítulo sete referente às análises.

Câmara que seja avançada e adequada aos desafios que se apresentavam naquele momento.

Na compreensão de Charaudeau (2006), os discursos portadores de valores que fazem referência ao ideal de modernidade podem configurar-se em duas vertentes principais: a do *economismo* e a do *tecnologismo*. Vejamos cada uma delas.

2.7.2.1 - O discurso sobre os valores da economia

Segundo o teórico que escolhemos para nortear esta tese, esse tipo de discurso diz respeito ao universo da economia, entendida por ele enquanto um “modo de uma sociedade representar para si a legitimidade das maneiras de gerir a vida coletiva do ponto de vista da produção e da repartição de riquezas” (CHARAUDEAU, 2006, p. 218). Portanto, o discurso do economismo faz constantes referências à *gestão do bem comum*, às formas de *regulação social* representada pelo equilíbrio entre produção e consumo, procurando disseminar um ideal de sociedade que se baseia em um *princípio de realidade* fundamentado tanto numa razão desenvolvimentista quanto numa lógica da gestão; princípio esse que desconsideraria os elementos relativos à ordem da paixão, os sonhos e a utopia.

Dois tipos de temas são recorrentes no discurso do economismo e dizem respeito ao discurso da *regulação controlada* em contraposição ao discurso da *auto-regulação natural* (livre concorrência/desenvolvimento). Na compreensão de Charaudeau, o mundo contemporâneo estaria vivendo uma espécie de “hipertrofia do economismo”, na medida em que boa parte dos acontecimentos, e também das formas de relações estabelecidas na sociedade, seriam tratadas por meio de uma explicação de ordem econômica, ou a ela faria referências. A organização e a regulação social passariam quase sempre por um tratamento e uma configuração sustentada por argumentos relativos ao campo da economia, adotando geralmente uma lógica argumentativa de cunho técnico, que procura construir uma explicação numérica e estatística sobre os assuntos do mundo da economia e suas implicações em diversos setores da vida social. Segundo Charaudeau (2006), o elemento que melhor caracterizaria esta hipertrofia pela qual passa o discurso do economismo na sociedade contemporânea seriam as pesquisas, que segundo ele acabam por transformar-se em discurso de propaganda.

Algumas falas políticas de nosso *corpus* parecem demonstrar a recorrência a este discurso do *economismo*, como é possível observar em alguns enunciados das entrevistas de Fernando Henrique Cardoso, como mostram o exemplo a seguir:

[...] o que me surpreendia era o fato de muito antes do Real, com a inflação muito alta, tendo eu sido ministro da Fazenda e os jornais... os adversários dizendo: assumiu com 20%, deixou com 45%. Bom, e a população não era hostil, ao contrário, e logo eu fui para o segundo lugar, com perspectiva do segundo turno [...]. [...] A dificuldade maior foi a URV, o que foi difícil foi fazer a URV, porque naquela altura havia o temor de que, dada a pressão sindical, alguns setores sindicais... (Fernando Henrique Cardoso - Entrevista - 21/07/1994 - Trecho 1 - DVD/Análises).

Essa fala de Fernando Henrique Cardoso reforça a tentativa de transmitir a ideia de domínio da linguagem da economia, no momento em que o entrevistado buscava explicar sobre os motivos do crescimento de seu nome nas pesquisas de intenção de voto, nas eleições de 1994, e para isso recorre a uma forma de argumentação que procura se respaldar nas condições econômicas e nos dados estatísticos referentes aos resultados das medidas adotadas pelo chamado “Plano Real”, implantado pela equipe econômica liderada pelo político em questão.

2.7.2.2 - O discurso sobre os valores da tecnologia

Na compreensão de Charaudeau (2006), os discursos sobre a tecnologia visam enfocar o mundo e a técnica do ponto de vista de seu valor, fazendo referência às noções de *eficácia*, de *competência* e da *vontade de agir*. Assim, o *discurso do tecnologismo* partilha da crença fundamental no desenvolvimento técnico como responsável pela promoção do progresso social. O imaginário da modernidade tecnológica também teria relação com o modo de gestão da economia, na medida em que procura responder às demandas geradas pelo aumento do consumo, fazendo-se necessário o desenvolvimento e o aprimoramento constante das técnicas de produção de riquezas. Portanto, economia e tecnologia se fazem parceiras nesse processo de gerenciamento da sociedade, por meio da lógica de regulação da oferta e da demanda; pelo menos no mundo contemporâneo isso se dá de modo contundente. Dessa forma, diz Charaudeau (2006, p. 226): “Os discursos produzidos nesse imaginário de tecnologia tendem a celebrar os efeitos positivos e a mascarar os negativos, pois se trata aqui de legitimar as novas tecnologias”.

Podemos citar aqui a curiosa revelação de Lula sobre suas expectativas em relação aos supostos benefícios que seriam trazidos com o avanço da tecnologia, que não se concretizaram como previstos:

Ou seja, eu lembro que na década de 70, quando nós falávamos em avanço tecnológico, a gente tinha um discurso bem elaborado mostrando o seguinte: as pessoas vão deixar, por conta do avanço tecnológico, o serviço pesado e as pessoas vão poder trabalhar de terno e gravata e o serviço pesado vai ficar com o robô, não vai ficar com o trabalhador. (Luís Inácio Lula da Silva - Entrevista - 26/8/1995 - DVD/Entrevistas).

Ao tratar das relações estabelecidas entre técnica, homem e mundo, Charaudeau (2006) faz um percurso histórico dos processos de desenvolvimento técnico e das tecnologias, a partir de uma perspectiva conceitual, pelo qual a humanidade passou, até alcançar o estágio de conhecimento atual. O autor acredita que seria possível observar determinados imaginários que fundamentavam o pensamento e o conhecimento humano em diferentes épocas e períodos, citando nesse retrospecto o *imaginário de proporcionalidade e ordenamentos*, com suas técnicas de geometrização (vertical e espacial); o *imaginário de produtivismo tecnológico*, com a tecnologia da máquina-ferramenta, dando início assim ao processo de automatização; também o *imaginário cooperativo*, fundado na crença da capacidade de ter acesso a informações e conhecimentos diversos, o que produz a sensação de se poder alcançar o domínio total do saber, também pela constituição de comunidades virtuais, bem como uma aposta na possibilidade de auto-regulação total, estabelecida ademais das relações de autoridade.

Assim, o discurso da modernidade vigoraria como o ideal supremo de uma sociedade, independentemente da época, pois traz consigo a ideia de superação de um estado de coisas anterior, pelo momento presente, estágio de desenvolvimento que acaba por gerar essa sensação de atualidade. Mas, em certos momentos e situações pelas quais as sociedades passam, a tradição é resgatada como forma de recuperar uma identidade que se tornou difusa, quando da valorização de uma herança cultural, etc. Medida esta de segurança identitária de um grupo que busca ajustar-se à assimilação de novos elementos culturais e equilibrar os riscos trazidos pela modernização excessiva.

2.7.3 - Considerações sobre o imaginário da soberania popular

Ainda seguindo o pensamento de Charaudeau (2006), o *imaginário da soberania popular* materializa-se em discursos que fazem referência a um projeto de sociedade no qual o povo seria o grande responsável e o maior depositário dos valores que proporcionariam seu bem-estar. Então, tal imaginário seria responsável por fundar o “mito da democracia”, segundo o qual o próprio povo teria o poder de deliberar, enquanto opinião coletiva, sobre seu presente e seu futuro. De acordo com essa compreensão teórica, o imaginário da soberania popular pode apresentar-se por meio de discursos que remetem ao direito à *identidade* (civil, nacional), e que buscam promover a ideia do *igualitarismo* e da *solidariedade*.

O discurso do direito à *identidade* faz referência ao grupo social ao qual pertencem os indivíduos que se colocam a realizar a justificação acerca de temas relacionados à natureza dos estados e das nações, ao território, ao domínio (colonizações), à imigração (migração). Mas também, o imaginário da soberania em sua vertente identitária pode apresentar-se por meio de discursos sobre o patriotismo, de defesa dos valores de uma nação e da identidade de seu povo e de sua cultura.

A tentativa de afirmação do papel que o Brasil poderia desempenhar no cenário internacional transparece nesses ditos do então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso:

Acho que nós vamos buscar ainda um mecanismo pelo qual, sem estarmos inseridos no G7, venhamos a ter uma voz mais forte, e não perdida na Assembléia Geral das Nações Unidas. (Fernando Henrique Cardoso - Entrevista - 14/10/1996 - DVD/Entrevistas).

Nós temos condições de a despeito da globalização de nos inserirmos de uma maneira competitiva e soberana, o quanto é possível ser soberano nessas dadas situações. (Fernando Henrique Cardoso - Entrevista - 30/12/2002 - DVD/Entrevistas).

Por um lado, o conceito de soberania estaria ligado ao de identidade coletiva uma vez que a soberania representa sempre a vontade de um grupo, a “voz do povo”, o desejo popular. Mas, os sentidos atrelados à soberania dependem da cultura e da forma como são estabelecidas as relações em cada grupo ou comunidade, podendo ser sentida, segundo o autor, como “mais ou menos universalizante”, (CHARAUDEAU, 2006, p. 232). Por outro lado, o discurso do direito à identidade pode levar também a radicalismos, à disseminação de ideias que visam justificar atos de guerra, genocídios, argumentos de

purificação da raça, pela busca de uma identidade de origem, supostamente mais pura e imaculada.

Então, o discurso do direito à identidade constitui uma face importante do *imaginário da soberania popular*, na medida em que se revela fundamental na constituição identitária de um grupo, mas que levado ao extremo pode servir para justificar atos de dominação e de preconceitos em relação a outros grupos e indivíduos.

2.7.3.1 - O discurso sobre os valores da igualdade

Ainda na esteira de Charaudeau (2006, p.233-235) vemos que o discurso do *igualitarismo* prega uma sociedade fundada na ideia de justiça absoluta, ao mesmo tempo em que visa apagar determinadas diferenças entre os membros de uma coletividade, propondo um sentido de igualdade entre os indivíduos do mesmo grupo, pelo menos no que tange aos seus direitos e à sua identidade civil; bem como a igualdade do ponto de vista do poder econômico, com a proposição de maior justiça social⁴⁰. Pois, de acordo com este raciocínio, somente através da igualdade econômica entre as pessoas seria possível assegurar a dignidade humana. Igualdade também no que diz respeito à identidade cidadã (princípio de não-discriminação); bem como a igualdade ao olhar da lei, que garantiria os mesmos direitos e deveres a todos os cidadãos, estabelecendo sistemas de cotas ou de paridades como forma de correção das diferenças geradas pelas distorções; e procurando responder aos discursos de reivindicação que buscam garantir determinados direitos.

O imaginário do *igualitarismo*, segundo Charaudeau (2006), pode manifestar-se também por meio de discursos sobre a *segurança*, como nas situações em que o estado é cobrado a proteger e garantir a vida e os bens públicos e dos cidadãos. Os atores políticos buscam responder a essas reivindicações da sociedade produzindo discursos ora centrados na *sanção*, reivindicando a força da lei, outras vezes de prevenção à criminalidade, pela proposição de valores ligados ao desenvolvimento social e à educação.

⁴⁰ Isto por sua vez pode revelar um *ethos* de solidariedade, como veremos adiante.

2.7.3.2 - O discurso sobre os valores da *solidariedade*

O discurso que propõe os valores da *solidariedade* está ligado à ideia de igualdade, entendida enquanto uma forma de reconhecimento entre os sujeitos de um grupo social, o que por sua vez leva a produzir um sentimento de irmandade generalizada. Assim, todos os homens compartilhariam de uma identidade comum, a humanidade, e a partir desse elo fundamental construiriam uma “vontade cidadã de fraternidade”, espécie de marca de uma consciência social.

É a esse imaginário de *solidariedade* humana ao qual também vem se unir o discurso ecologista que reivindica um dever de proteção da natureza, a harmonia e o equilíbrio das forças produtivas e o bem-estar de toda a humanidade. Nesse sentido, o imaginário da preservação ambiental diz respeito a um estágio de consciência que concebe o mundo de modo integrado, em que todas as forças, dos homens e da natureza, articulam-se de forma interdependente.

Essa característica pode ser observada em algumas das falas apresentadas por Marina Silva que se fundamentam no *imaginário da soberania popular*, por meio do discurso da *solidariedade*, como no exemplo a seguir:

Eu, inclusive como senadora, quero, junto ao Itamarati, às autoridades brasileiras, lutar para que a gente possa dar uma resposta, uma saída para essas pessoas que estão vivendo nas piores condições lá. (Marina Silva - Entrevista - 19/11/1994 - DVD/Entrevistas).

Em outros enunciados, desta vez de Lula, nota-se a evocação de um *imaginário da soberania popular*, caracterizado tanto pelo discurso que faz apelo a uma forma de *solidariedade*, ao mostrar-se como sujeito político que deve corresponder às expectativas e saber ouvir as reivindicações e as críticas da população, características que podem ser percebidas nos excertos a seguir:

Eu vou ser eleito por um partido político que deve ser o meu orientador para as propostas políticas que eu tenho que fazer para a sociedade. (Luís Inácio Lula da Silva - Entrevista - 28/11/1988 - DVD/Entrevistas).

[...] porque na reunião do nosso partido com o Itamar, eu disse: “Presidente, o senhor tem uma chance *sui generis*. Por favor, não deixe de ouvir a sociedade, mesmo aqueles que são contra, aqueles que criticam, ouça”. (Luís Inácio Lula da Silva - Entrevista - 08/02/1993 - DVD/Entrevistas).

Entretanto, sempre seguindo as ideias de Charaudeau (2006), é preciso notar que devemos estar atentos para o fato de que nos discursos sociais de modo geral os imaginários (“tradição”, “modernidade”, “soberania”) podem conjugar-se, sobrepor-se, complementar-se. Desse modo, o discurso político procura associar vários imaginários de verdade e essa conjunção de imagens tem se mostrado recorrente e parece indicar a intenção em atingir o maior número de indivíduos para fazê-los aderir a valores comuns, daí a necessidade de associar imaginários aparentemente opostos, construindo uma opinião média e muitas vezes difusa. Como observa o autor:

Ideais definidos na antiguidade pelos gregos: de um lado, “o bem viver” ligado ao “interesse público” e à “preocupação com o cidadão”, que responde ao imaginário da soberania popular; de outro, “o bem-estar” ligado ao “interesse privado” e à “preocupação com o consumidor”, e que responde ao imaginário da modernidade. (CHARAUDEAU, 2006, p. 245).

Desse modo, o político pode evocar diferentes imaginários e assumir determinadas identidades discursivas, buscando com isso construir uma representação de líder que seria capaz de corresponder a distintas expectativas que emanam da instância cidadã e que possui as condições necessárias para combater as mazelas que afligem os cidadãos.

O discurso político está, portanto, voltado para a elaboração de diversos tipos de *ethé* que serão aqui identificados e levantados pelas análises, pois eles constituem elementos que podem indicar estratégias que contribuem para a construção de uma figura ideal. O modo como esses imaginários são recuperados pela instância política para reforçar ou atenuar determinadas identidades é a problemática central que nos ocupa neste trabalho.

2.8 - Alguns imaginários de sedução do discurso político

Em relação aos *imaginários de verdade*, representados pelos imaginários da *tradição*, da *modernidade* e da *soberania popular*, bem como os valores transmitidos pelos discursos que os sustentam, pode ser acrescentado aqui o fato de ser possível observar no âmbito de alguns gêneros discursivos, determinadas formas de imaginários que parecem estar fundamentados em torno de representações voltadas para a *sedução* do público. Este é colocado, então, em uma situação de comunicação na qual o sujeito não

estaria mais sob o esteio da verdade, isto é, o sentido do discurso que é produzido não corresponderia necessariamente a uma verdade absoluta, mas diria respeito muito mais a uma visada de captação estruturada a partir de elementos do *pathos*.

Esses imaginários são constituídos por formas de representações e saberes que se organizam por meio de uma retórica da construção do desejo, da projeção de um ideal possível a ser desejado ou alcançado, situação da qual o público parece ter certa consciência, estabelecendo com a instância de enunciação uma espécie de *contrato de semi-engano*⁴¹, sustentado por um desejo de crer.

Esta intenção persuasiva, que faz o discurso operar mais pelo princípio da paixão, que pela razão, pode ser constatada principalmente no *discurso propagandístico*, visada esta que caracteriza a natureza massiva e abrangente desse tipo discursivo, como no caso do *discurso publicitário*, gênero em que as representações sociais voltadas para a sedução apresentam-se de modo recorrente, sendo assimiladas gradualmente de forma a naturalizar o desejo de consumo. E isso acontece independentemente dos motivos que possam ter levado a essa assimilação - mais que uma migração - da sedução persuasiva e da estratégia do afeto, que têm ambos, penetrado cada vez mais no *discurso político*. Espaço de poder este do qual se esperaria vigorar uma lógica guiada pelos princípios da razão, devido à importância dada ao papel que o discurso político representa para a sociedade. Mas como observa Charaudeau (2006), o que a princípio poderia representar certo desvio, ou “deriva”, de tal lógica racionalizante do discurso político, o que se observa é exatamente o contrário, isto é, o discurso político parece indicar que se orienta e organiza-se de modo preponderante em torno de valores afetivos, deixando as explicações de ordem racional para situações de comunicação específicas.

Isso significa dizer que talvez seja possível pensar em algumas formas de imaginários que constituiriam um grupo à parte em relação aos *imaginários de verdade*, mas que se manifestariam de modo paralelo e, ao mesmo tempo, articulado a estes, - complementando, sobrepondo, reforçando, contradizendo. Tais imaginários compreendem algumas formas de representações sociais que engendram saberes responsáveis por fundar valores que fazem referência ao universo do desejo, e também do prazer, que geram atração por meio de figuras diversas, que no caso do discurso político remetem, sobretudo, ao *poder* e ao *progresso*.

⁴¹ Charaudeau, 2009; 2010.

Retomando algumas considerações de Soulages (1999), autor este que recupera a noção de *imaginário de verdade* a partir de Charaudeau para aplicá-lo em seu estudo sobre a encenação visual da informação televisiva. Sabemos que Charaudeau considera tal imaginário como fundador do discurso da informação, uma vez que o jornalismo, por princípio, orienta-se por uma suposta busca pela verdade dos fatos. Essa finalidade acaba por produzir um discurso que se guia por determinados princípios como o de *autenticidade* (averiguar e checar a veracidade da informação), o de *plurifonia* (dar a palavra a um conjunto de pessoas, especialistas, testemunhas, jornalistas, etc.) e o princípio do *saber* (categorizar o conteúdo).

Soulages (1999) propõe então o que ele irá denominar como *imaginário de sedução*, que seria composto por um conjunto de recursos e procedimentos que as mídias (no caso a mídia televisiva) operam em busca de atrair e cativar um público sempre maior que deve ser conquistado de modo contínuo. Segundo o autor, esta visada de captação se estabelece a partir da mobilização:

[...] de elementos sintáticos e de figuras retóricas ligadas à encenação do espaço do estúdio que podem aparecer tanto na escolha da imagem como no agenciamento e na segmentação dos enunciados fílmicos; [...] mobilizando os modos de organização discursivo e enunciativo, propondo diversas formas de implicação do sujeito destinatário. (SOULAGES, 1999, p. 141).⁴²

De acordo com esta proposição e com o que o autor afirma em páginas precedentes (1999, p. 133-148), esses procedimentos estariam relacionados a aspetos da cenografia telejornalística, com a sua organização visual e referencial, seus processos de paginação dos telejornais e seus domínios referenciais e tematizados (como a divisão em seções e rubricas), seu espaço agregativo e fragmentado, bem como suas formas de implicação do público por meio de determinadas estratégias de contato, que se baseiam em um saber compartilhado, além das implicações afetivas e empáticas produzidas pela dramatização narrativa.

Percebe-se que para o supracitado autor, os *imaginários de sedução* considerados na perspectiva da organização do discurso de informação possuem uma visada que procura centrar-se nos mecanismos de captação do público, fazendo “sentir” nas pessoas,

⁴² Tradução nossa de: « [...] des éléments syntaxiques et des figures rhétoriques rattachées à la mise en scène de l'espace studio qui vont de l'habillage de l'image à l'agencement et à la segmentation des énoncés filmiques ; [...] en mobilisant des modes d'organisation discursive et énonciative, propose diverses formes d'implication du sujet destinataire. » (SOULAGES, 1999, p. 141).

consolidando seus hábitos de consumo, utilizados na busca pelo aumento dos índices de audiência.

A reflexão sobre a questão que concerne aos *imaginários de sedução* leva à possibilidade de se pensar quais seriam as representações mais recorrentes que constituiriam este campo de imaginários? E também: quais seriam e como se organizariam os imaginários de sedução? E quais as relações que se estabelecem entre suas formas/figuras?

Para responder a essas questões é preciso que obtenhamos antes respostas para outra: o que atrai? O que despertaria o interesse do olhar humano? Ou seja, observar os valores correspondentes a uma série de representações sociais que permeiam o universo dos saberes e das relações humanas, que fazem referência ao universo da sedução e que se apresentam no discurso político por meio de ideias e figuras diversas, como foi possível constatar a partir das análises realizadas sobre nosso objeto de estudo. Citemos algumas delas: o *carisma* (empatia/simpatia); a *beleza*; a *performance* (física/intelectual/linguística); o *apelo* (sexual/dramatizante); a *riqueza* (o *dinheiro*); a *vitória*; a *conquista*; a *força* (o *combate/a luta*); a *felicidade* (*alegria*); o *progresso*; o *poder* (político/econômico/militar/intelectual); a *fama*⁴³; o *sucesso*, dentre tantas outras representações que compõem os imaginários de sedução.

Mas o que seria afinal de contas o *imaginário de sedução* e quais as características das representações e das figuras que a ele corresponderiam no discurso político? Questões difíceis de serem respondidas, pois além de se apresentar por meio de um vasto conjunto de figuras, seria necessário também considerar os aspectos subjetivo e cultural que o constituem. Optamos por centrar o interesse sobre uma faceta que consideramos ser relevante no que tange às representações vigentes na sociedade contemporânea sobre a sedução: o imaginário do *sucesso*.

⁴³ Apesar de estarem associados, o *sucesso* diferencia-se da *fama*, por ser mais abrangente do ponto de vista sócio-profissional. A fama se mostra, a nosso ver, com mais ênfase no universo do *show business*, no mundo das celebridades e corresponde a uma consequência do sucesso alcançado em uma empreitada, digamos, artística, refletida principalmente no campo midiático. A fama, como o sucesso, seria um imaginário de sedução. Ela pode ser positiva (brilho, estrelato) ou negativa (má fama), enquanto o sucesso só pode ser compreendido em seu aspecto positivo (caso contrário seria o fracasso).

2.8.1 - O imaginário do sucesso e suas representações no discurso político

Em nosso entendimento, tal imaginário seria composto por diversas formas e figuras que corresponderiam aos valores que fundamentam as representações produzidas sobre o “sucesso” na maioria das sociedades contemporâneas. Aliás, este imaginário ocupa um lugar central no discurso propagandístico, uma vez que este busca sempre incitar o desejo no outro (indivíduo ou grupo), por meio de um discurso cuja finalidade está em *fazer crer* nos benefícios do objeto ou do ideal propostos.

De todo modo, o imaginário do *sucesso* pode ser observado pela presença recorrente no discurso midiático, principalmente nos gêneros publicitário e corporativo, nos quais a representação do sucesso constitui a essência de suas mensagens. O *sucesso* é evocado também no discurso do tecnologismo, com a ideia de progresso associada ao domínio da tecnologia, ou aparecer ainda em outros gêneros de discursos, como no caso da internet, que parece dar àqueles que as utiliza (ou fornecem esta ilusão) a sensação de domínio e controle absoluto das informações, do espaço e do tempo.

Conforme temos observado, o imaginário do *sucesso* também se faz presente no discurso político, ainda que com características próprias, fazendo-se necessário operar algumas investigações com a finalidade de observar as possíveis implicações do imaginário do *sucesso* no discurso político. O “sucesso” no campo político também está ligado a um resultado positivo de uma ação ou empreitada que é reconhecida, ou que se faz reconhecer. No discurso político o sucesso é geralmente representado por uma série de figuras portadoras de valores reconhecidos pela comunidade em questão, como o “progresso” (o “avanço”), a “luta” (o “combate”), o “trabalho”, o “esforço” (a “dedicação”), a “coragem”, a “superação”, a “vitória”, a “conquista”, o “saber” (domínio do conhecimento / experiência), o “êxito” (a “eficiência”), o “reconhecimento”, o “mérito”, a “ascensão social”, as “relações sociais”, a “fé”.

Essas e outras diversas figuras⁴⁴ que compõem a representação social relativas ao “sucesso” podem ser observadas de modo recorrente no discurso político de modo geral, esteja em situação de campanha eleitoral ou de exercício do poder, características estas

⁴⁴ A expressão “figura” é utilizada aqui para designar as representações ou as imagens cuja força semântica corresponde a determinados valores de uma sociedade e que são evocados, no caso em questão, pelo discurso político. As figuras que correspondem ao imaginário do sucesso podem ser classificadas como “axiológicos positivos”, uma vez que procuram agregar determinados valores que parecem dar ao sujeito certas vantagens e benefícios.

que vem sendo constatadas e confirmadas por dados extraídos de nosso *corpus* de análise, conforme mostram os exemplos apresentados a seguir.

2.8.1.1 - O progresso e o avanço:

A figura do *progresso* e, também sua correlata a figura do *avanço*, exaltam ambas os resultados que foram alcançados, ou os benefícios conquistados, procurando mostrar a situação atual como mais adequada e coerente, consequência da proposição de um projeto político e de um trabalho planejado e executado com sucesso. No discurso político essas representações sobre o progresso e o avanço podem ocorrer na forma de uma promessa para o futuro, lugar em que a sociedade ideal apresenta-se como possibilidade. Estas figuras podem ser observadas em trechos como:

E vou reorganizar o estado. Eu acho que, em dois anos, nós teremos Minas reequilibrada, mas quem governar um estado na dimensão de Minas pensando no passo seguinte, no degrau seguinte, vai parar nesse primeiro. E eu não penso mesmo. Eu vou governar Minas, eu não penso mesmo, quero olhar para trás e dizer: O que foi possível ser feito, nós fizemos. E Minas volta a crescer, volta a ser um estado politicamente influente, enfim, condutor de políticas públicas importantes. (Aécio Neves - Entrevista - 27/01/2003 - DVD/Entrevistas).

A mesma figura do progresso, pela referência à ideia de desenvolvimento industrial como estratégia para gerar crescimento econômico, também pode ser observada nesta fala de Lula:

Mas eu tenho que pensar em pátria, em acumulação de riqueza, fuga de capitais. Eu tenho que pensar nisso. Porque eu quero que o Brasil se transforme num país que tenha as indústrias modernas e ricas e que possam competir em termos de capital internacional. (Luís Inácio Lula da Silva - Entrevista - 18/03/1991 - DVD/Entrevistas).

Percebe-se na fala de Marina Silva apresentada a seguir referência ao “progresso” por meio da transmissão da ideia de que houve certo avanço da conscientização ambiental, alcançado nas últimas décadas:

Mas o importante é que existe uma consciência. O que se avançou, de 92 para cá, com estruturas multilaterais, no âmbito dos Estados nacionais. Se você verificar o que se criou hoje, em termos de organização [...] (Marina Silva - Entrevista - 13/03/2006 - Trecho 2 - pg. 183).

No trecho de fala abaixo também pode ser notada a alusão aos valores do progresso, representado pelos benefícios supostamente gerados pelos avanços e pelos desenvolvimentos que, segundo Fernando Henrique Cardoso, foram alcançados em diversos setores da atividade social, por meio de ações executadas em seu governo:

Quer dizer, você hoje tem telefonia para todo o lado, você pode ter Internet, você tem a rede ferroviária toda privatizada e avançando, você acabou com a questão dos portos, as tragédias que havia. O preço muito alto do Brasil. Caiu o preço. Enfim, você fez uma porção de coisas. Ah! A Petrobrás está produzindo o dobro do que produzia com competição! (Fernando Henrique Cardoso - Entrevista - 30/12/2002 - DVD/Entrevistas).

O progresso constitui, portanto, uma tópica importante no discurso político, pois neste espaço central da sociedade, lugar onde se tomam as decisões que determinam os rumos e o destino de uma nação e de um povo, só seria possível caber a ideia de prosperidade, de contínuo avanço rumo à sociedade ideal.

2.8.1.2 - A superação

A figura da *superação*, ou seja, enfatizar que uma época não muito favorável já faz parte de um passado é uma forma de representação que no discurso político remete ao sucesso por evocar quase sempre a ideia de uma força vital, ou mesmo moral, que o sujeito, e também uma sociedade, executam com a finalidade de transpor determinados obstáculos que ora se apresentam. A referência à superação pode ser percebida na fala de Lula, quando diz:

Aliás, eu aprendi a me contentar com muitas coisas. Eu aprendi a chorar menos e fazer o seguinte... eu vou batalhar... (Luís Inácio Lula da Silva - Entrevista - 26/08/1995 - DVD/Entrevistas).

A superação transparece em Marina Silva quando ela relata sua trajetória de vida e as dificuldades enfrentadas e superadas para conquistar seu espaço e reconhecimento público, conforme mostra o segmento:

É, eu sou um exemplo. Mas eu acho que eu contei com a minha determinação e com pessoas que me ajudaram, não é? Então, entram esses componentes aí. Porque, às vezes, eu tenho medo de que um

exemplo muito bom... Porque é bom que a juventude, a sociedade tenha como referencial a vontade, certo? O desejo de querer saber, de estudar, batalhar. No entanto, a gente não pode achar que aqueles que não conseguiram são porque não se esforçaram o suficiente. Eu tenho oito irmãos e eu acho que eles gostariam muito de ter estudado também mas, infelizmente, era impossível lá no seringal. Depois, passou o tempo e não era mais possível. Eu fui a exceção. (Marina Silva - Entrevista - 19/11/1994 - DVD/Entrevistas).

Percebe-se como a ideia de superação é evocada nesta fala de Marina Silva como meio de agregar certos qualificativos a sua pessoa, procurando projetar a imagem de portadora de uma capacidade de resistência aos problemas e às dificuldades que a vida pode apresentar, e que por meio da força de vontade e da persistência foi possível transpor e alcançar uma situação melhor.

2.8.1.3 - A vitória

As representações que geralmente são construídas a respeito da *vitória* fazem referência a valores ligados ao sucesso, na medida em que promovem determinadas ideias como a da “conquista”, a do “êxito” e a do “triumfo”, figuras que se apresentam de modo recorrente no discurso político e que constituem um ambiente semântico gerador de sentidos que remetem a uma ação humana bem sucedida, seja no campo das competições esportivas, disputas em geral ou, até mesmo, nas guerras.

A figura da vitória e suas correlatas podem ser observadas na fala de alguns dos políticos analisados, como em Aécio Neves, conforme é possível notar a seguir:

Eu venci essas últimas eleições, com nove candidatos, Markun, no primeiro turno, com cerca de 60% dos votos, solteiro. (Aécio Neves - Entrevista - 18/04/2005 - DVD/Entrevistas).

[...] porque venci em uma eleição democrata onde os parlamentares escolheram seus candidatos, disputei com parlamentares de grande expressão, disputei de um lado com o PFL⁴⁵, de outro lado com PT⁴⁶, que tem candidatura própria, além de dois outros candidatos (Aécio Neves - Entrevista - 26/03/2001 - Trecho 1 - DVD/Análises⁴⁷).

⁴⁵ PFL: Partido da Frente Liberal.

⁴⁶ PT: Partido dos Trabalhadores.

⁴⁷ As falas citadas como exemplos podem ser acessadas no DVD anexo, na pasta “Análises”, que correspondem aos trechos analisados (Trecho 1, ou Trecho 2) das entrevistas com os sujeitos políticos considerados pela pesquisa. Em razão do extenso volume de páginas, foram inseridas no corpo do texto uma entrevista (com dois trechos analisados) de cada político, as demais encontram-se no DVD/Análises.

Nesse trecho da fala de Lula também é possível perceber algumas referências às suas vitórias e conquistas em disputas políticas:

A última vez que eu disputei uma eleição no sindicato, o alemãozinho, que é da CGT, da Força Sindical, disputou comigo. Então, nós demos uma sala para ele lá no sindicato; nós também demos o mesmo arquivo do sindicato, a mesma quantidade de fichas que nós tínhamos ele tinha, a possibilidade de se comunicar era a mesma; nós demos um mesário para cada um. Então, a diferença foi que eu tive 92% dos votos. Na minha média, eu disputei três eleições no sindicato, com oposição ou sem oposição, a que eu tive menos voto foi 92%. Eu tive 92%, 96% e 98% dos votos da categoria. (Luís Inácio Lula da Silva - Entrevista - 18/03/1991 - DVD/Entrevistas).

Essas representações realizadas em torno de valores relacionados à vitória⁴⁸ constituem uma faceta importante do imaginário do sucesso e se mostram de modo recorrente na organização do discurso político contemporâneo.⁴⁹

2.8.1.4 - O trabalho, o esforço e a dedicação

Os saberes elaborados sobre os valores ligados ao *trabalho*⁵⁰, normalmente dizem respeito a uma série de atividades realizadas pelo sujeito que pressupõe algumas ideias relacionadas com o “esforço”, que corresponde por sua vez a uma forma de ação enérgica do corpo ou do espírito em função da realização de um objetivo. Outra figura correlata ao trabalho seria a “dedicação”, que pode ser entendida como uma atitude de empenho e responsabilidade para com o trabalho, ou para com o outro. Estas figuras também remetem ao imaginário do sucesso, uma vez que são portadoras de sentidos que fazem referência à conquista dos objetivos.

Nos excertos seguintes nota-se a recorrente referência que um dos políticos de nosso *corpus* faz às ideias de trabalho e de esforço:

⁴⁸ A figura da “vitória”, e suas correlatas, correspondem a um imaginário social que possivelmente tem sua origem na deusa *Vitória*, que na mitologia grega é conhecida também pelo nome de *Nike*. Este mito parece constituir o fundamento, ou o núcleo irradiador, do imaginário do sucesso na sociedade, sobretudo contemporânea.

⁴⁹ Não só no discurso político, como em outros discursos sociais; principalmente nos discursos propagandísticos, conforme discutido acima.

⁵⁰ Etimologicamente a palavra “trabalho” significa tortura (latim: *tripalium*, instrumento de tortura formado por três paus). Na definição bíblica, “trabalho” é considerado castigo divino.

Como alguém chegou? Foi com 12, 13 comícios por dia, viajando por este país com avião de carreira em 90% da campanha. (Luís Inácio Lula da Silva - Entrevista - 18/03/1991 - DVD/Entrevistas).

Neste trecho Lula procura passar a ideia da validade de que é necessário se esforçar para conseguir superar as dificuldades em prol de um objetivo maior. Estas figuras do trabalho e do esforço mostram-se de modo recorrente na fala de Lula, conforme se nota a seguir:

É por isso que a gente - com apenas 17 deputados - teve uma participação Constituinte que parecia que nós tínhamos duzentos deputados. (Luís Inácio Lula da Silva - Entrevista - 18/3/1991 - DVD/Entrevistas).

No caso de Marina Silva, as figuras do trabalho e do esforço, podem ser observadas em alguns momentos como revelam os trechos a seguir:

[...] eu, para conversar com cinquenta seringueiros, eu tenho que andar quatro horas de barco, duas horas de avião e mais tantas outras a pé. Então, não é tão fácil assim como as pessoas pensam. (Marina Silva - Entrevista - 19/11/1994 - DVD/Entrevistas).

De sorte que nós temos que trabalhar, e trabalhar muito rapidamente. E esse trabalho é de conservação, mas é também de uso sustentável da biodiversidade. (Marina Silva - Entrevista - 13/03/2006 - DVD/Entrevistas).

As figuras do trabalho e do esforço também se fazem presentes na fala de Aécio Neves, como é possível observar nestes seus ditos:

[...] e que eu farei a força que puder fazer, para mostrar ao país que a Câmara dos Deputados continua trabalhando e vai trabalhar naquilo que é essencial. (Aécio Neves - Entrevista - 26/03/2001 - DVD/Entrevistas).

[...] lá atrás como líder do PSDB, eu fiz vários esforços em vários momentos para colocá-la em votação, porque eu acho que ela tem um reflexo, e não é apenas para escamotear ou para, enfim, desviar as atenções. (Aécio Neves - Entrevista - 26/03/2001 - DVD/Entrevistas).

Aécio Neves procura assim agregar certos valores a sua pessoa pela evocação destas figuras, principalmente a do esforço buscando promover a imagem de político trabalhador e dedicado à vida pública e ao trabalho parlamentar, que não mediria esforços para dar sua contribuição.

O trabalho implicaria, portanto, a ação das forças e das faculdades humanas para alcançar determinado fim. Ele possibilitaria ao homem a concretização de seus sonhos, uma vez que somente por meio do esforço e da dedicação seria possível atingir as metas e os objetivos de vida. Ao evocar o trabalho como princípio fundador de seus ideais, o político tem a possibilidade de demonstrar suas ideias, suas ações, suas iniciativas, suas habilidades, portanto sua competência.

2.8.1.5 - A luta, o combate e a força

As representações dos valores sobre a *luta* implicam uma série de saberes que produzem determinados sentidos que vão desde a ideia de esforço realizado entre pessoas, facções ou povos para vencer uns aos outros, como também a ideia de ação de duas forças que agem em sentido contrário. A luta pode ser entendida também no sentido de um trabalho a ser executado no campo político, mostrando uma determinação para a realização das ações políticas; e também no sentido de combate das desigualdades e da mazelas que afligem os cidadãos, providenciando medidas e ações para eliminar um problema.

No discurso político, a luta pressupõe algumas representações que lhe são correlatas, como a figura do combate e também, em algumas ocasiões, a figura da força, sendo esta relacionada ao poder e à energia produzida no momento de luta, que possibilitaria executar determinada ação. Um dos políticos de nosso *corpus*, ao afirmar em diversos momentos:

Eu acho que a democracia melhorou, até porque eu lutei muito para conquistar essa democracia. (Luís Inácio Lula da Silva - Entrevista - 26/08/1995 - DVD/Entrevistas).

É por isso que eu, de vez em quando, fico alegre, porque eu acho que a luta que nós participamos junto com outros dentro da sociedade, na verdade, conseguiu dar ao Brasil, depois de tantos anos, uma cara de democracia. (Luís Inácio Lula da Silva - Entrevista - 26/08/1995 - DVD/Entrevistas).

fundamenta seu discurso no imaginário do sucesso por meio de figuras como o combate e a luta, quando procura explicitar seu papel decisivo e importante na conquista de um resultado positivo almejado.

A figura da luta também se faz presente na fala de outra personalidade política, agora como forma de demonstrar um engajamento em função de causas consideradas fundamentais em seu projeto político, conforme pode ser percebido no trecho enunciado por Marina Silva:

A gente conviveu durante oito anos no Senado e enfrentamos grandes batalhas juntos, e ainda estamos enfrentando aí pela vida. (Marina Silva - Entrevista - 13/03/2006 - DVD/Entrevistas).

Na verdade, há 16 anos eu estou nessa luta, não é. [...]. (Marina Silva - Entrevista - 19/11/1994 - Trecho 1 - DVD/Análises).

O político Lula, por sua vez, evoca em diversos momentos representações referentes ao imaginário do combate, pela ideia de enfrentamento que sua fala parece procurar transmitir, o que pode ser interpretado como uma forma de incorporação de um *ethos de potência*:

Ora, meu Deus do céu, quem neste país, desde 1969, tem brigado mais para reduzir a inflação do que eu? (Luís Inácio Lula da Silva: Entrevista - 22/07/1994 - DVD/Entrevistas).

Essas representações que giram em torno da noção de luta e de combate carregam determinados valores que também participam da constituição do imaginário do sucesso. Estas figuras se mostram recorrentes no discurso político de modo geral, sobretudo em situação de campanha eleitoral, o que parece indicar a intenção de construir para si uma imagem de potência e de líder capaz de enfrentar, com força e coragem, os problemas e as adversidades que afligem a sociedade, cujo projeto apresenta-se como o único capaz de promover o progresso social.

2.8.1.6 - A coragem

Os valores referentes às representações elaboradas em torno da ideia de *coragem* podem apresentar-se de formas diversas, como por meio da demonstração de bravura diante dos riscos ou do perigo eminente; também a ideia de confiança ou força espiritual que confere ao portador a crença na possibilidade de ultrapassar uma circunstância difícil e adversa; ou ainda a perseverança e determinação para enfrentar uma situação complexa do ponto de vista moral. No discurso político, a coragem representa a característica da

pessoa que pode ser considerada nobre de caráter, que possui certa firmeza de espírito⁵¹ e que demonstra vontade de fazer e de realizar o projeto proposto.

A representação dos valores ligados à coragem pode ser notada em diversos segmentos do *corpus* analisado, como nas falas de Fernando Henrique Cardoso que buscam evidenciar algumas atitudes tomadas em sua atuação política com a finalidade de demonstrar-se possuidor de um caráter sólido, que segue com firmeza seus propósitos e suas convicções:

[...] Nunca o Brasil protestou tanto na Organização Mundial do Comércio como no meu governo. Tomamos uma posição bastante firme nessas matérias internacionais. (Fernando Henrique Cardoso - Entrevista - 30/12/2002 - DVD/Entrevistas).

A referência aos valores da coragem também podem ser notadas em Marina Silva:

Eu sempre tive uma atuação muito forte, trabalhei durante muito tempo junto com o Chico Mendes, participei de vários empates com ele. Em alguns deles, eu tinha que ficar seis, sete, oito, nove dias no mato, mas até hoje eu não recebi nenhum tipo de ameaça com relação a isso. É claro que você tem que ter sempre um receio com relação a algumas práticas de violência. Mas você não pode calar a sua voz diante da ameaça de determinadas pessoas. (Marina Silva - Entrevista - 19/11/1994 - DVD/Entrevistas).

A figura da *coragem*, conforme mostram os ditos acima, é evocada tanto por Fernando Henrique Cardoso quanto por Marina Silva com a finalidade de promover a ideia da capacidade no enfrentamento político de sobrepor-se às dificuldades sem enfraquecer-se diante dos desafios, podendo revelar ainda a ideia de possuidor de uma firmeza moral, de sujeito político coerente que não se deixa ceder à demagogia e não se cala diante das ameaças.

2.8.1.7 - O saber e a competência

As representações ligadas ao *saber* buscam geralmente evocar a ideia de posse e domínio do conhecimento e das habilidades técnicas e relacionais necessárias ao político, que por sua vez procura apresentar-se como portador de tais capacidades. A figura do saber também pressupõe a ideia de “eficiência”, representação esta muito recorrente no

⁵¹ A *coragem*, como veremos, é uma figura do *ethos de caráter*, conforme Charaudeau (2006, p. 139) propõe.

discurso político contemporâneo, sendo demonstrada geralmente pelo êxito nos resultados alcançados. Assim, o saber pode ser evidenciado por meio da demonstração tanto de conhecimento dos processos e meios necessários à execução de determinada ação, quanto de habilidade na condução das medidas adotadas e na experiência adquirida pelo exercício da atividade, competências estas que podem levá-lo a obter sucesso na empreitada política. Os excertos abaixo parecem evocar estas representações:

Nós fizemos em Minas o contrário do que foi feito no plano nacional. Em Minas tínhamos 22 secretarias de estado, hoje temos apenas quinze e com poderes e ações bem definidas e delimitadas. (Aécio Neves - Entrevista - 27/01/2003 - DVD/Entrevistas).

[...] eu vou conseguir, no caso de Minas Gerais que apresenta um déficit previsto para este ano de 2,4 bilhões de reais, por mais que eu faça, como estou fazendo, um esforço de enxugamento da máquina, de organização da máquina pública, de cortes de despesas, só no momento em que nós ganharmos receita, vamos equilibrar esse rombo... (Aécio Neves - Entrevista - 27/01/2003 - DVD/Entrevistas).

Nas falas acima do sujeito político Aécio Neves, nota-se que a representação do saber é demonstrada de forma a projetar a ideia de domínio do conhecimento técnico referente aos meandros da administração e gestão públicas.

O saber seria, portanto, a caução da competência, pois ao pressupor o domínio do conhecimento seja ele de ordem técnica, teórica e mesmo da experiência, o político que diz possuir estes pré-requisitos procura garantir sua legitimidade, seja no pleito ou no exercício do poder, ao mesmo tempo em que busca agregar a sua pessoa valores que promovam a credibilidade.

2.8.1.8 - O reconhecimento e o mérito

A figura do *reconhecimento*, que pode estar associada à ideia de *mérito*, diz respeito a uma expectativa de recompensa gerada pelo empenho colocado pelo sujeito em relação a um determinado projeto ou objetivo. Ela pode ser notada na fala política nos momentos em que há o intuito do sujeito político de evidenciar que o trabalho executado por ele obteve êxito e foi, ou deveria ser reconhecido pelos cidadãos.

As representações sobre o reconhecimento podem ser observadas na fala de Lula, como mostra o trecho:

Olha, eu outro dia estava num debate no movimento sindical e eu fui aplaudido de pé no congresso da CUT realizado em São Paulo quando eu disse que, necessariamente, a estabilidade não teria que estar na Constituição. (Luís Inácio Lula da Silva - Entrevista - 26/08/1995 - DVD/Entrevistas).

Referências ao reconhecimento e ao mérito podem ser percebidas também nesta fala de Fernando Henrique Cardoso:

Não por acaso eu ganhei um prêmio das Nações Unidas [...] Isso, hoje, é visto universalmente como uma coisa positiva. (Fernando Henrique Cardoso - Entrevista - Entrevista - 30/12/2002 - Trecho 1 - pg. 163).

Com esses ditos mostrados acima, percebe-se que a evocação das figuras do reconhecimento e do mérito parece indicar uma tentativa de justificação das ações executadas na condução política, que se manifesta sob a forma de uma valorização positiva pelo êxito da obra realizada, que deveria ter seu sucesso reconhecido; o que acaba por se configurar, muitas vezes, sob a forma de um auto-elogio.

2.8.1.9 - Outras figuras do imaginário do sucesso

Existem ainda outras figuras que podem ser consideradas enquanto formas que corresponderiam ao imaginário do sucesso, mas que no caso dos relatos analisados nesta pesquisa apresentaram baixo índice de ocorrência. A figura da *fé*, apesar de pouco frequente no discurso dos sujeitos políticos aqui observados, pode ser percebida na fala de Lula, conforme é possível notar nos trechos seguintes:

Deus queira que seja assim, porque eu não tenho aptidão para ser ditador, para ditar regras para a sociedade. (Luís Inácio Lula da Silva - Entrevista - 28/11/1988 - DVD/Entrevistas).

Eu acho que Deus já foi generoso comigo ao extremo de permitir que houvesse uma alternância de poder, que coubesse a um presidente da República. (Luís Inácio Lula da Silva - Entrevista - 16/10/2006 - Trecho 2 - pg. 175).

De modo geral, considerando a fala de Lula em âmbitos diversos, seja nas entrevistas concedidas à mídia como também em pronunciamentos públicos, o que se pode observar, como diz Machado (2010, p. 13), é que a referência a Deus é uma característica recorrente no discurso de Lula.

Existem ainda algumas representações que fazem referência a ideia de *ascensão social*, figura esta que costuma ocorrer de modo ocasional, não constituindo uma representação muito recorrente na fala política.

Do mesmo modo, a figura que representa as *relações sociais*, que também corresponderia ao imaginário do sucesso, não se mostra muito presente na fala política, mas que eventualmente pode ser evocada, como parece ser o caso desta fala:

Eu fui à Rússia em abril do ano passado juntamente com alguns sociólogos e economistas, o Alain Touraine, Manuel Castells e dois economistas americanos. E fomos lá, era Yeltsin, era o Gaidar, e passamos três ou quatro dias fechados lá naquelas casas que tem em Moscou, antigas *datchas* dos notáveis de lá. E eles queriam que nós fizéssemos uma apreciação sobre a situação russa. (Fernando Henrique Cardoso - Entrevista - 12/04/1993 - DVD/Entrevistas).

Como é possível perceber, estes valores e imagens circulam no espaço público, sobretudo por meio do discurso político e de sua ampla difusão que é proporcionada pelas diversas mídias, constituindo o que poderia ser considerado como um imaginário do “sucesso”, isto é, um conjunto de figuras compostas por diversas representações que um determinado grupo social elabora em relação à ideia de sucesso.

2.8.2 - Considerações sobre a análise do imaginário do sucesso

Um estudo que tenha por base a análise e observação dos imaginários dentro da corrente teórica que é seguida nesta tese requer que se compreenda a natureza verossímil destes imaginários, que por sua vez não devem ser colocados em uma mera relação entre verdadeiro ou falso. O imaginário caracteriza-se pela proposição de determinados modos de entendimento a respeito do mundo e de seus objetos, dos homens e de seus comportamentos.

Como temos visto, o estudo dos imaginários coloca uma série de desafios ao analista, dada à complexidade de sua constituição. Assim, se faz necessário considerar alguns aspectos das representações sociais e dos saberes que elas produzem, já que tais saberes dependem de uma série de fatores, sobretudo se levarmos em conta o domínio de prática social no qual se inscrevem os imaginários e os valores do grupo em questão. Segundo Charaudeau:

Assim o imaginário do “sucesso” não será concebido do mesmo modo em diferentes domínios da vida social: prática política, educativa ou econômica; este imaginário será entrecortado por diversas experiências [...], ele será alimentado pelos tópicos do progresso ou do poder e receberá sentidos axiológicos diferentes segundo a predominância de um domínio de julgamento ético, estético ou hedônico. (CHARAUDEAU, 2007, p. 8).⁵²

Aqui, procuramos observar e analisar o *imaginário do sucesso* a partir de sua manifestação no domínio político, espaço em que os atores da cena política produzem seus discursos com base em valores relacionados ao *progresso* e ao *poder* e colocam suas falas para circular no espaço público, isto com a finalidade de corresponder a determinadas expectativas da instância cidadã, para assim almejar captar o eleitor e fazê-lo aderir a seu projeto de sociedade.

O que tem sido possível constatar é que o imaginário do sucesso parece central também no gênero *narrativa de vida*, uma vez que é recorrendo a este procedimento que o sujeito, no caso o ator político, fundamenta o processo de elaboração da imagem de si ao mesmo tempo em que projeta uma imagem pública de sucesso. Enquanto ator do campo político, ele constrói uma identidade capaz de realizar o projeto de sociedade que propõe. Conforme diz Machado (2012, p.81): “A narrativa de vida pode realmente ser considerada como uma *estratégia argumentativa*, da qual, na sociedade atual, poucos de nós conseguimos escapar”, argumentação esta que no discurso político mostra-se, sobretudo persuasiva, pelas características que vimos acima.

Tendo como ponto de partida a organização que os saberes adquire no discurso político pode ser possível identificar os imaginários sociodiscursivos que fundamentam os projetos de fala dos sujeitos políticos, cujos discursos compõem nosso *corpus* de análise. Projetos estes que servem de base para a elaboração de determinada imagem de si (*ethos*), isto é, sua imagem pública, ou ainda, sua identidade política. É sobre essa questão que versará o próximo capítulo.

⁵² Tradução nossa de: « Ainsi l’imaginaire de « la réussite » ne sera pas conçu de la même façon dans un domaine de pratique politique, éducatif ou économique, il croisera des expériences de vie de la langue ou du travail, il sera alimenté par des topiques du progrès ou du pouvoir et axiologisé différemment selon un domaine de jugement éthique, esthétique ou hédonique. » (CHARAUDEAU, 2007, p. 8).

CAPÍTULO 3 - OS DIFERENTES *ETHÉ* DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO

Neste capítulo serão discutidos alguns aspectos relacionados com as imagens que são evocadas pelos discursos dos sujeitos políticos alvos de nosso estudo. Após rápida passagem por alguns conceitos da retórica aristotélica procuramos realizar uma discussão sobre a retomada do tema no campo das Ciências da Linguagem, para tentar entender suas possíveis implicações, sobretudo na Análise do Discurso e na Semiologia. Em seguida, veremos algumas formas de *ethos* que são incorporados pelos sujeitos políticos, apresentadas por Charaudeau em sua obra sobre o discurso político (2005; 2006), procurando exemplificar essas tentativas de evocação de determinadas imagens de si⁵³ a partir de falas extraídas de nosso *corpus* de análise.

No âmbito da retórica aristotélica é sabido que o *ethos* juntamente com o *logos* e o *pathos* constituem as três provas lógicas que são engendradas pelo discurso. Inerentes a todo processo argumentativo, essas *peças de convicção* se articulariam dentro do mecanismo de persuasão para produzir acordos e convencer o auditório. Diferentemente dos retóricos de sua época, Aristóteles considerava o *ethos* como a peça mais importante entre todas, uma vez que contribuía de modo efetivo para a consolidação do processo persuasivo. Para este pensador o *ethos* seria uma manifestação interna ao discurso e dependeria, portanto, da capacidade do orador de mostrar determinadas qualidades para poder inspirar confiança. Qualidades estas denominadas por Aristóteles como *phrónesis*, que seria a capacidade de ter “ar ponderado”, “prudência” e “sabedoria prática”, relacionada com a esfera da razão, portanto ao *logos*. Também a *areté*, entendida como a capacidade de apresentar-se como homem honesto e sincero, procurando mostrar suas virtudes, que corresponderia ao *ethos*. No que se refere à *eúnoia*, o orador deveria apresentar uma imagem agradável de si, mostrar que é “benevolente” e “solidário”, qualidade esta ligada ao *pathos*, (EGGS, 2008, p. 29-56.).

Com a retomada do interesse pelos estudos sobre a retórica e a argumentação, no que concerne aos campos da Análise do Discurso⁵⁴ e das Ciências da Linguagem, coloca-se novamente a questão se o *ethos* diz respeito a uma imagem pré-construída (*ethos*

⁵³ Aqui será adotada tanto a terminologia “*ethos*” quanto “imagem de si” para designar a mesma ideia, ou seja, ambas as expressões referem-se à imagem que o orador constrói de si, no discurso, tendo em vista as expectativas que seu interlocutor possui sobre sua pessoa.

⁵⁴ Como nos lembrou MACHADO, em conferência recente (SEDIAR 2014), desde o início da concepção de sua Teoria Semiológica, em 1977/1983, o linguista Patrick Charaudeau fez questão de inserir tanto a Retórica quanto a Argumentação em sua perspectiva.

prévio) ou seria uma manifestação própria ao ato de enunciação. De um lado, temos uma concepção que compreende o *ethos* enquanto um dado preexistente ao discurso, isto é, constituído através de um valor institucional agregado ao orador, que por sua vez legitimaria ou não o direito à palavra e que seria responsável pela elaboração de uma representação simbólica em relação à imagem do orador. Essa ideia, aliás, é defendida por alguns retóricos da Idade Clássica e mais recentemente pela Sociologia. De outro lado, existe uma *concepção discursiva*, apoiada nas ideias de Aristóteles sobre a retórica, que inscreve o *ethos* no ato de enunciação, perspectiva esta adotada (com as devidas modificações e adaptações), inicialmente, nos estudos semântico-pragmáticos de Ducrot (1984) e, em seguida, na Análise do Discurso de Maingueneau (2002; 2008).

O estereótipo, do qual nos fala Amossy (2008), possuiria então um papel essencial no estabelecimento do *ethos*, uma vez que possibilitaria a incorporação⁵⁵ da identidade do enunciador num “verdadeiro jogo especular”. Diz Amossy (2008, p. 125): “A estereotipagem, lembremos é uma operação que consiste em pensar o real através de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado”. Já Maingueneau afirma o seguinte sobre a constituição do *ethos*:

Na perspectiva da análise do discurso, não podemos, pois, contentar-nos, com a retórica tradicional, em fazer do *ethos* um meio de persuasão: ele é parte constitutiva da cena de enunciação, com o mesmo estatuto que o vocabulário ou os modos de difusão que o enunciado implica por seu modo de existência (MAINGUENEAU, 2008, p. 75).

Para o supracitado autor, o *ethos* colocado em jogo nos diversos gêneros discursivos que permeiam a interação humana é uma manifestação de uma dimensão vocal, uma fonte enunciativa que ganha corpo na cena de enunciação: “[...] uma instância subjetiva encarnada que exerce o papel de *fiador*” (*ib.*). Seria esse outro elemento evocado pela enunciação, que emerge na cena e garante a efetivação do processo persuasivo de interação com o co-enunciador. Amossy, por sua vez, afirma:

O *ethos* dos pragmáticos, na linha de Aristóteles, constrói-se na interação verbal e é puramente interno ao discurso, enquanto o dos sociólogos se inscreve em uma troca simbólica regrada por mecanismos e por posições institucionais exteriores. (AMOSSY, 2008, p. 22).

⁵⁵ De acordo com Maingueneau (2008, p. 72) *incorporação* designa a maneira pela qual o co-enunciador se relaciona ao *ethos* de um discurso.

A referida autora propõe, então, considerar que ambas as abordagens possam ser complementares, possibilitando conceber o *ethos* a partir de uma dupla perspectiva *interacional e institucional*.

Desse modo, torna-se possível compreender que o *ethos* está ligado ao exercício da palavra por aquele que detém essa legitimidade. Ele é ao mesmo tempo próprio ao sujeito comunicante, integrado à sua história, mas também se manifesta no momento em que ocorre o ato de linguagem, isto é, pela ação discursiva e seus mecanismos de persuasão. O *ethos* é assim o resultado dessa dupla identidade, do ser social e empírico e do ser de palavra, aquele do ato de enunciação propriamente dito.

Com o intuito de explorar a problemática sobre a constituição do *ethos*, Charaudeau (2006) retoma a questão da identidade do sujeito falante, propondo a compreensão do sujeito enquanto constituído por uma *identidade social (psicossocial)* e uma *identidade discursiva*, ambas se fundindo no *ethos*. Para este autor, essa questão colocada sobre a dupla constituição (social/discursiva) do *ethos* é a mesma que diz respeito ao sujeito linguageiro, que também deveria ser compreendido tanto em sua dimensão discursiva, quanto em sua dimensão empírica.

O sujeito aparece, portanto, ao olhar do outro, com uma identidade psicológica e social que lhe é atribuída, e, ao mesmo tempo, mostra-se mediante a identidade discursiva que ele constrói para si. O sentido veiculado por nossas palavras depende ao mesmo tempo daquilo que somos e daquilo que dizemos. O *ethos* é o resultado dessa dupla identidade, mas ele termina por se fundir em uma única. (CHARAUDEAU, 2006, p. 115).

O linguista observa que, mesmo havendo uma consciência sobre a dupla articulação que constitui o *ethos* e sobre a divisão do sujeito, ainda persistiria uma concepção idealizada e generalizada da existência do sujeito enquanto um todo indivisível, integrado. Ele propõe então a hipótese de que essa concepção de um sujeito unificado guiaria a comunicação social como um todo, mascarando assim tal cisão que caracteriza a identidade do sujeito.

No que diz respeito ao discurso político, os *ethé* que aí geralmente se manifestam corresponderiam a uma série de representações e de certos imaginários que o sujeito político evoca por meio de sua fala visando construir determinada identidade junto à instância cidadã. De acordo com Charaudeau (2006), tanto a *credibilidade* quanto a *identificação* seriam duas ordens de valores (razão e afeto) imprescindíveis ao projeto de

fala do ator político, constituindo dois polos nos quais diversas figuras aglutinam-se com vistas à elaboração de uma identidade política, com a qual o sujeito político se constrói. Diz o autor:

É preciso que [o político] seja, ao mesmo tempo, crível e suporte da identificação à sua pessoa. Crível porque não há político sem que se possa crer em seu poder de fazer; suporte de identificação porque para aderir às suas ideias é preciso aderir à sua pessoa. (CHARAUDEAU, 2006, p. 118; grifo nosso).

É em função dessa dupla orientação, que no discurso político serão desenvolvidas algumas figuras identitárias que podem ser classificadas em duas grandes categorias de *ethos*: os que promovem a *credibilidade*, fundados em um discurso que privilegia os elementos voltados para a razão e os argumentos; e os responsáveis pela *identificação*, fundados em um discurso do afeto.

3.1 - A credibilidade no discurso político: imagens da razão

Para Charaudeau, a *credibilidade* corresponde à capacidade que o sujeito falante, no caso o ator político, tem de responder a determinadas condições que lhes são impostas ou colocadas pela situação discursiva do dispositivo político, com a finalidade de convencer ou persuadir a instância cidadã de que tanto sua pessoa quanto suas ideias são *dignas de crédito*. Diz o autor: “Credibilidade repousa sobre um poder fazer, e mostrar-se crível é mostrar ou apresentar a prova de que se tem esse poder”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 119).

Os *ethé de credibilidade* são constituídos por alguns valores que o político procura agregar a sua pessoa por meio da utilização em seu discurso de certas representações, isto com o intuito de satisfazer a determinadas condições (*sinceridade, performance, eficácia*)⁵⁶ necessárias à promoção do *ethos* de sério, de virtuoso e de competente.

Apresentaremos a seguir os diversos *ethé* que são classificados por Charaudeau (2006), procurando exemplificar, na medida do possível, com trechos de fala extraídos de nosso material de análise.

⁵⁶ *Condição de sinceridade* ou de *transparência*: condições de verificar que aquilo que ele diz corresponde sempre ao que ele pensa. *Condição de performance*: que ele tem os meios de pôr em prática o que anuncia ou promete. *Condição de eficácia*: que o que ele anuncia e aplica é seguido de efeito. (CHARAUDEAU, 2006, p. 119).

3.2. - A imagem de *seriedade*

Tal forma de *ethos* pode manifestar-se por meio de diversos índices corporais e mímicos, que transparecem uma expressão contida e discreta no que se refere aos gestos; também por índices comportamentais que revelam capacidade de autocontrole e de sangue-frio diante de situações tensas; e ainda através da demonstração do emprego de grande energia e empenho na atuação política. Há ainda indicações verbais, como o cuidado na escolha do vocabulário utilizado, o emprego de um tom firme e comedido da fala, mas com uma elocução serena que busca transmitir segurança, índices estes tidos como reveladores de uma postura de responsabilidade para com a vida e o respeito ao outro.

Tendo a sociedade brasileira contemporânea como referência, seja por meio dos objetos que ora nos debruçamos, seja observando enquanto testemunha empírica os acontecimentos e seus sucessivos tratamentos e desdobramentos realizados pelas mídias, o que se pode considerar é que o *ethos de sério* parece representar o requisito mínimo ao qual o sujeito político deve se revestir, pois somente a partir do momento em que a ideia de seriedade for associada a sua pessoa é que se torna possível a conquista da credibilidade. Supostamente, o sujeito político que não é levado a sério pelos seus concidadãos não conseguiria levar adiante seu projeto social, pois não alcançaria a credibilidade necessária à adesão a suas ideias e propostas.⁵⁷ Mas, por outro lado, como atenta Charaudeau, se faz necessário levar em consideração o risco de perda do capital de simpatia que um político exageradamente sério poderia sofrer.

Como a imagem de seriedade no campo político corresponde a uma série de atributos, não só oratórios, mas também físicos e comportamentais, sua exemplificação deve levar em consideração este conjunto de elementos não verbais. No que se refere aos sujeitos políticos que têm suas falas aqui analisadas, pode ser apontado que todos eles procuram se apresentar à sociedade brasileira como pessoas sérias, propondo por meio de seus discursos e por seus comportamentos corresponder às expectativas da instância cidadã em relação ao papel que os atores políticos devem representar. Pelo menos no que

⁵⁷ Apesar de algumas ocorrências na cena política brasileira contradizerem essa afirmação, em casos como o do palhaço “Tiririca” (Francisco Everardo Oliveira Silva), campeão de votos nas eleições de 2010, para deputado federal, e reeleito em 2014. Alguns analistas políticos atribuem seu sucesso no pleito ao chamado “voto de protesto”. Mas acreditamos que apenas a explicação do “voto de protesto” não seria suficiente; associada a esse fator, acrescentamos a hipótese de cunho cultural, que entende o humor como categoria incorporada ao discurso político (charges, caricaturas, paródias, programas de humor, etc.), formas languageiras estas que são naturalmente assimiladas pelo público e que parecem constituir um gênero bastante enraizado no imaginário social brasileiro.

diz respeito ao que é proposto e revelado pelo sujeito político, pois a falta de seriedade do sujeito político pode estar associada a um desvio de conduta em sua atuação ou comportamento social, bem como a uma postura de descaso com a administração pública.

3.3 - A imagem de *virtude*

O *ethos de virtude* pode ser percebido por meio da demonstração de sinceridade e de fidelidade nas relações humanas, por uma imagem de honestidade pessoal, que remete à retidão e a lealdade (aos parceiros e aos adversários) como característica do sujeito. Segundo Charaudeau (2006), esta forma de *ethos* é geralmente constituída ao longo do tempo, uma vez que se faz necessário que se perceba no político a coerência de seu pensamento e de suas ações no decorrer de sua trajetória.

O sujeito político que almeja construir para si uma imagem de virtuoso deve, portanto, mostrar-se como uma pessoa transparente, que não possui segredos que possam comprometê-lo do ponto de vista ético e moral, demonstrando uma atitude de respeito para com o cidadão.

A tentativa de construção de uma imagem de *virtude* pode ser observada em diversos momentos da fala de Aécio Neves, seja pela intenção em transmitir os valores da “honestidade” e da “sinceridade”, seja pela demonstração de “lealdade”, como revelam os trechos a seguir:

Olha, estamos sendo exemplares no que estamos fazendo e a marca do governo vai ser transparência. (Aécio Neves - Entrevista - 27/01/2003 - DVD/Entrevistas).

Eu acho, Eliane, com absoluta sinceridade, a maior contribuição que eu posso dar ao país, nesta hora, é fazer com que a Câmara dos Deputados funcione. (Aécio Neves - Entrevista - 26/03/2001 - DVD/Entrevistas).

Eu e tantos outros, uma bancada inteira na Câmara Federal, de nomes espetaculares, de enorme representatividade, achávamos o seguinte: não, o PSDB tem que se impor como partido porque nós seremos leais ao Fernando Henrique até o final, porque nós acreditamos nele, seremos leais sem qualquer... (Aécio Neves - Entrevista - 26/03/2001 - DVD/Entrevistas).

A virtude é, portanto, uma imagem muito importante para a construção da identidade do sujeito político, uma vez que os valores ligados a essa figura corresponderiam a um imaginário social e a uma demanda do público-cidadão por um

líder que seja exemplo de ética e retidão, enfim de qualidades que fazem referência ao caráter do orador, ou seja, ao *ethos* por excelência.

3.4 - A imagem de *competência*

O *ethos de competência* pode ser compreendido enquanto uma capacidade do sujeito de mostrar-se possuidor de um conjunto de saberes relativos a determinado campo do conhecimento, procurando demonstrar o domínio do *saber-fazer* e a *habilidade* para realizar determinadas atividades. O sujeito político que busca incorporar a imagem de competente apresenta-se geralmente como aquele que possui os *meios*, o *poder* e a *experiência* necessários à realização dos objetivos propostos. Notamos que tal forma de *ethos* mostra-se recorrente nas falas de Fernando Henrique Cardoso, como podemos observar nos trechos a seguir:

Desculpe, eu sou o presidente da República, devo saber um pouquinho mais. (Fernando Henrique Cardoso - Entrevista - 14/10/1996 - DVD/Entrevistas).

Eu estive em Londres recentemente; aliás, eu pedi para conversar com o pessoal da Anistia Internacional e com grupos que discutem meninos de ruas. Estive na Câmara dos Comuns, na Câmara dos Lordes, levantaram essa questão. (Fernando Henrique Cardoso - Entrevista - 12/04/1993 - DVD/Entrevistas).

O *ethos de competência* busca também consolidar-se por meio de discursos que fazem referência à *herança* cultural, política e mesmo ideológica dos atores políticos, bem como ao nível educacional alcançado pelo sujeito, os estudos pelos quais passou e que lhe conferem o *status* do saber acadêmico. Também em falas que remetem às *funções exercidas* ao longo de sua trajetória profissional e política, e à *experiência adquirida* na atuação política. Característica esta que parece revelar-se em tal enunciado de Lula:

Minha querida, eu fui deputado constituinte e durante os 4 anos em que funcionou a Constituinte... (Luís Inácio Lula da Silva - Entrevista - 01/10/1999 - DVD/Entrevistas).

A representação da competência, manifestada por meio da figura da eficiência na gestão administrativa, que também compõe o imaginário da modernidade, ocorre com frequência no discurso de Aécio Neves:

Nós fizemos em Minas o contrário do que foi feito no plano nacional. Em Minas tínhamos 22 secretarias de estado, hoje temos apenas quinze e com poderes e ações bem definidas e delimitadas. (Aécio Neves - Entrevista - 27/01/2003 - DVD/Entrevistas).

eu vou conseguir, no caso de Minas Gerais que apresenta um déficit previsto para este ano de 2,4 bilhões de reais, por mais que eu faça, como estou fazendo, um esforço de enxugamento da máquina, de organização da máquina pública, de cortes de despesas, só no momento em que nós ganharmos receita, vamos equilibrar esse rombo... (Aécio Neves - Entrevista - 27/01/2003 - DVD/Entrevistas).

Eu estou dando exemplo, Markun, no campo da despesa, do enxugamento da máquina para que eu possa também solicitar aos outros poderes que ajam da mesma forma. E no campo da receita, fazendo o que é possível para o estado crescer. (Aécio Neves - Entrevista - 27/01/2003 - DVD/Entrevistas).

Imagem de competente que Marina Silva também busca incorporar em momentos como:

Quando assumi, estabeleci quatro diretrizes: desenvolvimento sustentável, controle e participação social, política ambiental integrada e fortalecimento do Sisnama. Podemos fazer o cruzamento entre essas quatro diretrizes e as ações do governo, [que] nós vamos encontrar um conjunto de ações que vêm sendo operadas. Não é fácil. É difícil, é complexo, mas estamos fazendo. (Marina Silva - Entrevista - 13/03/2006 - DVD/Entrevistas).

O que buscam tais sujeitos políticos com tantas demonstrações verbais de seus talentos de administradores públicos? O que se nota é que ambos procuram incorporar, antes de tudo, um *ethos* de credibilidade que é constituído pela articulação entre determinados aspectos da identidade social e da identidade discursiva, entre um parecer e um ser. Intentam com suas palavras passar a ideia de serem portadores de certos atributos que lhes confeririam credibilidade política, apresentando-se também como possuidores de experiência na atividade política e de domínio do *saber-fazer*, requisitos estes necessários à construção de uma imagem de liderança.

A seguir serão apresentadas algumas características de determinadas imagens que são voltadas para representação dos valores que corroboram para a identificação do político e de suas propostas junto ao público cidadão.

3.5 - A identificação no discurso político: imagens do afeto

Por outro lado, os *ethé de identificação*⁵⁸ consistem nas imagens que são extraídas do afeto social, imaginários esses recuperados pelos discursos políticos e refletidos como figuras de sentido, imagens e identidades. Apesar da pluralidade de representações que correspondem a um efeito de identificação, algumas formas/figuras podem ser identificadas de modo recorrente, tais como aquelas que corresponderiam a valores responsáveis por transmitir as ideias de *potência*; de *caráter*; de *inteligência*; de *humanidade*; de *chefe*; de *solidariedade*.

No campo político, de modo geral, enfrentam-se valores e ideologias que são assimilados e incorporados por diferentes grupos de indivíduos que se apresentam como representantes dos projetos de sociedade que são então propostos. Como sabemos, nesse espaço de disputa pela conquista do poder e pela construção da liderança que se faz necessária e desejada, os políticos precisam alcançar e fazer aderir à sua pessoa e às suas ideias o maior número possível de indivíduos. Para atingir essa diversidade de públicos e corresponder as suas demandas, os atores políticos optam por jogar com valores diversos e muitas vezes opostos e contraditórios. Como diz Charaudeau: “[...] mostrar-se, ao mesmo tempo, tradicional, mas também moderno; sincero, mas sagaz; poderoso e modesto, etc.”. (CHARAUDEAU, 2006, p.137). Desse modo, para o autor o *ethos* político no viés da identificação afetiva com o público eleitor deve ser compreendido enquanto “o resultado de uma alquimia complexa de traços pessoais de caráter, de corporalidade, de comportamentos, de declarações verbais, relacionados às expectativas vagas dos cidadãos.” (CHARAUDEAU, 2006, p.137).

Os *ethé de identificação* são, portanto, imagens que corroboram para que o cidadão identifique nos valores representados pelo discurso político que lhe é dirigido, suas próprias demandas e expectativas, ou seja, que se reconheça no espelho que lhe é mostrado, estabelecendo assim uma fusão de identidades entre o sujeito político e a instância cidadã.

As imagens responsáveis por proporcionar tais efeitos de identificação possibilitam a evocação de diversos *ethé*, como o de “potência”, que se apresenta por meio de discursos que procuram demonstrar força e virilidade. O *ethos* de “caráter”, que pode ser representado por uma força do espírito, que transparece uma ideia de

⁵⁸CHARAUDEAU, 2006, p. 137-166.

capacidade de controle de si em situação extrema. O “orgulho”, a “firmeza” e a “moderação” também seriam marcas desse tipo. O *ethos* de “inteligência” pode ser detectado quando o político procura mostrar que é culto, ou quando busca evidenciar que domina as regras do jogo da política com astúcia e malícia. O *ethos* de “humanidade”, por sua vez, apresenta-se sob a forma de figuras em que o sentimento, a confissão, o gosto pessoal, aspectos da vida e da intimidade do político são características recorrentes. Enquanto o *ethos* de “chefe” pode ser incorporado nas figuras de *guia-pastor*, *guia-profeta*, *soberano* e *comandante*. Também participa dos processos de identificação o *ethos* de “solidariedade”, cuja característica está em saber ouvir os problemas alheios e na elaboração de discursos que promovam a igualdade e a reciprocidade. O solidário assim se mostra no compartilhar com os outros membros do grupo os mesmos dilemas, dramas e conquistas.

Essas figuras serão descritas e exemplificadas a seguir, tendo por base a proposição estabelecida por Charaudeau (2006) e as falas extraídas do *corpus* que constitui o objeto de análise desta pesquisa.

3.6 - A imagem de *potência*

O sujeito político, por exemplo, procura frequentemente apegar-se a um *ethos* que possa denotar que nele há uma força vital, uma essência viril, algo que só poderia existir no homem que realmente age sem medo. Assim nota-se nos trechos de fala seguintes a tentativa de Lula em construir para si uma imagem de líder potente:

Eu quero ser vidraça para provar que não sou vidraça que se quebra com facilidade, sou vidraça de aço temperado. E, quando tiver uma greve, não pense que vou chamar a polícia não! Nós vamos lá enfrentar a greve, conversar com o pessoal no meio. (Luís Inácio Lula da Silva - Entrevista - 28/11/1988 - Trecho 1 - DVD/Análises).

O exemplo mostrado acima parece demonstrar a intenção de Lula em construir para si a imagem de político capaz de enfrentar as dificuldades que a vida política apresenta e procurando demonstrar ser portador de forças que possam levar à superação dos problemas. Essas imagens presentes no discurso de Lula seriam responsáveis por transmitir a ideia de potência, ligada a uma capacidade de realização e execução de uma determinada empreitada, e também por produzir um possível efeito de identificação junto à instância cidadã.

3.7 - A imagem de *caráter*

A imagem de *caráter* é geralmente representada pela ideia de uma força interior do sujeito, de sua força de espírito, que não estaria necessariamente vinculada à força física, nem propriamente a uma ação do corpo. Entre outras características, o *ethos* de caráter se revelaria na capacidade do sujeito de se controlar diante de situações perturbadoras. O caráter pode então se apresentar por meio de diversas imagens e representações circulantes em determinado grupo social.

Uma representação importante que constitui uma faceta do *ethos de caráter* é a figura da *coragem*, responsável por promover a ideia da capacidade de enfrentar a adversidade sem enfraquecer e sem que seja necessário ceder às pressões políticas contrárias. Isso pode ser percebido nas falas a seguir:

Eu acho que terei esse desgaste, Dora, e estou absolutamente preparado para ele por uma única razão: não há outra alternativa. Eu tenho que fazer agora, nesse primeiro ano, o ajuste do estado. Esse ajuste passa por medidas impopulares. Se for governar olhando as curvas de popularidade, eu acho que estaria fazendo aquilo que é o inverso do que me propus quando eu fui candidato. (Aécio Neves - Entrevista - 27/01/2003 - DVD/Entrevistas).

Também pode ser percebido no trecho de fala abaixo como Marina Silva busca incorporar os valores da coragem:

Até porque, quando eu apareci publicamente, eu já vim com uma força tão grande que foi me dando um crédito, uma respeitabilidade muito grande. Então, as pessoas me identificavam muito como uma pessoa corajosa, lutadora, batalhadora no meu estado; “por que você vai votar na Marina? Porque ela é guerreira, é lutadora é batalhadora”. (Marina Silva - Entrevista - 19/11/1994 - DVD/Entrevistas).

A ideia de coragem (“banquei”) também pode ser encontrada na fala de Fernando Henrique Cardoso:

[...] a incompreensão, falavam de perdas salariais, e eu banquei o negócio até o fim. Banquei, banquei dentro do governo, banquei no Congresso, banquei na televisão: não tem perda. (Fernando Henrique Cardoso - Entrevista - 21/07/1994 - Trecho 1 - DVD/Análises).

A coragem tem se mostrado uma importante figura do discurso político ao possibilitar ao sujeito político evocar para si a imagem de líder que possui a capacidade de combater as dificuldades sem se deixar abater ou temer pelos possíveis riscos causados pelo enfrentamento. A coragem pressupõe assim uma força de convicção que fornece ao sujeito político a certeza de representar o projeto político mais coerente e eficiente, sendo necessário assumir para si a defesa de seus ideais e de suas crenças.

Já a figura do *orgulho* responde, por sua vez, pela ambição do político em realizar uma grande obra, fato este que também pode remeter a um *ethos de chefe*. Algumas falas procuram explicitar essa figura, como nos exemplos apresentados a seguir:

Hoje, quando eu estou aqui sentado com vocês, eu posso dizer o seguinte: É muito orgulho eu dizer que sou o presidente da República que mais investiu em educação neste país. (Luís Inácio Lula da Silva - Entrevista - 16/10/2006 – DVD/Entrevistas).

Eu não vou sair da política, até porque a política faz parte da minha vida. [...] Segunda coisa, é que eu tenho dito com o maior orgulho do mundo, eu sou o único político do Brasil, Matinas, que posso dizer, eu sinto orgulho de ser profissionalizado pelo meu partido, depois de 1991, registrado em carteira profissional, com salário do meu partido. (Luís Inácio Lula da Silva - Entrevista - 26/08/1995 – DVD/Entrevistas).

Por isso eu tenho um enorme orgulho de fazer o que estou fazendo, e quem sabe, daqui para frente, a gente vai poder olhar para trás e dizer: olha, as coisas começaram a mudar [...]. (Aécio Neves - Entrevista - 26/03/2001 - Trecho 2 - DVD/Análises).

Os trechos das falas supracitados procuram demonstrar, cada qual com suas próprias razões, a importância de suas ações nos benefícios alcançados, elaborando um discurso que promova uma forma de auto-reconhecimento dos resultados positivos decorrentes de seu trabalho.

Há ainda nesse gênero de *ethos*, a figura da *firmeza* (*ethos* de caráter forte), que consiste em uma forma de determinação inabalável no agir, na demonstração de energia sem, contudo, transparecer a ideia de agressividade, características presentes nos trechos a seguir:

Eu, como deputada e como vereadora, tive uma atuação muito firme na questão de moralizar o legislativo, de evitar o abuso de algumas medidas. (Marina Silva - Entrevista - 19/11/1994 - DVD/Entrevistas).

Mas não vou fugir à regra, não, eu quero ser vidraça! (Luís Inácio Lula da Silva - Entrevista - 28/11/1988 - Trecho 1- DVD/Análises).

Nunca o Brasil protestou tanto na Organização Mundial do Comércio como no meu governo. Tomamos uma posição bastante firme nessas matérias internacionais. (Fernando Henrique Cardoso - Entrevista - 30/12/2002 - DVD/Entrevistas).

No *ethos de caráter* também pode ocorrer a figura da *moderação*, que por sua vez corresponderia a uma atitude de intermediação das partes em conflito, buscando estabelecer acordos.⁵⁹

3.8 - A imagem de *inteligência*

O *ethos de inteligência* pode ser detectado quando o político procura mostrar que é *culto*, ou quando busca evidenciar que domina as regras do jogo da política com *astúcia* ou *malícia*.

Essa forma de *ethos* compõe a categoria dos *ethé* de identificação, pois contribui para promover a admiração e o respeito dos indivíduos para com aquele que demonstra possuir inteligência, ou mesmo astúcia. Essa adesão depende é claro do modo como os membros do grupo concebem e valorizam esse imaginário da inteligência. Assim, determinadas figuras podem corresponder a esse imaginário, como a figura do *homem culto*, figura esta que depende, por sua vez, do capital cultural herdado pelo político por meio de sua origem social e sua formação. Ideia que pode ser constatada nesses ditos:

[...] se eu fosse dar aula aqui, eu diria: olha, esse raciocínio é aristotélico-tomista, em que você acha que tudo é cara ou coroa, um ou dois, e o nosso é mais um movimento. (Fernando Henrique Cardoso - Entrevista - 11/03/1991 - DVD/Entrevistas).

[...]. Eu tinha feito a crítica da chamada burguesia de Estado. Eu tinha feito a crítica teórica, eu chamava de burguesia do Estado, eu era contra o poder burocrático. (Fernando Henrique Cardoso - Entrevista - 14/10/1996 - DVD/Entrevistas).

⁵⁹ O autor ainda faz referência a algumas figuras e variantes que correspondem ao *ethos* de caráter, figuras essas que apresentam características que as especificam umas em relação às outras. A *vituperação*, diferentemente da vociferação (*ethos* de potência) representa uma crítica e uma indignação que se expressa de modo forte. A *provocação* constitui uma variante da vituperação e consiste numa tentativa de fazer alguém reagir por meio de declarações provocadoras. A outra variante da vituperação seria a *polêmica*, que se define como uma situação conflituosa que gera um questionamento da moralidade. Quanto à *advertência*, por sua vez, é um tipo de estratégia que consiste em anunciar a posição logo de início e advertir sobre o limite e os riscos. (CHARAUDEAU, 2006, p. 140-145).

A figura da *astúcia* (e da malícia), que consiste em saber jogar com o ser e o parecer, saber dissimular, fazer crer, que constitui também o *ethos de inteligência*. Este tipo de *ethos* pode ser constatado na seguinte fala de Aécio Neves:

A política, você tem que ter objetivos claros e você pode até mudar, transigir nas estratégias para chegar nesse objetivo, você só não pode transigir nos princípios, na ética, isso que é fundamental. (Aécio Neves - Entrevista - 26/03/2001 - Trecho 2 - DVD/Análises).

A inteligência, por meio de suas figuras, traz ao sujeito político que a demonstre certos benefícios, mas também possíveis riscos, representados pelo valor que esse “dom” pode ou não assumir no imaginário social das comunidades.

3.9 - A imagem de *humanidade*

O *ethos de humanidade* corresponde a um aspecto igualmente importante para a imagem do político na medida em que este busca ser visto como igual entre seus concidadãos. Tal forma de *ethos* procura mostrar que o sujeito político está submetido às mesmas leis, aos mesmos direitos e deveres, às contingências e limitações impostas pela vida, até mesmo no modo de usufruir dos prazeres, podendo assim estabelecer um elo de identificação com o público, para aquele que o incorpora.

Essa forma de *ethos* caracteriza-se então pela capacidade que o político possui em demonstrar compaixão para com aqueles que sofrem, mas também pela capacidade de confessar suas fraquezas, mostrar seus gostos, suas preferências e sua intimidade. De acordo com Charaudeau (2006, p. 148), o imaginário correspondente ao *ethos de humanidade* seria composto por algumas representações sociais como a figura do *sentimento*, que consiste para o político em deixar transparecer a emoção em certas ocasiões públicas, sobretudo em situações de catástrofes e tragédias, por meio da utilização de palavras de compaixão, demonstrando ao mesmo tempo capacidade de controle dos sentimentos, para não correr o risco de se construir uma imagem que denote fraqueza e acabe por se tornar contraproducente. A figura do *sentimento* pode ser percebida na fala seguinte de Lula, na medida em que o político se refere a uma falta de sensibilidade para com o ser humano:

Acontece que, cegamente, a equipe econômica do governo parece que tem uma tampa e não consegue, efetivamente, ver nada, porque eles só

trabalham com estatística, eles não têm sensibilidade com o ser humano. Porque eles não sabem, efetivamente, o que é a miséria nesse país. Eles não sabem o que é uma mulher passar dois dias vendo o filho chorar atrás de um pedaço de pão e não ter dinheiro para comprar. (Luís Inácio Lula da Silva - Entrevista - 01/10/1999 - Trecho 2 - DVD/Análises).

Outra figura que corresponde ao *ethos de humanidade* é a da *confissão*, que consiste numa figura pouco requisitada no mercado político, em razão do ato de confissão poder representar a culpa diante de uma falha ou o fato de que o político é o verdadeiro responsável por um erro, podendo tal ato trazer o risco de criar uma imagem de fraqueza, de incompetência, ou ainda de malícia associada a sua pessoa. Por outro lado, essa eventual ideia de fraqueza poderia ser amenizada por meio da assimilação de representações relativas a um *ethos de coragem* e de sinceridade, que também podem ser resultados de uma atitude de confissão pública. Como observa Charaudeau (2006), essa figura costuma aparecer com maior frequência em escritos e falas de políticos que já concluíram seus mandatos ou que não participam mais da atividade política:

[...] o que lhes permite, sob o pretexto de fazer o balanço de sua ação pregressa, expor-se de forma mais ou menos complacentes nos livros pessoais ou nos de entrevistas, em revelações, confissões e confidências destinadas a justificar uma vida política e a fazer de modo que o balanço, ao olhar da história, não seja totalmente negativo. (CHARAUDEAU, 2006, p. 150).

Um exemplo de *ethos de humanidade* manifestado por meio da figura da *confissão* pode ser observado em:

Então, eu tenho a dimensão que eu não poderia ficar chorando uma derrota. Eu perdi as eleições, perdi para uma moeda, não tive a sensibilidade, sabe, de medir corretamente o valor que a estabilidade teve no imaginário do povo brasileiro e, ao invés de ficar chorando, eu tenho que partir para trabalhar. (Luís Inácio Lula da Silva - Entrevista - 26/08/1995 - Trecho 2 - DVD/Análises).

Quanto à figura do *gosto*, que diz respeito à vida privada do político, aos seus gostos pessoais e preferências, ao seu modo de vida, bem como a sua presença em eventos artísticos, entrevistas e declarações. Já a figura da *intimidade*, que é complementar à figura do *gosto*, corresponderia a um tipo de imagem que é muitas vezes construída com a cumplicidade dos jornalistas, na medida em que as mídias costumam ser os veículos mais interessados em revelar aspectos da intimidade e os segredos supostamente ocultados pelos sujeitos políticos.

Mas eu sou divorciado há quase cinco anos. Tenho uma filha maravilhosa chamada Gabriela, que tem onze anos, namoro, tenho uma namorada paulista. (Aécio Neves - Entrevista - 27/01/2003 - DVD/Entrevistas).

Outro exemplo de tentativa de construção de uma imagem de “humanidade”, que neste caso seria sustentada pela sobreposição das figuras da *confissão*, do *gosto* e do *íntimo* pode ser notado no segmento abaixo:

Tem gente que tem crise dos 40, tem gente que tem crise dos 50, eu, na verdade, não tive crise. Eu cheguei a conclusão, ao completar 50 anos de idade, que eu tenho menos tempo de vida para frente do que eu tive até agora, então, a máquina, obviamente que ela vai cansando. Não adianta eu me iludir e dizer: “não, eu continuo jovem”. Não, eu não tenho mais o mesmo vigor físico que eu tinha aos 25, ou quando eu tinha 30, que eu ficava três noites acordado no sindicato fazendo assembleias, 12 assembleias por dia, tomando 51. Hoje, não. Hoje, a idade começa a pesar e eu preciso então fazer um contraponto, ou seja, me preparar. Então, eu resolvi fazer um contraponto para poder balancear. Na medida que eu completei 50 anos de idade, eu estabeleci uma nova forma de vida, ou seja, eu parei de beber, eu moderei substancialmente aquilo que eu comia. E vou tentar viver a vida da forma mais prazerosa do que eu vivi até agora, inclusive, no jeito de fazer política. (Luís Inácio Lula da Silva - Entrevista - 26/08/1995 - Trecho 1 - DVD/Análises).

Lula ao relatar suas reflexões pessoais expõe as fraquezas e limites aos quais estão submetidos os seres humanos de modo geral, inclusive ele próprio. Mas ao mesmo tempo busca mostrar-se como uma pessoa capaz de perceber, assumir e superar, ou ao menos amenizar, esses limites impostos pelo tempo e pela condição humana.

Não se pode esquecer tampouco um aspecto que se apresenta em relação ao *ethos de humanidade* e que estaria relacionado a um comportamento um tanto quanto narcisista e exibicionista que alguns políticos demonstram em determinadas situações, sobretudo no que concerne à esfera midiática. Outro aspecto que deve ser considerado diz respeito aos efeitos que as mídias produzem no processo de representação da imagem política, sobretudo no que se refere à importância do humor e da caricatura na construção da imagem dos sujeitos políticos.

3.10 - A imagem de *chefe*

De acordo com a proposição feita por Charaudeau (2006), o *ethos de chefe* pode ser sustentado pelas figuras de *guia* (*guia supremo*; *guia-pastor*, *guia-profeta*); de *soberano* e de *comandante*.

A figura do *guia supremo* representa a necessidade que os grupos possuem de ter uma liderança que seja capaz de manter a integridade da identidade e a coesão de um grupo social. O *guia supremo* pode ser representado por uma voz humana ou mesmo uma voz divina, geralmente figurativizado e configurado em narrativas.

Também compõem a imagem de *chefe* a figura do *guia-pastor*, que sustenta a ideia de político agregador, aquele capaz de reunir o rebanho, que acompanha e ilumina o caminho para seus seguidores com perseverança e tranquilidade. Este guia se mostra como um *sábio*, que consegue pela palavra conduzir multidões.

Outra figura que corrobora para a construção da imagem de *chefe* é a do *guia-profeta*, representada por aquele político que recorre aos mitos e símbolos do passado, fazendo referência ao futuro, ao destino dos homens. O discurso do *guia-profeta* remete, sobretudo, ao tempo futuro, a um além onde se poderá encontrar a redenção, ou mesmo a desgraça. O profeta muitas vezes corre o risco de ser incompreendido, na medida em que seu discurso faz referências a um lugar no passado, este quase sempre mítico, ou remete a um tempo ainda não vivido, no qual as coisas, diga-se, o destino da humanidade (do povo), ainda estão por se fazer. Nota-se na fala de Marina Silva a seguir uma sutil referência ao *ethos de chefe*, na figura do “profeta”:

Eu acho que esse é o desafio que está posto para a humanidade; [...] Quer dizer, quando eu vi essa informação eu disse: “Meu Deus, será que nós já estamos no pé de jurubeba? Será que essa coisa já é tão avassaladora assim? (Marina Silva - Entrevista - 13/03/2006 - Trecho 2 - pg. 183).

Como observa Charaudeau (2006), o lado positivo desta forma de *ethos* consiste na imagem de liderança na cena política que ele possibilita evocar, contribuindo para a construção da imagem de político visionário e portador de uma fonte de inspiração que parece não se esgotar.

Outra representação que participa da composição da imagem de *chefe* é a figura do *chefe soberano*, aquele que se apresenta como o responsável maior pelos valores de uma sociedade. Esta figura é sustentada por discursos sobre a democracia, a soberania do

povo, a identidade nacional, os temas que orientam um projeto político, a celebração do povo, do país e de seu regime institucional.

Eu vou ser eleito subordinado a uma Constituição da qual eu sou signatário, e obviamente que eu vou exercer o papel supremo de chefe supremo das Forças Armadas. (Luís Inácio Lula da Silva - Entrevista - 28/11/1988 - DVD/Entrevistas).

Há também uma forma de *ethos de chefe* que pode ser caracterizada pela figura do *comandante*, na qual o político geralmente transparece com uma imagem mais autoritária e mais agressiva. O *comandante* apresenta-se geralmente por meio de discursos que costumam adotar um tom um tanto quanto belicista, por declarações guerreiras e provocações a inimigos declarados ou de modo generalizado, características estas que podem ser notadas em discursos de líderes que assumem para si a figura de comandante.⁶⁰

3.11 - A imagem de *solidariedade*

Também participa dos processos de identificação, no discurso político, o *ethos de solidariedade*, cujas características principais estão em saber ouvir os problemas alheios e na elaboração de discursos que promovam a igualdade e a reciprocidade. Tal imagem se mostra no compartilhar com os outros membros do grupo os mesmos dilemas, dramas e conquistas. Desse modo, o político que quer se mostrar solidário deve partilhar das necessidades do povo e buscar responder a elas; deve demonstrar que considera as opiniões e as decisões tomadas pelos membros do grupo o qual representa, pois mostrar-se como um político que escuta a “voz do povo” constitui uma atitude bastante valorizada na maioria das sociedades. É isso o que parece sugerir a fala: “Ouvisse o povo um pouco porque não é possível tanta insensibilidade”. (Luís Inácio Lula da Silva - Entrevista - 01/10/1999 - Trecho 2 - DVD/Análises).

Uma vez inserida sua voz nesse *ethos*, o político deve mostrar que sabe ouvir o cidadão e que está atento aos problemas enfrentados pelo povo, demonstrando uma atitude de consideração para com os outros, para com seus problemas e seus sofrimentos, mas também para com suas necessidades.

⁶⁰ Hugo Chávez, J.W. Bush, Kim Jong-um, Mahmoud Ahmadinejad, Wladimir Putin. Alguns desses líderes políticos assimilaram inclusive o vestuário militar e determinados comportamentos e expressões ritualizados, com referências ao universo militar, tendo ou não sua origem na carreira militar.

No exemplo a seguir, Lula procura transmitir a ideia de “companheiro” do povo, homem político que colabora e participa da construção de um objetivo comum:

O que ele está precisando é de um companheiro, e um companheiro que acredite em outro tipo de governo, que acredite que é possível chamar a dona de casa a dar palpite, o companheiro trabalhador a ajudar a deliberar o que vai ser feito neste país. (Luís Inácio Lula da Silva - Entrevista - 28/11/1988 - Trecho 2 - DVD/Análises).

Já Marina Silva constrói um *ethos de solidariedade*, ao demonstrar lealdade e preocupação com os mais necessitados:

Eu quero trabalhar duas questões que, para mim, são fundamentais: essa questão da Amazônia e a questão dos excluídos. Eu acho que é fundamental que se tenha um grande movimento, isso, o Betinho já está fazendo, e eu quero ajudar nessa luta, pela minha trajetória, pela minha origem. (Marina Silva - Entrevista - 19/11/1994 - Trecho 2 - DVD/Análises).

A ideia de solidariedade pode ser encontrada também em um dos *ethos* assumidos por Fernando Henrique Cardoso, no exemplo abaixo, no qual se percebe a proposição de um sistema político-econômico que leve em consideração a diminuição das desigualdades e possa ser capaz de promover o desenvolvimento social:

É o seguinte: o que eu disse? Disse: é inegável, eu não posso dizer que esse regime possa incluir todo mundo. Ele não tem a força, eu não posso dizer que ele tem a força. Eu quero incluir. Nós estamos fazendo uma força grande, e esse regime está incluindo. (Fernando Henrique Cardoso - Entrevista - 14/10/1996 - DVD/Entrevistas).

Desse modo, alguns aspectos sobre o *ethos* e sua participação na constituição da linguagem e das relações humanas, do seu mecanismo de funcionamento, seus significados e usos demonstram a complexidade de sua natureza. Portanto a compreensão sobre o *ethos* enquanto fenômeno da linguagem humana requer certos cuidados e coloca uma série de desafios ao pesquisador.

3.12 - Imaginários e *ethos*: uma conjunção estratégica de valores e imagens

De toda essa discussão apresentada acima, o que pode ser destacado sobre as relações que se estabelecem entre as diversas formas de *ethé* com os imaginários sociais que são frequentemente evocados pelo discurso político brasileiro, é que esta relação se

dá na medida em que a identidade do sujeito e os significados que ele compreende do mundo são constituídos pelas representações simbólicas que circulam em dado grupo social e são percebidas e incorporadas pelos indivíduos por meio de um processo de interpretação desses fenômenos. Esse imaginário, no qual o *ethos* irá se apoiar é então materializado em regras de comportamento, normas de conduta, em leis, papéis sociais, rituais, sustentando-se por meio de discursos. A partir daí o sujeito vai orientar seu discurso com a finalidade de reforçar ou apagar determinado *ethos* prévio e procurar projetar outros.

Portanto, quando se trata da questão da identidade do sujeito e do grupo social se faz necessário passar pelas representações sociais, uma vez que são elas que dão sentido à realidade vivida e experimentada pelo sujeito, constituindo-se por meio das trocas simbólicas e da assimilação dos valores circulantes num dado grupo social.

O que tem sido possível observar, e mesmo confirmar, é que o discurso político aqui analisado procura orientar-se mais pelo afeto, pelo desejo de tocar o público. Conforme já havia observado Charaudeau (2006), este fato não constituiria necessariamente um desvio do discurso político, na medida em que se esperaria desse tipo discursivo uma organização que privilegiasse a dimensão argumentativa, por meio de uma lógica pragmática que explicaria os objetivos que são propostos e os meios necessários para realizá-los. Para o autor, os discursos de modo geral não costumam separar a razão do afeto. Isso parece ser o que realmente caracteriza o discurso político, ou seja, privilegiar em sua organização representações e imaginários que remetem a valores ligados ao afeto do cidadão, recorrendo ao uso de argumentos explicativos em situações específicas.

O *ethos* pertenceria, portanto, ao domínio das representações sociais pelo fato de que uma imagem ou uma ideia para ser codificada e identificada necessitaria passar pelo filtro dos valores reconhecidos pelo grupo social em questão. O *ethos* corresponderia então à dimensão identitária do discurso, o que significa dizer que dependeria da representação que este grupo lhe atribui. É nesse sentido que o *ethos* pode ser entendido enquanto uma espécie de incorporação de um imaginário social, sua materialização encarnada em corpo e voz, na figura do líder.

Outro aspecto importante que pode ser observado refere-se ao comportamento que operam as diversas figuras que compõem o *ethos*, podendo algumas delas ocorrer simultaneamente. Também deve ser considerado o fato de que o *ethos* não teria a

capacidade de pré-determinar o sentido que pode ser conferido à representação colocada em jogo. Como diz Charaudeau:

Para surtirem efeito, os *ethé* dependem da conjugação das estratégias empregadas pelo ator político com certa demanda social (vaga e inconsciente) por *ethos*, de forma que esta última possa reconhecer-se no espelho que lhe é mostrada. Em alguns momentos são os *ethé* de credibilidade que têm forte impacto, em outros, os de identificação [...] Há um tempo para os *ethé* de credibilidade e outro para os de identificação. Mas quem pode prevêê-los? (CHARAUDEAU, 2006, P.183-184).

Conscientes dessa característica dinâmica e versátil das diferentes possibilidades de construção da imagem de si, os políticos podem operar com a saturação natural que sofrem determinadas representações. Assim, tanto as imagens responsáveis pela credibilidade, quanto as que possibilitam a identificação afetiva costumam alternar-se nas estratégias que os políticos adotam, procurando adequar-se a cada situação, ao sabor das expectativas dos cidadãos eleitores, buscando captar os imaginários que circulam nos discursos sociais e materializando-os em *ethos*, isto por meio de discursos, comportamentos, e imagens.

Tendo por base uma perspectiva diacrônica de observação, o que se percebe nos relatos analisados, é que o discurso político joga tanto com os *ethé* de credibilidade quanto com os *ethé* de identificação, sobrepondo-se com fins de reforço e complementaridade. Essa conjugação de *ethos* distintos se estabelece em prol de uma ampla adesão.

De posse desse arcabouço conceitual de classificação das formas e figuras de *ethé* que constituem o discurso político torna-se possível avaliar as identidades projetadas pelas falas de políticos em situação de entrevista, que são o foco do interesse desta pesquisa.

CAPÍTULO 4 - O DISCURSO POLÍTICO NA ESFERA MIDIÁTICA

4.1 - O falar político na mídia

Um aspecto importante a ser considerado quando se trata do discurso político é quanto ao modo de falar do ator político, o jeito como ele utiliza as palavras, orienta e cadencia seu discurso. No que diz respeito à comunicação política, o sujeito político deve também possuir certa capacidade e facilidade de se expressar, um conjunto de atributos e características que podem ser entendidas enquanto o domínio de um “falar midiático”, principalmente quando se trata de veículos como a televisão e o rádio, em que se exigem um modo de se comunicar que seja claro e compreensível pelo ouvinte ou telespectador, fala esta que deve possuir o ritmo e a entonação adequados. Como diz Charaudeau (2006), especialmente no rádio, a voz revelaria certas condições psicológicas daquele que fala, ou seja, pela voz seria possível perceber se o entrevistado está nervoso, exaltado, calmo, irônico; enfim pela voz transpareceria o estado de espírito do falante.

Quanto a este aspecto que corresponde aos modos de falar, Charaudeau (2006) classifica alguns procedimentos expressivos relacionados à enunciação do discurso político. Estes procedimentos dizem respeito à forma oralizada da palavra, isto é, uma maneira de falar que caracteriza o locutor por um tipo de vocalização, um modo de expressão da voz que marcaria sua identidade. O autor então propõe uma categorização dessas formas de vocalização, com base no sentimento popular a respeito da questão. Assim sendo, a característica do falar de um indivíduo contribuiria de modo efetivo para a construção do *ethos*, sejam aqueles que lhes são atribuídos pelo outro, ou aqueles que ele próprio si propõe. É preciso ainda que se tenha em consideração o fato de que os julgamentos sobre a vocalização também estariam relacionados com a cultura e os imaginários de um determinado grupo social.

Para o autor, esses modos de falar poderiam ser classificados em algumas formas tipificadas, como o entendimento sobre o “bem falar”, que é representado pela ideia que possui um grupo social sobre o que deveria ser uma maneira de falar que seja ou pareça elegante, culta e que possui certo estilo. Este modo pode designar algumas qualidades ligadas ao sujeito que fala, bem como indicar sua posição social.

O “bem falar” pode ser demonstrado com a ajuda de diversos procedimentos semiológicos, apresentando certas características de vocalização específicas, como o

tom de voz que não seja nem alto, nem baixo; o uso de uma dicção tranquila associada a um ritmo cadenciado, que poderia passar a ideia de controle de si; uma boa articulação das sílabas e da pronúncia correta, bem como pela utilização de um vocabulário mais elaborado, em alguns casos até sofisticado e acadêmico. Este modo de falar pode ser observado nos ditos de certos políticos brasileiros como Fernando Henrique Cardoso, Marina Silva e Aécio Neves.

O “falar forte”, caracterizado por uma voz forte e estrondosa, seria responsável por evocar um imaginário de potência ao remeter à ideia de porte físico pujante que demonstre força. Este modo de falar, associado a uma forma de gestualidade marcante e expressiva colaboram para a encenação do desempenho oratório. O falar forte também pode contribuir para a construção do *ethos* de líder político poderoso, capaz de combater as mazelas que afligem a população. Este modo de falar pode ser percebido em muitos atores políticos, uma vez que a atuação política requer do sujeito certa demonstração de força e capacidade de enfrentar os desafios e, até mesmo, os adversários. O falar forte pode ser exemplificado pelas falas de políticos como Lula, Hugo Chávez e Enéas Carneiro.

O “falar tranquilo” pode ser caracterizado por uma forma de dicção pausada, que não demonstre pressa nem insegurança, acompanhada de um tom de voz que transpareça tranquilidade, mas que ao mesmo tempo possua certa firmeza. Por estas características, este modo de falar pode contribuir para a evocação de *ethos* diversos, como o de caráter e o de inteligência, ao transmitir a ideia de simplicidade natural e de ser possuidor de uma força moderada, mostrando-se um indivíduo seguro, capaz de controlar suas emoções. Como diz Charaudeau (2006, p. 172): “Essa vocalidade do falar tranquilo contribui para construir uma figura de soberano paternal”. Por outro lado, o excesso de tranquilidade sugerida pela fala pode gerar efeitos negativos para a imagem como a falta de firmeza.

Quanto ao “falar regional” observa-se que este é caracterizado principalmente por representar o sotaque regional, revelando a origem daquele que fala, o que pode contribuir para o estabelecimento de uma relação de proximidade com aqueles que compartilham dessa mesma origem. Esta forma de “vocalidade” pode contribuir para a construção de um *ethos de humanidade*, por meio da ideia de autenticidade que transmite, mas por outro lado poderia produzir também, em determinadas situações, a imagem de caipira, como diz Charaudeau, de “jeca”.

Tendo em vista as características dos modos de expressão comuns na sociedade brasileira, considerando toda sua diversidade cultural e linguística, seria possível acrescentar ainda uma outra forma de expressão oral, que poderia ser denominada como um “falar popular”. Ele seria diferente do “falar regional”, uma vez que enquanto neste a característica do sotaque corresponde a um jeito local próprio de cada região do país, no falar popular a forma como é dito, o repertório e o vocabulário utilizados correspondem a um padrão mais amplo e geral, que alcança o maior número de pessoas independentemente da região em que se encontram. O falar popular também não se confunde com o “bem falar”, pois em muitas situações o jeito espontâneo que caracteriza a forma popular de falar nem sempre obedece e corresponde às normas da língua padrão. Este modo de falar está mais relacionado com a coloquialidade e com a simplicidade do tratamento dado ao assunto, utilizando-se de uma linguagem cotidiana e acessível, tornando-o compreensível para um público amplo e diverso, o que pode contribuir para promover a identificação a sua pessoa. Um exemplo de político que possui como característica um “falar popular” seria o Ex-Presidente Luís Inácio Lula da Silva.

Esse falar popular pode produzir diferentes efeitos para a imagem do político, uma vez que tal característica pode evocar a ideia de simplicidade e humildade, que por sua vez recupera um *ethos de humanidade*; por outro lado corre o risco de representar uma imagem de ignorância e até mesmo de incompetência.

Nas mídias, estes modos de dizer e falar irão adquirir especial atenção uma vez que o próprio sujeito político considera a amplificação da imagem, e da voz, que é possibilitada pelos veículos de comunicação, e as possíveis repercussões, tanto positivas quanto negativas, que tal ambiente pode proporcionar. Daí a utilização de determinados recursos, relativos não só à imagem como também ao modo de dizer, que são voltados para a elaboração de uma performance midiática eficiente e atrativa, tornando a comunicação uma ferramenta estratégica de captação.

4.2 - Os diferentes espaços da fala política: fala pública, fala privada, fala íntima

Ao observar o campo político, o que pode ser destacado é que, de modo geral, os discursos produzidos pelos atores políticos parecem constituir três diferentes e correspondentes ordens de fala, que poderiam ser representadas por uma fala considerada pública, uma fala de cunho privado e uma fala de natureza íntima.

Uma fala de natureza *pública* seria aquele tipo de fala que em princípio o sujeito político coloca intencionalmente, ou não, em circulação no espaço público, frequentemente por meio das mídias, como os discursos oficiais, os comunicados em rede nacional, notas à imprensa, entrevistas, debates; enfim falas que geralmente correspondem à agenda política. Portanto, diz respeito a assuntos da governança que o político supõe ser de interesse dos cidadãos ou mesmo quando é convocado a prestar explicações. No caso do discurso político, algumas falas tornadas públicas acabam por compor a biografia do sujeito político, ao constituir acontecimentos que marcam a vida do homem público.⁶¹ A fala pública é por excelência uma fala midiática.

Quanto ao tipo de fala considerado de cunho privado, esta corresponderia ao universo das relações políticas e do exercício do poder político. Estaria, assim, circunscrita ao espaço da gestão política e diria respeito somente àqueles que detêm a informação sigilosa e confidencial (“o segredo de estado”). A fala privada é, portanto, de âmbito restrito, o que implica em algo que deve ser mantido em segredo, seja provisoriamente ou de modo permanente. Ela deve ser mantida oculta e se limitar a um grupo reduzido de pessoas, mas suas implicações dizem respeito à sociedade e aos cidadãos, na medida em que as ações e as decisões tomadas sem o conhecimento do povo parecem de certa forma contradizer o imaginário da soberania popular. É uma fala composta por assuntos de interesse do estado e não está relacionada com a vida pessoal do político. A fala privada não deveria, pelo menos a princípio, tornar-se pública, mas ela pode vir a ser publicizada, como frequentemente ocorre na cena política, por meio de denúncias, revelações (espionagem), delações⁶², chantagens (dossiês) ou por interesses estratégicos diversos. A fala privada é constantemente buscada tanto pela imprensa quanto pelos adversários políticos.⁶³

A fala íntima correspondente à intimidade do político e circula em âmbito restrito e familiar, dizendo respeito à vida pessoal do político. A fala íntima pode propositadamente ou não tornar-se uma fala pública (de modo direto ou indireto) por meio de confissões e revelações. É aqui que se encontram de modo mais efetivo os conteúdos referentes às narrativas de vida que alguns políticos utilizam em seus discursos. A fala íntima também corresponde a algo privado, secreto, que deve ser

⁶¹ Como parece indicar a célebre fala de Getúlio Vargas: “Saio da vida para entrar para história”.

⁶² A “delação” é nessa perspectiva um exemplo de fala privada tornada pública – também a versão da “delação premiada”, recorrente no cenário político-empresarial brasileiro.

⁶³ Caso do ex-ministro da fazenda Rubens Ricupero, que durante uma transmissão televisiva, sem saber que estava sendo gravado, revelou: “Eu não tenho escrúpulos. O que é bom a gente fatura; o que é ruim, esconde”.

mantido em segredo, só que o conteúdo dessa informação não tem impacto relevante fora do âmbito pessoal ou familiar, ou mesmo do círculo de amizades, referindo-se apenas a um universo restrito de pessoas⁶⁴, diferentemente da fala privada cujo conteúdo sigiloso interessa e pode impactar toda a sociedade. A fala íntima, portanto, não diz respeito ao público, à sociedade enquanto coisa pública. Diz respeito sim à intimidade do convívio e das relações pessoais, do gosto, do desejo e do comportamento.⁶⁵ Outra diferença é que enquanto a fala íntima parece ter uma vocação para a publicização da intimidade do político (*ethos de humanidade*), a fala privada, por implicar riscos maiores e segredos importantes, esforça-se para se manter oculta. A fala íntima não deveria tornar-se pública, e quando isso acontece, no caso do discurso político, geralmente possui razões estratégicas.

Muitas vezes, para ocultar o privado, o político joga com o íntimo, procurando tornar público algum conteúdo de sua vida pessoal. A narrativa de vida, apesar de estar intrinsecamente ligada à fala íntima, pode ser constituída por relatos que fazem referência a acontecimentos relativos a diferentes situações. O que se observa é que no discurso político a fala íntima diz respeito tanto ao âmbito do histórico familiar e pessoal, quanto à atividade política exercida que compõe a história de sua vida pública, seus atos políticos, e suas experiências adquiridas.

Muitas são as implicações que se estabelecem entre o campo político e seus atores com as mídias e seus profissionais. De um lado se encontram os políticos que necessitam das mídias para poder apresentarem-se enquanto representantes do povo, para propor suas ideias, para construir e projetar imagens, para persuadir o público a aderir ao seu projeto. De outro lado se colocam as mídias a entrevistar, investigar e conjecturar sobre a cena política, sobre as ações e relações do homem, e da mulher, sujeitos políticos, procurando revelar e denunciar a má conduta e os desvios e tentando extrair confissões e declarações relevantes, se possível bombásticas. As mídias também buscam informações sobre a vida pessoal do político, sobre aspectos de sua intimidade e seus gostos particulares.

No item seguinte discutiremos sobre alguns setores de ação social que constituem o espaço público, tendo como objeto de discussão o lugar do espaço midiático, da televisão e do discurso de informação na sociedade.

⁶⁴ Não que algo relativo à vida íntima do político não tenha interesse e impacto na sociedade - o escândalo - mas não afeta diretamente a ação política e a vida dos cidadãos, não representa implicações relevantes em seu cotidiano.

⁶⁵ Características essas que corroboram para a construção de uma imagem de político humano.

4.3 - Espaço midiático, televisão e informação.

Em um primeiro momento, se faz necessário abordar alguns aspectos das relações que se estabelecem entre os vários espaços sociais que se articulam e se influenciam de modo recíproco, principalmente, aquelas que aqui nos interessam observar mais de perto: as relações entre o *espaço político*, o *espaço midiático* e o *espaço público*, este representado pela instância cidadã; refletindo sobre o lugar e o papel da televisão, e do discurso de informação, nestes entrecruzamentos.

Com relação ao lugar que a instância midiática ocupa na sociedade, Charaudeau (1997) afirma que as mídias não funcionariam como instâncias dogmáticas, ou seja, instâncias com sistemas e valores que organizariam e classificariam o mundo, tais como a igreja, a escola, a família, etc. As mídias não seriam, nem mesmo uma instância de poder, como se costuma pensar; não poderiam, assim, ser consideradas uma forma de “quarto poder”, papel que a própria instituição midiática dá a si mesma em muitas ocasiões. Uma instância de poder – seja ela instância política, instância jurídica, instância militar, por exemplo - existe no sentido de representação coletiva.

É na esfera do espaço público coordenado pelas mídias, ou seja, no espaço midiático, que situamos o discurso de informação. É aí que ele assume a responsabilidade de reforçar e amplificar o *discurso circulante*, esta “[...] soma empírica de enunciados sobre os seres, as ações, os acontecimentos, suas características, seus comportamentos e os julgamentos relacionados a eles” (Charaudeau, 1997, p. 112; 2011. p. 97)⁶⁶. Esse discurso circulante, oriundo dos diversos espaços e segmentos sociais percorre e é atravessado por outros discursos em um processo de influência recíproca. Essa espécie de motor simbólico da sociedade movido pela linguagem, adquire então três funções no interior do espaço social em que surge, transforma-se e atua. São elas: *função de poder / contra-poder*; *função de regulação* dos hábitos, códigos, experiências e vivências e *função de dramatização* dos problemas da vida dos homens.

Essas três funções encontram-se permanentemente relacionadas e é por meio desse discurso circulante que o espaço público se fundamenta enquanto espaço social de trocas, sobretudo linguageiras. Portanto, vemos este espaço como uma realidade

⁶⁶ Nossa tradução de: “[...] somme empirique d’énonces à visée définitionnelle sur ce que sont les êtres, les actions, les événements, leurs caractéristiques, leurs comportements et les jugements qui s’y attachent. (Charaudeau, 1997, p. 112; 2011. p. 97)

empírica composta de palavras, ações, trocas, grupos, discursos, no qual atuam várias instâncias da sociedade que se entrecruzam e se influenciam umas as outras, dando origem às diversas formas de opiniões.⁶⁷

Dessa forma, o espaço público não pode ser pensado como um lugar homogêneo e universal, uma vez que ele está sujeito às modificações provocadas pela dinâmica social, na medida em que reflete e, ao mesmo tempo, molda o sentido desses discursos, e se encontra submetido às restrições situacionais e discursivas, pois depende das especificidades culturais de cada grupo social no qual circula. Diz Charaudeau:

O espaço público não é nem único, nem um fato, nem um ponto de partida. Ele resulta da conjunção de práticas sociais e de representações. As primeiras constituem o motor das segundas, e estas dão sua razão de ser àquelas, atribuindo-lhes valores que tendem a confirmá-las ou modificá-las. Esta interação dialética constrói um espaço público plural e dinâmico. (CHARAUDEAU, 1997, p. 114; 2011, p. 98).⁶⁸

Por um lado, essas práticas sociais, alteradas continuamente pelos avanços tecnológicos e pelos novos modos de comportamentos, consumo e atuação no espaço social levam, por sua vez, a novas formas de representações e manifestações discursivas. Por outro lado, esses novos discursos remodelam estas práticas, estabelecendo assim uma relação dinâmica de interdependência.

Nessa perspectiva, as mídias, de modo geral, constituem e remodelam o espaço público de forma contínua e seria nesse lugar de entrecruzamento das representações sociais conduzidas pelo discurso circulante que acabariam por se constituir em imaginários sociais, como vimos. Partindo dessas ideias seria possível dizer então que a mídia ocuparia um lugar problemático no espaço público, sobretudo por que ela se coloca como representante ou como uma espécie de defensora dos direitos civis, prezando por um ideal de democracia e princípios éticos que regem o funcionamento da

⁶⁷ Nosso entendimento é que a *opinião pública* seria o resultado de um processo de produção e circulação de opiniões que são confrontadas e mensuradas, sobretudo por meio de pesquisas, que leva a uma fabricação da ideia de consenso e de uma opinião coletiva (cf. CHARAUDEAU, 2013).

⁶⁸ Nossa tradução de: « L'espace public n'est ni unique, ni un fait, ni un point de départ. Il résulte de la conjonction des pratiques sociales et des représentations. Les premières constituent le moteur des secondes, et celles-ci donnent leur raison d'être à celles-là en leur attribuant des valeurs qui tendent à les conforter ou les modifier. Cette interaction dialectique construit un espace pluriel et mouvant [...] » (CHARAUDEAU, 1997, p. 114; 2011, p. 98).

sociedade. Assim, vemos que a mídia se colocou no papel de ter a responsabilidade de uma função cívica de organização e orientação dos valores da cidadania.⁶⁹

Delineamos acima um panorama inicial sobre algumas formas de relações entre os diversos espaços que compõem e se articulam ao espaço público e a posição ocupada pelas instâncias política e midiática nessas trocas. É, portanto, nesse espaço de relações complexas que o discurso político, por meio das mídias, se coloca a representar e corresponder aos imaginários que circulam pelos grupos sociais.

Nos próximos segmentos veremos algumas características do discurso de informação na tentativa de compreender melhor seu mecanismo de configuração e suas formas de tratamento e organização na mídia televisiva.

4.4 - O contrato de comunicação da informação midiática⁷⁰

Na abordagem proposta pela teoria semiolinguística, as relações estabelecidas entre os sujeitos envolvidos em um ato de comunicação são inseridas em um quadro enunciativo denominado por Charaudeau (1997; 2006; 2011) como *contrato de comunicação*. Este quadro teórico seria composto por circuitos de enunciação ligados entre si e correspondentes às condições extra-discursivas e suas realizações intra-discursivas; no circuito externo, ligado ao espaço do *fazer psicossocial* (situacional), encontram-se os sujeitos de linguagem. No circuito interno, estão os sujeitos considerados seres de palavra e submetidos ao espaço interno de enunciação, caracterizado como espaço do *dizer*. É, então, através das relações entre os parceiros e a situação de comunicação que o discurso produzido adquire sentido.

Podemos perceber que para o citado autor, o discurso está ligado às noções de enunciação, isto é, à importância de se levar em conta os espaços ou lugares da troca linguageira. O sentido do discurso não seria, assim, já dado de antemão pela natureza verbal do texto, mas, sim, efetuado pela atividade linguageira do homem, em situação de troca social e a partir de uma relação recíproca entre sentido e forma, ou seja, nos *signos-formas* que as linguagens permitem construir e realizar durante o processo de *semiotização do mundo*.

⁶⁹ Podemos perceber isto de forma mais clara, nos discursos de “auto-justificação”, que por sua vez encontram-se ligados ao *princípio de regulação*, que ela, a mídia, empreende de modo recorrente, como forma de justificar sua atuação neste espaço de conflitos.

⁷⁰ Ao tratarmos aqui de uma abordagem da informação pelo viés da semiolinguística, iremos acompanhar o percurso proposto por Charaudeau (1997; 2006; 2011), em sua perspectiva contratual aplicada ao que ele denomina como *contrato de informação midiático*.

Nessa perspectiva de compreensão do discurso, todo ato de linguagem depende, portanto, de um *contrato de comunicação*⁷¹ sendo o sentido do discurso o resultado das condições específicas da situação de comunicação e do reconhecimento, pelos parceiros da troca linguageira, das restrições situacionais e discursivas que lhes são colocadas. A situação de comunicação seria essa capacidade dos parceiros em reconhecer as restrições às quais estão submetidos, durante o ato de comunicação: restrições de espaço, de tempo, de relações, de palavras, bem como inferências em relação à identidade dos parceiros da troca. Ela determinaria, assim, através das características de seus componentes, as condições de produção e reconhecimento dos atos de comunicação.

No caso da comunicação midiática é a partir da relação entre duas instâncias discursivas, uma enquanto lugar de produção do discurso (*instância de produção*) e outra de recepção e interpretação desse discurso (*instância de recepção*) que o sentido do discurso se elabora, por meio de um triplo processo: *processo de transformação*, *processo de transação* e *processo de interpretação*⁷². (CHARAUDEAU, 1997, 2011, p. 94).

O processo de *transformação* consistiria exatamente em transformar um mundo passível de significação (acontecimento bruto) em um mundo significado (notícia), estruturado em certo número de categorias que classificam os seres e objetos do mundo, ao identificar, nomear e dar-lhes propriedades que os qualificam, ou seja, descrever as ações nas quais essas entidades aparecem engajadas em uma forma narrativa e fornecer os motivos de suas ações em uma argumentação.

O processo de *transação* consiste, para o sujeito que produz um ato de linguagem, em dar uma significação psicossocial a seu ato. Ele está ligado ao tipo de relação que se estabelece entre o sujeito comunicante e seu eventual parceiro e as hipóteses que são feitas sobre as identidades dos parceiros. Nesses procedimentos entram, seguramente, os efeitos de influência do sujeito comunicante inseridos em seus

⁷¹ De acordo com Charaudeau (1999), o termo “contrato”, na teoria *semiollinguística*, tem sua derivação a partir da conjunção estabelecida entre as noções empregadas pela sociologia de Rousseau e o denominado “contrato social”, que ligaria os membros de uma sociedade pelas relações ético-educativas; pela economia, que se refere a um ‘contrato comercial’ estabelecido entre parceiros de uma transação comercial, do tipo compra/venda; também no sentido jurídico, que está frequentemente ligado às noções da economia, em que os indivíduos estão submetidos a regras, leis e deveres de comportamentos, como nos contratos de trabalho, comerciais e civis.

⁷² Serão considerados aqui somente os processos de *transação* e de *transformação*, uma vez que o processo de *interpretação* requer o desenvolvimento de métodos e instrumentos de análise que dê conta de sua complexidade e variabilidade.

atos de fala. Nestes atos de fala são considerados os princípios de alteridade dos sujeitos comunicantes e, naturalmente, a pertinência dos temas tratados dentro do universo de discursos. Uma constante regulação dos papéis assumidos pelos parceiros da troca linguageira é feita, então, para que a comunicação se efetue.

Dito de outro modo, a comunicação segundo Charaudeau (2006) é um ato que repousa sobre quatro princípios. O *princípio de alteridade* pressupõe que todo ato comunicativo se dá em um processo que prevê a relação com um “outro” e isso significa a necessidade da existência de pelo menos dois sujeitos envolvidos, o *locutor* e o *interlocutor*. O *princípio de influência*, por sua vez, relaciona-se com a finalidade comunicativa dos parceiros da troca, pois todo ato de comunicação possui uma intencionalidade, ou ainda, uma co-intencionalidade. Já o *princípio de pertinência* estaria relacionado com a coerência dos temas tratados ao universo do discurso, que corresponde por sua vez, àquele inserido no processo de *transformação*. Enquanto o *princípio de regulação* operaria na orientação dos papéis assumidos na cena de enunciação, tanto do locutor quanto do interlocutor, possibilitando a adequação de seu projeto de fala à medida que o discurso é produzido, obedecendo a certa margem de manobra.

Os fundamentos do discurso informativo estão, desse modo, relacionados com esse processo de configuração do discurso. O ato de informar se inscreve então a partir do papel assumido pelo ator/autor da informação no qual deve *descrever* (identificar e qualificar os fatos), *narrar* (relatar os acontecimentos) e *explicar* (apresentar os motivos dos acontecimentos) os fatos em questão.

Portanto, o discurso de informação tem como finalidade principal *fazer-saber* ao outro, o que pressupõe que a *instância de produção* deve possuir um saber que a *instância de recepção* não detém e para isso ela vai utilizar-se de certos efeitos de veracidade que serão empregados no processo de configuração discursiva, com o objetivo de alcançar a credibilidade da informação.⁷³

⁷³ Do ponto de vista dos objetivos de comunicação, no que se refere às visadas (*visées*), poderíamos classificar, recuperando as noções de Charaudeau sobre o assunto, que elas corresponderiam a intencionalidades psicossocio-discursivas que determinariam a aposta do ato de linguagem efetuada pelo sujeito falante, e conseqüentemente, da própria troca linguageira. Para o autor existiriam seis tipos de objetivos: (i) o objetivo de prescrição, caracterizado por “mandar fazer”; (ii) o objetivo de solicitação: “saber de algo ou sobre algo”; (iii) o objetivo de incitação: “fazer crer”; (iv) o objetivo de informação: “fazer saber”; (v) o objetivo de instrução: “fazer saber-fazer”; (vi) o objetivo de demonstração: “estabelecer uma verdade e dar a prova disso”. (CHARAUDEAU, 1999).

A característica fundamental do contrato de informação midiático está na sua finalidade dupla: *informação* e *captação*. A *finalidade de informação*, que consiste em *fazer saber*, pressupõe que a instância midiática detém um saber ou informação que o cidadão, de modo geral, não possui e, assim, coloca-se no direito de informá-lo. A *finalidade de informação* estabelece dois tipos de atividades linguageiras: a *descrição*, caracterizada pelo modo de relatar os fatos do mundo e a *explicação* das causas e consequências destes fatos.

A *finalidade de informação* deve respeitar determinadas condições para obter sucesso e uma delas está relacionada com a questão da veracidade: não a “verdade” dos fatos em si, mas do modo como são relatados. Essas condições de veracidade dizem respeito à autenticação dos fatos; para isso a instância midiática utilizará recursos e estratégias para atingir tal finalidade. Um desses recursos está na utilização da imagem como meio eficaz para atingir a veracidade, devido a sua natureza designativa, ou seja, o fato de exibir o mundo como “aparentemente” ele é.

Quando se efetua o procedimento de *figuração*, que consiste em descrever o mundo segundo certos “cenários” de verossimilhança, isto é, por analogia, permitindo atender ao critério da veracidade, aquilo que é mostrado pela imagem transmite a ideia de que tal coisa existe de fato. A transmissão “ao vivo” é outro recurso utilizado para se tentar alcançar a veracidade e, conseqüentemente, a credibilidade das informações apresentadas.

Além destes procedimentos de designação operados pela imagem, as mídias, principalmente aquelas de informação, recorrem também a outro procedimento que caracteriza os discursos de informação, que é a inserção de falas de testemunhas, atores (do acontecimento) e especialistas, possibilitando criar certo efeito de verdade.

A *finalidade de captação* consiste, por sua vez, em um objetivo de *fazer sentir* ao outro, parceiro do ato de comunicação e opera por reações sensoriais e emocionais, ligadas às afecções, estruturadas com base nos *imaginários sociodiscursivos* das comunidades que compõem a instância de recepção.

Na mídia, estes imaginários sociais projetados pela instância de produção seriam constituídos basicamente por dois grandes tipos. O primeiro, como vimos, é denominado como *imaginário de verdade* por Charaudeau, e seria fundador do discurso da informação, estando ligado aos princípios que orientariam sua construção: *princípio de autenticidade* (autenticação dos fatos), *princípio de plurifonia* (articulação de falas e testemunhos) e *princípio do saber* (organização do discurso). O outro seria o *imaginário*

de sedução, e estaria relacionado às estratégias de contato com a instância de recepção, utilizando por meio de seu discurso um *saber partilhado*; bem como na condução de *trajetórias afetivas e empáticas*, através de recursos como a dramatização da informação.⁷⁴

O discurso de informação encontra-se, portanto, em uma situação de tensão entre os dois pólos que o legitimam: a *credibilidade* (informação) e a *sedução* (captação). É necessário então que se efetue um ajuste contínuo entre o “registro sério” caracterizado pela *finalidade de informação* e o “princípio do prazer” ligado à *finalidade de captação*, para que se alcance o objetivo central da comunicação, que é captar o maior público possível sem comprometer a credibilidade do conteúdo informado.

No que se refere ao tipo de contrato de comunicação que fundamenta o discurso da informação televisual, o que é possível perceber é que, como em todo ato de comunicação, ela também se encontra limitada por restrições de ordem situacional e discursiva. A instância de produção deve responder às diversas demandas sociais oriundas das supostas expectativas da instância de recepção, aos critérios de atualidade e sociabilidade, bem como os critérios de ordem tecnológica, aos quais, tanto a mídia televisiva e, principalmente, o discurso de informação, estão submetidos.

4.5 - O discurso de informação e a programação televisiva

Dentre os demais, o dispositivo midiático televisivo parece ser aquele que representaria a cena política brasileira de modo mais amplo, em razão de suas características que possibilitam maior abrangência e alcance simultâneo das informações em todo território nacional⁷⁵. Devido também a sua capacidade de promover a identidade cultural e política das sociedades, bem como à natureza de sua linguagem que associa sons, imagens, textos e movimentos, que promovem um efeito de captação da atenção e da audiência do público. Portanto, estes dentre outros fatores nos permitem eleger a televisão como o dispositivo no qual se materializam os discursos a serem aqui adotados como objeto das análises.

A televisão enquanto veículo de comunicação de massa é composta por uma estrutura denominada *programação*, que organiza cronologicamente ao longo de cada

⁷⁴ Cf. SOULAGES, 1999, p. 134-148.

⁷⁵ Princípio segundo o qual, a mesma programação de uma emissora pode ser exibida em todo o país ao mesmo tempo, o que poderia significar uma capacidade real e efetiva de fazer circular os imaginários evocados pelo discurso político e de contribuir para o processo de construção das opiniões.

dia a ordem e disposição dos programas a serem apresentados. Cada emissora possui sua própria identidade de programação, privilegiando determinados gêneros em relação a outros, entretanto uma emissora de sinal aberto e de abrangência nacional (rede) geralmente apresenta uma diversidade de gêneros durante sua programação diária, com a exibição de gêneros de ficção (seriados, séries, novelas, filmes), gêneros informativos (telejornais, boletins, revistas, entrevistas, debates, reportagens, documentários), variedades (programas de auditórios, game-show, *reality-show*, infantis, culinária, etc.), educativos e outros. Tal forma de disposição de conteúdo é denominada por Wolton (1996) como *programação generalista*.

Outro fator importante que interfere na configuração do discurso da informação televisual está relacionado com o fato de a audiência televisiva ser considerada dispersa, em decorrência das próprias características apresentadas pelo dispositivo televisivo e de fatores como a concorrência (direta ou indireta). É nessa chamada *zona de concorrência discursiva* (VERON, 1985), que a televisão encontra-se submetida às pressões externas, oriundas de outras mídias como o rádio, a internet, a imprensa escrita; bem como aquelas de ordem direta e estabelecidas pela competição com outros canais de televisão; e também pressões internas relacionadas à grade de programação da própria emissora. Esses fatores impõem a cada produção uma série de estratégias que as particularizam em relação às outras produções, como a criação de um estilo próprio e de uma retórica televisual singular e atrativa, que a identifique entre as demais, concorrendo pela captação e fidelização do público.

Nesta perspectiva, poderíamos compreender a grade de programação de uma emissora de televisão como um procedimento estratégico de captação de público pela construção de marcas de identificação, memorização e diferenciação entre os demais concorrentes, possibilitando o reconhecimento e a adesão (ou não) do telespectador.

Ainda dentro dessa perspectiva de caráter identitário da emissora de televisão, o discurso de informação é caracterizado também por um duplo processo: em primeiro lugar, uma *aposta comercial*, situação na qual um determinado programa é concebido como produto principal de muitos canais generalistas - e mesmo segmentados - de caráter comercial; tal discurso aparece como principal atrativo das receitas publicitárias, ou seja, é transmitido em horários de audiências elevadas: o chamado “horário nobre”. Em segundo lugar há, nesse tipo de discurso, uma *aposta identitária*, quando a grade de programação é estruturada em função da sociabilidade cotidiana do espectador. Daí o

recurso à repetição e a utilização de estratégias de fidelização do público a partir de uma *programação horizontal*⁷⁶.

É neste processo de estruturação em uma grade de programação, que percebemos a informação televisual inserida em espaços e horários estratégicos, com o intuito de corresponder às demandas que se originam de públicos diversos. Este aspecto está relacionado com as atividades diárias desenvolvidas pelo homem, o seu modo de vida e seus momentos destinados ao fruir televisivo, que por sua vez está articulado com seus hábitos de consumo, sejam de produtos materiais ou simbólicos, inclusive de informações. Pensando nesse aspecto ligado ao tempo social, o telejornalismo irá estruturar seus programas (telejornais, revistas eletrônicas, programas de entrevistas, debates, reportagens e especiais jornalísticos). Como diz Lochard e Boyer:

É ela [a grade de programação] que deve permitir o encontro de duas disponibilidades: a dos telespectadores e a dos programas difundidos. Técnica de articulação do tempo social e do tempo televisual, a programação pode se apoiar sobre os dados da audiência e dos estudos sociológicos (sobre a utilização do tempo de lazer, a presença dos indivíduos em casa, os tempos de escuta) que auxiliam estes agenciamentos. (LOCHARD; BOYER, 1995, p. 95).

Nesta pesquisa será destacado, para análise da organização dos tipos de saberes que se encontram presentes nos relatos de vida promovidos por políticos em suas falas, o gênero *entrevista televisiva*, de modo mais específico, a *entrevista política*, encontrada na programação de algumas emissoras de televisão brasileiras.

Considerada aqui como gênero de base, a partir do qual será configurada a grande maioria dos gêneros televisuais, seja na constituição de uma reportagem de telejornal, das revistas eletrônicas, dos programas de debates e de entrevistas, propriamente ditos, essa forma de interação dialógica denominada *entrevista* é caracterizada por procedimentos diversos e organizada a partir de um conjunto de enunciações que constroem um sentido em torno de determinado tema ou fato. Nela, a palavra do entrevistado revela um ponto de vista pessoal por meio do relato, podendo ser de especialistas, políticos, personalidades e pessoas anônimas, ambas gerenciadas pelo jornalista/entrevistador, profissional este responsável pela organização das

⁷⁶ Programação caracterizada por emissões diárias de determinados programas em horários fixos, que induzem a um fenômeno de ritualização e “acumulação”, reforçado por certa perenidade de seu dispositivo cênico e enunciativo. (SOULAGES, 1999).

informações e pela dinâmica das perguntas e respostas que compõem o programa de entrevista.

A entrevista televisiva nos parece ser o gênero ou forma comunicacional responsável por estabelecer uma impregnação social profunda e intensa ao promover e difundir valores. Os saberes compartilhados pela entrevista, a amplitude de sua abrangência, a modulação de sua linguagem (audiovisual), a fluidez das palavras, a sonoridade da voz, enfim, sua dinâmica discursiva, tudo isso possibilita uma interação social fundada na tematização de certos assuntos de interesse do público. Ela pauta as conversas cotidianas dos grupos e indivíduos, contribuindo para a efetividade da interação e para o estabelecimento do elo social.

A entrevista é, portanto, uma forma comunicacional que promove o encontro do público com o entrevistado. Ela fornece os elementos e requisitos necessários para se efetuar a observação das representações e a interpretação dos imaginários sociodiscursivos colocados em circulação.

CAPÍTULO 5 - GÊNEROS DO DISCURSO: A ENTREVISTA E A NARRATIVA DE VIDA

5.1 - O gênero entrevista

Abordar a temática relativa ao gênero *entrevista* requer certo cuidado e uma atenção especial devido à grande dificuldade de se chegar a uma definição que dê conta de sua complexidade enquanto fenômeno da linguagem e da comunicação humana e social, também pela diversidade de formas em que se manifesta e a ampla aplicação prática que adquire em diversos setores da sociedade. Exige de início definir os sentidos adotados aqui que fazem referência aos conceitos de *interação dialógica*, de *gênero* e de *entrevista*. Em seguida destacar e distinguir a entrevista na versão que parece ser a mais disseminada socialmente, que é a *entrevista jornalística*, investigando suas definições, abordando suas especificidades e discutindo os estudos e as abordagens que, de um lado a tratam por uma perspectiva conceitual e teórica buscando compreender a forma de sua organização discursiva e textual, sua função social e comunicacional, bem como questões relativas às identidades e aos papéis representados pelos parceiros desse tipo de troca linguageira. Por outro lado, publicações voltadas para os aspectos técnicos da entrevista, para as características de seu dispositivo material, sobre os métodos e dinâmicas recomendados para se conseguir realizar uma boa entrevista.

O que é possível perceber ao realizar uma breve pesquisa sobre a temática relativa à *entrevista* é que a bibliografia dedicada ao tema específico da *entrevista jornalística* é predominantemente voltada para uma abordagem das técnicas e dos métodos de realização da entrevista: papéis e funções do entrevistador; formas de relação com entrevistado; performance dos atores envolvidos; características do dispositivo; aspectos da visualidade; a postura e a gestualidade; os elementos da sonoridade. Também é possível encontrar alguns títulos que se dedicam a abordar a entrevista do ponto de vista conceitual, enquanto outros buscam compreender seu funcionamento discursivo numa perspectiva sociocultural e comunicacional; encontramos também pesquisas dedicadas a uma compreensão eminentemente linguística.

Conceber as relações dialógicas como formas fundadoras do discurso de informação seria um passo inicial para tratar da questão genérica na televisão. É principalmente por meio desse procedimento que grande parte dos discursos de

informação é elaborada, ou seja, baseados no modo de interação que fundamenta a entrevista, que por sua vez dá origem a uma variedade de gêneros informativos, dentre eles o programa de entrevista.

A entrevista, em suas diversas modalidades e inserida em práticas sociais distintas, é antes uma forma de interação social que compreende em seu âmago uma organização dialógica, na qual sujeitos, geralmente com *status* e papéis distintos, encontram-se num tipo de relação que pressupõe um (ou mais) questionador e um (ou mais) questionado.

5.1.1 - Entrevista: algumas tentativas de definição

Entendida a partir de uma perspectiva dialógica, a entrevista representa o modo de interação em que se configura o tratamento de determinados temas, na disposição de um sujeito (entrevistador) que inquirir um outro, este no papel de entrevistado, cuja função principal seria fornecer determinadas informações. A entrevista pode ser entendida como uma forma de encontro entre dois sujeitos com papéis distintos e muitas vezes complementares. Esta forma de contato está presente em diversas práticas sociais, como a entrevista médica (a consulta), a entrevista de emprego (avaliação/seleção), a entrevista social (avaliação/assistência), a entrevista policial (o interrogatório), a entrevista de opinião (pesquisa de opinião), a entrevista acadêmica (pesquisa científica), e de modo mais característico, a entrevista jornalística, que parece ser aquela que melhor representa esse tipo de interação social que visa à busca e à disseminação de informações⁷⁷. Para Medina, pesquisadora dedicada ao assunto:

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano (MEDINA, 2004, p. 8).

No caso da entrevista jornalística essa dimensão passa a ser pública, pois o fornecedor de informações para a mídia é antes de tudo um informante da sociedade. Ele está ciente de que sua palavra será lançada no espaço e no domínio públicos, isto é,

⁷⁷ Pelo menos é a forma de entrevista que parece ter um sentido e uma compreensão social mais ampla e enraizada, pela própria natureza pública e massiva, característica do dispositivo midiático.

seu discurso pode alcançar uma dimensão midiática, lugar onde os “possíveis interpretativos” habitam um espaço onde não há controle, por parte daquele que fala, do processo interpretativo realizado pelo *receptor-público*.⁷⁸

No que se refere à entrevista jornalística, Medina a define como “uma técnica de obtenção de informações que recorre ao particular; por isso se vale, na maioria das circunstâncias, da fonte individualizada e lhe dá crédito, sem preocupações científicas”. (MEDINA, 2004, p. 18). Medina também distingue a entrevista jornalística da entrevista realizada nas Ciências Sociais, considerando alguns aspectos que as diferenciam, como a maior profundidade alcançada pela entrevista de cunho acadêmico, a relação que cada forma estabelece com o tempo, o modo de escolha das fontes, mesmo que em alguns momentos ou situações ambas se valham de técnicas semelhantes (MEDINA, 2004, p. 19).

Segundo Morin (1966, p.115), “Uma entrevista é uma comunicação pessoal tendo em vista um objetivo de informação”. Uma definição bastante ampla do que vem a ser a entrevista em seus diversos usos nas sociedades, mas que em diversos momentos o autor procura distinguir a natureza da informação nas Ciências Sociais e nas mídias, bem como as formas de tratamento que ela possui em cada campo. Diz o autor, em diferentes momentos:

Esta definição é comum à entrevista científica, praticada notavelmente em psicologia social, e à entrevista de imprensa, rádio, cinema e televisão. Mas a diferença aparece na natureza da informação. A informação em ciências sociais enquadra-se num sistema metodológico, hipotético e verificador. A informação nos veículos de massa obedece às normas jornalísticas, e, muito frequentemente, tem um fim espetacular. A informação da entrevista científica deve, antes de tudo, interessar um pequeno grupo de pesquisadores. A informação da entrevista nos veículos de massa, interessar um vasto público. (MORIN, 1966, p.115)

[...]

Tocamos aqui na maior oposição entre a entrevista de ciências humanas e a entrevista telecomunicante: a primeira terá um caráter não-público, até mesmo secreto; se existe exibição de sentimentos, ela é feita diante unicamente do investigador, e é de seu uso exclusivo. A segunda se dirige a todos; situa-se no fórum telecomunicativo moderno. (MORIN, 1966, p.127)

[...]

Portanto, tudo opõe a entrevista «comum» dos veículos de massa à entrevista comum da psicologia social. Uma visa o pitoresco, o

⁷⁸ Charaudeau (2006) propõe que a *instância de recepção* seja composta por duas partes integradas: o *destinatário-alvo*, aquele visado e idealizado pela *instância de produção* (mídias); e o *receptor-público*, este, sujeito concreto do mundo real.

divertido, o espetacular, e se preocupa pouco com a validade da informação recolhida, a outra procura a fidelidade e se funda num método. Todavia, há um encontro quando uma e outra se aprofundam. (MORIN, 1966, p.128).

E ainda completa Morin (1966, p. 133): “A entrevista nas ciências humanas, a entrevista nos veículos de comunicação de massa, desde que abandonam a zona da frivolidade, revelam uma e outra uma extraordinária necessidade de comunicação”.

Outra abordagem considerada com frequência entre os pesquisadores interessados no tema é a classificação estabelecida pelo mesmo Morin (1966, p. 128) quanto aos tipos de entrevista no rádio e na televisão: *entrevista-rito*, *entrevista anedótica*, *entrevista-diálogo*, *neoconfissões*.⁷⁹ A partir daí, Medina (2004, p. 15) postula uma classificação das entrevistas em duas tendências principais: a *espetacularização* e a *compreensão* (aprofundamento), e suas respectivas subdivisões.⁸⁰

Quanto aos subgêneros da *compreensão-aprofundamento*, Medina relaciona cinco formas, sendo elas: 1) *Entrevista conceitual*: consulta aos especialistas para se obterem informações sobre determinados conceitos. 2) *Entrevista enquete*: utilização de várias fontes que irão depor sobre um tema. 3) *Entrevista investigativa*: uso de entrevistas para se embasarem investigações sobre fatos da vida pública. 4) *Confrontação-polemização*: discussão de temas polêmicos, envolvendo várias pessoas que se reunirão em mesas-redondas, painéis, simpósios e seminários, cabendo ao entrevistador o papel de coordenador, mediador e porta-voz de dúvidas do senso comum. 5) *Perfil humanizado*: entrevista com o objetivo de traçar um perfil humano do entrevistado, para se conhecer seu histórico de vida, seus conceitos, valores e comportamentos. (MEDINA, 2004, p. 15-18).

⁷⁹ “A *entrevista-rito*. A entrevista-rito marca acontecimentos, cerimônias, encontros oficiais. Seu objetivo verdadeiro é de fazer ouvir a voz, de autenticar o acontecimento pela voz-imagem (televisão, noticiário cinematográfico), de revelar e comunicar a presença subjetiva. As próprias palavras da entrevista-rito são «rituais». Elas completam a cerimônia. A *entrevista anedótica*. Muitas das entrevistas de vedetes são conversações frívolas, ineptas, complacentes, onde o entrevistador busca a anedota picante, faz perguntas tolas sobre as alterações e os projetos, onde entrevistador e entrevistado permanecem deliberadamente fora de tudo que possa comprometer. Esta entrevista se situa no nível dos mexericos. A *entrevista-diálogo*: em certos casos felizes, a entrevista torna-se diálogo. Este diálogo é mais que uma conversação mundana. É uma busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema. As *neoconfissões*: aqui, o entrevistador se apaga diante do entrevistado. Este não continua na superfície de si mesmo, mas efetua, deliberadamente ou não, o mergulho interior. Alcançamos aqui a entrevista em profundidade da psicologia social”. (MORIN, 1966, p. 128).

⁸⁰ Para Medina (2004, p. 15), os subgêneros da espetacularização seriam: 1) Perfil do pitoresco: retrato de pessoas de destaque. 2) Perfil do inusitado: descrição de traços excêntricos do entrevistado. 3) Perfil da condenação: entrevista ideologicamente marcada, que traça um perfil do entrevistado como culpado.

Por sua vez, Lage (2005) define a entrevista como sendo um “procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos” (LAGE, 2005, p. 73). Para ele, a palavra “entrevista” apresenta significados e aplicações distintas podendo concretizar-se em qualquer procedimento de apuração junto a uma fonte capaz de diálogo, como uma conversa de duração variável com personagem notável ou portador de conhecimentos ou informações de interesses para o público, ou ainda uma matéria publicada com as informações recolhidas nessa conversa.

Para Caputo (2006) a entrevista seria um objeto de difícil definição e conceituação. Entendida ora como técnica, ora como procedimento, algumas vezes tida como instrumento de execução de uma determinada atividade ou função, em outras, definida como uma arte, ou mesmo como uma forma de interação dialógica. Questiona (e responde) então Caputo:

Técnica, procedimento, instrumento, arte, diálogo? [...]
Quanto a mim, penso que a entrevista é uma aproximação que o jornalista, o pesquisador (ou outro profissional) faz, em uma dada realidade, a partir de um determinado assunto e também a partir de seu próprio olhar, utilizando como instrumento perguntas dirigidas a um ou mais indivíduos. (CAPUTO, 2006, p. 21).

Parece-nos necessário, então, estabelecer de antemão algumas distinções quanto à concepção do termo *entrevista* que pretendemos adotar aqui, uma vez que este pode estar associado a algum tipo de recurso ou procedimento (*sonora, entrevista coletiva, enquete, povo-fala*)⁸¹ realizado no decorrer do processo de obtenção e coleta das informações, geralmente utilizado na composição de outro gênero, como no caso da reportagem, gênero este composto por um encadeamento de falas de especialistas, testemunhas, atores do acontecimento e do próprio jornalista realizador da reportagem. O termo entrevista pode também corresponder a um gênero informativo em si, na medida em que a entrevista que é realizada representa o modo de organização discursiva dominante do programa, isto é, constitui integralmente, ou quase, a emissão, como acontece nos programas de entrevistas e debates televisivos.⁸²

⁸¹ Formas discursivas típicas que compõem a enunciação telejornalística.

⁸² Programas de entrevistas como o *Roda Viva* (TV Cultura), o *Sem Censura* (TVE), o *Canal Livre* (TV Bandeirantes); também nos *talk shows* [*Programa do Jô* (Rede Globo), *Agora é tarde* (TV Bandeirantes)]; também nos programas de *debate* [*Na moral* (Rede Globo)], dentre outros, se considerarmos ainda a programação dos canais por assinatura.

Nestes programas, a interação dialógica que é estabelecida, ou seja, o ato de perguntar e responder torna-se responsável por estruturar e organizar integralmente tal acontecimento discursivo midiático. A esse respeito, Charaudeau (2006) chama a atenção para uma confusão bastante comum feita entre os termos *gênero* e *procedimento*, procurando desenvolver um entendimento mais claro desta distinção e também em relação às transformações pelas quais os gêneros de informação passam com o decorrer do tempo, buscando adequar-se a cada situação do desenvolvimento sociocultural de uma determinada comunidade. Diz o autor:

Mas importa destacar duas coisas: uma é que, com tal definição, não se pode mais confundir gênero e procedimento, pois uma argumentação, uma montagem de imagem ou uma simulação são procedimentos que, com certeza, podem intervir como traço definidor de um gênero, mas não podem ser confundidos com este; a outra é que, como dissemos ao começar, os gêneros inscrevem-se numa relação social de reconhecimento, trazendo uma codificação que lhes é própria – própria a seu contexto sociocultural – e podem então variar de um contexto a outro (um *talk show* à francesa é diferente de um *talk show* à italiana ou à espanhola) e de uma época a outra (um telejornal dos anos 60 é, ao mesmo tempo semelhante e diferente de um telejornal dos anos 90). (CHARAUDEAU, 2006, p. 211).

De acordo com Charaudeau (2006, p. 212), a entrevista jornalística compõe a categoria dos gêneros de informação, a partir de sua proposição sobre o que denomina por *contrato de informação midiático*. Além da entrevista, outros gêneros de informação como a reportagem, o debate, o editorial, a crônica, a tribuna de opinião compõem o que o autor classifica como uma tipologia dos textos de informação midiática. Especificamente no caso da entrevista, este gênero de informação caracteriza-se de modo geral como um acontecimento do tipo *provocado*⁸³, pois é organizado e coordenado pela própria instância midiática, apresentando um grau de engajamento⁸⁴

⁸³ Charaudeau (2006, p. 152-199) fala de três tipos principais de acontecimentos, distinguindo a forma como são tratados e apresentados pela instância midiática, isto é, de produção. Isso significa que esses gêneros informativos televisuais de base estão relacionados com o modo discursivo classificado pelo autor como *acontecimentos reportados*: teríamos aí o caso das reportagens que registram acontecimentos não programados, isto é, de ordem mais factual; os *acontecimentos comentados*, que estariam relacionados com aqueles programas que inserem comentários e análises de especialistas e jornalistas sobre temas e assuntos que estão na ordem do dia, como os editoriais e crônicas, por exemplo. Os *acontecimentos provocados* seriam aqueles em que se encontram os eventos programados pelos próprios veículos de comunicação, como os programas de debates e entrevistas do tipo *talk shows*, nos quais, geralmente, participam como convidados, personalidades do mundo político, artístico, eventos esportivos; enfim, acontecimentos previstos e planejados com certa antecedência.

⁸⁴ “Entenda-se por engajamento o fato de que o enunciador manifeste mais ou menos sua própria opinião ou suas próprias apreciações na análise que propõe, ou na maneira de encenar o acontecimento (como nas entrevistas ou debates)”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 209).

menor da instância de enunciação em relação a outros gêneros como o editorial, o artigo e o comentário, por exemplo, que são gêneros eminentemente opinativos.

Para Charaudeau (2006), dentre os diversos tipos de situações dialógicas que permeiam as relações humanas, a *entrevista*,⁸⁵ a *conversa*⁸⁶ e o *bate-papo*⁸⁷ seriam três formas conversacionais que possuem algumas semelhanças, mas que apresentam certas características que as tornam distintas. Segundo Charaudeau, elas se assemelham por ser uma forma de troca linguageira em que os parceiros têm direito a uma alternância nos turnos de fala. O que as distinguiria é o modo de regular essa alternância das falas.

Dentre estas três formas de interação dialógica, na *entrevista* há de início a exigência de distinção de *status* e delimitação dos papéis a serem exercidos pelos parceiros, sendo um deles no papel de “questionador” e outro no papel de “questionado-com-razões-para-ser-questionado” (CHARAUDEAU, 2006, p. 214). No caso da entrevista jornalística, as identidades dos sujeitos se ajustam aos papéis de entrevistador e de entrevistado, situação na qual compete a cada um executar uma série de estratégias discursivas que convém às suas finalidades, sempre com a consciência de que são “vistos-escutados” por um público. Nela, a alternância das falas é coordenada pelo jornalista-mediador, profissional da mídia responsável por distribuir os turnos e administrar o tempo de fala. Segundo Charaudeau:

A entrevista jornalística possui as características de qualquer entrevista, mas, além disso, ela é especificada pelo contrato midiático: entrevistador e entrevistado são ouvidos por um terceiro-ausente, o ouvinte, num dispositivo triangular. (CHARAUDEAU, 2006, p. 214)

Esse dispositivo triangular - Entrevistador/Entrevistado/Público - caracteriza a entrevista jornalística de modo geral, podendo ocorrer em alguns casos variações em sua configuração, como por exemplo, a utilização de mais de um entrevistador, a presença de dois ou mais entrevistados, a participação ou não da platéia, a interação do público telespectador/ouvinte ou não, e outras adaptações.

Charaudeau (2006, p. 215-217) propõe também uma classificação das diversas variantes de entrevistas que se disseminam na programação das emissoras de rádio e de

⁸⁵Entrevista: exige diferenciação de *status* – questionador/questionado – a alternância de fala é regulada e controlada pelo entrevistador. (CHARAUDEAU, 2006, p. 214).

⁸⁶Conversa: caracteriza-se por não ter exigência quanto a *status* e por sua diversidade temática. (CHARAUDEAU, 2006, p. 214).

⁸⁷Bate-papo: igualdade de *status*/competência para tratar do tema com alternância do turno de fala regular. (CHARAUDEAU, 2006, p. 214).

televisão, classificação esta que procura dar conta de algumas especificidades quanto ao propósito da entrevista, ao *status* da fonte e ao papel do entrevistador. O autor apresenta então cinco formas principais de entrevistas (ou subgêneros do gênero entrevista), sendo elas: a *entrevista de especialista*, a *entrevista de testemunho*, a *entrevista cultural*, a *entrevista de estrelas* e aquela que aqui interessa-nos de modo mais específico que é a *entrevista política*. Antes, porém, de tratar das características da entrevista política faremos uma breve descrição das demais formas apresentadas acima.

Na definição de Charaudeau (2006), a *entrevista de especialista* trata de aspectos técnicos relativos a diversos setores da atividade social, como a economia, a política, as ciências, a organização da vida social como um todo, convidando e fazendo falar profissionais especializados em assuntos de natureza geralmente técnica. Estes convidados devem necessariamente possuir o domínio do conhecimento a respeito dos temas tratados na entrevista e ter sua competência reconhecida no campo profissional em que atua, bem como pela mídia e pelo público. A finalidade deste tipo de entrevista está frequentemente ligada a uma tentativa das mídias de informação em contribuir para a ampliação do debate social em torno de determinada temática, fornecendo à opinião pública informações de caráter técnico e às vezes científico que passam por um tratamento de simplificação para que possam ser assimiladas pelo público. Como define Charaudeau (2006, p. 215), “A entrevista de expertise é um gênero que se resume a fornecer à opinião pública um conjunto de análises objetivas, trazendo a prova de sua legitimidade pelo “saber” e pelo “saber dizer””.

A *entrevista de testemunho* é talvez a forma de entrevista mais comum no telejornalismo, funciona na maioria das vezes como um procedimento que integra uma reportagem factual, mas também pode ser um relato maior de um acontecimento considerado importante pelas mídias. O entrevistado geralmente é um anônimo que viveu ou presenciou o acontecimento e se disponibiliza a relatar sua versão dos fatos. O entrevistado convidado também pode ser uma pessoa cuja história de vida contenha elementos dramáticos, sobretudo conteúdos com fortes apelos emocionais, histórias que possam tocar e emocionar o público. De acordo com Charaudeau, (2006, p. 216), “a entrevista de testemunho é um gênero que se presume confirmar a existência de fatos e despertar a emoção, trazendo uma prova de autenticidade pelo “visto-ouvido-declarado””.

A *entrevista cultural* procura conhecer os aspectos ligados à criação artística em suas diversas manifestações, seja na literatura, na música, no cinema, nas artes de modo

geral. O entrevistador deste tipo de entrevista joga com diversas estratégias para tentar arrancar do artista convidado os mistérios e segredos da criação, que poderão ou não ser revelados. Diz Charaudeau:

A entrevista cultural define-se por tratar da vida literária, cinematográfica, artística, procurando penetrar os mistérios da criação. O convidado é geralmente autor de obras, tem maior ou menor notoriedade. [...] O entrevistador representa vários papéis discursivos: de intimidade, de convivência, de entusiasmo, visando arrancar uma explicação do processo de criação. [...] A entrevista cultural é um gênero que se presume enriquecer os conhecimentos do cidadão. (CHARAUDEAU, 2006, p. 216).

Já a *entrevista de estrelas* corresponde a uma curiosidade do público sobre a vida, se possível íntima, de uma celebridade. A mídia vai então procurar e mostrar aspectos do dia-a-dia dos famosos, exibir sua casa, invadir sua intimidade e revelar seu modo de vida, sua sofisticação ou sua simplicidade.

Na entrevista de estrelas o propósito diz respeito à vida das personalidades do mundo do espetáculo (atores, cantores, etc.). O convidado aparece na mídia e faz uma boa figura para alimentar sua notoriedade. [...] Pode-se dizer que esse gênero exibe à opinião pública uma série de apreciações emocionais. (CHARAUDEAU, 2006, p. 217).

Charaudeau levanta algumas questões quanto aos problemas de credibilidade que podem estar associados ao gênero entrevista, particularmente na entrevista política, como aqueles referentes à previsibilidade existente em alguns tipos de perguntas realizadas pelo entrevistador e em algumas respostas padronizadas enunciadas pelo entrevistado. Problemas relativos também ao modo de entrevistar e ao agenciamento do tempo de fala das respostas, que a depender do tema tratado exigiriam uma reflexão mais elaborada por parte do entrevistado, o que na mídia, sobretudo televisiva com sua obsessão pelo controle do tempo de emissão, contribui em muitos casos para limitar a compreensão sobre o objeto tratado.

5.1.2 - A entrevista política

A entrevista política, que aqui nos interessa como objeto de estudo, define-se “pelo propósito de concernir à vida cidadã e pela identidade do entrevistado” (CHARAUDEAU, 2006, p. 215). No caso da entrevista política, o entrevistado é

geralmente uma personalidade do mundo político (parlamentar, governante, candidato, oposição), que a instância midiática supõe que ela possua informações relevantes a serem fornecidas, para tanto é convidada a emitir suas opiniões e/ou revelações sobre determinados aspectos da vida e da atividade política, sobre temas considerados importantes a serem esclarecidos à opinião pública. Quanto ao papel do entrevistador, ele tem como função institucional buscar extrair o máximo de informações do entrevistado, informações e opiniões estas que muitas vezes o político prefere ocultar; em outros casos, informações que são dadas buscando promover interesses visados pelo entrevistado. Neste jogo complexo de intenções muitas vezes não reveladas, o jornalista no papel de entrevistador deve demonstrar ser portador de certas características como a seriedade, a competência e o domínio do tema tratado. Ele deve lançar mão de uma série de estratégias de questionamento (“falsa inocência”, “falsa cumplicidade”, “provocação”) que visam revelar as contradições do sujeito político convidado. Sobre este aspecto, nos diz Charaudeau:

A entrevista política é um gênero que se presume pôr a disposição da opinião pública uma série de julgamentos e de análises que justifiquem o engajamento do entrevistado. Esse gênero se baseia então num “é-preciso-dizer-a-qualquer-preço”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 215).

O subgênero entrevista política é dentre os demais aquele que parece ter maior prestígio social. No campo profissional do jornalismo a editoria de política é uma das áreas mais almeçadas pelos jornalistas, ao mesmo tempo em que exige do profissional uma série de competências que fazem dele um profissional experiente e conhecedor dos meandros da política e dos fatos políticos importantes na história e na atualidade do país e do mundo. O repórter que atua na cobertura política deve então possuir capacidades diversas para alcançar e manter um relacionamento com as fontes do campo político, muitas vezes complexo de se administrar, uma vez que as relações estabelecidas entre os jornalistas e os sujeitos políticos oscilam entre intimidade, condescendência, distanciamento e acusação.

No que se refere a sua função social o jornalismo político, e também a entrevista política, contribuem de modo efetivo para a construção e manutenção da democracia e da história política de uma sociedade, de um país. A partir do registro e do tratamento de determinados fatos políticos a imprensa e o discurso de informação que ela produz colaboram para a afirmação da instituição política e para a circulação dos assuntos que

ela projeta; contribui também para informar à instância cidadã e para a promoção do debate social. Como diz Chagas (2006, 159), “A boa entrevista política terá colaborado de alguma forma para que o cidadão, mais informado, sinta-se habilitado a exercer seus direitos e fazer suas escolhas”. E completa a autora:

A entrevista política também é importante do ponto de vista histórico mesmo quando não faz revelações bombásticas. É um tipo de entrevista mais analítica, normalmente extensa, rica em bastidores e revelações sobre determinados episódios ou períodos que nos permite melhor entendê-los. Acaba tornando-se documento de uma época quando personagens históricos como ex-presidentes e outros protagonistas de fatos decisivos resolvem falar e apresentar suas versões dos fatos, preencher lacunas, repor verdades - ou, pelo menos, as suas verdades. (CHAGAS, 2006, p. 159).

Acontece que nessa relação nem sempre muito fácil que se torna a entrevista com políticos, o jornalista tem por função romper as negativas e fugas do entrevistado e lançar mão de estratégias que possam convencê-lo a responder questões delicadas e tratar de assuntos que muitas vezes preferiria ocultar. Para Chagas:

O maior problema é que nem todo mundo quer ser decifrado. Menos ainda em política, atividade em que discurso e palavra servem de instrumento para a construção de imagens no jogo ilusório das aparências. No jornalismo político, o papel do entrevistador é tornar claro, expor, abrir ao público ideias, informações, fatos e intenções que, muitas vezes, um agente político prefere omitir. E ele deve fazer isso sem se deixar devorar por essas ilusões e aparências. (CHAGAS, 2006, p. 175).

Na linguagem da televisão, tanto a fala quanto a imagem tornam a figura do entrevistado muito mais explícita, revelando suas expressões, gestos, postura, como ele se veste e reage diante do entrevistador e das câmeras, enfim uma série de elementos que entram na composição da imagem. A entrevista na televisão coloca o entrevistado numa situação de exposição midiática que acaba por afastar os tímidos e discretos e atrair os exibicionistas. Sobre este aspecto contraditório de reações diante da entrevista, Morin (1966, p. 123) relata que a entrevista pela sua própria natureza, em princípio inquisitória ou intrusiva, provocaria uma reação de defesa natural no entrevistado, mas que ao mesmo tempo pode gerar também uma forte necessidade de se expressar, de mostrar seu posicionamento e suas opiniões em relação a determinado assunto em debate.

5.1.3 - A entrevista na televisão

A entrevista jornalística, como qualquer outro gênero, deve ser considerada de acordo com o dispositivo que a configura. Seja na imprensa escrita, no rádio ou na televisão ela adquire especificidades próprias a cada suporte material. Assim, pode-se falar em um determinado gênero em cada uma de suas materializações sem correr o risco de tratar tudo como sendo uma coisa só. A entrevista televisiva, por exemplo, não deveria ser considerada do mesmo modo que a entrevista radiofônica, que por sua vez não se confundiria com a entrevista impressa e vice-versa. Cada uma dessas situações apresenta condições específicas de tratamento e organização do discurso e, portanto, de suas características genéricas. Charaudeau aborda esta questão dizendo que:

O tipo de dispositivo, por sua materialidade, traz especificações para o texto e diferencia os gêneros de acordo com o suporte midiático (imprensa, rádio, televisão). Isso permite distinguir, por exemplo, uma entrevista radiofônica de uma entrevista televisionada pela simples presença da imagem nesta última e suas múltiplas incidências nos papéis desempenhados por entrevistador e entrevistado. (CHARAUDEAU, 2006, p. 207).

A entrevista na televisão obedece, portanto, às restrições específicas da situação de troca às quais ela corresponde dentro do contrato midiático de informação. Neste caso, a instância jornalística é responsável por toda a organização e execução do programa, por definir os temas a serem tratados, o convidado que irá participar fornecendo as informações solicitadas, características estas que classificam o gênero entrevista jornalística como pertencente à categoria de acontecimento provocado (AP)⁸⁸, como dito anteriormente. Na televisão, além de sua utilização como procedimento adotado pelo departamento de telejornalismo para a coleta de depoimentos e falas (sonoras) a serem utilizadas na formatação dos conteúdos jornalísticos em diversos gêneros de informação (noticiário), a entrevista pode se apresentar em versões com curta duração, inseridas em telejornais ou em outros programas jornalísticos. A entrevista televisiva também pode se configurar enquanto um programa completo, cujo conteúdo dominante é a própria interação entre entrevistador e entrevistado: o programa de entrevista.

⁸⁸ CHARAUDEAU, 2006, p.208.

No dispositivo televisual, o gênero entrevista pode adotar diversas formas de composição da encenação visual, podendo organizar-se de diferentes modos quanto à disposição dos participantes, como por exemplo, no formato com um entrevistador e um entrevistado⁸⁹; com um entrevistador e dois ou mais entrevistados⁹⁰; com dois ou mais entrevistadores e um ou mais entrevistados.⁹¹ Podem ser considerados ainda se o formato é “mesa-redonda” ou com bancada; os elementos que são utilizados na cenografia; se é gravado ou ao vivo; se em estúdio ou externa; se a entrevista é fixa ou gravada em movimento; se sentado ou em pé; atentando-se também quanto ao posicionamento das câmeras, etc. Cada entrevista, portanto, pode ser estruturada de modo específico e isto irá depender da identidade e dos objetivos da emissora, da proposta temática e do perfil editorial do programa, do estilo do jornalista, do espaço e do tempo disponível, depende também do contexto no qual ela é comunicada. Toda essa variabilidade de composição da entrevista permite a criação de diversos formatos de programas que possuem, por meio da interação, a possibilidade de promover a construção do diálogo.

Em decorrência da inevitável exposição promovida pela televisão, o apresentador de programas de entrevistas, isto é, o entrevistador, acaba por se tornar uma figura pública (no sentido midiático, não político) de referência na sociedade onde atua. Em muitos casos torna-se até mesmo uma celebridade do *show business* transgredindo a função de mediador social, para tornar-se entrevistador-estrela. No campo do jornalismo televisivo, o entrevistador corresponde a uma série de expectativas do público e do entrevistado sobre sua postura profissional e sobre sua conduta como entrevistador. Ele é geralmente cobrado a se posicionar como um agente social que questiona em nome do público e de uma ética cidadã, sobretudo nas entrevistas realizadas com políticos.

Tanto no rádio, quanto na televisão, a entrevista permite difundir as propostas da pessoa entrevistada lhe oferecendo a oportunidade de narrar/contar sua própria história. Procura também fazer ver uma pessoa tal como ela é, e conhecer o conteúdo de seus gestos ou de suas declarações. Além de sua função de busca de informações, a entrevista visa antes de tudo fornecer ao ouvinte e ao telespectador uma informação direta da fonte (“em primeira mão”).

⁸⁹ Ex: *Marília Gabriela* (SBT, GNT); *Provocações* (TV Cultura SP).

⁹⁰ Ex: *Dois contra um* (Globo News); *Sem Censura* (TV Cultura RJ).

⁹¹ Ex: *Roda Viva* (TV Cultura); *Canal Livre* (Band).

Comentando sobre as especificidades que o gênero entrevista adquire no veículo televisivo, Barbeiro destaca o seguinte:

A entrevista em televisão tem o poder de transmitir o que o jornalismo impresso nem sempre consegue: a exposição da intimidade do entrevistado. Os gestos, o olhar, o tom de voz, o modo de se vestir, a mudança no semblante influenciam o telespectador. Esses maneirismos também mudam a ação do entrevistador, que na medida em que adquire experiência consegue tirar do entrevistado mais do que ele gostaria de dizer. (BARBEIRO, 2002, p. 84).

Por essa perspectiva, a entrevista constitui um objeto muito propício para o surgimento da narrativa sobre si mesmo, um espaço construído para fazer surgir opiniões, revelações, confissões e emoções diversas. Lugar no qual muitas vezes o sujeito entrevistado é convidado a se lançar num mergulho interior, em lembranças sobre sua história de vida. Como nos diz Charaudeau (2006), a entrevista é responsável por revelar a palavra da interioridade. Ao fazer emergir essa palavra interior, a instância midiática busca provocar a emoção no público, podendo promover identificação e adesão aos valores propostos.

A questão que se coloca é quanto às condições de veracidade desse relato, dificuldade que a mídia tenta enfrentar utilizando determinados procedimentos para autenticar a credibilidade da fonte, realizando pesquisas sobre a biografia do sujeito entrevistado, por exemplo. Morin alerta sobre essa possibilidade de invenção na entrevista: “A entrevista, evidentemente, se funda na mais duvidosa e mais rica das fontes, a palavra. Ela corre o risco permanente da dissimulação ou da fabulação” (MORIN, 1966, p. 120). Portanto, na entrevista, a fidelidade das propostas apresentadas pela pessoa entrevistada é uma qualidade primordial. O que é dito deve ser verossímil e a pessoa que fala deve ter sua credibilidade reconhecida.

5.1.4 - O programa *Roda Viva*

O programa *Roda Viva*, escolhido como fonte das entrevistas que foram selecionadas como objeto de estudo desta pesquisa, é produzido e exibido pela TV Cultura de São Paulo (Fundação Padre Anchieta) desde 1986, para todo o território nacional e em sinal aberto. A escolha de tal programa se deve não só ao tempo em que o

programa está no ar e pela quantidade relevante de entrevistas realizadas⁹², mas também pelo caráter educativo de sua programação e pela identidade pública que a emissora possui, bem como devido à credibilidade que é atribuída ao programa pela opinião pública.

Do ponto de vista de sua estrutura e de seu dispositivo enunciativo, o programa *Roda Viva*⁹³ possui um formato circular e conta com a participação de um apresentador/moderador, responsável este por gerenciar o andamento da entrevista organizando e distribuindo as falas (perguntas e respostas), com a presença de jornalistas convidados para realizar perguntas e contribuir para a entrevista, e também é claro de um entrevistado a cada edição (salvo exceções). O programa conta ainda com as participações de um cartunista (Paulo Caruso) que retrata com traços bem humorados alguns momentos da entrevista, além da presença de “twiteiros” que acompanham a entrevista fazendo comentários *on line*.



(Foto: internet)

⁹² De acordo como o *site* do programa (www.tvcultura.cmais.com.br/rodaviva), mais de mil entrevistas compõem o acervo do *Roda Viva*.

⁹³ O programa *Roda Viva* é apresentado às segundas-feiras às 22:00, com reprise na madrugada de sexta-feira, à 0:30; com aproximadamente 90 minutos de duração.

A disposição cenográfica do programa *Roda Viva* é caracterizada por um formato circular com o entrevistado convidado localizado na parte central do cenário, contornado por bancadas nas quais se posicionam o apresentador e os demais jornalistas e convidados que participam da entrevista. Durante sua existência, o programa já possuiu diferentes cenários, mas sempre procurando manter a ideia central relativa à disposição circular que caracteriza seu formato, desde o início de sua transmissão. Assim, rodeado pelos entrevistadores, que personalidades e especialistas de diversas áreas do conhecimento são colocados a falar sobre os temas e assuntos que são tratados durante uma hora e meia de exibição do programa. Em seus quase trinta anos de edição, o *Roda Viva* tem possibilitado a realização de debates com figuras de destaque nos diversos setores da atividade social brasileira e internacional, sobretudo na política, na economia, na cultura, nos esportes, nas ciências e no pensamento social, de modo geral. Enfim, são tratados assuntos de interesse público que, acredita-se, sejam relevantes para a sociedade brasileira, procurando fornecer aos telespectadores uma visão abrangente do pensamento contemporâneo.

Quanto a sua organização discursiva, o *Roda Viva*, a cada edição, estrutura-se a partir de uma temática geral, seja referente à política, à economia, à cultura, etc., cujo convidado é alguém especialista no assunto tratado ou uma personalidade tida como referência no campo em questão. Do ponto de vista dos conteúdos que são abordados, vários assuntos podem ser introduzidos, ou seja, a partir de uma questão geral que introduz determinado tema podem ser realizadas várias outras perguntas, cujas respostas utilizam argumentos diversos que buscam soluções provisórias e não definitivas.

Ainda antes de abordarmos as análises das entrevistas, no próximo capítulo trataremos da temática relativa às narrativas de vida, procurando levantar algumas definições, conceitos correlatos, estudos relacionados ao tema e abordagens metodológicas que possam fornecer elementos para uma melhor compreensão do assunto. O que se nota é que as falas dos políticos objeto de nosso estudo recorrem muitas vezes a essa forma de relato sobre si, talvez com finalidade estratégica. Iremos observar então as características da utilização dessas narrativas de teor biográfico, particularmente por políticos e, de modo específico, nas entrevistas concedidas ao referido programa de televisão.

5.2 - O gênero *narrativa de vida*

No que se refere aos estudos realizados sobre a temática relativa aos discursos de caráter biográfico, que englobaria uma série de outros gêneros correlatos (autobiografia, histórias de vida, narrativas de vida, relatos de vida, etc.), pode-se constatar que as pesquisas que são desenvolvidas sobre tais objetos estão distribuídas em diferentes áreas do conhecimento. Além da Análise do Discurso, pode ser constatado o interesse pela questão em campos como a Literatura, a Sociologia, a Etnometodologia, a Psicologia, a Pedagogia, a Antropologia Social, a História, dentre outras disciplinas⁹⁴. No entanto, cada estudo apresenta uma abordagem própria visando determinados aspectos do fenômeno biográfico. A *narrativa de vida* situa-se, portanto, na confluência dessas múltiplas disciplinas, tornando-se objeto de interesse das Ciências Humanas e Sociais em suas diversas, e às vezes complementares, proposições metodológicas.

Assim, autores de tendências distintas que tratam da temática referente à narrativa de vida buscam definir tal objeto discursivo, cada um a sua maneira, procurando entender as características de sua organização e as articulações com os domínios de práticas sociais nos quais se inserem.

5.2.1 - A narrativa de vida como espaço de construção da identidade

No campo da psicologia, por exemplo, a narrativa de vida é concebida por Legrand (citado por BURRICK, 2010), como “[...] a narração ou narrativa, escrita ou oral, realizada pela pessoa ela mesma de sua própria vida ou de fragmentos desta”.⁹⁵ Legrand propõe estabelecer uma distinção entre a história de vida, a vida enquanto natureza objetiva, factual e histórica, e a narrativa de vida propriamente dita, que seria uma “[...] recomposição narrativa desta vida, ou desta história”. (citado por BURRICK, 2010).⁹⁶ De acordo com este autor, a narrativa de vida seria a expressão de uma mediação entre a vida (aquilo que foi empiricamente vivido e experienciado) e a história de vida que é posteriormente elaborada. Neste sentido, Legrand entende que tal

⁹⁴ Nesse sentido, as pesquisas que a Professora Ida Lucia Machado empreende sobre este assunto, unindo-o à Análise do Discurso (e isso desde 2011) devem ser vistos como uma novidade no meio das várias materialidades discursivas que normalmente interessam aos pesquisadores em AD.

⁹⁵ Traução nossa de : « la narration ou le récit, écrit ou oral, par la personne elle-même de sa propre vie ou de fragments de celle-ci » (BURRICK, 2010, p.9).

⁹⁶ Tradução nossa de : « recomposition narrative de cette vie, ou de cette histoire » (BURRICK, 2010, p.9).

narrativa torna-se a história de vida em virtude da possibilidade de análise, reflexão, elaboração dos relatos, com a proposição de uma “totalidade inteligível”, ou seja, uma atribuição de sentidos à vida, *a posteriori*, realizada pelo sujeito que si narra. Nesta perspectiva, a história de vida só se tornaria possível após um processo de seleção e escolhas dos acontecimentos e articulação de sentidos ligados à experiência vivida. Portanto, esse percurso: *vida – narrativa de vida – histórias de vida* indicaria uma concepção de narrativa de vida enquanto um momento específico da coleta de dados de uma pesquisa de campo, de cunho qualitativo e etnográfico, método muito utilizado nas disciplinas ligadas às Ciências Sociais.

Nas ciências da educação, Pineau e Le Grand inscrevem a narrativa de vida no campo mais amplo das histórias de vida, concebendo-o como uma forma de “[...] busca e construção de sentidos a partir de fatos temporais pessoais” (citado por BURRICK, 2010).⁹⁷ Le Grand (2002), para quem história de vida seria sinônimo de narrativa de vida, entende que esta seria uma forma de reorganização dos acontecimentos do passado, aos quais se atribui sentidos. A partir dessa abordagem, Pineau e Le Grand compreendem as histórias de vida em duas perspectivas. Uma referente ao seu uso na vida cotidiana, como as histórias e as memórias familiares que se transmitem de geração em geração, as conversas íntimas entre conhecidos, as fotografias, etc. Outra compreende os aspectos da vida cultural, como ritos e comemorações, histórias de natureza social que sustentam os imaginários da memória coletiva, a literatura (biografias, autobiografias), depoimentos e testemunhos pessoais em documentários e em programas de televisão.

No campo da sociologia, Bertaux (1997) concebe a narrativa de vida como a forma narrativa de uma determinada produção discursiva. Nesta perspectiva, ela consistiria, para um narrador, em contar a outra pessoa um episódio de sua experiência vivida. Diz o autor:

A concepção que nós propomos consiste em considerar que existe a narrativa de vida desde que um sujeito conta a uma pessoa, pesquisador ou não, um episódio qualquer de sua experiência vivida. O verbo “contar” (fazer o relato de) é aqui essencial: ele significa que a produção discursiva do sujeito toma a forma narrativa. (BERTAUX, 1997, p. 32).⁹⁸

⁹⁷ Tradução nossa de: « recherche et construction de sens à partir de faits temporels personnels » (BURRICK, 2010, p.9).

⁹⁸ Tradução nossa de: « La conception que nous proposons consiste à considérer qu’il y a *du* récit de vie dès lors qu’un sujet raconte à une autre personne, chercheur ou pas, un épisode quelconque de son

Percebe-se que a narrativa de vida é entendida pelo autor enquanto o ato mesmo de narrar, isto é, a própria atividade discursiva empreendida pelo sujeito que se conta. Segundo Bertaux (1997), quando o sujeito narra uma parte de sua história vivida já se configuraria aí uma narrativa de vida. O autor parte de um postulado tido como “realista” do relato biográfico, segundo o qual a história de vida de uma pessoa, instituição ou país, possui uma realidade pré-existente, que antecede a atividade de narração. Bertaux (1997) entende que ao narrar a história de sua vida o sujeito tende a alinhar os episódios, fazendo escolhas e selecionando eventos, idealizando um percurso que muitas vezes não corresponderia ao que foi realmente vivido, buscando explicar e justificar os acontecimentos e suas ações. O autor chama esse processo de organização da história de vida em forma de relato, de “ideologia biográfica” que cada sujeito elabora e adota de modo consciente: “É este fenômeno de reconstrução *a posteriori* de uma coerência, de ajuste da trajetória biográfica que eu chamo de “ideologia biográfica”.” (BERTAUX, 1997, p. 34).⁹⁹

Já no entendimento de Bourdieu (citado por BURRICK, 2010), a narrativa de vida corresponderia na verdade a uma “ilusão biográfica”. Para este autor fazer um relato sobre a história de vida consiste em articular a temporalidade com o texto e estabelecer categorias descritivas valorizadas e afetadas. A pessoa que conta seu percurso se expõe ao olhar de um outro e é engajada num processo de construção de si, de uma identidade própria. Nesse sentido, a narrativa de vida faz apelo à memória, à reflexividade, ao julgamento moral, aos aspectos culturais e ideológicos.

Segundo Bertaux (1997), entre o verdadeiro percurso biográfico do sujeito e a narrativa que ele constrói sobre o que viveu existiria um nível intermediário, responsável pela “totalização subjetiva (sempre em evolução) da experiência vivida”, (BERTAUX, 1997, p. 68).¹⁰⁰ Segundo o autor:

Ela constitui o conjunto de materiais mentais a partir dos quais o sujeito busca produzir um relato. Ela é feita de lembranças, mas também de suas observações, de reflexões e de avaliações retrospectivas. Memória, reflexividade, julgamento moral, tudo contribui, assim como outras

expérience vécue. Le verbe « raconter » (faire le récit de) est ici essentiel : il signifie que la production discursive du sujet a pris la forme *narrative* » (BERTAUX, 1997, p. 32 ; grifos do autor).

⁹⁹ Tradução nossa de: « C’est ce phénomène de reconstruction a posteriori d’une cohérence, de « lisage » de la trajectoire biographique que j’ai nommé « idéologie biographique [...] » (BERTAUX, 1997, p. 34).

¹⁰⁰ Tradução nossa de: « [...] totalisation subjective (toujours en évolution) de expérience vécue ». (BERTAUX, 1997, p. 68).

faculdades intelectuais do sujeito, seus “equipamentos” culturais e sua ideologia. (BERTAUX, 1997, p. 68).¹⁰¹

No interior de uma história de vida, Bertaux (1997) identifica três ordens de realidade: a *realidade histórico-empírica*, situação em que o percurso biográfico organiza as experiências concretas vividas pelo sujeito em uma sucessão de situações, mas também, como diz Bertaux (1997, p. 68), “[...] a maneira como ele as viveu [...]”. A *realidade psíquica e semântica*, seria aquilo que “[...] o sujeito sabe e pensa retrospectivamente de seu percurso biográfico [...]” (BERTAUX, 1997, p. 68),¹⁰² isto é, um balanço que o sujeito faz de suas experiências até o momento presente. Já a *realidade discursiva* desta narrativa, corresponderia àquilo que o sujeito bem diz do que sabe e pensa de seu percurso.

Outro aspecto importante considerado em relação à narrativa de vida diz respeito à veracidade daquilo que é relatado. Bertaux (1997) argumenta que mesmo que o sujeito altere sua história acrescentando ou omitindo fatos, a fidelidade dos acontecimentos estruturantes parece estabelecida por um núcleo estável. Para o autor, quem narra sua trajetória de vida faz naturalmente um “resumo” daquilo que viveu, selecionando momentos que considera relevantes para a construção de sua própria narrativa.

Como diz Kaufmann (2004), se a narrativa de vida não exprime fielmente a realidade de vida, não é porque o indivíduo não é sincero, mesmo porque ele tem consciência de suas lacunas biográficas, das escolhas e da seleção de eventos que efetua. Para este autor, a narrativa de vida é sempre uma fonte importante de informações e o que realmente interessa, não é o conteúdo dos fatos relatados, mas a identidade que se projeta dessa reflexividade. Diz ele: “A identidade tomada num sentido mais aberto e dinâmico é uma forma que se impõe progressivamente: a narrativa. A identidade é a história de si que cada um se narra” (KAUFMANN, 2004, p. 151).¹⁰³ Para o autor, a narrativa torna-se então uma maneira de dar sentido àquilo que o sujeito viveu e de pensar o futuro. Segundo ele, “A narrativa é o instrumento pelo qual

¹⁰¹ Tradução nossa de: « Elle constitue l'ensemble des matériaux mentaux à partir desquels le sujet cherche produire un récit. Elle est faite de souvenirs, mais aussi de leur mise en perspective, de réflexions et d'évaluations rétrospectives. Mémoire, réflexivité, jugement moral y contribuent ensemble, ainsi que les autres facultés intellectuelles du sujet, ses « équipements » culturels et son idéologie ». (BERTAUX, 1997, p. 68).

¹⁰² Tradução nossa de: « “[...] le sujet sait et pense rétrospectivement de son parcours biographique [...] » (BERTAUX, 1997, p. 68).

¹⁰³ Tradução nossa de: « “L’identité a pris une apparence plus ouverte et dynamique, et une forme s’est progressivement imposée : le récit. L’identité est l’histoire de soi que chacun se raconte » (KAUFMANN, 2004, p. 151).

o indivíduo procura forçar seu destino” (KAUFMANN, 2004, p. 153).¹⁰⁴ Nesse sentido, narrar sua história de vida, relatar mesmo que fragmentos da experiência vivida corresponderia a uma forma de construção de si, de um contínuo processo de constituição da própria identidade.

Na compreensão de Ricoeur (citado por BURRICK, 2010), a realização de uma narrativa de vida implicaria necessariamente um componente ficcional. De acordo com o autor, a narração aparece como a mediação entre a história do sujeito e a intriga que ele constrói. Esta intriga permitiria estabelecer articulações entre concordâncias, que visam à globalização e à unidade, e discordâncias, que revelam as rupturas. Para o filósofo, narrar uma história de sua vida é passar de uma experiência temporal a uma consciência, isto é, a uma existência histórica; sendo a narrativa intermediária neste processo.

Pineau e Le Grand parecem compartilhar desse mesmo ponto de vista, ao entender que a vida não é uma história perfeitamente ordenada e que a história de vida constitui necessariamente uma reconstrução subjetiva e arbitrária. O sujeito, que narra sua vida, faz um relato dos acontecimentos vividos, organizando-os numa trajetória. Desse modo, ele dá sentido aos pensamentos e às ações anteriores, significação esta que nem sempre coincide com o sentido do ato original. Assim, enquanto o sujeito segue o curso de sua existência, fatos novos poderão ocorrer sem que sejam previstos ou programados, portanto a análise reflexiva que ele faz de sua vida é suscetível de mudar com o tempo. Então, como observa Lainé (citado por BURRICK, 2010)¹⁰⁵: “[...] não é o conteúdo de sua vida que mudou com o tempo, mas o olhar que lhe é colocado; é a significação que o sujeito lhe dá que se modificou”.

É possível perceber a partir do que foi exposto acima, que o significado de “narrativa de vida” pode se referir a alguns conceitos relativos à forma de expressão da experiência vivida, atividade esta que um sujeito tem a capacidade de produzir e possibilidade de utilizar com finalidade estratégica.

Nesta pesquisa será adotada a terminologia “narrativa de vida”, como proposto por Machado (2014), para se referir à atividade narrativa sobre si colocada em marcha pelo sujeito. De acordo com a pesquisadora:

¹⁰⁴ Tradução nossa de: « Le récit est l'instrument par lequel l'individu cherche à forcer son destin » (KAUFMANN, 2004, p. 153).

¹⁰⁵ Tradução nossa de: « ce n'est pas le contenu de sa vie qui a changé en avançant dans la durée, c'est le regard qu'il lui porte, c'est la signification qu'il lui donne qui se sont modifiés » (Lainé, 2007, p. 145 ; *apud* BURRICK, 2010, p. 23).

O ato de narrar a *história-de-si* seja em ocasiões informais, seja em ocasiões formais, exige do narrador certa habilidade para a criação de estratégias de cumplicidade que serão dirigidas ao seu eventual auditório. Como a Semiolinguística observa essas estratégias com um olhar favorável, como sendo parte da liberdade que dispomos em nossas lutas cotidianas com as palavras, o sintagma supracitado pareceu-me mais apropriado que os de *Autobiografia*, *Memórias* ou *Confissões*, por exemplo: ele exhibe claramente sua razão de ser e a intenção de seus *atos de linguagem* nos termos “narrar” e “vida” que são: colocar em cena construções languageiras apropriadas à criação do relato do ser que conta sua vida. (MACHADO, artigo no prelo, ligado à pesquisa *Um olhar discursivo sobre percursos discursivos que se entremeiam a percursos teóricos*, CNPq, em andamento).

Neste caso, o objeto de estudo da pesquisa aqui desenvolvida trata de um conjunto de falas de políticos extraídas de entrevistas concedidas em programas de televisão, que contêm ou divulgam muitas vezes, fragmentos de histórias de determinados períodos e situações que foram vividas pelo narrador e que são inseridas em suas falas. Assim, utilizaremos também em muitos momentos diferentes termos para designar estes trechos em que o sujeito – no caso o ator político – se põe a contar episódios de sua experiência vivida. Portanto, “narrativas de vida”, “relatos de vida”, “relato biográfico”, “narrativas de si”, e até mesmo “autonarrativa”, são aqui expressões que adotam significações similares.

Assim entendido, narrar uma história de vida seria a capacidade de construir um relato sobre a experiência dos acontecimentos vividos, utilizando determinadas estratégias de organização do discurso que visam à elaboração de certa identidade, de uma imagem de si. No que tange ao campo político, isso parece dirigir-se para a construção de mecanismos de identificação com o público cidadão-eleitor e para a promoção de determinados valores associados à identidade política, sobretudo pelo viés da emoção. De acordo com a proposta de Machado (2012):

Este pode ser um objetivo a ser utilizado em estudos sobre Narrativa de vida: a intenção de comover, captar um auditório por parte de quem ‘se conta’. Acredito que, seja de modo consciente e elaborado ou seja de modo espontâneo, o fato de contar sua vida, em momentos mais ou menos solenes, consegue quase sempre comover um auditório. A narrativa de vida pode realmente ser considerada como uma *estratégia argumentativa*, da qual, na sociedade atual, poucos de nós conseguimos escapar. (MACHADO, 2012, p.81).

Essa dimensão argumentativa do ato de narrar a si próprio, que caracteriza também os discursos sociais de modo geral, parece ser o ponto de partida na elaboração do relato e funciona como base para a estruturação das demais estratégias, conforme constata a pesquisadora.

Cabe ainda dizer que a narrativa de vida por si só não pode ser julgada como possuindo uma visada argumentativa. Porém, ela encerra em seu âmago o desejo de fazer passar uma dimensão argumentativa; ela pode ser observada em certos tipos de textos que misturam *efeitos de ficção* a *efeitos de realidade*, tais como: crônicas, telenovelas, filmes, cartas, romances, etc. (MACHADO, 2012, p. 205).

Narrar a si mesmo parece constituir, então, uma forma de fazer valer seu lugar no mundo dos acontecimentos da vida social, colocando-se em relação com o outro, mostrando-se e afirmando sua existência enquanto corpo, movimento e palavra. O ato de se autonarrar seria, portanto, um modo de resistir e “burlar” a determinação imposta pela realidade da experiência vivida. Seria um modo contínuo e perpétuo de construir a própria identidade.

No que diz respeito ao discurso político, o que se pode perceber a partir das análises é que a narrativa de vida ali manifestada acaba por adquirir um sentido mais amplo, na medida em que corresponde a um relato no qual o sujeito pode ou não revelar certos aspectos de sua vida íntima, mas também muitas vezes falar de suas ações - do seu trabalho, do seu esforço, da sua dedicação, de sua coragem, de sua luta - e das realizações alcançadas - das conquistas, do êxito, do progresso -, constituindo, assim, sua identidade por meio da narrativa de si. Machado (2012) entende que a narrativa de vida pode se manifestar de diferentes formas no discurso dos atores políticos: “Cabe finalmente inserir a narrativa de vida - no caso de homens políticos - em uma esfera que agrupa diversos discursos: o da pseudoconfidência, a da autoconfiança e, pairando sobre todos eles, o discurso do poder”. (MACHADO, 2012, p. 206).

As respostas dadas em uma entrevista, por exemplo, muitas vezes são incentivadas e provocadas por perguntas que buscam extrair do político entrevistado informações sobre sua vida pessoal, revelações e mesmo confissões, possibilitando o desenvolvimento dessas narrativas. Ao refletir sobre a classificação genérica da narrativa de vida, Charaudeau (1986) comenta a respeito dessa forma de apelo feita sobre os aspectos biográficos do sujeito entrevistado, que as mídias de informação muitas vezes promovem. Diz o autor:

[...] se considerarmos a Narrativa de vida em um determinado enquadramento situacional, aí então ela poderá se tornar um gênero (o que acontece em certas produções literárias, por exemplo). Em outras situações, como essa da entrevista radiofônica, tal como a descrevemos/definimos, encontramos esse fenômeno apenas em uma parte das características desse gênero, ou seja: a estratégia de questionamento do entrevistador que, por assim dizer, faz aparecer [nas respostas do entrevistado] uma “autobiografia provocada”. É verdade que bastaria dizer que tal “autobiografia provocada” constitui um gênero discursivo na entrevista radiofônica para que a narrativa de vida pudesse ser considerada como um gênero. (CHARAUDEAU, 1986; tradução de Ida Lúcia Machado, 2015).¹⁰⁶

Portanto, neste estudo, o que interessa de forma mais específica é compreender de que modo a narrativa de si constitui uma estratégia discursiva com vistas à constituição de uma determinada identidade. No caso do discurso político significa buscar entender como o político pode “jogar” com estes relatos para projetar certos valores, bem como observar quais as representações e imaginários são colocados na cena discursiva e quais as imagens são evocadas nesse processo de construção da identidade política.

A *narrativa de vida* é aqui concebida enquanto a atividade de contar a própria história de vida, em que o sujeito que si narra busca “forjar” um sentido daquilo que foi até então vivido. Nosso entendimento é de que uma narrativa ou relato de vida pode dizer respeito tanto a um conteúdo que faz referência aos aspectos de ordem pessoal, familiar e íntima, quanto àqueles que dizem respeito à atuação do sujeito, no caso político, na vida pública, isto é, aos seus atos políticos que acabam por compor sua história de vida. No caso do homem político, essas duas facetas (íntima e pública) acabam por constituir sua biografia, ora privilegiando o íntimo, em outros momentos o laudatório, os atributos da ação política.

5.2.2 - A narração no discurso político

Outra abordagem sobre o papel das narrativas e da forma como vêm sendo aplicadas aos discursos sociais contemporâneos é empreendida por Christian Salmon¹⁰⁷, que procura investigar as origens do fenômeno do *storytelling* e percorrer os caminhos

106 Patrick Charaudeau, "L'interview médiatique: Qui raconte sa vie ?", in *Récits de vie et Institutions*, Cahiers de Sémiotique textuelle N° 8-9, Université Paris X, 1986. ¹⁰⁶Tradução do francês feita por Ida Lucia Machado.

¹⁰⁷ Livro intitulado: *Storytelling: la machine à fabriquer des histoires et à formater les esprits*, 2007.

tomados por tal técnica discursiva para mostrar os momentos em que ela passa por uma retomada e por adaptações aos diversos setores de atividade social como no marketing, na publicidade, no mundo corporativo e na comunicação política. O autor dedica-se a analisar as formas de aplicação do *storytelling* nestes campos de concentração do poder econômico, político e simbólico, tecendo uma crítica quanto às finalidades que ele tem representado na contemporaneidade e desenvolvendo a tese de predomínio de uma “*Nova Ordem Narrativa*”, de cunho imperialista, que em sua perspectiva deveria ser equilibrada por uma “contra-narração” que fosse capaz de “desfocalizar” as histórias fabricadas pelos grupos de poder e pelas mídias tradicionais, produzindo por seu lado histórias sustentadas em elementos culturais próprios e genuínos, que representam a real identidade de um indivíduo e de uma sociedade (SALMON, 2007, p. 213). Diz ele:

Dos grandes mitos do passado ao romance moderno, a função das narrativas tem sempre sido de explorar as condições de uma experiência possível – as novas relações com o corpo, com o tempo, e o espaço -, de inventar como disse Deleuze um “povo que não existe”. As novas narrativas que nos propõe o storytelling, em evidência, não exploram as condições de uma experiência possível, mas as modalidades de seu assujeitamento. As incontáveis *historietas* que produz a máquina de propaganda são protocolos de treinamento, de domesticação, que visam a tomar o controle das práticas e de se apropriar de saberes e desejos dos indivíduos... Sob a imensa acumulação de histórias que produzem as sociedades modernas, está emergindo uma “nova ordem narrativa” (NON) que preside a formatação dos desejos e a propagação das emoções – por sua forma narrativa, sua standardização, sua instrumentalização através de todas as instâncias de controle. (SALMON, 2007, p. 199).¹⁰⁸

O *storytelling* pode ser concebido enquanto uma técnica de fabricação de histórias, podendo ser entendido também como a “habilidade ou a arte de contar histórias”. No entendimento de Salmon, a disseminação em larga escala das técnicas do *storytelling* acabaria por promover a naturalização da narratividade, construindo gradativamente um espaço propício para a assimilação de histórias. Seria nesse

¹⁰⁸ Tradução nossa de: « Des grands mythes du passé au roman moderne, la fonction des récits a toujours été d’explorer les conditions d’une expérience possible - les nouveaux rapports au corps, au temps, et à l’espace -, d’inventer comme le disait Deleuze un « peuple qui manque ». Les nouveaux récits que nous propose le storytelling, à l’évidence, n’explorent pas les conditions d’une expérience possible, mais les modalités de son assujettissement. Les *stories* innombrables que produit la machine de propagande sont des protocoles de dressage, de domestication, qui visent à prendre le contrôle des pratiques et à s’approprier savoirs et désirs des individus... Sous l’immense accumulation de récits que produisent les sociétés modernes, se fait jour un « nouvel ordre narratif » (NON) qui préside au formatage des désirs et à la propagation des émotions - par leur mise en forme narrative, leur standardisation, leur instrumentalisation à travers toutes les instances de contrôle. » (SALMON, 2007, p. 199).

ambiente narrativo criado pela multiplicação e proliferação das histórias que é promovida por meio da literatura, do cinema, da televisão e das novas mídias, que o *storytelling* irá se desenvolver. É sobre essa base de consumo e demanda contínua por novas histórias que ele encontrará o caminho para alcançar não só a mente, mas o coração das pessoas.

No entanto, de acordo com Salmon (2007), o que o *storytelling* propõe não corresponderia a uma verdadeira experiência da realidade vivida, nem tão pouco possibilita a transmissão de saberes e valores culturais de uma sociedade, mas constroem um universo fictício que se passa como realidade unicamente possível, com vistas a orientar, muitas vezes pelo apelo emocional, a percepção e compreensão dos fatos sociais:

As grandes narrativas que pontuam a história humana, de Homero à Tolstói e de Sófocles à Shakespeare, contam os mitos universais e transmitem as lições das gerações passadas, lições de sabedoria, fruto da experiência acumulada. O *storytelling* percorre o caminho em sentido inverso: ele pressiona sobre a realidade das narrativas artificiais, bloqueia as trocas, satura o espaço simbólico de séries e de *stories*. Ele não narra a experiência passada, ele traça as condutas e orienta os fluxos de emoções. Distante dos “percursos de reconhecimento” que Paul Ricoeur decifrou na atividade narrativa, o *storytelling* aplica engrenagens narrativas, com as quais os indivíduos são conduzidos a se identificar com os modelos e se conformar aos protocolos. (SALMON, 2007, p.16; tradução nossa).¹⁰⁹

Com essa postura aguda quanto a determinadas formas de uso e aplicações das técnicas do *storytelling*, questionando o modo indiscriminado como vem se disseminando em setores de grande poder econômico e político, como também simbólico (caso da comunicação de massa), Salmon questiona o uso do *storytelling* com vistas à condução e formação de opiniões.

De acordo com Salmon (2007), a ideia que parece imperar com essa volta triunfante do uso da narração nos discursos de poder é de que para o político conseguir desenvolver uma boa administração ele necessariamente deve dominar as técnicas

¹⁰⁹ Tradução nossa de: « Les grands récits qui jalonnent l’histoire humaine, d’Homère à Tolstoï et de Sophocle à Shakespeare, racontaient des mythes universels et transmettaient les leçons des générations passées, leçons de sagesse, fruit de l’expérience accumulée. Le *storytelling* parcourt le chemin en sens inverse : il plaque sur la réalité des récits artificiels, bloque les échanges, sature l’espace symbolique de séries et de *stories*. Il ne raconte pas l’expérience passée, il trace les conduites et oriente les flux d’émotions. Loin de ces « parcours de la reconnaissance » que Paul Ricoeur décryptait dans l’activité narrative, le *storytelling* met en place des engrenages narratifs, suivant lesquels les individus sont conduits à s’identifier à des modèles et se conformer à des protocoles. » (SALMON, 2007, p.16).

narrativas contemporâneas. Nessa perspectiva, para que o poder executivo seja bem sucedido é preciso que ele consiga controlar e agenciar as informações relativas à boa governança, isto é, coordenar a agenda pública e propor continuamente um cenário positivo e favorável como realidade, com vistas a influenciar a opinião pública.

Na compreensão de Salmon (2007), muitos são os fatores que têm contribuído para que o *storytelling* tenha se firmado como eficiente ferramenta de comunicação com as massas. Dentro de um quadro dito pós-moderno em que os saberes são cada vez mais fragmentados e dispersos, dificultando o estabelecimento de relações causais entre os objetos, o *storytelling* conseguiria condensar certas representações em determinados pontos de vista, buscando eliminar a dispersão dos interesses e dos discursos. Esses *modos de ver* o mundo, propostos pelos responsáveis por elaborar os discursos políticos (e os discursos propagandísticos, de modo geral), são introduzidos de modo sutil e contínuo, permeando o cotidiano dos indivíduos e construindo um universo de razoabilidade que é assimilado gradativamente. Segundo Salmon: “Esta deriva é surpreendentemente fluida, se difunde no espírito do tempo, mistura-se em nossa atmosfera mais íntima, como o clima geral da época, passa despercebido. Isto é a chave de seu irresistível sucesso.” (SALMON, 2007, p. 131; tradução nossa).¹¹⁰

O autor ainda aponta que a partir dos anos de 1960, a estratégia da comunicação política parece sofrer uma guinada e passa então a dirigir-se diretamente à opinião pública em vez de recorrer à cobertura da imprensa para transmitir informações. (SALMON, 2007, p. 132). Desse modo, o poder executivo evitaria o controle da agenda por parte da imprensa e o risco de ter a informação tratada de acordo com a perspectiva da mídia. Assim, ele passa a construir e fornecer ao público suas próprias histórias, suas próprias versões dos fatos. Segundo Salmon:

A comunicação política muda de escala e de registro. Ela não se coloca mais somente a informar de modo eficaz o público sobre as decisões do executivo tentando controlar a agenda política. Mas de criar um universo virtual novo, um reino encantado povoado por heróis e de anti-heróis, no qual o cidadão-ator é convidado a entrar. Ele se coloca menos a comunicar que de forjar uma história e de impô-la na agenda política. (SALMON, 2007, 135; tradução nossa).¹¹¹

¹¹⁰ Tradução nossa de: « Cette dérive est si étonnamment fluide, diffuse dans l'esprit du temps, mêlée à notre atmosphère la plus intime comme au climat général de l'époque, qu'elle passe inaperçue. C'est même la clé de son irrésistible succès. » (SALMON, 2007, p. 131).

¹¹¹ Tradução nossa de: « La communication politique change d'échelle et de registre, Il ne s'agit plus seulement d'informer efficacement le public sur les décisions de l'exécutif en s'efforçant de maîtriser l'agenda politique. Mais de créer un univers virtuel nouveau, un royaume enchanté peuplé de héros et

Desse modo, a comunicação política passa a ter que elaborar ininterruptamente um universo particular, isto é, construir acontecimentos e fatos que desviem a atenção do público para outras questões, muitas vezes provocando suas emoções, em vez de apresentar informações e argumentos que melhor representam seu projeto de sociedade e explique as ações realizadas pelo estado e pela administração pública. De acordo com Salmon:

Se o exercício do poder presidencial tende a se identificar com uma forma de campanha eleitoral ininterrupta, os critérios de uma boa comunicação política obedecem cada vez mais a uma retórica performativa (os discursos fabricam os fatos ou as situações) que não tem mais por objetivo transmitir as informações nada claras das decisões, mas de agir sobre as emoções e os estados da alma dos eleitores, considerados cada vez mais como o público de um espetáculo. E para isso propor não mais um conjunto de argumentos e de programas, mas de personagens e de histórias, a encenação da democracia mais que seu exercício. (SALMON, 2007, p. 136; tradução nossa).¹¹²

O uso das técnicas narrativas empregadas pelo *storytelling* tem cada vez mais se orientado para o afeto do público buscando tocar suas emoções, seduzindo pelo uso de apelos diversos capazes de mobilizar e provocar adesão às ideias apresentadas pelo discurso. Na visão de Salmon (2007), esse novo sistema de expressão continua favorecendo uma versão anedótica dos acontecimentos, contribuindo cada vez mais para misturar as fronteiras entre a realidade e a ficção, ao construir propositadamente a própria realidade, ou seja, a realidade que o estado propõe como verdadeira e ideal. O autor observa que:

A capacidade de estruturar uma visão política não com argumentos racionais, mas narrando histórias, torna-se a chave da conquista do poder e de seu exercício nas sociedades hipermediatizadas, percorridas por fluxos contínuos de rumores, de falsas notícias, de manipulações. Não é mais a pertinência que torna a palavra pública eficaz, mas a

d'antiheros, dans lequel le citoyen-acteur est invité à entrer. Il s'agit moins désormais de communiquer que de forger une histoire et de l'imposer dans l'agenda politique. » (SALMON, 2007, 135).

¹¹² Tradução nossa de: « Si l'exercice du pouvoir présidentiel tend à s'identifier à une sorte de campagne électorale ininterrompue, les critères d'une bonne communication politique obéissent de plus en plus à une rhétorique performative (les discours fabriquent des faits ou des situations) qui n'a plus pour objectif de transmettre des informations ni d'éclairer des décisions, mais d'agir sur les émotions et les états d'âme des électeurs, considérés de plus en plus comme le public d'un spectacle. Et pour cela de proposer non plus un argumentaire et des programmes, mais des personnages et des récits, la mise en scène de la démocratie plutôt que son exercice. » (SALMON, 2007, p. 136).

plausibilidade, a capacidade de levar à adesão, de seduzir, de iludir [...] O sucesso de uma candidatura não depende mais da coerência de um programa econômico e da pertinência das soluções propostas, nem mesmo de uma visão lúcida dos objetivos geo-estratégicos ou ecológicos, mas da capacidade de mobilizar em seu favor grandes correntes de audiência e de adesão. (SALMON, 2007, p. 137; tradução nossa).¹¹³

O autor mostra assim como o uso da propaganda ganha cada vez mais importância no campo político, com a finalidade de influenciar e modificar não só os hábitos e comportamentos, como até mesmo determinados aspectos da cultura de um povo.

O raciocínio desenvolvido por Salmon nos conduz a atentar para o fato de que esta ênfase no modo narrativo que o discurso político tem privilegiado em sua organização poderia ser também percebida em projetos de fala de determinados políticos sul-americanos, como em Lula¹¹⁴ e em Hugo Chávez, dentre outros, considerando as especificidades das comunidades culturais, bem como as características e aspectos próprios da história de vida e da identidade de cada líder.

Este aspecto pode ser observado de modo ainda mais efetivo por meio da comunicação midiática, sobretudo pela televisão que constitui, no caso brasileiro, uma via de acesso importante que o político busca para acessar o público, não só pela dimensão de alcance que possui, mas também pelas características de sua linguagem e das relações que são construídas e estabelecidas entre a televisão e o público telespectador. Em nosso modo de entender, a televisão constitui-se como o veículo ideal para a transmissão das mensagens do sujeito político e de propaganda do estado, seja por meio das publicidades do governo, seja através de pronunciamentos diretos ao público ou pelas participações em programas e entrevistas.

A televisão, com todo o potencial que possui, pelas características dos elementos enunciativos que constituem seu dispositivo e que lhe proporcionam uma dinâmica de linguagem que possibilita transmitir a imagem e a fala sincronicamente, seria um espaço

¹¹³ Tradução nossa de: « La capacité à structures une vision politique non pas avec des arguments rationnels, mais en racontant des histoires, est devenue la clé de la conquête de pouvoir et de son exercice dans des sociétés hypermédiatisées, parcourues par des flux continus de rumeurs, de fausses nouvelles, de manipulations. Ce n'est plus la pertinence qui donne à la parole publique son efficacité, mais la plausibilité, la capacité à emporter l'adhésion, à séduire, à tromper [...] Le succès d'une candidature ne dépend plus de la cohérence d'un programme économique et de la pertinence des solutions proposées, ni même d'une vision lucide des enjeux géo-stratégiques ou écologiques, mais de la capacité à mobiliser en sa faveur des grands courants d'audience et d'adhésion. » (SALMON, 2007, p. 137).

¹¹⁴ Vide por exemplo o artigo “Le rôle du récit de vie dans le discours politique de Lula”, de Machado (2011), em que a pesquisadora já destaca essa ocorrência/tendência.

propício para que o sujeito político possa se revelar, estrategicamente ou não, por meio de um tipo de “confidência”, evocando para si valores e imagens que constituem a sua identidade política.

Em contrapartida, a natureza designativa da televisão, isto é, sua capacidade de simular certa transparência, característica que lhe confere o *status* de mídia da exibição por excelência, e com isso, torna o corpo e a imagem por demais evidentes, exigindo do ator político habilidade para se mostrar, levando-o a adotar certas posturas e comportamentos, bem como uma expressão vocálica e o controle de certos modos de expressão facial e gestual, coerentes com a situação.

Na entrevista de televisão (entre outras) o político tem a possibilidade de fazer com que sua história chegue a milhões de pessoas simultaneamente. Essa capacidade de tocar o afeto de um contingente muito grande de pessoas por meio de narrativas, seja de ordem objetiva ou mesmo sob a forma de histórias de si, faz da entrevista um espaço privilegiado de construção de identidades.

No próximo capítulo serão realizadas as análises das entrevistas que foram selecionadas do programa *Roda Viva*, com os sujeitos políticos Aécio Neves, Fernando Henrique Cardoso, Luís Inácio Lula da Silva e Marina Silva. Nestas, procuraremos observar e detectar as representações e os imaginários que participam da constituição de uma identidade narrativa e social do sujeito político que conta sua vida e suas realizações, muitas vezes com vistas à conquista do poder e/ou manutenção de seu projeto de liderança.

CAPÍTULO 6 - ANÁLISES DAS ENTREVISTAS

Quais as representações e os imaginários que o sujeito político lança mão ao narrar sua vida e sua obra? Quais as identidades têm sido construídas no cenário político brasileiro contemporâneo? Eis as duas perguntas que irão nortear nossas análises.

6.1 - Hipóteses

As análises empreendidas nesta pesquisa pretendem confirmar a hipótese principal levantada por nós de que diferentes imaginários sociodiscursivos participam da organização do discurso político. Assim, *imaginários de verdade* e *imaginários de sedução* se articulariam com a finalidade de corresponder a uma determinada demanda social, visando projetar a figura ideal de um líder político que se apresenta como capaz de guiar o grupo rumo ao progresso social. No que diz respeito às narrativas de vida lançadas pelos sujeitos políticos, o que podemos observar de antemão é que estas parecem organizar-se com frequência em torno do imaginário do *sucesso*, pelo menos quando em situação de entrevista televisiva.

6.2 - O objeto da análise

O material que compõe o *corpus* de análise deste estudo é constituído por entrevistas televisivas com sujeitos políticos realizadas no programa *Roda Viva*, da TV Cultura, no período entre 1988 e 2006.¹¹⁵ Foram selecionadas então para as análises algumas entrevistas nas quais os sujeitos políticos recorrem às inserções de relatos biográficos em suas falas, no decorrer das entrevistas. A seguir são apresentados os sujeitos políticos e as datas das respectivas entrevistas escolhidas para as análises:

- Aécio Neves: (26/03/2001) / (27/01/2003) / (18/04/2005)
- Fernando Henrique Cardoso: (04/07/1988) / (11/03/1991) / (12/04/1993) / (21/07/1994) / (14/10/1996) / (30/12/2002)
- Luís Inácio Lula da Silva: (28/11/1988) / (18/03/1991) / (08/02/1993) / (22/07/1994) / (26/08/1995) / (01/10/1999) / (16/10/2006)

¹¹⁵ As entrevistas selecionadas fazem parte do acervo do projeto “Memória Roda Viva” (<http://www.rodaviva.fapesp.br>), responsável por realizar as transcrições de entrevistas do programa *Roda Viva*, da TV Cultura de São Paulo.

- Marina Silva: (19/11/1994) / (13/03/2006)

6.3 - Metodologia e procedimentos de análise

Primeiramente, procuramos analisar cada entrevista de modo específico, observando a organização que os saberes adquirem no discurso, para em seguida detectar e interpretar os possíveis imaginários e as representações que fundamentam os relatos analisados, bem como as imagens de si que são evocadas.

Em seguida, realizamos uma análise geral, considerando o conjunto das entrevistas de cada político. Nesse momento, a análise focou-se nas características dos imaginários e das formas de *ethos* que foram observadas, procurando perceber as possíveis implicações destes nos discursos analisados. Após essa etapa, efetuamos um balanço de todas as entrevistas buscando estabelecer uma discussão sobre os imaginários e as possíveis identidades que são projetadas.

Após o processo de coleta, seleção e organização das entrevistas foram iniciadas a observação e análise do material, com o intuito de detectar os imaginários recorrentes nos discursos dos políticos observados. Estes imaginários sociodiscursivos foram categorizados, inicialmente, a partir das formulações propostas por Charaudeau (2006) sobre os processos de elaboração do saber e dos sistemas de pensamento. Procuramos perceber e entender a organização que caracteriza tais discursos de liderança, bem como compreender quais imaginários predominam e de que forma participam da constituição de uma determinada identidade política.

Os trechos de fala que fazem referência às passagens da vida do político foram analisados procurando levantar os imaginários e suas representações. Em seguida observamos a recorrência das identidades discursivas utilizadas com a finalidade de consolidar essas representações no imaginário social das comunidades.

Tendo por base a observação preliminar dos saberes e de sua organização discursiva buscamos identificar e interpretar os imaginários sociodiscursivos que fundamentam os projetos de fala dos sujeitos políticos em questão e servem de base para a elaboração de determinada imagem de si (*ethos*), enfim, de sua identidade política.

Portanto, a metodologia de análise adotada nesta pesquisa foi organizada tendo em vista algumas etapas de trabalho, com seus respectivos procedimentos e instrumental de análise, como apresentamos (de modo esquemático) a seguir:

- Definição dos sujeitos políticos e respectivas entrevistas a serem analisadas.
- Identificação e seleção dos trechos de fala referentes às narrativas de si que são enunciadas nas entrevistas – conteúdo de ordem pessoal (íntima) / conteúdo ordem profissional (pública).
- Categorização dos saberes que são implicados (organização dos saberes).
- Interpretação dos imaginários e valores que fundamentam o discurso:
 - Imaginários de verdade: *tradição* (origem / retorno às fontes) / *modernidade* (economismo / tecnologismo) / *soberania popular* (identidade / igualitarismo / solidariedade).
 - Imaginários de sedução: *imaginário do sucesso* [“progresso” (“avanço”) / “poder” / “superação” / “vitória” / “conquista” / “luta” (“combate”) / “trabalho” (“dedicação”) / “esforço” / “coragem” / “saber” (conhecimento/experiência) / “reconhecimento” (“mérito”) / “êxito” (“eficiência”) / “ascensão social” / “relações sociais” / “sorte” / “fé”].
- Processos de elaboração da identidade (Identidade política: identidade social / identidade discursiva) → Elaboração da imagem de si: *Ethos*
 - *Ethé* de Credibilidade: *Sério* (voz / gestos / expressões) / *Virtude* (honestidade / lealdade / sinceridade / fidelidade) / *Competência* (saber-fazer / habilidade / herança / estudos / funções exercidas / experiência adquirida).
 - *Ethé* de Identificação: *Potência* / *Caráter* (força tranquila / moderação / coragem / orgulho) / *Inteligência* (culto / astúcia / malícia) / *Humanidade* / *Chefe* / *Solidariedade*.

Quanto às categorias do saber, propostas por Charaudeau (2007) e discutidas aqui no capítulo dois, serão utilizadas como referência inicial para a realização das análises, tendo como objetivo detectar o tipo de conteúdo, isto é, de *saber* e a recorrência de alguns deles nas falas dos sujeitos políticos em questão. Isso porque esses saberes e suas representações podem funcionar como elemento indicativo dos imaginários e das formas de *ethos* que estariam sendo evocados pelos relatos observados.

Nossa proposta, enfim, visa analisar o conteúdo de alguns segmentos das entrevistas selecionadas que apresentam referências autobiográficas, buscando interpretar os imaginários (*verdade* e *sedução*) que estão associados a estes saberes e aos sistemas de pensamento que eles elaboram. Imaginários estes responsáveis por fundamentar o projeto de fala e que visam à construção, contínua, da identidade política.

6.4 - Análises - alguns recortes que se fizeram necessários

Como foi dito anteriormente, as entrevistas escolhidas para a realização das análises correspondem, portanto, exclusivamente ao programa *Roda Viva*, da TV Cultura. Em razão do extenso volume de dados gerados pelas análises das entrevistas¹¹⁶, optamos por inserir no corpo deste trabalho uma entrevista de cada sujeito político, objeto de nossa pesquisa. As demais entrevistas e seus trechos analisados encontram-se nos Anexos (DVD).

De cada entrevista analisada foram selecionadas e extraídas duas (2) respostas, cujos trechos correspondem a momentos em que o político entrevistado, ao responder, relata acontecimentos ou lembranças de certos períodos de sua história de vida,¹¹⁷ sejam estes referentes à sua vida pessoal e íntima, ou dizem respeito a sua atuação política. Vamos às análises:

¹¹⁶ Ao todo foram analisadas dezoito entrevistas, com dois trechos narrativos enfocados em cada uma delas, o que levaria a impressão da tese a ter um número excessivo de páginas. Daí, a necessidade do recorte em considerar no interior da tese apenas uma entrevista analisada de cada sujeito político em questão.

¹¹⁷ No decorrer do processo de observação e interpretação dos dados levantados na análise, foi possível observar que figuras podem se sobrepor em um mesmo segmento de fala, pois algumas representações acabam por se imiscuir umas nas outras. Nesses casos buscou-se apresentar as figuras que aí se manifestaram e discutir suas características, em outros momentos, se fez necessária a repetição de alguns trechos das falas analisadas para que se pudesse especificar de modo mais claro o tipo de figura que se supõe ali ser evocada pelo discurso.

6.5 - Aécio Neves - Entrevista - 18/04/2005

O então Governador de Minas Gerais, Aécio Neves, concedeu essa entrevista ao programa *Roda Viva*, em abril de 2005. Na entrevista, o político é abordado sobre os bastidores da doença e morte do avô, Tancredo Neves; também foi colocado a falar sobre temas relacionados à política brasileira, de sua gestão frente ao governo de Minas Gerais e ainda tece críticas ao governo Lula.

Após leitura e análise inicial foram observados catorze (14) trechos nos quais Aécio Neves relata algumas passagens de sua vida, que dizem respeito tanto ao âmbito pessoal quanto a determinados acontecimentos que estão relacionados à sua atuação política. Destes, foram selecionadas duas (2) respostas consideradas relevantes para a realização das análises.

TRECHO: [1]

Paulo Markun: Diante disso, eu faço a pergunta de Eldon Machado, do Rio de Janeiro, jornalista, que diz o seguinte: “Que fator ou componente político poderá fazê-lo antecipar sua candidatura presidencial de 2010 para 2006?”.

Aécio Neves: *Primeiro, já está afirmando que haverá uma candidatura em 2010.*

Paulo Markun: Talvez seja em 2006, é isso?

Aécio Neves: *Deixe-me dizer, Markun, e mais uma vez de forma absolutamente clara. Nós estamos fazendo algo em Minas Gerais hoje - eu fico feliz de nós podermos entrar nessa agenda mais atual, que é a grande contribuição que a nossa geração, a minha geração, pelo menos de mineiros, está dando ao país. Nós estamos construindo em Minas um laboratório de gestão pública. Nós estamos colocando, ou pelo menos tentando colocar na pauta nacional, essa questão que está absolutamente, ao meu ver, na raiz de vários dos problemas que o Brasil vive hoje. Essa é a contribuição deste momento. Nós fizemos em Minas o que nós chamamos de choque de gestão, uma recuperação da capacidade de investimento do estado, num espaço extremamente curto, que tirou Minas da pior situação fiscal do país para ser hoje uma das melhores. Saímos de um déficit de 2,4 bilhões de reais, de dois anos atrás, para um superávit, até o final deste ano, de 1,7 bilhão de reais e quatro bilhões no ano que vem apenas do Tesouro. Eu faço apenas esse relato para dizer que esse é o meu objetivo, eu preciso estar absolutamente dedicado a isso. E vou um pouco mais a Tancredo, já que é o inspirador, talvez, deste nosso programa. Tancredo dizia e eu repito: “Presidência é muito mais destino do que projeto”. Eu tenho uma grande vantagem – aqueles que me conhecem mais de perto, muitos que estão aqui sabem disso –, eu não tenho essa obsessão, não vivo planejando isso. Tristes aqueles que vivem, porque vão sofrer muito. Nós vamos fazer em Minas algo como estamos fazendo já, mas até o final do mandato, absolutamente inovador. O que eu quero é que as pessoas superem aquela máxima – sobretudo as novas gerações –, com a qual muitos de nós aqui fomos criados, de que o setor público é ineficiente por natureza, ele é estruturalmente incapaz de apresentar*

resultados, seja pela burocracia que o envolve, pelos impedimentos legais, pelas pressões de segmentos da sociedade. Em Minas nós estamos mostrando que é absolutamente possível, se se tem disposição política, se se colocam nos cargos certos as pessoas certas, e não os amigos, apresentar resultados. Portanto, é essa a contribuição de Minas Gerais para este Brasil que nós queremos construir no futuro.

Análise:

Na resposta acima, Aécio Neves procura organizar sua fala recorrendo a um tipo de *saber de conhecimento* que visa demonstrar o domínio e a capacidade técnica no que diz respeito à administração pública, ao fazer constantes referências ao modelo que fora então aplicado em Minas Gerais, chamado de “choque de gestão”, e cuja eficiência e resultados são exaltados pelo governador, como é possível perceber nas seguintes falas de Aécio Neves:

“Nós estamos construindo em Minas um laboratório de gestão pública. Nós estamos colocando, ou pelo menos tentando colocar na pauta nacional, essa questão que está absolutamente, ao meu ver, na raiz de vários dos problemas que o Brasil vive hoje. Essa é a contribuição deste momento.”

[...]

“Nós fizemos em Minas o que nós chamamos de choque de gestão, uma recuperação da capacidade de investimento do estado, num espaço extremamente curto, que tirou Minas da pior situação fiscal do país para ser hoje uma das melhores”.

Ao mesmo tempo, o político em questão busca, com essas falas, apresentar-se à instância cidadã como sendo um administrador eficiente, possuidor de competências e com experiências necessárias para conduzir o estado rumo ao progresso que se propõe a alcançar.

Outro aspecto a ser observado na fala de Aécio Neves é a presença de representações referentes ao *imaginário da modernidade*, uma vez que é possível notar que tal político recorre em determinados momentos à utilização de um discurso organizado em torno de valores correspondentes ao sistema econômico, como pode ser constatado no trecho:

“Saímos de um déficit de 2,4 bilhões de reais, de dois anos atrás, para um superávit, até o final deste ano, de 1,7 bilhão de reais e quatro bilhões no ano que vem apenas do Tesouro”.

O *imaginário da modernidade* pode ser percebido também por meio da ideia de eficiência do modelo então proposto, em relação ao modelo de gestão pública anterior que vigorava no estado de Minas Gerais, considerado por Aécio Neves ultrapassado, como parece indicar a seguinte fala:

“Nós estamos construindo em Minas um laboratório de gestão pública”.

[...]

“Nós vamos fazer em Minas algo como estamos fazendo já, mas até o final do mandato, absolutamente inovador”.

Ao observar determinados trechos de fala notamos que o discurso de Aécio Neves parece recorrer também a um conjunto diverso de representações referentes a valores que constituem o fundamento do *imaginário do sucesso*. Assim, algumas figuras mostram-se de modo recorrente nas entrevistas analisadas, sendo possível notar em alguns trechos da fala de Aécio Neves a evocação de valores como o “progresso”:
“Portanto, é essa a contribuição de Minas Gerais para este Brasil que nós queremos construir no futuro”. Também se faz presente a figura da “superação”, que pode ser observada nos seguintes trechos:

“Nós fizemos em Minas o que nós chamamos de choque de gestão, uma recuperação da capacidade de investimento do estado, num espaço extremamente curto, que tirou Minas da pior situação fiscal do país para ser hoje uma das melhores.”

[...]

“O que eu quero é que as pessoas superem aquela máxima – sobretudo as novas gerações –, com a qual muitos de nós aqui fomos criados, de que o setor público é ineficiente por natureza, ele é estruturalmente incapaz de apresentar resultados, seja pela burocracia que o envolve, pelos impedimentos legais, pelas pressões de segmentos da sociedade”.

Observamos ainda a figura do “trabalho”, representado neste caso pela ideia de “dedicação”: *“Eu faço apenas esse relato para dizer que esse é o meu objetivo, eu preciso estar absolutamente dedicado a isso”.*

É possível notar ainda a presença de representações de valores referentes ao “saber”, por meio da demonstração do conhecimento relativo ao exercício da atividade política e do domínio de seus meandros, bem como por apresentar-se enquanto possuidor das habilidades necessárias ao político, para que suas ações tenham eficiência

e êxito, procurando mostrar os resultados positivos alcançados. Essa tentativa de demonstração de conhecimento pode ser detectada nas palavras do então Governador Aécio Neves:

“Em Minas nós estamos mostrando que é absolutamente possível, se se tem disposição política, se se colocam nos cargos certos as pessoas certas, e não os amigos, apresentar resultados”.

[...]

“Nós estamos construindo em Minas um laboratório de gestão pública”.

[...]

“Nós vamos fazer em Minas algo como estamos fazendo já, mas até o final do mandato, absolutamente inovador”.

Quanto aos tipos de *ethé* que podem ser observados na fala de Aécio Neves, é possível notar a presença de algumas representações evocadas com a finalidade de incorporar determinada identidade política que seja capaz de corresponder a uma expectativa de idealidade social, promovendo credibilidade e identificação junto à instância cidadã.

Para isso, o político em questão irá lançar mão em seu discurso de certas imagens de si, como é o caso do *ethos de virtude*, que pode ser demonstrado por meio da intenção em transmitir os valores da *lealdade* e da *fidelidade* ao trabalho e ao objetivo proposto, vinda do sujeito-falante: a fidelidade está presente na evocação feita por Aécio Neves aos ideais transmitidos por seu avô Tancredo Neves: *“E vou um pouco mais a Tancredo, já que é o inspirador, talvez, deste nosso programa. Tancredo dizia e eu repito: “Presidência é muito mais destino do que projeto””*.

Essa intenção de *virtude* se mescla com uma intenção de *honestidade* e *sinceridade* sugeridas pelo sujeito-falante no excerto abaixo, onde tal sujeito apela para a comprovação de suas palavras e intenções por parte daqueles que convivem com ele e o conhecem bem: *“Eu tenho uma grande vantagem – aqueles que me conhecem mais de perto, muitos que estão aqui sabem disso –, eu não tenho essa obsessão, não vivo planejando isso”*.

Pode ser notada também na fala de Aécio Neves a presença do *ethos de competência*, que é manifestado por meio da demonstração de sua capacidade de *saber-fazer* e de sua habilidade e domínio das técnicas necessárias para tanto, trunfos da herança política que lhe foi legada por seu conhecido avô, mas também pelas funções públicas que ele, sujeito político Aécio Neves, exerceu e que, supõe-se, lhe forneceram

experiências que foram adquiridas no âmbito de sua atuação política, como procuram mostrar os trechos a seguir:

“Nós estamos construindo em Minas um laboratório de gestão pública. Nós estamos colocando, ou pelo menos tentando colocar na pauta nacional, essa questão que está absolutamente, ao meu ver, na raiz de vários dos problemas que o Brasil vive hoje. Essa é a contribuição deste momento”.

[...]

“Nós fizemos em Minas o que nós chamamos de choque de gestão, uma recuperação da capacidade de investimento do estado, num espaço extremamente curto, que tirou Minas da pior situação fiscal do país para ser hoje uma das melhores. Saímos de um déficit de 2,4 bilhões de reais, de dois anos atrás, para um superávit, até o final deste ano, de 1,7 bilhão de reais e quatro bilhões no ano que vem apenas do Tesouro”.

[...]

“Nós vamos fazer em Minas algo como estamos fazendo já, mas até o final do mandato, absolutamente inovador”.

[...]

“Em Minas nós estamos mostrando que é absolutamente possível, se se tem disposição política, se se colocam nos cargos certos as pessoas certas, e não os amigos, apresentar resultados”.

Há ainda a se ressaltar os efeitos possivelmente gerados por essas palavras, ao evocar um *ethos de caráter*, que aqui se mostra por meio da figura do “orgulho”: “[...] eu fico feliz de nós podermos entrar nessa agenda mais atual, que é a grande contribuição que a nossa geração, a minha geração, pelo menos de mineiros, está dando ao país”. Orgulho que é revelado pelo contentamento em relação aos objetivos e às conquistas supostamente alcançadas.

TRECHO: [2]

Teresa Cruvinel: Governador, esse seu choque de gestão, em Minas, basicamente é um doloroso ajuste fiscal, que implicou inclusive demissões de funcionários, extinção de órgãos etc. Eu lhe perguntaria: primeiro, como foi possível fazer esse ajuste sem perda de popularidade? Agora, quanto ao seu partido, a sua eventual candidatura em 2010, e remetendo à pergunta do telespectador, o seu partido está enfrentando dificuldades tanto quanto o governo federal, e o candidato mais viável, que foi apontado como o mais natural, está absolutamente imobilizado, e o partido ainda marca só para o fim do ano para discutir a sucessão. O seu partido não está correndo o risco de chegar atrasado à corrida sucessória? [Charge de Caruso: sentado, Aécio pensa na faixa presidencial]

Aécio Neves: *Vamos lá, Teresa, a primeira etapa: houve, a partir do momento da nossa eleição, um diagnóstico da situação do estado. O estado tinha, repito, a pior equação*

fiscal do país: faltavam 200 milhões de reais, todo final do mês, para pagar o pessoal, o serviço da dívida, a União – se nós não pagamos, nós ficamos com os nossos recursos bloqueados – e o custeio da máquina, que é o giz da escola, que é a gasolina do carro da polícia. Faltavam 200 milhões de reais todo mês para pagar essas contas, com zero de investimento. O passivo vencido de cerca de quatro bilhões de reais, com credores de todas as áreas. Nós só tínhamos uma alternativa... talvez tenha sido exatamente isso, a falta de alternativa também, que nos levou a fazer o que era necessário no início do governo. Nos primeiros 30 dias nós fizemos na verdade o inverso do que nós estamos assistindo hoje no Brasil: enxugamos cargos: esses de livre nomeação eram três mil em Minas Gerais, esses em que você acomoda a sua turma, nós extinguímos. Eu os extingui antes que iniciassem as pressões para a sua ocupação. Eram 22 secretarias de estado, passei para 15 secretarias; fundimos empresas, racionalizamos a máquina. Pagamos o que nós devíamos. Eu repito, hoje Minas Gerais produz – no ano passado, no final do ano, anunciamos o déficit zero – hoje um superávit extremamente vigoroso, e com as nossas empresas, a Cemig, a empresa de energia, é a empresa de energia que mais investe em geração no Brasil hoje, administração profissionalizada. E a Copasa está investindo 2,7 bilhões de reais nesse período de quatro anos, o maior investimento da sua história em saneamento. Temos a mais avançada legislação de PPPs do país hoje, já trabalhando na área de presídios, na área de rodoviária, na construção do centro administrativo em Minas Gerais. O que é que houve? Decisão política na hora certa. Todo governante perde capital político a cada dia, uns com maior velocidade e outros com menor velocidade. Mas o que nós fizemos, e aí a minha, não digo surpresa, mas a minha grata recompensa foi ter tido um aumento da popularidade ao invés de perder popularidade. Fica aí um registro...

Análise:

O então governador de Minas Gerais, Aécio Neves, utiliza nessa reposta uma forma de organização que parece privilegiar um tipo de *saber de conhecimento* que se baseia no domínio e no controle das *técnicas* da administração pública, o que por sua vez poderia remeter à ideia de capacidade de gestão e de atuação política, de sua parte e da equipe que lhe assessora. Em alguns momentos de sua fala isso pode ser constatado, como revelam os trechos a seguir:

“[...] houve, a partir do momento da nossa eleição, um diagnóstico da situação do estado”.

[...]

“Eram 22 secretarias de estado, passei para 15 secretarias; fundimos empresas, racionalizamos a máquina. Pagamos o que nós devíamos”.

[...]

“O que é que houve? Decisão política na hora certa”.

Reflitamos sobre os imaginários que participam da fundamentação do discurso deste sujeito-falante. Podemos observar em primeiro lugar, a presença do *imaginário da modernidade*, a partir da ideia central transmitida por um discurso em que seu sujeito-falante recorre ao universo da economia utilizando expressões, dados e valores, que nos remetem ao campo da economia, muitas vezes por meio de explicações matemáticas e pelo uso de estatísticas, argumentos esses que buscam transmitir a imagem de gestor competente, garantindo assim seu capital de credibilidade. Tais características do discurso do *economismo* podem ser constatadas nos seguimentos dessa intervenção oral do sujeito político em foco:

“O estado tinha, repito, a pior equação fiscal do país: faltavam 200 milhões de reais, todo final do mês, para pagar o pessoal, o serviço da dívida, a União – se nós não pagamos, nós ficamos com os nossos recursos bloqueados – e o custeio da máquina, que é o giz da escola, que é a gasolina do carro da polícia. Faltavam 200 milhões de reais todo mês para pagar essas contas, com zero de investimento. O passivo vencido de cerca de quatro bilhões de reais, com credores de todas as áreas”.

[...]

“Eu repito, hoje Minas Gerais produz – no ano passado, no final do ano, anunciamos o déficit zero – hoje um superávit extremamente vigoroso, e com as nossas empresas, a Cemig, a empresa de energia, é a empresa de energia que mais investe em geração no Brasil hoje, administração profissionalizada. E a Copasa está investindo 2,7 bilhões de reais nesse período de quatro anos, o maior investimento da sua história em saneamento”.

Outro imaginário que também se encontra presente na base argumentativa dessa resposta de Aécio Neves diz respeito a algumas representações que participam da composição do *imaginário do sucesso*. Chamamos a atenção para o uso de algumas figuras como a do “progresso” (“avanço”) e do “êxito” (“eficiência”):

“[...] hoje Minas Gerais produz – no ano passado, no final do ano, anunciamos o déficit zero – hoje um superávit extremamente vigoroso”.

[...]

“Temos a mais avançada legislação de PPPs do país hoje, já trabalhando na área de presídios, na área de rodoviária, na construção do centro administrativo em Minas Gerais. O que é que houve? Decisão política na hora certa”.

A figura da “superação” se faz presente no trecho: *“Pagamos o que nós devíamos. Eu repito, hoje Minas Gerais produz – no ano passado, no final do ano, anunciamos o déficit zero – hoje um superávit extremamente vigoroso”*.

Em tal discurso, ainda pode ser destacada a figura do “reconhecimento”, que aqui se associa a ideia de “mérito”:

“Mas o que nós fizemos, e aí a minha, não digo surpresa, mas a minha grata recompensa foi ter tido um aumento da popularidade ao invés de perder popularidade”.

Algumas representações detectadas na fala de Aécio Neves parecem ser utilizadas com o intuito de promover credibilidade e identificação junto à instância cidadã. Desse modo, o político em questão busca associar a sua pessoa uma série de imagens e atributos que corroboram com a construção de uma determinada identidade política portadora de *ethé* diversos, como o *ethos de virtude*, aqui representado pela figura da “honestidade” e também de uma “fidelidade” aos princípios éticos que norteiam, ou deveriam nortear, o fazer político, observados nos trechos a seguir:

“[...] enxugamos cargos: esses de livre nomeação eram três mil em Minas Gerais, esses em que você acomoda a sua turma, nós extinguímos. Eu os extingui antes que iniciassem as pressões para a sua ocupação.

[...]

“Pagamos o que nós devíamos”.

Outra imagem que também pode ser notada em tal discurso diz respeito ao *ethos de competência*, sobretudo pela demonstração da capacidade de um *saber-fazer*, apresentando-se como possuidor de habilidades técnica e gerencial, bem como de certas experiências que foram adquiridas por meio de sua atuação política:

“[...] houve, a partir do momento da nossa eleição, um diagnóstico da situação do estado”.

[...]

“Nos primeiros 30 dias nós fizemos na verdade o inverso do que nós estamos assistindo hoje no Brasil: enxugamos cargos: esses de livre nomeação eram três mil em Minas Gerais, esses em que você acomoda a sua turma, nós extinguímos. Eu os extingui antes que iniciassem as pressões para a sua ocupação. Eram 22 secretarias de estado, passei para 15 secretarias; fundimos

empresas, racionalizamos a máquina. Pagamos o que nós devíamos”.

[...]

“Temos a mais avançada legislação de PPPs do país hoje, já trabalhando na área de presídios, na área de rodoviária, na construção do centro administrativo em Minas Gerais”.

Nota-se ainda nos trechos citados acima a tentativa de incorporação do *ethos de caráter*, demonstrado por meio de representações sobre os valores da “coragem”, que se faz necessária à realização do que foi proposto, mesmo com o risco de perda da popularidade; e também do “orgulho” que é mostrado por meio de realizações ditas conquistadas.

Considerações preliminares:

Nas duas respostas analisadas detecta-se no discurso de Aécio Neves um tipo de *saber de conhecimento* que procura demonstrar o domínio técnico no que diz respeito à administração pública, saber este que se baseia no controle das *técnicas* necessárias à execução de uma gestão eficiente e na habilidade de atuação política.

No que se refere à fundamentação de seu discurso, nota-se nas duas respostas analisadas a presença do *imaginário da modernidade*, uma vez que o político recorre em determinados momentos ao discurso do *economismo*, sobretudo por meio de uma fala que recorre ao universo da economia e faz uso de expressões matemáticas, dados e números.

No caso da primeira resposta analisada observa-se que o *imaginário do sucesso* encontra-se estruturado por um conjunto de representações que remetem à ideia de “progresso”, “trabalho”, “esforço” e “superação”. Figuras estas que contribuem para promover a ideia de *sucesso* e reforçar determinadas identidades que o ator político procura construir diante dos cidadãos eleitores. Observa-se também na fundamentação do discurso de Aécio a presença recorrente do *imaginário do sucesso*, sustentado por algumas figuras como o “progresso”, o “êxito”, a “superação”, o “reconhecimento” e o “mérito”, valores estes que podem ser percebidos na segunda resposta.

A partir daí torna-se possível perceber nos trechos analisados a presença de imagens elaboradas com a finalidade de projetar no imaginário social alguns *ethé de credibilidade*, como o *ethos de virtude* e o *ethos de competência* na primeira resposta; este último *ethos* se repete na segunda pergunta. Há também a presença de determinados

ethé de identificação, exemplificados pelo *ethos de caráter*, tanto na primeira quanto na segunda resposta analisadas.

6.6 - Fernando Henrique Cardoso - Entrevista - 30/12/2002

Nessa entrevista concedida ao programa *Roda Viva* no final de seu segundo mandato, no ano de 2002, o então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso fala do Brasil, de relações internacionais, de Lula e de seu futuro político.

Foram observados em toda a entrevista vinte e um (21) trechos em que o sujeito político Fernando Henrique Cardoso faz referências a sua história de vida, narrando passagens e acontecimentos relativos, predominantemente, a sua atuação política. Desse conjunto de relatos, foram selecionadas duas (2) respostas consideradas relevantes por conterem narrativas que dizem respeito à história do sujeito entrevistado.

TRECHO [1]:

Marco Antônio Coelho Filho: Mas a volta do Estado como uma coisa forte é interessante porque está acontecendo. Aqui mesmo.

Fernando Henrique Cardoso: [interrompendo] *Está acontecendo e independentemente da pressão econômica. Quer dizer, não é para obter vantagem econômica que existe o enrijecimento, este ou aquele no mundo. É para deixar claro a vontade de domínio.*

Paulo Markun: Mas existe papel para o Brasil nesse jogo? O Brasil pode fazer alguma coisa?

Fernando Henrique Cardoso: *Bom, pode. O Brasil mudou muito nesses anos todos. Quer dizer, o Brasil hoje é um país que tem mais peso moral, que é levado a sério porque é um país que cumpre o que promete, é um país que está comprometido com as mudanças sociais. Veja o que aconteceu com a eleição do Lula, que poderia parecer, do ponto de vista do equilíbrio internacional, que seria um grande obstáculo para o Brasil. Na medida em que o novo governo está dizendo que vai respeitar certas questões fundamentais para o funcionamento da economia e, na medida em que ele tem uma imagem que se compromete com o combate à desigualdade, isso não é negativo. Eu acho que o que nós fizemos, o que eu ajudei a fazer nesses anos todos foi dar mais respeitabilidade ao Brasil perante nós próprios. Quer dizer, a gente tem que acreditar que vai fazer o que diz que vai fazer. E nós começamos a mudar também as condições sociais. Não por acaso eu ganhei um prêmio das Nações Unidas. Na luta política todo mundo diz: “Ah, só cuida do interesse dos bancos”! Não é verdade! Eu cuidei do interesse do sistema financeiro para poder manter o país funcionando. Mas os recursos disponíveis investimos entre os mais pobres. Isso, hoje, é visto universalmente como uma coisa positiva. Aí, essa questão que você perguntou, que é a moral. Qual é o grande grito moral do mundo de hoje? É que tendo tanto poder, tanta riqueza. Como é*

que se permite que a África, por exemplo, morra de Aids? Como é que se permite que ainda exista tanta pobreza? Já deixou de ser uma questão econômica, para ser uma questão ética. Eu acho que essas questões podem ser colocadas e o Brasil tem condições de colocá-las com força na medida em que nós não sejamos hipócritas, na medida em que nós aqui fazemos também algo positivo nessa direção. Tem condições de ter um papel crescente no concerto internacional. Agora, nós temos que ser realistas também.

Análise:

O trecho citado acima faz parte de um segmento da entrevista em que se discutia a respeito da presença e da participação do Brasil na conjuntura política internacional contemporânea, enquanto nação democrática. Debatia-se também sobre o papel do Estado no mundo atual.

É possível observar na resposta de Fernando Henrique Cardoso a presença de um tipo de *saber de conhecimento* de natureza *empírica*, e mesmo *técnica*, na medida em que o político procura mostrar a experiência que adquiriu no exercício da atividade política, sobretudo enquanto Presidente, característica que pode ser constatada no trecho: “*Eu cuidei do interesse do sistema financeiro para poder manter o país funcionando*”. Em nossa opinião, tal enunciado parece estar fundamentado em um *imaginário da modernidade*, pois se percebe nele a presença do discurso do *economismo*, na medida em que o político procura demonstrar, mesmo que de forma implícita, que as ações tomadas levaram à superação de problemas.

É oportuno lembrar que o *imaginário de modernidade*, como diz Charaudeau “engendra discursos que celebram a eficácia da ação humana que torna os sonhos concretos e que resultaria da conjunção de uma competência e de uma vontade de agir” (CHARAUDEAU, 2006, p. 216). Ora, isso pode ser percebido no trecho:

“O Brasil mudou muito nesses anos todos. Quer dizer, o Brasil hoje é um país que tem mais peso moral, que é levado a sério porque é um país que cumpre o que promete, é um país que está comprometido com as mudanças sociais”.

De modo paralelo ao *imaginário da modernidade* é possível perceber também a presença de um *imaginário da soberania popular*, caracterizado por um discurso que procura promover os valores do *igualitarismo*, uma vez que Fernando Henrique Cardoso parece querer evidenciar, por meio de sua fala, que as ações de sua política de

governo possibilitaram promover maior igualdade entre as classes, ou dito de outra maneira, teriam permitido reduzir a diferença existente entre os mais ricos e os mais pobres, no Brasil. Imaginário este marcado também por um discurso de *solidariedade* que prega maior justiça social, conforme podemos visualizar a seguir:

“[...] é um país que está comprometido com as mudanças sociais”.

[...]

“E nós começamos a mudar também as condições sociais”.

[...]

“Mas os recursos disponíveis investimos entre os mais pobres”.

Há ainda que se considerar que a resposta de tal sujeito político recorre a algumas figuras que participam da composição do *imaginário do sucesso*, como aquelas referentes aos valores do “progresso”, este alcançado por meio de ações de governo que levaram à “superação” de uma determinada situação de conflito ou problema. Eis um trecho de fala que ilustra o que foi dito:

“Eu acho que o que nós fizemos, o que eu ajudei a fazer nesses anos todos foi dar mais respeitabilidade ao Brasil perante nós próprios”.

Também encontramos na fala de Fernando Henrique Cardoso a figura do “saber”, percebida por meio da tentativa do político de demonstrar possuir o domínio do conhecimento técnico e a capacidade intelectual que lhe permite emitir opiniões referentes ao papel do Brasil na conjuntura política internacional, conforme revelam os segmentos:

“Como é que se permite que ainda exista tanta pobreza? Já deixou de ser uma questão econômica, para ser uma questão ética. Eu acho que essas questões podem ser colocadas e o Brasil tem condições de colocá-las com força na medida em que nós não sejamos hipócritas, na medida em que nós aqui fazemos também algo positivo nessa direção. Tem condições de ter um papel crescente no concerto internacional”.

Ainda é possível notar na resposta analisada referências às figuras do “reconhecimento” e do “mérito”, presentes nos trechos:

“Não por acaso eu ganhei um prêmio das Nações Unidas”.

[...]

“Isso, hoje, é visto universalmente como uma coisa positiva”.

Quanto aos tipos de *ethé* que podem ser observados na fala de Fernando Henrique Cardoso é possível notar a presença de algumas representações evocadas com a finalidade de incorporar determinada faceta identitária que seja capaz de corresponder a uma expectativa de idealidade social, promovendo credibilidade e identificação junto à instância cidadã. Desse modo, nota-se a presença do *ethos de virtude*, sustentado neste caso por meio de um discurso que faz referências aos valores da *honestidade* e da *sinceridade*, que podem ser percebidos nos trechos:

“Quer dizer, a gente tem que acreditar que vai fazer o que diz que vai fazer”.

[...]

“Eu acho que essas questões podem ser colocadas e o Brasil tem condições de colocá-las com força na medida em que nós não sejamos hipócritas, na medida em que nós aqui fazemos também algo positivo nessa direção. Tem condições de ter um papel crescente no conserto internacional. Agora, nós temos que ser realistas também”.

Observa-se também a tentativa do político de promover um *ethos de competência*, incorporado por meio da utilização de um discurso que procura mostrar certas qualidades e atributos ligados a sua pessoa, apresentando-se enquanto portador de determinados conhecimentos e habilidades necessários ao fazer político, bem como destacando a experiência adquirida na administração federal:

“Eu acho que o que nós fizemos, o que eu ajudei a fazer nesses anos todos foi dar mais respeitabilidade ao Brasil perante nós próprios”.

[...]

“Eu cuidei do interesse do sistema financeiro para poder manter o país funcionando”.

É possível observar ainda que Fernando Henrique Cardoso, em diversos momentos, tenta evocar para si um *ethos de solidariedade*, procurando mostrar a intenção em solucionar as mazelas que afligem a sociedade e que também está atento às necessidades dos cidadãos, características estas que podem ser constatadas nos excertos:

“[...] é um país que está comprometido com as mudanças sociais”.

[...]

“Qual é o grande grito moral do mundo de hoje? É que tendo tanto poder, tanta riqueza. Como é que se permite que a África, por exemplo, morra de Aids? Como é que se permite que ainda exista tanta pobreza? Já deixou de ser uma questão econômica, para ser uma questão ética”.

[...]

“Mas os recursos disponíveis investimos entre os mais pobres”.

As falas acima revelam como Fernando Henrique Cardoso parece querer incorporar uma identidade política que de certa forma contrapõe-se a um *ethos* prévio, que costuma lhe ser atribuído, de político representante da elite econômica do país: *“Na luta política todo mundo diz: “Ah, só cuida do interesse dos bancos”! Não é verdade!”.*

É possível notar ainda na resposta analisada, tendo como referência o trecho: como o sujeito político Fernando Henrique Cardoso procura jogar com imaginários e *ethos* distintos ao emitir sua opinião sobre o peso e o papel do Brasil nas relações políticas internacionais, buscando assim passar a ideia de que em sua gestão o país alcançou maior respeitabilidade, tanto internamente quanto no cenário externo: *“Eu acho que o que nós fizemos, o que eu ajudei a fazer nesses anos todos foi dar mais respeitabilidade ao Brasil perante nós próprios”.*

TRECHO [2]:

Paulo Markun: O senhor mencionou recentemente um paradoxo da sociedade moderna, que é racional, lógica supostamente e que abre espaço - isso se eu não me engano foi no livro da entrevista com Roberto Pompeu de Toledo - abre espaço para o ator indivíduo e deixou claro que esse indivíduo tem que ter competência para se relacionar com a mídia, para fazer esse jogo que o senhor está mencionando aqui permanentemente. O senhor foi esse ator do governo Fernando Henrique?

Fernando Henrique Cardoso: *Olha, até certo ponto sim, fui reeleito por isso. Agora, você diz que a história moderna é racional. Supostamente! Porque você nunca pode imaginar que uma situação seja puramente racional. Eu sempre digo: Eu sou cartesiano com pitada de Candomblé. Porque se você não tiver pitada de Candomblé, se você não tiver algo de emoção, algo até de irracional, algo de explosivo em certas circunstâncias, você não se comunica. Agora, o paradoxo que eu disse foi exatamente esse: numa sociedade como a nossa, em que todo mundo quer participar e crescentemente, não obstante dá a impressão que as pessoas pesam mais que as instituições. Isso é perigoso, porque isso leva ao carisma, ao messianismo, ao populismo ou até à ditadura. Mas existe essa tendência na sociedade contemporânea, por causa da capacidade que você tem hoje de falar para milhões de pessoas, você sendo um bom ator de você até tentar se sobrepor às instituições. Eu nunca fiz isso,*

sempre fui contra, embora eu saiba que quando eu quero explicar as coisas eu tenho uma certa capacidade de explicar, mas eu acho que você tem que se policiar para não deixar que a sua capacidade de - vamos usar a palavra certa - manipular, seja pela emoção, pelo choro, pelo grito, seja pela razão, que essa capacidade se sobreponha às outras instâncias da sociedade e aos partidos, a opinião pública que se forma pensando, etc., etc. Mas há um jogo sempre nisso aí e sempre alguém tem que ser a pessoa que sustenta uma situação. É normal que no regime presidencialista seja o presidente. Ou quem é que vai sustentar o governo do Lula? É o Lula”.

Análise:

Em seus últimos momentos enquanto Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso deixa transparecer por essa resposta certos *conhecimentos* que são revelados por algumas falas portadoras de representações ligadas ao universo acadêmico, passando, intencionalmente ou não, a ideia de que é possuidor de um conhecimento *culto* e *teórico*, que por sua vez é demonstrado ao refletir sobre a questão chamada por ele de “paradoxo da modernidade”, isto é, sobre a racionalidade e a individualidade que constituiria o sujeito no mundo contemporâneo. E ainda revela certo humor ao dizer: “*Eu sou cartesiano com pitada de Candomblé*”.

Tudo isso nos leva a crer que seu discurso revela uma articulação entre alguém que pensa racionalmente, como um cartesiano, isto é, uma pessoa que segue o pensamento filosófico de René Descartes; mas, ao mesmo tempo, o ser que fala é alguém capaz de manifestar sua subjetividade e de também se deixar orientar por certa malícia ou ironia cômica, nessa sua tentativa de se autodefinir.

Os segmentos mostrados a seguir procuram justamente transmitir essa ideia do domínio que tal sujeito-falante tem da linguagem culta, bem como suas capacidades ligadas à retórica e à argumentação, envoltas por um “bem falar”: eis, em síntese, a imagem que Fernando Henrique Cardoso conseguiu formar junto ao imaginário da opinião pública:

“[...] embora eu saiba que quando eu quero explicar as coisas eu tenho uma certa capacidade de explicar”.

Outro aspecto a ser considerado nessa resposta é a volta do já mencionado *imaginário da modernidade*, que parece fundamentar o discurso de Fernando Henrique Cardoso de modo preponderante. Tal imaginário manifesta-se não apenas por um elogio propriamente dito, feito em relação aos benefícios trazidos pela modernidade, mas por

uma forma mista de reflexão e crítica sobre o que o entrevistado considera um paradoxo da sociedade moderna, que seria para ele a capacidade dos indivíduos, sobretudo os atores políticos, de alcançar as massas por meio das ferramentas e das tecnologias de comunicação e de alertar a sociedade sobre o mau uso que outros políticos poderiam fazer dos veículos de informação:

“Agora, o paradoxo que eu disse foi exatamente esse: numa sociedade como a nossa, em que todo mundo quer participar e crescentemente, não obstante dá a impressão que as pessoas pesam mais que as instituições. Isso é perigoso, porque isso leva ao carisma, ao messianismo, ao populismo ou até à ditadura. Mas existe essa tendência na sociedade contemporânea, por causa da capacidade que você tem hoje de falar para milhões de pessoas, você sendo um bom ator de você até tentar se sobrepor às instituições”.

O trecho de fala acima também exemplifica outro imaginário que participa da fundamentação do projeto de fala de Fernando Henrique Cardoso é o *imaginário do sucesso*, evocado por meio de referências a algumas figuras como a do “saber”, por meio da demonstração de domínio do conhecimento técnico e teórico, representado por uma habilidade intelectual que o possibilita refletir sobre questões consideradas relevantes que são colocadas pelos entrevistadores. Também, pela utilização de uma linguagem que poderia ser classificada como “acadêmica”, por meio de referências constantes, no interior de seu discurso, a conceitos, teorias, pensadores, sistemas políticos, etc. Imaginário esse, diga-se de passagem, já detectado no primeiro trecho analisado desta entrevista.

Quanto às representações que o político em questão procura evocar com vistas à construção de uma identidade política que seja capaz de corresponder aos ideais da sociedade brasileira naquele momento, é possível observar na fala de Fernando Henrique Cardoso referências aos valores da honestidade e da sinceridade, figuras estas que contribuem para a manifestação do *ethos de virtude*. Isso é o que percebemos na resposta à pergunta: “O senhor foi esse ator do governo Fernando Henrique?”: “Olha, até certo ponto sim, fui reeleito por isso”. Virtude essa que pode igualmente ser percebida também nos segmentos:

“Mas existe essa tendência na sociedade contemporânea, por causa da capacidade que você tem hoje de falar para milhões de

peçoas, você sendo um bom ator de você até tentar se sobrepor às instituições. Eu nunca fiz isso, sempre fui contra”.

[...]

“[...] mas eu acho que você tem que se policiar para não deixar que a sua capacidade de - vamos usar a palavra certa - manipular, seja pela emoção, pelo choro, pelo grito, seja pela razão, que essa capacidade se sobreponha às outras instâncias da sociedade e aos partidos, a opinião pública que se forma pensando, etc., etc.”.

[...]

“Mas há um jogo sempre nisso aí e sempre alguém tem que ser a pessoa que sustenta uma situação”.

Também é visível na fala do presente sujeito, um *ethos de humanidade* (ainda que amalgamado a certa malícia irônica, como já dissemos), que pode ser exemplificado pelo segmento abaixo, em que Fernando Henrique Cardoso procura identificar-se ao brasileiro comum:

“Eu sou cartesiano com pitada de Candomblé. Porque se você não tiver pitada de Candomblé, se você não tiver algo de emoção, algo até de irracional, algo de explosivo em certas circunstâncias, você não se comunica”.

Esta imagem de humanidade pode ser incorporada quando o político em questão procura mostrar-se como um cidadão entre os demais, o que pode ser notado por meio da referência à irracionalidade que constitui a personalidade de todo sujeito, inclusive dele mesmo, ao admitir essa dualidade também para si.

Considerações preliminares:

Na primeira resposta detecta-se a ocorrência do *saber de conhecimento*, na medida em que os ditos dessa resposta procuram mostrar a experiência adquirida pelo sujeito-falante em sua atividade política. Já na segunda resposta foi possível observar que o discurso de Fernando Henrique Cardoso recorre a determinados modos de organização que privilegiam alguns tipos de *saberes de conhecimento*, representados por um *saber culto* (com um toque de irônico humanismo) que procuram demonstrar sua capacidade de reflexão e compreensão de temas relacionados ao pensamento/crenças da sociedade que governa.

No que se refere à fundamentação de seu discurso, nota-se na primeira resposta analisada a presença do *imaginário da modernidade*, por meio da utilização de um discurso que faz referências ao *economismo*. Há ainda a ocorrência do *imaginário da soberania popular*, pela promoção de um discurso que procura destacar os valores do *igualitarismo*, fazendo referências a uma busca por mais igualdade entre as classes; e também um discurso sobre os valores da *solidariedade*, que visa promover a ideia de maior justiça social e de atenção aos mais necessitados.

Já na segunda resposta analisada observa-se a recorrência ao *imaginário da modernidade*, mas com uma visada mais crítica sobre a capacidade de manipulação política e da opinião pública e da possibilidade de se comunicar em larga escala com as massas, proporcionada pelas mídias.

Observa-se também na fundamentação do discurso de Fernando Henrique Cardoso a recorrência ao *imaginário do sucesso*, sustentado agora por algumas figuras como o “saber”, a “superação”, o “progresso”, e também o “reconhecimento” e o “mérito”, presentes na primeira resposta. No caso da segunda resposta analisada observa-se que o *imaginário do sucesso* encontra-se estruturado por um conjunto de representações que remetem à ideia de detentor de um saber de ordem técnica e intelectual. Saberes estes demonstrados por meio de figuras (palavras que remetem a uma ideia) que contribuem para promover a ideia de *sucesso* e reforçar determinadas identidades que esse ator político procura construir diante dos cidadãos eleitores.

A partir daí torna-se possível perceber nos trechos analisados a presença de imagens elaboradas com a finalidade de projetar no imaginário social alguns *ethé de credibilidade*, como o *ethos de virtude* e o *ethos de competência* observados tanto na primeira quanto na segunda resposta; e também certos *ethé de identificação*, exemplificado pelo *ethos de solidariedade*, na primeira resposta; e pelo *ethos de humanidade*, na segunda resposta.

6.7 - Luís Inácio Lula da Silva - Entrevista - 16/10/2006

No final de seu primeiro mandato como Presidente, em 2006, Lula concedeu no Palácio da Alvorada, residência oficial da Presidência da República, essa entrevista ao programa *Roda Viva*, na qual fez avaliações sobre sua administração e debateu seus planos para um possível segundo mandato.

Após análise preliminar da entrevista foram observados quinze (15) trechos nos quais Lula faz inserções de relatos que dizem respeito a sua trajetória de vida e a sua atuação política. Desse conjunto de falas foram selecionadas duas (2) respostas consideradas relevantes para as análises de suas narrativas.

TRECHO [1]:

Alexandre Machado: Presidente, como é que o governo, o Estado, pode investir se, no momento, nós temos um histórico de baixíssimos investimentos do Estado e uma perspectiva, inclusive já mencionada pelo senhor, de que o governo, no próximo mandato, terá que ainda cortar gastos? De onde é que sai dinheiro para poder fazer esse tipo de investimento?

Luiz Inácio Lula da Silva: *Veja, eu vou te dar uma experiência de vida, Alexandre. Eu, toda minha vida, quando eu precisava de mais recursos, não vendia minha geladeira, eu fazia hora extra, eu trabalhava mais. Então, eu trabalhava exatamente para garantir o dinheiro do transporte, eu trabalhava para garantir o dinheiro do aluguel, eu trabalhava para garantir algumas coisas extras. O Brasil, veja, todo mundo fala em gasto, ficou na moda agora falar em gasto, e toda vez que nós ouvimos a palavra gasto corrente, a gente já sabe diretamente onde que vai cair o gasto corrente, vai cortar políticas sociais, vai cortar salário... Veja, o Brasil, a palavra de ordem neste país, para o próximo ano, quem quer que seja que governe este país, não podem ser outras a não ser desenvolvimento, crescimento econômico, distribuição de renda. Somente com crescimento econômico é que nós vamos ter o dinheiro para que a gente possa fazer as coisas que nós precisamos fazer no Brasil. Eu posso te dizer, Alexandre, eu até poderia, um dia, te chamar para discutir o orçamento da União, nós temos arrecadação de 360 bilhões de reais, sabe. Só com a Previdência são 160 bilhões de reais, com a folha de pagamento são 107 bilhões de reais, com a saúde são 45 bilhões de reais. Quando você vai perceber, não sobra dinheiro para você fazer os investimentos e não tem de onde tirar porque você não pode tirar da Previdência, você não pode tirar da saúde, você não pode tirar da folha de pagamento. Eu, quando vejo um assessor, sabe, dizer que vai economizar 60 bilhões, é uma heresia, é sufocar este país a mais 20 anos de arrocho. Então, o que nós precisamos? É preciso de um pacto nesse país. Quando eu digo a palavra pacto é porque eu acho que é preciso ter um entendimento porque não tem mágica, não tem milagre. Ou nós fazemos a economia brasileira voltar a crescer, e aí nós precisamos reduzir a taxa de juros de forma muito contínua, a TJLP já está a 6,85, é o mais baixo nível da sua história, reduzir a taxa de juros, fazer as parcerias público-privada, atrair capital estrangeiro, atrair capital nacional para a gente poder investir. Nós temos grandes projetos em andamento que podem garantir o desenvolvimento desse país. Agora, não existe isso, Alexandre, eu posso te dizer uma coisa, eu duvido que haja muita margem de manobra para alguém dizer: “Eu vou cortar 60 bilhões, 40 bilhões.” porque é asfixiar o país. Nós estamos dando uma demonstração de seriedade que é manter um superávit de 4,25%, é importante lembrar que fomos nós que aumentamos o superávit de 3,75 para 4,25%.*

Análise:

Por meio dessa resposta, Lula procura em alguns momentos transmitir certos conhecimentos, ao narrar determinados acontecimentos vivenciados por ele. Assim, as experiências que Lula adquiriu ao longo de sua vida permitiram ao político elaborar um modo próprio de encarar e superar as dificuldades que possam surgir. Princípios estes que também poderiam nortear as soluções a serem aplicadas na administração de um país, o que parece revelar o trecho:

“Veja, eu vou te dar uma experiência de vida, Alexandre. Eu, toda minha vida, quando eu precisava de mais recursos, não vendia minha geladeira, eu fazia hora extra, eu trabalhava mais. Então, eu trabalhava exatamente para garantir o dinheiro do transporte, eu trabalhava para garantir o dinheiro do aluguel, eu trabalhava para garantir algumas coisas extras”.

Assim, dificuldades sejam elas de ordem pessoal e familiar, ou aquelas que possam surgir quando da condução de um país e de uma crise econômica podem ser enfrentadas e superadas, afirma Lula, por meio do trabalho e do esforço, e como ele próprio sugere, por meio do desenvolvimento econômico, ao dizer: *“Somente com crescimento econômico é que nós vamos ter o dinheiro para que a gente possa fazer as coisas que nós precisamos fazer no Brasil.”* Os ditos desse sujeito-falante parecem revelar também suas crenças e os valores que lhe são caros, na medida em que expõe seu ponto de vista sobre como devem ser encaradas as crises pelas quais passam as pessoas, ou mesmo um país.

Ao responder a questão colocada pelo jornalista, Lula procura demonstrar conhecimento de causa ao enunciar por meio de dados estatísticos e percentuais a real situação econômica enfrentada pelo país, visando mostrar domínio técnico ao utilizar uma linguagem que busca conciliar dados da economia, com situações simples e cotidianas enfrentadas por grande parte da população brasileira. Sua fala, portanto, parece estar fundamentada no *imaginário da modernidade*, através de um discurso portador de valores sobre o *economismo*, característica esta percebida em:

“Ou nós fazemos a economia brasileira voltar a crescer, e aí nós precisamos reduzir a taxa de juros de forma muito contínua, a TJLP já está a 6,85, é o mais baixo nível da sua história, reduzir

a taxa de juros, fazer as parcerias público-privada, atrair capital estrangeiro, atrair capital nacional para a gente poder investir.”

É possível perceber em outros momentos de sua resposta a evocação de determinadas figuras responsáveis por promover certas ideias relacionadas com o “trabalho”, o “esforço” e a “dedicação” como vimos em: “[...] *eu fazia hora extra, eu trabalhava mais*”. Desse modo, Lula procura lançar ideias que remetem a um *imaginário do sucesso* e que buscam promover identificação com o público eleitor, transmitindo-lhe credibilidade.

Partindo desse raciocínio nota-se em sua fala a tentativa de projetar na opinião pública imagens que favorecem a construção e a manutenção de determinadas identidades, incorporadas por meio de determinadas figuras de *ethos*, como a clara tentativa de afirmação do *ethos de sério*: “*Nós estamos dando uma demonstração de seriedade que é manter um superávit de 4,25% [...]*”, também do *ethos de virtude*, evocado por meio da figura da sinceridade: “*Quando eu digo a palavra pacto é porque eu acho que é preciso ter um entendimento porque não tem mágica, não tem milagre*”; ou ainda de um *ethos de competência*, revelado pela fala seguinte:

“Nós temos grandes projetos em andamento que podem garantir o desenvolvimento desse país”.

“[...] é importante lembrar que fomos nós que aumentamos o superávit de 3,75 para 4,25%”.

Assim, por meio da evocação de valores e imagens diversas, o sujeito político Lula procura garantir seu capital de credibilidade necessário para promover e reafirmar sua identidade política junto à instância cidadã.

TRECHO [2]:

Paulo Markun: Presidente, o nosso tempo acabou e eu queria botar uma última pergunta, que será também a última pergunta para Geraldo Alckmin. Eu sei que político não gosta de raciocinar sobre hipóteses, mas na hipótese de o senhor não ser eleito, o que é que o senhor pretende fazer?

Luiz Inácio Lula da Silva: *Primeiro, eu vou ser reeleito, mas segundo, Paulo, eu vou voltar para São Bernardo do Campo. Eu digo sempre o seguinte: Cada um que já foi presidente desse país pode sair da Presidência e ir para o exterior, eu vou para São Bernardo do Campo a 600 metros do sindicato que me criou na política e todo dia, quando eu levantar, que eu abro a janela eu estou vendo a Volkswagen, estou vendo a*

empresa, estou vendo o pessoal entrar, o pessoal que me criou para a política. Eu acho que Deus já foi generoso comigo ao extremo de permitir que houvesse uma alternância de poder, que coubesse a um presidente da República. Eu, depois de fazer muito tempo que tinha lido o livro Mauá [Mauá, o empresário do Império, de Jorge Caldeira], eu esses dias assisti um filme Barão de Mauá [Mauá, o imperador e o rei], e eu vi o comportamento de uma pequena parcela da elite brasileira que não gosta de alternância do poder, que fica nervosa, que fica irritada. Eu estou tranqüilo, acho que cumpri com a minha função como presidente da República, tenho possibilidade de fazer muito mais, primeiro porque já aprendi muito, segundo porque já sei, agora, todos os caminhos das pedras e você sabe que fazia tempo que um governo não chegava no final do mandato com uma aceitação da opinião pública que nós chegamos, sabe por quê? Porque o povo está sentindo é no bolso, ele não está vendo manchete de jornal, ele está vendo é no bolso dele, ele está vendo é no supermercado, ele está vendo na farmácia, ele está vendo no depósito de materiais, ele está vendo no açougue, que apesar de algumas coisas negativas que se colocam, ele está comendo mais e vivendo melhor.

Análise:

Em alguns momentos da resposta acima é possível perceber que Lula, ao falar sobre as experiências adquiridas enquanto Presidente da República procura transmitir a ideia de que possui os conhecimentos necessários para continuar no exercício do poder político, procurando afirmar os resultados e as conquistas alcançadas no primeiro mandato, características estas que podemos observar na seguinte fala:

“Eu estou tranqüilo, acho que cumpri com a minha função como presidente da República, tenho possibilidade de fazer muito mais, primeiro porque já aprendi muito, segundo porque já sei, agora, todos os caminhos das pedras [...]”.

Por outro lado, os segmentos: “[...] acho que cumpri com a minha função como presidente da República [...]” e “[...] e você sabe que fazia tempo que um governo não chegava no final no mandato com uma aceitação da opinião pública que nós chegamos [...], são falas que podem ser consideradas portadoras de uma forma de *crença*, na medida uma vez que Lula ao emitir sua opinião sobre sua gestão coloca em evidência opiniões divergentes que podem discordar do seu ponto de vista.

Com relação aos imaginários que parecem fundamentar o discurso que Lula emprega nessa resposta é possível perceber, de modo geral, a presença do *imaginário da soberania popular*, observando determinados momentos em que a fala do político faz referências ao poder de escolha do cidadão e também revela a consciência de sua parte

de que as decisões de um líder devem estar subordinadas às escolhas do povo, característica que podemos detectar em trechos como:

“[...] estou vendo a empresa, estou vendo o pessoal entrar, o pessoal que me criou para a política”.

“[...] eu vi o comportamento de uma pequena parcela da elite brasileira que não gosta de alternância do poder, que fica nervosa, que fica irritada”.

“[...] acho que cumpri com a minha função como presidente da República”.

Em diversos momentos da resposta de Lula aparecem determinadas representações que remetem ao “êxito”, como pode ser percebido em: *“Primeiro, eu vou ser reeleito [...]”*; e também no trecho: *“Eu estou tranqüilo, acho que cumpri com a minha função como presidente da República”*. Outras podem se referir ao mesmo tempo ao “trabalho” e ao “saber”: *“[...] tenho possibilidade de fazer muito mais, primeiro porque já aprendi muito, segundo porque já sei, agora, todos os caminhos das pedras”*. Ainda se fazem presentes outras figuras como a do “reconhecimento” e a do “mérito”, que podem ser exemplificadas pela fala: *“[...] e você sabe que fazia tempo que um governo não chegava no final do mandato com uma aceitação da opinião pública que nós chegamos”*. O discurso de Lula faz referência também ao “progresso”:

“Porque o povo está sentindo é no bolso, ele não está vendo manchete de jornal, ele está vendo é no bolso dele, ele está vendo é no supermercado, ele está vendo na farmácia, ele está vendo no depósito de materiais, ele está vendo no açougue, que apesar de algumas coisas negativas que se colocam, ele está comendo mais e vivendo melhor.”

Vê-se ainda na fala de tal sujeito político a presença da figura da “fé”: *“Eu acho que Deus já foi generoso comigo ao extremo de permitir que houvesse uma alternância de poder, que coubesse a um presidente da República”*. Portanto, todas essas imagens corroboram para a constituição do *imaginário do sucesso* que paira em seus ditos.

Quanto às formas de *ethé* que podem ser observados na fala de Lula, notamos a utilização de certas imagens que visam à elaboração e projeção no espaço social de uma identidade política portadora de valores capazes de promover a *credibilidade* e a

identificação. Assim é possível notar a presença do *ethos de competência* em falas como a seguinte:

“Eu estou tranqüilo, acho que cumpri com a minha função como presidente da República, tenho possibilidade de fazer muito mais, primeiro porque já aprendi muito, segundo porque já sei, agora, todos os caminhos das pedras”.

Outra forma de *ethos* que pode ser considerada a partir da análise da resposta corresponde à tentativa de Lula em passar uma imagem de “humanidade”, na medida em que procura, em certas ocasiões, mostrar-se como um homem do povo, que leva uma vida comum, transmitindo a ideia de simplicidade:

“Eu digo sempre o seguinte: Cada um que já foi presidente desse país pode sair da Presidência e ir para o exterior, eu vou para São Bernardo do Campo a 600 metros do sindicato que me criou na política e todo dia, quando eu levantar, que eu abro a janela eu estou vendo a Volkswagen, estou vendo a empresa, estou vendo o pessoal entrar, o pessoal que me criou para a política”.

O *ethos de humanidade* demonstra ser aquele com o qual Lula procura se revestir com maior empenho e frequência, mesmo que, como vimos, possa se manifestar sobreposto a outras imagens que o político busca evocar para si.

Considerações preliminares:

A partir das observações realizadas sobre os dois trechos analisados nessa entrevista com o então Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, quando do final de seu primeiro mandato, realizada em 2006, pelo programa *Roda Viva*, vimos que nela pode ser destacada a predominância de *saberes de experiência*, com ocorrências de *saberes de crença* na forma de *ideologia*, na primeira resposta analisada, e de uma *opinião relativa*, no caso da segunda resposta.

Quanto aos imaginários que parecem fundamentar o discurso de Lula nessa entrevista, o que é possível perceber no primeiro caso é a presença do *imaginário da modernidade* na figura do *economismo*, pois Lula procura mostrar-se detentor de um saber técnico e capaz de dominar a linguagem da economia. Na segunda resposta, nota-se também a presença do *imaginário da soberania popular*.

Outro aspecto a ser considerado é a forte presença de certas figuras que compõem o *imaginário do sucesso* no discurso político. Representações como o “trabalho”, o “esforço” e a “superação”, predominam no primeiro caso, enquanto figuras como o “êxito”, o “progresso” e o “reconhecimento” podem ser percebidas na segunda resposta analisada. Representações estas que no discurso de Lula contribuem para promover a ideia de *sucesso* e reforçar determinadas identidades que o ator político procura construir diante dos cidadãos eleitores. Daí torna-se possível perceber nos trechos analisados a presença de imagens elaboradas com a finalidade de projetar no espaço social algumas formas de *ethé*, como o *ethos de virtude*, o *ethos de competência* e o *ethos de humanidade* na primeira resposta analisada; e, no segundo caso, o *ethos de competência* e o *ethos de humanidade*.

6.8 - Marina Silva - Entrevista - 13/03/2006

A então Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, concedeu essa entrevista ao programa *Roda Viva*, em março de 2006, situação em que falou sobre sua atuação no ministério, sobre a política ambiental do governo Lula e as ações de combate ao desmatamento na Amazônia.

A partir de uma análise preliminar da entrevista foi possível constatar a ocorrência de dezesseis (16) trechos em que a entrevistada faz referências a algumas passagens de sua vida ou de sua atuação no campo político. Desse conjunto foram selecionadas duas (2) respostas nas quais os relatos, portadores de conteúdo biográfico, proferidos por Marina Silva foram considerados relevantes para a realização das análises.

TRECHO [1]

Marcelo Leite: Ministra, eu gostaria de voltar à questão dos números. Eu concordo com o Markun que a sua visão talvez seja um pouco rosa, e é perfeitamente compreensível, vindo de uma pessoa do governo. O governo, acho que merece todos os cumprimentos pelos esforços que tem feito, que são visíveis. O Brasil inteiro deve comemorar a redução de 31% do desmatamento, ninguém em sã consciência pode colocar isso em dúvida. Mas o fato é que foram 18 mil quilômetros quadrados de floresta. Ele só foi uma redução de 31% porque vínhamos de uma base absurda de 27 mil e duzentos quilômetros quadrados no ano anterior, que foi a segunda maior taxa de desmatamento da história medida.

[...]

Marcelo Leite: Eu só quero concluir aqui. A questão, de qualquer modo [...] vamos fazer um exercício de especulação: mesmo que neste ano a gente repita a fantástica soma de 18 mil e novecentos quilômetros quadrados de desmatamento, esses três anos de governo Lula vão representar 65 mil quilômetros quadrados de desmatamento. Na média, dá mais de 21 mil por ano, que é uma cifra absurda e é maior do que qualquer cálculo que se faça sobre o período Fernando Henrique Cardoso, primeiro mandato separado, segundo mandato separado, ou os dois mandatos juntos. Isso é um indicador correto, objetivo, suficiente da sua gestão no Ministério?

Marina Silva: *Olha, quando entrei no Ministério do Meio Ambiente, eu sabia que era um desafio muito grande, e quando você diz que eu faço uma avaliação rosa por ser do governo, eu discordo de você. Eu faço uma avaliação de que tivemos ganhos, e que esses ganhos precisam ser reconhecidos e celebrados, até porque eles não são fruto da ação exclusiva do governo. O que o governo está fazendo não tem nada de novo. O que o governo está fazendo é colocando em prática aquilo que a sociedade já estava careca de dizer: “Desmatamento não dá para ser combatido apenas pelo Ministério do Meio Ambiente, tem que ser uma ação integrada”. Desmatamento tem que ser combatido com transparência, colocando claramente os dados, e isso está sendo feito. O governo tem que ouvir a sociedade na hora de tomar as decisões. Foram feitos três seminários técnico-científicos com a sociedade para acolher essas sugestões. Estamos implementando – corajosamente, eu devo dizer – o presidente Lula está implementando todo esse conjunto de sugestões. E o que eu estou é, em hipótese alguma, minimizando os números que você está colocando. Não estou dizendo isso. E também não quero comparar, até porque eu peguei uma realidade em que o desmatamento vinha crescendo a 27%. É como se eu tivesse um navio a alta velocidade em alto-mar. Eu tenho que frear esse processo e fazer uma curva para ele crescer, e a minha posição dentro do governo foi: “Eu não vou fazer pirotecnia ambiental”. Nós vamos fazer coisas estruturantes, para que fique para o Estado brasileiro uma política que vá além dos governos. Criar 15 milhões de unidades de conservação em áreas de conflito, diferentemente das que eram criadas, igualmente importantes, em regiões remotas da Amazônia, é política estruturante. Mexer em ordenamento territorial e latifundiário, em que há trinta anos não se mexia neste país, é política estruturante. Ter um trabalho voltado para, inclusive, redimensionar o crédito, como está fazendo o ministro Ciro Gomes, para que os projetos aprovados pelo Basa [Banco da Amazônia S/A], pelo Banco do Brasil, possam incorporar critérios de sustentabilidade – já fez isso –, é política estruturante. Estamos discutindo, inclusive, que isso possa ser levado para os bancos privados, é política estruturante. De sorte que, o que nós temos que celebrar é um processo que precisa se consolidar, sem a ansiedade de ficar medindo se eu fiz mais ou menos do que o Fernando Henrique. Até porque...*

Análise:

Nessa entrevista de 2006, Marina Silva demonstra um discurso estruturado com base em uma linguagem um tanto quanto técnica e formal, restringindo-se em quase toda a entrevista a assuntos específicos de sua atuação no ministério. Entretanto, ela faz poucas referências a si, isso talvez pelo fato de Marina Silva, enquanto ministra, falar

em nome do país, fazendo uso constante da terceira pessoa do plural: “[...] *porque nós somos o número um dos países megadiversos*”.

A enunciação de Marina Silva nessa resposta apresenta em alguns momentos uma organização estruturada com base no *saber de conhecimento*, por meio da demonstração de capacidade e do domínio *técnico* referente ao tema em debate. Fala essa que busca transmitir ao mesmo tempo a ideia de *experiência*, que foi adquirida por meio de sua atuação na atividade política que, segundo ela, sempre esteve ligada à defesa e à proteção do meio ambiente. Ela então entremeia seu discurso com um conjunto de expressões que procuram transmitir certa firmeza de sua parte e garantir assim a credibilidade, conforme pode ser notado nos trechos seguintes:

“Foram feitos três seminários técnico-científicos com a sociedade para acolher essas sugestões.”

“[...] até porque eu peguei uma realidade em que o desmatamento vinha crescendo a 27%. É como se eu tivesse um navio a alta velocidade em alto-mar. Eu tenho que frear esse processo e fazer uma curva para ele crescer, e a minha posição dentro do governo foi: “Eu não vou fazer pirotecnia ambiental”. Nós vamos fazer coisas estruturantes, para que fique para o Estado brasileiro uma política que vá além dos governos. Criar 15 milhões de unidades de conservação em áreas de conflito, diferentemente das que eram criadas, igualmente importantes, em regiões remotas da Amazônia, é política estruturante. Mexer em ordenamento territorial e latifundiário, em que há trinta anos não se mexia neste país, é política estruturante”

Outro tipo de saber que se faz presente na fala desse sujeito-falante diz respeito a uma forma de crença, uma vez que representa a perspectiva pela qual Marina Silva concebe o fazer político e a participação popular nas decisões do governo. Isso pode ser constatado pela observação do trecho:

“O que o governo está fazendo não tem nada de novo. O que o governo está fazendo é colocando em prática aquilo que a sociedade já estava careca de dizer: Desmatamento não dá para ser combatido apenas pelo Ministério do Meio Ambiente, tem que ser uma ação integrada. Desmatamento tem que ser combatido com transparência, colocando claramente os dados, e isso está sendo feito. O governo tem que ouvir a sociedade na hora de tomar as decisões”

No que se refere aos imaginários que participam da fundamentação do discurso desse ator político, a fala citada acima também pode ser utilizada para ilustrar, por um lado, a referência a certos valores correspondentes ao *imaginário da soberania popular*, tão recorrente no discurso de Lula, que Marina Silva parece incorporar em seu discurso. Ao mesmo tempo, o que também pode ser percebido nesse trecho é a evocação do *imaginário da tradição*, por meio do uso de uma fala que faz referência a uma busca por certa forma de pureza que está sendo perdida por meio da destruição dos recursos naturais.

Mas o discurso de Marina Silva parece recorrer de modo paralelo ao *imaginário da modernidade*, na medida em que propõe uma forma de desenvolvimento que seja sustentável, ao mesmo tempo em que tece uma crítica ao desenvolvimento destrutivo, utilizando para isso uma linguagem técnica, que evoca o discurso do *economismo*, por meio da utilização de dados e de estatísticas: “[...] *até porque eu peguei uma realidade em que o desmatamento vinha crescendo a 27%*”.

Outro imaginário que participa da fundamentação do discurso de Marina Silva é o *imaginário do sucesso*, que está presente em sua fala por meio da referência a um conjunto de figuras responsáveis por transmitir a ideia de “trabalho” e “esforço”:

“Olha, quando entrei no Ministério do Meio Ambiente, eu sabia que era um desafio muito grande [...]”.

“[...] É como se eu tivesse um navio a alta velocidade em alto-mar. Eu tenho que frear esse processo e fazer uma curva para ele crescer”.

Mostram-se presentes também algumas figuras como o “progresso”, observada no trecho seguinte: *“Eu faço uma avaliação de que tivemos ganhos [...]”.*

Ainda nos foi possível notar nessa resposta de Marina Silva a presença das figuras do “reconhecimento” e do “mérito”:

“Eu faço uma avaliação de que tivemos ganhos, e que esses ganhos precisam ser reconhecidos e celebrados”.

“De sorte que, o que nós temos que celebrar é um processo que precisa se consolidar, sem a ansiedade de ficar medindo se eu fiz mais ou menos do que o Fernando Henrique”.

Algumas representações podem ser detectadas na fala de Marina Silva, como aquelas utilizadas com o intuito de promover identificação e credibilidade junto à instância cidadã. Desse modo, a entrevistada busca associar sua pessoa uma série de imagens que participam da construção de uma determinada identidade política portadora de *ethé* diversos, como o *ethos de virtude*, incorporado por meio de um discurso que remete aos valores da *honestidade* e da *sinceridade*:

“O que o governo está fazendo não tem nada de novo. O que o governo está fazendo é colocando em prática aquilo que a sociedade já estava careca de dizer”.

“Desmatamento tem que ser combatido com transparência, colocando claramente os dados, e isso está sendo feito”.

“E o que eu estou é, em hipótese alguma, minimizando os números que você está colocando. Não estou dizendo isso. E também não quero comparar”.

“[...] e a minha posição dentro do governo foi: Eu não vou fazer pirotecnia ambiental”.

Encontra-se presente também o *ethos de competência*, por meio de um discurso capaz de promover a ideia de capacidade de *saber-fazer* e da experiência adquirida na vida pública:

“Nós vamos fazer coisas estruturantes, para que fique para o Estado brasileiro uma política que vá além dos governos. Criar 15 milhões de unidades de conservação em áreas de conflito, diferentemente das que eram criadas, igualmente importantes, em regiões remotas da Amazônia, é política estruturante. Mexer em ordenamento territorial e latifundiário, em que há trinta anos não se mexia neste país, é política estruturante”.

Outra imagem que pode ser notada na fala de Marina corresponde ao *ethos de caráter*, demonstrado por meio da referência a algumas figuras como a “coragem” e o “orgulho”, respectivamente ilustrados pelos trechos a seguir:

“Estamos implementando – corajosamente, eu devo dizer – o presidente Lula está implementando todo esse conjunto de sugestões”.

“De sorte que, o que nós temos que celebrar é um processo que precisa se consolidar, sem a ansiedade de ficar medindo se eu fiz mais ou menos do que o Fernando Henrique”.

Essa conjugação de valores e imagens de que se vale Marina Silva ao organizar sua fala parecem confirmar a tendência já apontada de que o discurso político visa a corresponder a demandas e públicos distintos.

TRECHO [2]

Paulo Markun: Ministra, eu queria saber o seguinte: nós andamos adiante, de 72 para cá? Porque a sensação, quando se olham as estatísticas – nós que eu digo é o mundo, como um todo, e o Brasil mais ainda – dá a impressão que não; quando se olha essa consciência vaga que a senhora citou, sim – todo mundo é ecologista, ambientalista, limpo, puro e são até de recolher a primeira latinha de alumínio na praia da esquina para vender e refazer o ciclo de produção de alumínio.

Marina Silva: *Avançamos. Eu acho que o homem ter consciência de que vivemos a era dos limites é um avanço. Infelizmente, nem todos têm essa consciência, e alguns ainda ficam resistindo e querendo destruir os recursos de milhares e milhares de anos pelo lucro de apenas algumas décadas. Eu acho que esse é o desafio que está posto para a humanidade. Agora, é claro que nós estamos no olho do furacão. Quando alguém chega e diz que a nossa perda de biodiversidade já é semelhante à da época da extinção dos dinossauros, é algo muito grave. E quando eu li essa informação no Relatório-Síntese de Avaliação Ecossistêmica do Milênio... eu me lembro de uma cena, que o meu pai fazia roça de subsistência no seringal e, de repente, ele brocou uma capoeira, para fazer o roçado, e deixou um pé de jurubeba. E várias lagartas que devoram as folhas estavam no pé de jurubeba. Ele derrubou todo o entorno e eu disse: “Papai, o senhor não vai derrubar o pé de jurubeba?”. Ele disse: “Não, vou deixar aí e elas vão se ferrar”. E elas ficaram comendo toda a jurubeba, porque elas atacavam depois o arroz... principalmente o feijão. Ele, com a cabeça dele de lavrador, já sabia que elas dariam prejuízo, não estava ligado na biodiversidade [rindo]. Mas ele deixou só o pé de jurubeba lá e, de repente, quando elas acabaram de comer todo o pé de jurubeba, elas morreram todas. Quer dizer, quando eu vi essa informação eu disse: “Meu Deus, será que nós já estamos no pé de jurubeba? Será que essa coisa já é tão avassaladora assim?” Mas o importante é que existe uma consciência. O que se avançou, de 92 para cá, com estruturas multilaterais, no âmbito dos Estados nacionais. Se você verificar o que se criou hoje, em termos de organização... [sendo interrompida]*

Paulo Markun: Mas aí chegam os Estado Unidos e dizem que não assinam o Protocolo de Quioto, aí chega o setor do agronegócio brasileiro e diz que não é bem assim, que determinada Lei não é bem assado, e isso gera enorme discussão e debate. Quer dizer, todo esse avanço não é um pouco utópico?

Marina Silva: *Olha, eu acho que se nós não tivéssemos utopias nós tínhamos parado bem antes da roda, sabe? Eu acho que o que faz rodar, girar esse processo, é a utopia. Eu acredito nisso. Muitas vezes eu fui chamada de sonhadora, por várias razões, e acredito que, o que mobiliza as pessoas, é o sonho, é acreditar. E quando você cria*

espaços institucionais para fazer essa disputa, para fazer a negociação, você faz isso democraticamente e você consegue avançar. Lamentavelmente, existem alguns setores que eu considero que estão bastante atrasados em relação à percepção do que se tem hoje no mundo. Hoje, pensar...” [sendo interrompida]

Análise:

No segmento acima é possível observar preliminarmente que a fala de Marina Silva organiza-se por meio de certos saberes de *conhecimento* que poderiam ser interpretados como estando ligados à sua *experiência* de vida, um relato em que procura passar uma mensagem de aprendizado transmitido pelo pai sobre um aspecto da vida na roça, que ela utiliza para ilustrar metaforicamente (formigas/seres humanos) uma conjuntura mundial no que tange à destruição e preservação do meio ambiente. No segmento narrativo abaixo ela busca transmitir os valores de certa sabedoria adquirida por meio das experiências herdadas do pai:

“[...] eu me lembro de uma cena, que o meu pai fazia roça de subsistência no seringal e, de repente, ele brocou uma capoeira, para fazer o roçado, e deixou um pé de jurubeba. E várias lagartas que devoram as folhas estavam no pé de jurubeba. Ele derrubou todo o entorno e eu disse: “Papai, o senhor não vai derrubar o pé de jurubeba?”. Ele disse: “Não, vou deixar aí e elas vão se ferrar”. E elas ficaram comendo toda a jurubeba, porque elas atacavam depois o arroz... principalmente o feijão. Ele, com a cabeça dele de lavrador, já sabia que elas dariam prejuízo, não estava ligado na biodiversidade. Mas ele deixou só o pé de jurubeba lá e, de repente, quando elas acabaram de comer todo o pé de jurubeba, elas morreram todas. Quer dizer, quando eu vi essa informação eu disse: “Meu Deus, será que nós já estamos no pé de jurubeba? Será que essa coisa já é tão avassaladora assim?”.

Na resposta de Marina Silva também se percebe a presença de certas crenças, configuradas na forma de um posicionamento ideológico, uma vez que a entrevistada relata em diversos momentos de sua fala a perspectiva com que ela se posiciona diante de determinadas questões e de valores que são relevantes para a sociedade contemporânea, como o tema relacionado ao ecologismo, que parece integrar de modo determinante a identidade político-discursiva e ideológica de Marina Silva. Aspectos estes que podem ser observados nos trechos a seguir:

“Olha, eu acho que se nós não tivéssemos utopias nós tínhamos parado bem antes da roda, sabe? Eu acho que o que faz rodar, girar esse processo, é a utopia. Eu acredito nisso. Muitas vezes eu fui chamada de sonhadora, por várias razões, e acredito que, o que mobiliza as pessoas, é o sonho, é acreditar”.

“Infelizmente, nem todos têm essa consciência, e alguns ainda ficam resistindo e querendo destruir os recursos de milhares e milhares de anos pelo lucro de apenas algumas décadas”.

No que tange à fundamentação do discurso que Marina Silva utiliza na resposta acima, o que se observa é a evocação, por um lado, do *imaginário da tradição*, realizada por meio de uma fala que faz referências à preservação da natureza e ao equilíbrio ambiental. Paralelamente nota-se a participação do *imaginário da modernidade*, que se revela por meio da referência a uma possível superioridade do nível de desenvolvimento e de conscientização alcançados até o tempo presente, em relação ao passado. Modernidade também contida na possibilidade de equilibrar a preservação do meio ambiente com o desenvolvimento econômico, isto é, o desenvolvimento sustentável, configurando assim uma forma linguageira que poderia ser classificada como discurso do “ecologismo”:

“Lamentavelmente, existem alguns setores que eu considero que estão bastante atrasados em relação à percepção do que se tem hoje no mundo”.

“Eu acho que esse é o desafio que está posto para a humanidade. Agora, é claro que nós estamos no olho do furacão. Quando alguém chega e diz que a nossa perda de biodiversidade já é semelhante à da época da extinção dos dinossauros, é algo muito grave.”

Outras formas de representações evocadas por Marina Silva dizem respeito ao *imaginário do sucesso* que também corrobora seu discurso por meio de referências a figuras responsáveis por transmitir os valores do “progresso”, representado no caso pela figura do “avanço”, e que pode ser ilustrado pelos trechos:

“Avançamos. Eu acho que o homem ter consciência de que vivemos a era dos limites é um avanço.”

“E quando você cria espaços institucionais para fazer essa disputa, para fazer a negociação, você faz isso democraticamente e você consegue avançar”.

Encontra-se em tais enunciados e também nesse que é apresentado a seguir, a figura da “superação”:

“Mas o importante é que existe uma consciência. O que se avançou, de 92 para cá, com estruturas multilaterais, no âmbito dos Estados nacionais. Se você verificar o que se criou hoje, em termos de organização [...]”.

Quanto às formas de *ethé* encontradas na fala desse sujeito-falante é possível observar a presença do *ethos de competência*, onde se verifica uma habilidade intelectual e retórica na análise da conjuntura política e ambiental, bem como da experiência adquirida na vida política:

“Infelizmente, nem todos têm essa consciência, e alguns ainda ficam resistindo e querendo destruir os recursos de milhares e milhares de anos pelo lucro de apenas algumas décadas”.

“E quando eu li essa informação no Relatório-Síntese de Avaliação Ecológica do Milênio [...]”.

É possível notar também a ocorrência do *ethos de humanidade*, na medida em que a então senadora busca transmitir, por meio de certa *confissão* ou mesmo por uma *revelação*, um pensamento de ordem mais íntima, uma crença pessoal na capacidade realizadora proporcionada pela utopia:

“Olha, eu acho que se nós não tivéssemos utopias nós tínhamos parado bem antes da roda, sabe? Eu acho que o que faz rodar, girar esse processo, é a utopia. Eu acredito nisso. Muitas vezes eu fui chamada de sonhadora, por várias razões, e acredito que, o que mobiliza as pessoas, é o sonho, é acreditar”.

Humanidade que pode ser percebida também pela ideia de *simplicidade*, mostrada no segmento em que faz referência a sua infância na roça: *“eu me lembro de uma cena, que o meu pai fazia roça de subsistência no seringal [...]”.* Ainda é possível notar uma rápida referência ao *ethos de chefe*, por meio da incorporação da figura do “profeta”: *“Eu acho que esse é o desafio que está posto para a humanidade”.*

Considerações preliminares:

Na primeira resposta de Marina Silva detectam-se algumas figuras por ela utilizadas para remeter a um *saber de conhecimento* de natureza *empírica e técnica*, na medida em que ela procura mostrar a experiência adquirida na atividade política e a capacidade de execução; encontra-se também um *saber de crença* de cunho *ideológico*, representado pelo modo como ela afirma compreender o fazer político. Na segunda resposta analisada foi possível observar determinados tipos de *saberes* adquiridos pela *experiência* vivida no campo pessoal e na atividade política. Consta-se também uma forma de crença *ideológica*, na medida em que sua fala busca elementos suscetíveis de confirmar suas convicções.

No que se refere à fundamentação de seu discurso, nota-se em ambas as respostas analisadas a presença do *imaginário da tradição*, por meio de uma fala que faz referência a um retorno às origens e a busca por uma forma de pureza perdida pela destruição dos recursos naturais. Há também a evocação do *imaginário da modernidade*, na medida em que tal fala visa promover os valores de uma forma de desenvolvimento que seja sustentável, ao mesmo tempo em que tece uma crítica ao desenvolvimento destrutivo, utilizando para isso uma linguagem técnica, que recorre ao discurso do *economismo*, por meio do uso de dados e de estatísticas.

Observa-se também na fundamentação do discurso de Marina Silva a evocação recorrente do *imaginário do sucesso*, sustentado por algumas figuras que representam valores ligados ao “trabalho” (“esforço”), ao “progresso” (“avanço”), à “superação”, ao “reconhecimento” (“mérito”) e ao “êxito”. Figuras estas que contribuem para promover a ideia de “sucesso” e reforçar determinadas identidades que o ator político procura transmitir aos cidadãos eleitores.

A seguir discutiremos a respeito de alguns aspectos que caracterizam as narrativas dos sujeitos políticos que fazem parte de nosso estudo, buscando fazer um balanço interpretativo dos dados destacados, bem como procurando tecer alguns comentários, quando se fizerem necessários.

BALANÇO INTERPRETATIVO

A identidade política de Aécio Neves entre competência e virtude - O sucesso como eficiência

As análises das entrevistas de Aécio Neves (3)¹¹⁸ permitem estabelecer algumas considerações a respeito do modo de organização de seu discurso que busca privilegiar determinados saberes, indicando a predominância de conhecimentos referentes ao universo da economia, bem como saberes elaborados pela experiência. Este sujeito-falante procura em muitas situações associar tal saber técnico referente à economia, que ele afirma possuir, à experiência adquirida por meio de sua atuação no campo político, buscando com sua fala transmitir à instância cidadã representações sobre os valores da eficiência e a imagem de gestor público competente. Recurso discursivo esse que opera por meio da junção de um pressuposto *saber-fazer* referente à gestão pública, bem como a performance e a habilidade empregadas na atuação política, elementos estes que o político em questão busca aglutinar a sua identidade política.

O que foi possível perceber a partir das análises é que o sujeito político Aécio Neves recorre a uma estratégia de persuasão que procura garantir sua legitimidade de ação e de palavra no espaço político, bem como em relação à instância cidadã brasileira, por um lado reivindicada por sua filiação a uma família política tradicional, representada pela figura de seu avô Tancredo Neves. Legitimidade conquistada também por meio do sufrágio universal conferido a ele pelo povo, em disputas eleitorais, fato que Aécio Neves busca reiterar em sua fala e com o intuito de promover seu “sucesso” político, mesmo que para isso se produza, em determinadas situações, um discurso de auto-reconhecimento.

No que tange à credibilidade, esse sujeito político procura apostar na imagem de virtuoso, mostrando-se digno de crédito ao apresentar-se como “homem público” que participa da atividade política com lealdade perante os adversários e os aliados, evocando a correção e a honestidade, valores estes que ele reafirma ser herança da ética política transmitida pelo avô Tancredo Neves. Ao mesmo tempo, o sujeito político em questão lança mão de outras estratégias de argumentação que são associadas às imagens de virtude evocadas para si, procurando conferir à sua identidade política, certos valores

¹¹⁸ Indicada entre parênteses a quantidade de entrevistas analisadas de cada político.

representados por imagens capazes de lhe atribuir uma “aura” de detentor de determinados saberes de ordem técnica, quando da demonstração de domínio e conhecimento dos meandros do campo político, das ações que regem a governança, das leis e da dinâmica econômica que regula os mercados. Tal ator político busca também demonstrar pelo discurso sua capacidade de gestão na administração pública, procurando ressaltar os avanços e os sucessos alcançados por meio das ações executadas em seu governo, recorrendo nessas situações a um discurso do economismo e de valorização da modernidade. Todas essas imagens foram evocadas, por assim dizer, com a finalidade de consolidar um *ethos de competência*, aquele que Aécio Neves busca construir para si, de modo recorrente, por meio de suas falas.

Sobretudo no domínio político, essas articulações entre as estratégias de legitimidade e de credibilidade visam, ao final de contas, à captação do maior número de cidadãos e à busca da adesão destes ao seu projeto de sociedade. Aécio Neves propõe, assim, um ideal como finalidade almejada por todos os cidadãos e recorrendo a uma encenação dos valores que fazem referência à competência, que é quase sempre transmitida pela ideia de capacidade de gestão pública e pela experiência alcançada pela atuação política. Tal político refere-se também à virtude, por meio de um discurso que procura associar a imagem de honestidade e de lealdade a sua pessoa, valores que recorrentemente procura imprimir em seus discursos.

Quanto ao tipo de figura de carisma político, Aécio Neves parece assumir para si aquele que mais se aproximaria da identidade política que transparece de sua representação, que seria o carisma *enigmático*, pois tal político apresenta determinadas características que contribuem para promover a captação e a identificação com o público. Isso ocorre por meio da demonstração de qualidades referentes ora à tradição, ora aos valores da modernidade, da virtude e da competência projetando a imagem de detentor de certos valores culturais (predominantemente de uma identidade mineira, no caso), de flexibilidade em relação ao outro e aos impasses da vida política. Entretanto, como diz Charaudeau (2013), o enigmático caracteriza-se também pela presença de uma personalidade misteriosa, que mesmo procurando passar-se por solidário, permaneceria a dúvida em relação à sinceridade de sua intenção.

Aécio Neves pode ser caracterizado como portador de uma forma de expressão verbal constituída por um modo de falar político que procura mesclar, na maioria das vezes, um “bem falar”, pela pronúncia correta das palavras e da forma geralmente clara e compreensível como se expressa. Possui também um “falar tranquilo”, que busca

transmitir serenidade e controle de si, bem como a capacidade de gerenciar situações de conflito e superar os problemas sem demonstrar insegurança e fragilidade.¹¹⁹

Quanto aos *imaginários de verdade* que participam da fundamentação do discurso de Aécio Neves é possível observar de modo bastante claro a predominância do *imaginário da modernidade*, principalmente pelo discurso do economismo, e também de modo considerável a presença do *imaginário da tradição*, por meio de referências a um possível resgate de uma forma essencial do fazer político, da ética e da moralidade na prática política. Notam-se também algumas referências ao *imaginário da soberania popular*, que aparece por meio do discurso do igualitarismo.

Outro aspecto a ser considerado, desta vez em relação às formas de imaginário de sedução, é a constante evocação de valores referentes ao *imaginário do sucesso* no discurso de Aécio Neves, sobretudo por meio de figuras que fazem alusão ao “progresso”, à “eficiência”, ao “trabalho”, e também ao “reconhecimento”, ao “mérito”. A recorrência frequente a essas figuras visa promover a imagem de Aécio Neves atribuindo a sua pessoa valores que contribuem para consolidar no imaginário social uma identidade política que corresponda às distintas expectativas oriundas da instância cidadã em relação à figura de líder que é representada.

Estas identidades que Aécio Neves procura incorporar e disseminar no imaginário social estão ancoradas, sobretudo, no imaginário do *sucesso*, bem como em imagens e valores que procuram representar determinada demanda social. No caso das entrevistas de Aécio Neves analisadas, pode ser observada a ocorrência de algumas falas que buscam construir certas imagens do sujeito político em questão, pela evocação recorrente do *ethos de competência*, do *ethos de virtude*, pelo *ethos de caráter*, este manifestado principalmente por meio das figuras do “orgulho” e da “coragem”. Há ainda alguma ocorrência do *ethos de inteligência*.

Portanto, o sujeito político Aécio Neves busca associar a sua pessoa um conjunto de idealizações capazes de promover credibilidade e identificação, e busca transmitir à instância cidadã certos valores. Assim, “competência”, “virtude” e “caráter” constituem as imagens com as quais Aécio Neves procura revestir-se ao falar de si, de seus projetos, de suas experiências e de seus planos para o futuro, invocando para si a identidade política de líder eficiente.

¹¹⁹ Entretanto, o “falar tranquilo” deu lugar a um “falar forte” - caso da campanha eleitoral para presidência da República, em 2014.

Fernando Henrique Cardoso: a identidade política entre competência e inteligência

As análises das entrevistas de Fernando Henrique Cardoso (6) permitem estabelecer algumas considerações a respeito do modo de organização de seu discurso que busca privilegiar determinados saberes de conhecimento, com a predominância do saber *culto* e da *experiência*, com algumas ocorrências de saberes de crença, sobretudo de cunho “ideológico”, estes voltados geralmente para a defesa dos valores da lógica econômica do “livre-mercado” e do desenvolvimento social atrelado ao desenvolvimento econômico. O que se nota é que Fernando Henrique Cardoso procura em muitos momentos associar o saber culto que possui ao saber de experiência que foi adquirido por sua atuação no campo político, buscando com a utilização de uma fala elaborada transmitir à instância cidadã a ideia não só de inteligência, pela demonstração de domínio de certos conhecimentos relativos aos campos: social, político e econômico. Ele também procura demonstrar ser possuidor das competências necessárias ao sujeito político, pela junção do *saber-fazer* com a capacidade e a habilidade intelectuais, que parecem constituir sua identidade pessoal e política.

Pode-se constatar por meio das análises que Fernando Henrique Cardoso recorre em sua fala a uma estratégia de persuasão que procura garantir seu direito de atuação e de palavra no espaço político, por meio de uma *legitimidade representativa* garantida pela conquista do poder político e conferida pelas vitórias em disputas eleitorais ao longo de sua carreira política. Tal político procura afirmar sua legitimidade promovendo para isso um *ethos de credibilidade* sustentado em imagens referentes à competência. É importante ainda lembrar que ele conta a seu favor com um *ethos* prévio que lhe confere diversos atributos relacionados ao imaginário social da inteligência, representando valores que agregam a sua pessoa o *status* de “erudito”, e até mesmo de “sábio”.

Ainda no que tange à credibilidade, Fernando Henrique Cardoso para mostrar-se digno de crédito procura transparecer em diversas ocasiões uma imagem de virtuoso, apresentando-se como um ator político que participa da atividade política com lealdade perante os adversários e aliados, e, mostrando-se, ao mesmo tempo como uma pessoa que possui atributos como a correção e a honestidade.

Ao mesmo tempo, o político em questão parecer lançar mão de outras estratégias de argumentação que buscam conferir a sua identidade política alguns valores representados por imagens capazes de lhe atribuir a ideia de detentor de um saber culto

e de ordem teórica, pelas referências constantes a conceitos e correntes de pensamento, sobretudo, oriundas do campo social, bem como o uso de citações de autores e pensadores importantes no cenário intelectual. Encontra-se também em seu discurso saberes de ordem técnica, por meio da demonstração de domínio e conhecimento dos meandros do campo de ação política que regem a governança e das leis e da dinâmica econômica que conduz os mercados. Demonstração da capacidade de compreensão dos mecanismos da administração pública, da proposição de projetos e soluções para os problemas a serem enfrentados procurando ressaltar os avanços e o sucesso, ambos alcançados por meio de ações executadas em seu governo. Ou ainda recorrendo em alguns casos a um discurso do economismo e de valorização dos benefícios trazidos pelas tecnologias da modernidade.

Ao relatar acontecimentos de sua vida política, e às vezes íntima, a fala de Fernando Henrique Cardoso evoca algumas imagens que corroboram para a consolidação de um *ethos de competência*, que se faz acompanhar em muitas situações de um *ethos de inteligência*, que parece estar associado à pessoa do político em questão.

Quanto às estratégias de legitimidade e de credibilidade empregadas no discurso de Fernando Henrique Cardoso, como em todo discurso político, também visam tocar o maior número de cidadãos que seja possível, isto com a intenção de fazê-los aderir ao seu projeto de sociedade. Para tanto, ele recorre a uma encenação de determinados valores que fazem referência à “competência”, transmitida pela ideia relativa à capacidade de compreensão dos problemas, e também por meio da proposição de soluções e superação dos desafios, fazendo alusão à experiência adquirida na vida política e na vida acadêmica e intelectual.

Quanto ao tipo de figura de carisma político, aquele que mais se aproximaria da identidade política que Fernando Henrique Cardoso procura representar seria um tipo de carisma que Charaudeau (2013) classifica como de “sábio”, pois tal político apresenta determinadas características que culminam com a demonstração de qualidades referentes ao imaginário da inteligência, já que parece portador de valores culturais e intelectuais que lhe conferem um “ar” de sabedoria e conhecimento tanto das relações sociais, políticas e econômicas, como de suas razões históricas.

Em outro aspecto, Fernando Henrique Cardoso pode ser caracterizado como portador de uma forma de expressão verbal constituída por um modo de falar político que procura mesclar, na maioria das vezes, um “bem falar”, produzido pelo recurso a um vocabulário muitas vezes sofisticado, contendo expressões do universo acadêmico,

citações, referências e outros elementos que transmitem a ideia de boa capacidade de articulação do raciocínio. Também parece haver certo cuidado com a pronúncia correta das palavras. De modo paralelo, em determinadas situações o político em questão apresenta um “falar tranquilo” que busca transmitir serenidade e controle de si, bem como a capacidade de reflexão e entendimento dos fenômenos sociais, políticos e econômicos que organizam a sociedade.

Quanto aos *imaginários de verdade* que participam da fundamentação do discurso de Fernando Henrique Cardoso é possível observar de modo bastante claro a evocação recorrente do *imaginário da modernidade*, principalmente pelo discurso do “economismo”, como pudemos constatar, e também, de modo considerável, a presença do *imaginário da soberania popular*, que aparece por meio da enunciação de um discurso que remete ao “igualitarismo” e à “solidariedade”.

Outro aspecto a ser considerado, desta vez em relação às formas de *imaginário de sedução* observados nas entrevistas, está relacionado com a constante presença do imaginário do *sucesso* no discurso de Fernando Henrique Cardoso, sobretudo pelas figuras do “saber”, do “trabalho”, do “progresso” e também, em certas situações a figura do “reconhecimento”. A recorrência frequente a essas figuras visa promover a imagem do sujeito político Fernando Henrique Cardoso, atribuindo a sua pessoa valores que contribuem para consolidar no imaginário social uma identidade política que corresponda às expectativas da instância cidadã a.

No caso das entrevistas de Fernando Henrique Cardoso que foram analisadas, pudemos observar a ocorrência de algumas falas que buscaram associar a sua pessoa um conjunto de idealizações capazes de promover credibilidade e identificação, bem como procuraram construir certas imagens do sujeito político em questão que correspondessem às expectativas oriundas da instância cidadã e que foram possivelmente captadas por meio de imaginários que circulam no espaço público. Estas identidades que Fernando Henrique Cardoso procura disseminar no imaginário social estão ancoradas, sobretudo, no imaginário do *sucesso*, por meio de imagens e valores que procuram representar determinada demanda social por um líder eficiente, e se possível, honesto.

Assim, como grande parte dos políticos, Fernando Henrique Cardoso procura garantir a imagem de político sério por meio de seu modo de falar, de se comportar socialmente, de interagir com as pessoas em sua volta e em situações de comunicação

mediática, transmitindo naturalidade e procurando manter sua reputação e imagem de intelectual e culto.

Com figuras talvez diferentes, Fernando Henrique Cardoso, assim como Aécio Neves, apresentou uma recorrência significativamente maior da presença de alguns valores que fazem referência às ideias de “competência”, de “virtude” e de “caráter”. Imagens com as quais Fernando Henrique Cardoso procura revestir-se ao falar de si, de seus projetos, de suas experiências e de seus planos para o futuro, evocando para si a identidade política de líder eficiente e virtuoso.

A identidade humanitária em Lula: o povo como soberano - O sucesso como resultado do trabalho e da superação

A partir das análises das entrevistas concedidas por Luís Inácio Lula da Silva (7) ao programa *Roda Viva*, da TV Cultura, é possível perceber por meio de suas respostas, em algumas mais e em outras com menor incidência, um considerável número de inserções de relatos de teor biográfico, nos quais Lula procura disseminar uma série de imagens capazes de promover credibilidade e identificação junto a sua pessoa, enquanto ator do campo político.

As análises permitem estabelecer algumas considerações a respeito do modo como o político procura organizar seu discurso, buscando privilegiar alguns saberes de conhecimento, em que se predominam aqueles que fazem referência à *experiência*, como também falas que se organizam em torno de saberes de *crença*, representando geralmente um posicionamento, digamos, de caráter “ideológico”. Lula procura ressaltar a posse de um saber de experiência adquirido tanto por meio de sua atuação como liderança na organização sindical, como também pela atividade parlamentar exercida. Experiência esta adquirida, sobretudo, pela posição assumida no cenário político brasileiro nas últimas três décadas, como representante legítimo da oposição, por longo período ocupando a instância adversária até a conquista do poder político com a vitória nas eleições presidenciais de 2002.

O que foi possível constatar por meio das análises é que Lula recorre em sua fala a uma estratégia de persuasão que busca garantir sua legitimidade de atuação e de uso da palavra no espaço político, por meio de uma legitimidade representativa, garantida por suas vitórias em disputas eleitorais ao longo de sua vida política. Mas também, Lula parece garantir seu espaço no campo político por meio de certa *legitimidade carismática*

que é a ele atribuída. Ora, o político procura tirar proveito disso, ao levar em conta o caráter um tanto messiânico que sua figura e sua história parecem transmitir. Isso o leva a apresentar-se em algumas situações como portador de um poder “misterioso”, que lhe conferiria uma força capaz de lhe permitir a realização de grandiosas ações. Poder este alcançado como recompensa pelo papel assumido na vocação política, fruto de sua capacidade de superação das dificuldades impostas pela vida, de sua dedicação ao trabalho, e também, pelas conquistas realmente alcançadas. Imagens estas portadoras de representações sobre os valores que constituem a identidade do grupo social em questão, no caso o espaço social brasileiro.

O tipo de carisma político que mais se enquadraria na identidade política que Lula procura representar seria o carisma *messiânico*. O sujeito político Lula se vê então investido de uma inspiração “invisível” que o leva a assumir uma missão que lhe foi atribuída, a de lutar pelos menos favorecidos, pelos “pobres”. Ao mesmo tempo, Lula parece possuir certo carisma *cesarista*,¹²⁰ pela demonstração de potência e de energia física, bem como por sua onipresença em diversas frentes da ação política. Essa presença constante, e vibrante, criaria um “ar” de disposição, e estaria também associada à ideia de uma postura pró-ativa diante das demandas. Também parece ocorrer em Lula certa impregnação do carisma de *chefe revolucionário*¹²¹, sobretudo no período em que se posicionava enquanto instância adversária.

No que tange à comunicação, Lula pode ser caracterizado como portador de certa forma de expressão verbal constituída por um modo de falar político que procura mesclar, na maioria das vezes, um “falar popular”, que demonstra simplicidade e humanidade, associado a um “falar forte”, que transmite a ideia de força, energia e a imagem de potência.

Quanto aos imaginários evocados no discurso de Lula, o que é possível notar é a grande predominância do *imaginário da soberania popular*. Observa-se também considerável recorrência de determinadas figuras responsáveis pela evocação do *imaginário do sucesso*, destacando-se as representações que fazem referência a ideias como “trabalho”, “esforço”, “superação” e “êxito”. Imagens estas que visam consolidar

¹²⁰ De acordo com Charaudeau (2013), o carisma *cesarista* pode ser incorporado tanto por meio de um ethos de chefe dominador (comum em muitos ditadores que marcaram a história), quanto pela imagem de chefe (comandante) revolucionário (Hugo Chávez). É claro que, no caso de Lula, esse tipo de carisma transparece de modo bastante suave, em comparação aos exemplos dados acima.

¹²¹ A imagem de revolucionário que acompanhou Lula, principalmente na fase inicial de sua carreira política, dissipou-se com o tempo, ainda com mais rapidez após assumir o poder executivo.

uma identidade política do líder que se apresenta como capaz de realizar as ações necessárias para a concretização do projeto de sociedade que seja bem sucedido.

Ao relatar acontecimentos de sua vida política, e muitas vezes sobre sua história pessoal e íntima, a fala de Lula evoca algumas imagens que visam validar a consolidação de um *ethos de humanidade*, que em muitas situações se faz acompanhar por um *ethos de competência*. São essas imagens e os valores os quais representam que Lula busca agregar a si.

Portanto, o que tudo indica é que Lula procura afirmar sua legitimidade promovendo um amálgama de *ethos* de credibilidade, que é sustentado principalmente em imagens referentes à competência, e também à virtude, com um *ethos* de identificação construído pelas imagens de líder humanitário, mas também potente e solidário. Essa conjugação de imaginários e valores diversos e, às vezes opostos, demonstra uma tendência já constatada por Charaudeau (2006; 2013) que visa a maior captação e adesão do público eleitor heterogêneo.

Lula também conta a seu favor com um *ethos* prévio que lhe confere diversos atributos relacionados ao imaginário social referente à humanidade e à simplicidade, representado por valores que agregam a sua pessoa a imagem de homem comum, solidário ao povo humilde, à classe operária e aos trabalhadores brasileiros, imagem enfim de “companheiro”. A recorrência frequente a essas figuras visa promover a imagem de Lula atribuindo a sua pessoa valores que contribuem para consolidar no imaginário social uma identidade política que corresponda às expectativas difusas da instância cidadã.

Estas identidades que Lula procura disseminar no imaginário social estão ancoradas, sobretudo, no imaginário do *sucesso*, por meio de imagens e valores que procuram representar determinada demanda social por um líder que seja capaz, humano e solidário.

As falas de Lula apresentaram uma recorrência significativamente maior de alguns valores que fazem referência à ideia de “humanidade”, de “competência”, de “potência”, de “virtude” e de “caráter”, imagens com as quais Lula procura revestir-se ao falar de si, de seus projetos, de suas experiências e de seus planos para o futuro, evocando para si a identidade política de um líder ao mesmo tempo humano, potente e solidário.

A identidade política de Marina Silva entre as imagens de competência, de solidariedade e de caráter - A superação, o trabalho e o esforço

As análises das entrevistas de Marina Silva (2) permitem estabelecer algumas considerações a respeito do modo de organização de seu discurso que busca privilegiar determinados saberes de conhecimento, sobretudo aqueles referentes à sua experiência de vida. Também é possível notar em algumas situações certo posicionamento ideológico da entrevistada em relação a temas que implicam suas crenças pessoais. Marina Silva procura, em muitos momentos, demonstrar que possui experiências importantes que foram adquiridas desde sua infância pelo trabalho nos seringais, passando por sua atuação no movimento social e pela universidade, até chegar à atividade política parlamentar e executiva, buscando com sua fala transmitir à instância cidadã a ideia não só de competência, pela junção da experiência à capacidade e habilidade de proposição e articulação de ideias, mas também por sua orientação e convicções ideológicas, que caracterizam sua identidade pessoal e política.

O que foi possível constatar por meio das análises dos relatos é que Marina Silva recorre em sua fala a uma estratégia de persuasão que procura garantir seu direito de atuar e de se expressar no espaço político, e também legitimar-se diante das expectativas da instância cidadã brasileira, por meio de uma *legitimidade representativa* garantida através da conquista do poder político conferida pelas vitórias em disputas eleitorais no decorrer de sua trajetória política. Marina Silva busca também se garantir enquanto ator do campo político por meio de certa *legitimidade carismática* a ela atribuída, levando-se em consideração o caráter um tanto messiânico que sua história de vida lhe confere.

No que se refere ao tipo de carisma político Marina Silva, assim como em Lula, parece ser portadora do carisma *messiânico*. O sujeito político Marina Silva se vê então investido de uma missão cívica que o leva a assumir uma vocação política e que o faz ao mesmo tempo lutar pelos menos favorecidos, combatendo as desigualdades que levam às mazelas sociais, assim como assumir a grandiosa tarefa de trabalhar para a disseminação da consciência do desenvolvimento sustentável.

Marina Silva pode ser caracterizada como possuidora de uma forma de expressão verbal constituída por um modo de falar político que procura associar, na maioria das vezes, um “bem falar”, demonstrando simplicidade e humanidade, pelo recurso a um vocabulário coloquial, mas que busca respeitar as normas da língua culta e utiliza algumas referências ao universo acadêmico. Apresenta também, simultaneamente

ao seu “bem falar”, um “falar tranquilo” que procura transmitir serenidade e controle de si, bem como a capacidade de entendimento dos fenômenos sociais, políticos e econômicos.

Quanto aos *imaginários de verdade* que participam da fundamentação do discurso de Marina Silva é possível observar de modo bastante claro a predominância do *imaginário da soberania popular*, principalmente pela utilização de um discurso que faz referências aos valores da “solidariedade”. Também nota-se, de modo considerável, a presença do *imaginário da tradição*, por meio de uma fala que faz referências a um retorno às origens e a busca por uma forma de pureza perdida pela destruição dos recursos naturais. Há ainda a evocação do *imaginário da modernidade*, na medida em que Marina Silva propõe o entendimento e o respeito aos princípios que orientam e regem as cadeias produtivas e de consumo interligadas em uma lógica da sustentabilidade, que prevê a proteção da natureza e do meio ambiente. Isso ao mesmo tempo em que tece uma crítica ao desenvolvimento predatório, utilizando para isso uma linguagem técnica, que recorre ao discurso do economismo, por meio da utilização de dados e de estatísticas. Modernidade que também se revela pela referência a uma possível superioridade do tempo presente em relação ao passado, demonstrado pelo aumento da conscientização de preservação do meio ambiente equilibrada com o desenvolvimento econômico.

Outro aspecto a ser considerado, desta vez em relação às formas de imaginário de sedução, diz respeito à presença recorrente do imaginário do *sucesso* no discurso de Marina Silva, sobretudo pela evocação das figuras do “trabalho”, do “esforço”, da “superação”, do “reconhecimento”, da referência ao “progresso”, ao “saber” e ao “êxito”. Imagens estas que validam a construção de uma identidade política que se apresenta como capaz de realizar as ações necessárias para a concretização do projeto de sociedade que seja bem sucedido. Desse modo, Marina Silva procura associar a sua pessoa um conjunto de idealizações promotoras de credibilidade e de identificação que busca transmitir à instância cidadã uma identidade política de liderança.

O que pode ser observado a partir das análises realizadas é que Marina Silva procura afirmar sua legitimidade promovendo alguns *ethé* de credibilidade, que se sustentam principalmente em imagens referentes à competência, mas também à virtude. Por outro lado, seu *ethos* de identificação é manifestado por meio da construção da imagem de liderança política solidária aos menos favorecidos, por sua origem humilde e pelo seu carisma, caracteres estes que a aproximam das pessoas comuns, do povo

brasileiro, confirmando mais uma vez a tendência a uma conjugação de imaginários e imagens diversas, estratégia de persuasão que visa maior captação e adesão do público eleitor.

Por meio de sua fala, Marina Silva procura mostrar que possui força¹²² e coragem¹²³, necessários ao enfrentamento político, bem como revela o trabalho e o esforço que foram realizados ao longo de sua trajetória, buscando demonstrar sua capacidade de superação das dificuldades e dos desafios que a vida, seja esta pessoal ou política, apresenta. Marina Silva conta ainda a seu favor com um *ethos* prévio que lhe confere diversos atributos relacionados ao imaginário social referente à solidariedade, à humanidade, à simplicidade, representando valores que agregam a sua pessoa, a imagem de virtuosa e solidária.

Marina Silva procura disseminar no imaginário social brasileiro algumas identidades que estão ancoradas, sobretudo, no imaginário do “sucesso”, e assim o faz por meio de imagens e valores que procuram representar determinada demanda social por uma líder competente, humana e solidária. No caso de suas entrevistas que foram aqui analisadas, observamos a ocorrência de algumas falas que buscam associar a sua pessoa um conjunto de idealizações capazes de promover credibilidade e identificação, bem como procuram construir certas imagens do sujeito político em questão, que correspondam às expectativas oriundas do público eleitor.

Marina Silva também busca consolidar seu *ethos* de seriedade por meio do modo como se expressa e se comporta socialmente, por sua forma de interagir com as pessoas, por seu comportamento em situações de comunicação midiática, já que busca transmitir a ideia de naturalidade e simplicidade, de mulher comum, solidária ao povo.

Os relatos de Marina Silva apresentaram uma recorrência significativamente maior da apresentação de alguns valores que fazem referência à ideia de “humanidade”, de “competência”, de “virtude”, e em outras ocasiões de “caráter”, imagens que Marina Silva procura encarnar ao falar de si, de seus projetos, de suas experiências e de sua vida, buscando evocar para si a identidade política de uma líder ao mesmo tempo competente, humana e solidária.

¹²² Em contrapartida à aparente fragilidade transmitida pelo porte físico, e tom de voz calmo e sereno, de Marina Silva.

¹²³ Tema central da campanha de Marina Silva para Presidência da República, em 2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises das entrevistas permitiram de início observar como as referências aos episódios das histórias de vidas dos sujeitos políticos, considerados pela pesquisa, constituem parte significativa da organização discursiva do discurso político, pelo menos no que tange a uma situação de entrevista.

Elas nos possibilitaram perceber também como a utilização de determinados *imaginários sociodiscursivos* e suas representações contribuem de modo fundamental para o processo de significação dos relatos que se apresentam de modo recorrente no discurso político analisado.

A metodologia utilizada para a realização das análises tornou possível a abertura de caminhos de interpretação do discurso político ao considerar o papel que adquirem os imaginários (*verdade/sedução*) e os diferentes *ethé* no processo de constituição da identidade dos sujeitos políticos considerados aqui.

Os recortes realizados sobre a entrevista televisiva com políticos, e ainda em um programa específico, como o *Roda Viva*, levou à necessidade de compreender melhor o gênero entrevista, as tentativas de definição dessa forma de interação dialógica, suas características na televisão, bem como as especificidades da entrevista política. Isso nos levou a concluir que este gênero apresenta-se na comunicação social como um espaço de interesse tanto da parte da instância política, quanto da parte da instância midiática: a primeira por considerar a possibilidade de alcançar a instância cidadã de modo mais abrangente e efetivo e poder assim influenciá-la; a segunda, ao buscar uma palavra de confissão, de denúncia, de conflito, ou mesmo ao se interessar pela revelação da intimidade do sujeito político.

A análise do discurso político considerado em situação de entrevista foi importante, uma vez que tornou possível relacionar algumas características dialógicas que marcam tal gênero discursivo com a capacidade de construir, pela interação comunicacional que é promovida pela entrevista, uma conexão ou mesmo um diálogo com o público, isso por meio de saberes e representações partilhadas que a palavra política coloca em circulação no espaço público, por intermédio das diversas instâncias midiáticas.

Também foi possível observar que no discurso político ocorre a evocação tanto de *imaginários de verdade*, quanto das diversas representações realizadas sobre o “sucesso”, valores estes que se materializam e são sustentados por meio da incorporação

de determinados *ethé*, responsáveis estes por promover e garantir credibilidade e identificação. Estes imaginários fusionam-se no discurso político e ocorrem muitas vezes de modo simultâneo, gerando uma sobreposição de sentidos e estabelecendo uma correspondência complexa e, um tanto quanto, misteriosa entre eles, numa relação em que um corroboraria o outro e funcionaria também como uma estratégia de captação de públicos heterogêneos.

No que tange ao discurso político aqui analisado, essa argumentação mostra-se, sobretudo, de modo persuasivo, na medida em que recorre a um universo de significações e valores muitas vezes de ordem afetiva, com a finalidade de conquistar a adesão da instância cidadã ao projeto de sociedade proposto. São então mobilizadas para esse fim algumas estratégias, tanto de argumentação - que visam convencer o público da pertinência e viabilidade do projeto em questão - quanto de sedução, principalmente por meio da proposição de imagens de si com as quais os sujeitos políticos procuram se revestir, elaborando uma retórica persuasiva. Essa retórica busca privilegiar uma organização discursiva voltada mais para as figuras de *ethos* e de *pathos* que para o *logos*, isto é, ela abre espaço para uma narrativa de vida que se elabora e que se sustenta privilegiando a imagem e a emoção, em lugar da razão.

O foco de interesse desta pesquisa centralizou-se, portanto, nas identidades que foram engendradas e projetadas a partir da reflexividade que a narrativa de si¹²⁴ possibilita; estratégia na qual o ator político procura seduzir e persuadir o maior número de cidadãos eleitores a aderir as suas propostas.

O que percebemos é que esse processo de constituição da identidade política por meio da narrativa de si implica na conjunção de imaginários e *ethé* diversos e, ao mesmo tempo, complementares, produzindo um amálgama de valores e figuras.

O imaginário foi aqui considerado como um espaço temático em que se encenam as formas de *ethé*, que por sua vez participam da constituição das identidades. O *ethos* por sua vez seria a incorporação de um ou vários imaginários simultaneamente. Assim, imaginários e *ethos* constituiriam ambos a dimensão identitária do discurso político. O imaginário pode ser entendido então como uma espécie de *manta do sentido*, ou um “magma” de significações, como diz Castoriadis, uma linha de condução por onde se

¹²⁴ Aqui, procurou-se considerar a narrativa de si enquanto a referência ao vivido, ao passado, mas também enquanto uma projeção futura de uma ação e de um resultado almejado.

orienta o sentido, uma síntese narrativa e temática, em que se organizam representações e saberes, que por sua vez refletem-se na identidade que se projeta do sujeito político.

Outro aspecto que levamos em consideração neste estudo diz respeito à migração do imaginário do *sucesso* para o campo da comunicação e do marketing políticos. Oriundas do campo da publicidade e propaganda, disseminadas efusivamente pelas mídias de modo geral, as representações sociais relativas ao *sucesso* parecem corresponder, nos dias de hoje, a um tipo de imaginário que seria responsável por fundamentar e sustentar boa parte das ações e das relações humanas, sobretudo as de consumo. Das diversas representações que compõem o imaginário do *sucesso* foi possível observar a ocorrência de algumas figuras que se apresentam de modo evidente na organização do discurso político.

Se levarmos em conta as diferentes situações em que a fala política manifesta-se notaremos características específicas quando da organização discursiva em situação de campanha eleitoral ou em situação de exercício do poder. Por exemplo, em razão do curto espaço de tempo de fala disponibilizado para os candidatos na propaganda eleitoral, suas falas têm de ser necessariamente objetivas, daí as referências explícitas às palavras e expressões como “trabalho”, “luta” “combate”, “conquista”, “progresso”.¹²⁵ Mas, nem sempre isso acontece, ou seja, estas figuras muitas vezes não se apresentam de modo explícito e literal no discurso dos sujeitos políticos.¹²⁶

Conclui-se, portanto, que tanto *imaginários de verdade* e quanto *imaginários de sedução* se intercambiam na sustentação de diferentes *ethé* para consolidar uma determinada identidade política, que neste caso é constituída por uma identidade social dupla de sujeito cidadão, “ator político” e “homem público” e por uma identidade discursiva que se manifesta por meio do uso da palavra.¹²⁷

¹²⁵ A observação dos enunciados de políticos em campanha, na propaganda eleitoral de 2014, mostra de forma clara e direta a presença marcante de figuras que compõem o imaginário do sucesso. Figuras como o “avanço” (“progresso”), a “luta”, o “combate”, a “conquista”, o “trabalho” (“esforço”), o “êxito” (“eficiência”), o “reconhecimento”, aparecem muitas vezes de modo explícito nos discursos dos candidatos a deputados, governadores e presidente.

¹²⁶ Como é o caso das entrevistas aqui analisadas que correspondem a falas mais longas, em que se desenvolve uma linha de raciocínio nas respostas e permitem uma reflexão mais elaborada.

¹²⁷ Se faz necessário observar que as análises das identidades políticas (re)construídas ao longo da história de vida de determinado sujeito político teriam maior pertinência num estudo comparativo de maior abrangência no que diz respeito tanto ao tipo discursivo, quanto ao gênero de discurso pesquisados. Por exemplo, a realização de pesquisas orientadas por uma perspectiva que considere as relações transmidiáticas, que se proponha a analisar o discurso de políticos representantes de comunidades diversas, em diferentes épocas, recorrendo a gêneros e dispositivos de comunicação distintos, procurando observar a trajetória discursiva e a(s) identidade(s) que se constrói no decorrer da vida política.

O imaginário do “sucesso” mostrou-se, de modo geral, preponderante nas narrativas que constituem o objeto de nossas análises. Resta saber se essa característica teria correspondência em outros discursos sociais, isto é, verificar se independentemente da situação discursiva, ao falar de si ou narrar um episódio qualquer de sua experiência vivida, o sujeito enunciador evocaria sempre o imaginário do *sucesso*. Em razão de um conjunto de indicações, nos conduzimos a pensar na possibilidade de considerar o predomínio de tal imaginário na comunicação social como um todo.

Outra questão é saber se haveria diferenças na forma de organização das figuras relativas ao imaginário do *sucesso* entre os diversos tipos e gêneros de discurso? Talvez pudéssemos pensar que provavelmente existiriam sim modos distintos de organização e diferentes formas de representação dos valores sobre o “sucesso”, o que dependeria da cultura e do gênero em questão. Mas, isso poderia ser demonstrado a partir de pesquisas de grande abrangência quanto ao período, aos gêneros implicados, assim como em relação ao volume dos dados selecionados para as análises, proposta que pode ser empreendida em momento posterior e mais oportuno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMOSSY, Ruth. (Org.). O *ethos* na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: AMOSSY, Ruth. (Org.). *Imagens de si no discurso. A construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 119-144.

AMOSSY, Ruth. *L'argumentation dans le discours*. Paris: Armand Colin, 2009.

AMOSSY, Ruth. La notion de stéréotype dans la réflexion contemporaine. In : *Les idées reçues: sémiologie du stéréotype*. Paris: Nathan, 1991, p. 09-48.

AMOSSY, R. & HERSCHBERG-PIERROT, A. Linguistique, Rhétorique et analyses de discours. In: *Stéréotypes et Clichés*. Paris: Armand Colin, 2005, p. 87-115.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. *Manual de telejornalismo. Os segredos da notícia na TV*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BERTAUX, D. *Les récits de vie*. Paris: Nathan Université, 1997.

BOURDIEU, P. *L'illusion biographique: Actes de la recherche en sciences sociales*, 62-63, 69-72, 1986.

BOYER, Henri. Stéréotype, emblème, mythe. Sémiotisation médiatique et figement représentationnel. In : *Mots. Les langages du politique*. Paris: N° 88, novembro, p. 99-113, 2008.

BOYER, Henri. *Stéréotypage, stéréotypes : fonctionnements ordinaires et mises en scène*. In : *Langue(s), discours*. Vol. 4. Paris: Harmattan, 2007.p 49-63

BURRICK, D. *Une épistémologie du récit de vie*. Recherches Qualitatives – Hors Série – numéro 8 – p. 7-36, 2010. ISSN 1715-8702. Disponível em: <http://www.recherche-qualitative.qc.ca/Revue.html>.

CAPUTO, S. *Sobre Entrevistas*. Petrópolis: Vozes, 2006.

CASTORIADIS, Cornelius. Les significations imaginaires sociales. In: CASTORIADIS, C. *L'institution imaginaire de la société*. Paris: Seuil, 1975, p. 493-538.

CASTORIADIS, Cornélius. As significações imaginárias sociais. In: *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: 1982; p. 385-418. Título original: *L'institution imaginaire de La société*.

CHAGAS, Helena. Decifra-me ou te devoro: a entrevista política. In: SEABRA, Roberto & SOUSA, Vivaldo de (Org). *Jornalismo político: Teoria, história e técnicas*. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 159-179.

CHARAUDEAU, Patrick. *La conquête du pouvoir*. Opinion, persuasion, Valeurs. Les discours d'une nouvelle donne politique. Paris, L'Harmattan, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. *Les médias et l'information: l'impossible transparence du discours*. 2^a Éd. revue et augmentée. Bruxelles: De Boeck Université, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. Pour une interdisciplinarité "focalisée" dans les sciences humaines et sociales. In: *Questions de Communication*, 2010. Disponible em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Pour-une-interdisciplinarite.html>

CHARAUDEAU, Patrick. *O sujeito do discurso: uma história de máscaras*. Colóquio: FALE-UFMG, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. Il n'y a pas de société sans discours propagandiste" in Olivier-Yaniv C. & Rinn M. (dir.), *Communication de l'État et gouvernement du social. Pour une société parfaite ?*, PUG, Grenoble, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. Identité sociale et identité discursive. Un jeu de miroir fondateur de l'activité langagière. In: Charaudeau P. (dir.), *Identités sociales et discursives du sujet parlant*. L'Harmattan, Paris, 2009. Disponible em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Identite-sociale-et-identite.217.html>

CHARAUDEAU, Patrick. *L'identité culturelle entre soi et l'autre*, Actes du colloque de Louvain-la-Neuve en 2005 (Références à compléter), 2009. Disponible em: <http://www.patrick-charaudeau.com/L-identite-culturelle-entre-soi-et.html>

CHARAUDEAU, Patrick. *Petit traité de politique à l'usage du citoyen*. Paris: Vuibert, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. In: Boyer Henry (dir.), *Stéréotypage, stéréotypes : fonctionnements ordinaires et mises en scène*. L'Harmattan, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. Pathos e *Discurso Político*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 240-251.

CHARAUDEAU, Patrick. De l'argumentation entre les visées d'influence de la situation de communication. In: *Argumentation, Manipulation, Persuasion*. L'Harmattan, Paris, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. Quand l'argumentation n'est que visée persuasive. L'exemple du discours politique. In: Burger M. et Martel G., *Argumentation et communication dans les médias*, Coll. "Langue et pratiques discursives", Éditions Nota Bene, Québec, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. Une problématisation discursive de lémotion – À propos des effets de pathémisation à la télévision. In : PLANTIN, Christin *et al.* *Les émotions dans les interactions*. Lyon: PressesUniversitaires de Lyon, 2000.

CHARAUDEAU, Patrick. *Papier de Travail : Visées discursives, genres situationnels et construction textuelle*. Paris: Paris 13, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. *Papier de Travail : Le contrat de communication dans une perspective langagière: contraintes psychosociales et contraintes discursives*. Patrick Charaudeau, Centre d'Analyse du Discours : Université de Paris 13, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. *Le Discours d'information médiatique: la construction du miroir social*. Paris: Nathan, 1997.

CHARAUDEAU, Patrick. L'interview médiatique: Qui raconte sa vie ? In: *Récits de vie et Institutions*. Cahiers de Sémiotique textuelle N° 8-9, Université Paris X, 1986. Tradução do francês feita por Ida Lucia Machado, 2015.

COURTINE, Jean-Jacques & HAROCHE, C.. *Histoire du visage*. Paris: Rivage, 1988.

DUCROT, Oswald. *Argumentação retórica e argumentação linguística*. École des Hautes Études en Sciences Sociales Paris, 2008.

EGSS, Ekkehard. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, Ruth. (Org.). *Imagens de si no discurso. A construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 29-56.

KAUFMANN, J.C. *L'invention de soi : une théorie de l'identité*. Paris: Nathan Université, 2004.

LAGE, NILSON. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LE BRETON, D. *Antropologia das emoções ordinárias*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

LIPMAN, Walter. *Public Opinion*, de 1950.

LOCHARD, Guy, BOYER, H. *Notre écran quotidien: une radiographie du télévisuel*. Paris: Dunod, 1995.

MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

MACHADO, Ida Lúcia. *Algumas reflexões sobre elementos de base e estratégias da Análise do Discurso*. In: Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 187-207, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2578>.

MACHADO, I.L. “*Storytelling*”: uma nova ‘moda’ de persuasão/argumentação? In: PROENÇA, G.M.L. *et al.* (org.) *Análise do Discurso Hoje – Volume 4*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p. 165-176.

MACHADO, Ida Lucia. Le rôle du récit de vie dans le discours politique de Lula. In: *Argumentation et Analyse du Discours*. 2011. Disponível em: <http://aad.revues.org/1166>

MACHADO, Ida Lúcia. Uma analista do discurso face aos ditos de dois políticos: *narrativas de vida que se entrecruzam*. In: EID&A. Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n.3, p. 68-81, novembro/2012.

MACHADO, Ida Lúcia. e LESSA, Cláudio Humberto. Reflexões sobre o gênero narrativa de vida sob o ponto de vista da análise do discurso. In: NUNES JESUS, Sérgio e SILVA, Sueli Maria Ramos (org.) *O discurso & outras materialidades*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William; MENDES, Emília (Orgs). *As emoções no discurso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de Textos de Comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth. (Org.). *Imagens de si no discurso*. A construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2008, p. 69-92.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ed. Ática, 2004.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro, Vozes, 2003

MORIN, Edgar. A entrevista nas Ciências Sociais, na Rádio e na televisão. IN: MOLES, Abraham A. et alii. *Linguagem da cultura de massa*. Petrópolis: Vozes, 1973.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, C. *Tratado da Argumentação*. A nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SALMON, Christian. *Storytelling: lamachine à fabriquer des histoires et à formater les esprits*. Paris: Éditions La Découverte, 2007.

SOULAGES, Jean-Claude. *Les Mises em scène visuelles de l' information*. Paris: Nathan, 1999.

VERÓN, Eliseo. L'analyse du "contrat de lecture": une nouvele methode pour les etudes de positionnement des supports presse. IN : *Les médias, expérience, recherches actuelles, applications*. Paris: IREP, 1985.

WOLTON, Dominique. *Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

ANEXOS

ANÁLISES:

→ AÉCIO NEVES - ENTREVISTA - 26/03/2001

O então Deputado Federal Aécio Neves concedeu essa entrevista ao programa *Roda Viva*, em março de 2001, período em que exercia a presidência da Câmara dos Deputados. Na entrevista, o político fala sobre os desafios colocados pela função e as metas que pretende alcançar durante sua gestão.

Após leitura e análise inicial foram observados vinte e um (21) trechos nos quais Aécio Neves faz uso de relatos referentes a passagens de sua vida pessoal e de sua atividade política. Destes foram selecionados duas (2) respostas consideradas relevantes para a realização das análises.

TRECHO: [1]

Ariosto Teixeira: O senhor falou ao longo do tempo aqui, nesses dois blocos anteriores, em ousadia. A gente que acompanhou sua eleição no Congresso, na Câmara dos Deputados, sabe que ela foi resultado também de um movimento ousado. O senhor é filho de políticos...

[...]: Neto!

Ariosto Teixeira: Teve um avô [Tancredo Neves] que era considerado moderado, mas na verdade, era ousado porque chegou a ser primeiro ministro, presidente da República. Eu lhe perguntaria: presidente da República está nos seus planos, está no seu horizonte futuro?

Aécio Neves: *Me permita ser presidente da Câmara! Eu estava comentando agora pouco com....*

[...]

Aécio Neves: *A gente não pode ficar, em uma hora dessas, especulando sobre algo que é inimaginável neste instante. Eu sei a minha dimensão hoje, eu tenho um desafio pela frente, eu tenho um desafio que é fazer uma gestão na Câmara dos Deputados que seja revolucionária. Eu dizia isso na campanha e continuo dizendo hoje e tenho um norte do que é preciso fazer....*

[todos falam simultaneamente]

Aécio Neves: *E eu tenho uma vantagem, Ariosto. As coisas para mim aconteceram muito cedo e aconteceram sem qualquer mérito pessoal, aconteceram por uma questão exclusivamente hereditária. Eu pude chegar ao governo de Minas ao lado de meu avô,*

eu pude chegar à presidência da República e ver tudo aquilo que envolve o poder. Isso não me seduz mais, eu não trabalho por obsessão por cargo nenhum...

[...]: Deputado, mas...

Aécio Neves: *Eu gosto do que faço, a Câmara é minha casa, eu estou lá há 15 anos, acho que aprendi muito, tenho muito que aprender ainda. Mas eu quero usar essa minha experiência e autoridade que eu tenho hoje. E eu a tenho, porque venci em uma eleição democrata onde os parlamentares escolheram seus candidatos, disputei com parlamentares de grande expressão, disputei de um lado com o PFL, de outro lado com PT, que tem candidatura própria, além de dois outros candidatos. E eu vou usar essa autoridade. Se meu avô me deixou alguns ensinamentos, exatamente um deles é esse: ‘Não abdique da autoridade do cargo que você ocupa. Não em benefício pessoal, mas do próprio cargo’. E eu, o que couber na presidência da Câmara, vou encaminhar muitas reformas e muitas transformações do Parlamento.*

Análise:

Na resposta de Aécio Neves selecionada para análise constata-se uma forma de organização discursiva que leva em conta um tipo de *saber de conhecimento* fundado na *experiência* adquirida ao longo da vida, principalmente pela convivência com o avô Tancredo Neves e também pela própria participação na atividade política. Experiência que o político procura demonstrar relatando episódios de sua vida que contribuíram para seu aprendizado:

“As coisas para mim aconteceram muito cedo e aconteceram sem qualquer mérito pessoal, aconteceram por uma questão exclusivamente hereditária. Eu pude chegar ao governo de Minas ao lado de meu avô, eu pude chegar à presidência da República e ver tudo aquilo que envolve o poder”.

“Eu gosto do que faço, a Câmara é minha casa, eu estou lá há 15 anos, acho que aprendi muito, tenho muito que aprender ainda. Mas eu quero usar essa minha experiência e autoridade que eu tenho hoje. E eu a tenho, porque venci em uma eleição democrata onde os parlamentares escolheram seus candidatos, disputei com parlamentares de grande expressão, disputei de um lado com o PFL, de outro lado com PT, que tem candidatura própria, além de dois outros candidatos”.

“Se meu avô me deixou alguns ensinamentos, exatamente um deles é esse: ‘Não abdique da autoridade do cargo que você ocupa. Não em benefício pessoal, mas do próprio cargo’ [...]”.

O discurso que Aécio Neves emprega na resposta analisada parece recorrer em sua fundamentação ao *imaginário da modernidade*, na medida em que busca transmitir a ideia de ousadia e de superação de um estado considerado por ele como já ultrapassado, ao propor uma gestão da Câmara Federal que seja avançada e adequada aos desafios que se apresentavam, o que pode ser constatado nos trechos seguintes:

“Eu sei a minha dimensão hoje, eu tenho um desafio pela frente, eu tenho um desafio que é fazer uma gestão na Câmara dos Deputados que seja revolucionária”; “E eu, o que couber na presidência da Câmara, vou encaminhar muitas reformas e muitas transformações do Parlamento”.

Quanto ao *imaginário do sucesso* que também participa da fundamentação do discurso de Aécio Neves observa-se a evocação de determinadas figuras responsáveis por transmitir ideias como a de “conquista” e de “vitória”, como mostram os seguintes trechos:

“Me permita ser presidente da Câmara!”;

“E eu a tenho, porque venci em uma eleição democrata onde os parlamentares escolheram seus candidatos, disputei com parlamentares de grande expressão, disputei de um lado com o PFL¹²⁸, de outro lado com PT, que tem candidatura própria, além de dois outros candidatos”.

Também podem ser encontradas na fala de tal sujeito político referências ao “trabalho” e representações correlatas como o “esforço”:

“Eu sei a minha dimensão hoje, eu tenho um desafio pela frente, eu tenho um desafio que é fazer uma gestão na Câmara dos Deputados que seja revolucionária”;

“E eu, o que couber na presidência da Câmara, vou encaminhar muitas reformas e muitas transformações do Parlamento”.

De modo marcante é possível observar a figura do “saber” (*saber-fazer*), por meio da ideia de domínio do conhecimento técnico, operacional e executivo:

¹²⁸ PFL: Partido da Frente Liberal.

“Eu sei a minha dimensão hoje, eu tenho um desafio pela frente, eu tenho um desafio que é fazer uma gestão na Câmara dos Deputados que seja revolucionária”.

“[...] tenho um norte do que é preciso fazer [...]”.

“a Câmara é minha casa, eu estou lá há 15 anos, acho que aprendi muito, tenho muito que aprender ainda. Mas eu quero usar essa minha experiência e autoridade que eu tenho hoje [...]”.

“E eu, o que couber na presidência da Câmara, vou encaminhar muitas reformas e muitas transformações do Parlamento”.

Ocorrem ainda referências às figuras do “reconhecimento” e do “mérito”, notadas no segmento: *“Mas eu quero usar essa minha experiência e autoridade que eu tenho hoje. E eu a tenho, porque venci em uma eleição democrata onde os parlamentares escolheram seus candidatos [...]”.* Na fala de Aécio Neves é possível notar também a presença da figura que faz referência às “relações sociais”, que podem ser percebidas em:

“As coisas para mim aconteceram muito cedo e aconteceram sem qualquer mérito pessoal, aconteceram por uma questão exclusivamente hereditária. Eu pude chegar ao governo de Minas ao lado de meu avô, eu pude chegar à presidência da República e ver tudo aquilo que envolve o poder”.

Quanto às formas de *ethé* que podem ser observadas na fala do sujeito político Aécio Neves, no que tange a essa resposta, é possível detectar a evocação de uma série de representações com o intuito de configurar uma identidade política que seja capaz de corresponder a determinadas expectativas da instância cidadã. Daí a presença em alguns momentos do *ethos de virtude*, por meio de uma fala que visa transmitir a ideia de honestidade, de lealdade e de fidelidade:

“Se meu avô me deixou alguns ensinamentos, exatamente um deles é esse: ‘Não abdique da autoridade do cargo que você ocupa. Não em benefício pessoal, mas do próprio cargo’. E eu, o que couber na presidência da Câmara, vou encaminhar muitas reformas e muitas transformações do Parlamento”.

Nota-se também a busca de uma incorporação do *ethos de competência*, pela demonstração da capacidade de *saber-fazer*, da *habilidade* e dos conhecimentos adquiridos pelas *funções exercidas* e pela *experiência adquirida* na atuação política, conforme é possível constatar nos trechos a seguir:

“Eu sei a minha dimensão hoje, eu tenho um desafio pela frente, eu tenho um desafio que é fazer uma gestão na Câmara dos Deputados que seja revolucionária. [...] tenho um norte do que é preciso fazer...”

“E eu, o que couber na presidência da Câmara, vou encaminhar muitas reformas e muitas transformações do Parlamento”.

“Eu gosto do que faço, a Câmara é minha casa, eu estou lá há 15 anos, acho que aprendi muito, tenho muito que aprender ainda”.

É possível notar ainda a presença do *ethos de caráter*, sobretudo pela figura do “orgulho”: *“Se meu avô me deixou alguns ensinamentos, exatamente um deles é esse: ‘Não abdique da autoridade do cargo que você ocupa. Não em benefício pessoal, mas do próprio cargo’*. E também o *ethos de potência* ou de *chefe*:

“E eu a tenho, porque venci em uma eleição democrata onde os parlamentares escolheram seus candidatos, disputei com parlamentares de grande expressão, disputei de um lado com o PFL, de outro lado com PT, que tem candidatura própria, além de dois outros candidatos. E eu vou usar essa autoridade”.

TRECHO: [2]

Paulo Markun: O senhor começou cedo também, está certo? Agora eu vejo, entre os jovens de hoje, muito pouco interesse pela política, muito pouca vocação, não conheço um garoto de 15, 16, 17, 18 anos que diga: “eu quero ser político”. E, apesar de toda experiência que eu mesmo tenho e meus colegas aqui têm, de acompanhar a vida política e de ter algum tipo de atuação política, eu tenho que dizer que é difícil contrargumentar, diante de uma porção de exemplos que a gente viu nos últimos tempos da ação política. Eu queria fazer uma última pergunta juntando as duas coisas, a primeira: da convivência que o senhor teve com Tancredo Neves, teu avô. Qual foi a lição maior que ele deixou? E a segunda, como é que dá para reverter, se é que dá para reverter isso? Imaginar que a gente vai ter jovens políticos, ou jovens interessados na vida política, principalmente na política parlamentar representativa, já que não pintou até agora um outro meio de decidir as coisas do poder, que não seja eles, todos os outros meios que eu conheço, deram errados, são maus resultados, não é sempre que aparece um salvador da pátria, ou alguém que diz que vai resolver a coisa...

[...]

Aécio Neves: *Markun, olha, eu tenho a mesma preocupação que você. Nós somos da mesma geração, e há um desencanto pela atividade política. Eu acho que a política padece de um grande mal hoje, além das ações pontuais, que é a generalização - quando se fala de política, parece que todos estão muitos parecidos. Eu vou fazer a minha parte, e o esforço que eu puder, para mostrar que não é assim, sobretudo que não há espaço vazio na política, se há alguém bem intencionado, com propostas adequadas. Olha, e elas existem em todos os campos, existem naqueles que pensam como eu penso ou próximo do que eu penso. Existem também bons pensamentos naqueles que pensam diferentes de mim, mas o espaço sempre será ocupado, ou por alguém que esteja bem intencionado ou se não for, será por outro. Portanto, eu acho que é um trabalho de todos mostrar que é, através da vida pública, não vejo outro caminho a não ser em um regime que nos prive das liberdades. Não existe outro caminho, a não ser na vida pública, para nós melhorarmos o país. Portanto, o que nós precisamos é qualificar a vida pública brasileira. Os partidos têm um papel importante em estimular o surgimento de novas lideranças, mas tem feito muito pouco esse papel. Você me perguntou algo que eu vou lhe responder de forma muito objetiva. Que lição eu possa ter do Tancredo, além do convívio, do amor. Tancredo fazia isso com alegria, Tancredo fazia política gostando, porque ele tinha objetivos e é isso que talvez tenha ficado para mim de forma mais clara. A política, você tem que ter objetivos claros e você pode até mudar, transigir nas estratégias para chegar nesse objetivo, você só não pode transigir nos princípios, na ética, isso que é fundamental. Existe uma geração que está vindo aí com um compromisso muito claro com a ética, eu acho que o Mário Covas é, para essa nossa geração, a maior inspiração. Eu digo aqui com muita franqueza, se não fosse a firmeza dele e a clareza com que ele expressava suas opiniões, eu provavelmente não estaria aqui hoje sentado como presidente da Câmara dos Deputados. Foi, inclusive dentro do meu partido, a voz mais firme de apoio que eu tive que me estimulou nas horas adequadas. Eu cito Mário Covas para essas pessoas que estão nos assistindo, que existem muitos, mas muitos políticos de bem, talvez não da estatura do Mário Covas, mas homens de bem espalhados por este país. Que nós temos que fazer é exercer o mandato adequadamente e de forma correta mostrando o que nós fazemos. Está aí de novo, a TV Câmara, os veículos de comunicação. Eu quero que o sujeito lá de Rondônia saiba que o deputado dele, que é um deputado correto, está fazendo pela região, que não chegue lá só a imagem da grande mídia falando dos grandes escândalos, eu quero que o sujeito do Centro-Oeste saiba que o parlamentar dele faz para aquela região. Portanto eu vou fazer a minha parte, Markun, não tenho a ilusão de que isso se resolva do dia para noite. Esse é um processo, mas eu posso afirmar aqui na presidência da Câmara dos Deputados chegou alguém que tem a intenção de mostrar para opinião pública a importância da Câmara como instrumento de debate dos grandes temas nacionais, como radiografia da sociedade brasileira, se ela tem mazelas, é preciso que a sociedade tenha mais cuidado no momento de dar seu voto, mas eu estou convencido que ela tem muito mais virtudes, do que mazelas. Por isso eu tenho um enorme orgulho de fazer o que estou fazendo, e quem sabe, daqui para frente, a gente vai poder olhar para trás e dizer: olha, as coisas começaram a mudar, existe um processo de renovação natural na vida pública e pelo menos de minha parte, o esforço que eu puder fazer nessa direção, eu vou fazer.*

Análise:

Nesta resposta de Aécio Neves percebe-se como sua fala organiza-se por meio de um *saber de conhecimento* de cunho *empírico* como forma de demonstrar a experiência adquirida a partir do convívio com o avô Tancredo Neves e de seu “mentor” Mário Covas, que são para Aécio Neves exemplos de políticos honestos e íntegros, dos quais pode receber uma forma de herança moral, como indica o segmento:

“Que lição eu possa ter do Tancredo, além do convívio, do amor. Tancredo fazia isso com alegria, Tancredo fazia política gostando, porque ele tinha objetivos e é isso que talvez tenha ficado para mim de forma mais clara”.

“Existe uma geração que está vindo aí com um compromisso muito claro com a ética, eu acho que o Mário Covas é, para essa nossa geração, a maior inspiração”.

O *imaginário da tradição* parece participar da fundamentação do discurso de Aécio Neves nessa resposta, uma vez que se percebem as referências feitas ao resgate de uma forma essencial e original da atividade e do fazer político, da ética e da moralidade na política.

Outro tipo de imaginário evocado pela fala de Aécio Neves é o *imaginário do sucesso* percebido por meio de figuras como o “trabalho” e o “esforço”, como revelam os trechos a seguir:

“Eu vou fazer a minha parte, e o esforço que eu puder, para mostrar que não é assim, sobretudo que não há espaço vazio na política, se há alguém bem intencionado, com propostas adequadas”.

“Portanto eu vou fazer a minha parte” (trabalho);

“Por isso eu tenho um enorme orgulho de fazer o que estou fazendo, e quem sabe, daqui para frente, a gente vai poder olhar para trás e dizer: olha, as coisas começaram a mudar, existe um processo de renovação natural na vida pública e pelo menos de minha parte, o esforço que puder fazer nessa direção, eu vou fazer” (trabalho/esforço).

Quanto à figura do “progresso”, ela pode ser observada no trecho: *“Não existe outro caminho, a não ser na vida pública, para nós melhorarmos o país”.*

No que tange à identidade política que Aécio Neves visa projetar no espaço público, em busca de promover credibilidade e identificação junto ao público eleitor, com o intuito de corresponder às suas expectativas, alguns tipos de *ethé* podem ser encontrados. Como o *ethos de virtude* que pode ser observado em diversos momentos de sua fala, seja pela ideia de honestidade e sinceridade, seja pela demonstração de lealdade:

“Markun, olha, eu tenho a mesma preocupação que você”.

“A política, você tem que ter objetivos claros e você pode até mudar, transigir nas estratégias para chegar nesse objetivo, você só não pode transigir nos princípios, na ética, isso que é fundamental”.

“Existe uma geração que está vindo aí com um compromisso muito claro com a ética, eu acho que o Mário Covas é, para essa nossa geração, a maior inspiração” (lealdade).

“Eu digo aqui com muita franqueza”.

“[...] se não fosse a firmeza dele e a clareza com que ele expressava suas opiniões, eu provavelmente não estaria aqui hoje sentado como presidente da Câmara dos Deputados. Foi, inclusive dentro do meu partido, a voz mais firme de apoio que eu tive que me estimulou nas horas adequadas” (lealdade).

“Que nós temos que fazer é exercer o mandato adequadamente e de forma correta mostrando o que nós fazemos” (honestidade).

“Markun, não tenho a ilusão de que isso se resolva do dia para noite. Esse é um processo [...]” (sinceridade).

Na fala de Aécio Neves há ainda a tentativa de projetar outras imagens de si, como o *ethos de competência*, pela demonstração de domínio do saber em relação ao campo político e da capacidade de reflexão e análise da conjuntura política, conforme é possível notar nos trechos seguintes: *“Portanto, o que nós precisamos é qualificar a vida pública brasileira”*. Percebe-se ainda o *ethos de inteligência*, pela figura da malícia e astúcia: *“A política, você tem que ter objetivos claros e você pode até mudar, transigir nas estratégias para chegar nesse objetivo, você só não pode transigir nos princípios, na ética, isso que é fundamental”*. Também o *ethos de caráter*, por meio da figura do “orgulho”: *“Por isso eu tenho um enorme orgulho de fazer o que estou*

fazendo, e quem sabe, daqui para frente, a gente vai poder olhar para trás e dizer: olha, as coisas começaram a mudar [...]”.

Considerações preliminares:

Nas duas respostas analisadas detecta-se uma organização discursiva estruturada com base em um tipo de *saber de conhecimento* de natureza *empírica*, na medida em que Aécio procura mostrar a experiência herdada do avô e de seus ‘mentores políticos’ e aquelas adquiridas por meio de sua atuação política.

No que se refere à fundamentação de seu discurso, nota-se na primeira resposta analisada a presença do *imaginário da modernidade*, pela disseminação da ideia de superação e progresso em relação a um estágio anterior. Já na segunda resposta analisada observa-se a recorrência ao *imaginário da tradição*, por meio de referências ao resgate de uma forma essencial da atividade e do fazer político, da ética e da moralidade na atuação política.

Observa-se também na fundamentação do discurso de Aécio a presença recorrente do *imaginário do sucesso*, sustentado por algumas figuras como a “conquista”, o “trabalho” (“esforço”), o “saber” e também de “reconhecimento” e de “mérito”, imagens presentes na primeira resposta. No caso da segunda resposta analisada observa-se que o *imaginário do sucesso* encontra-se sustentado por um conjunto de representações que remetem à ideia de “trabalho”, “esforço” e “progresso”. Figuras estas que contribuem para promover a ideia de *sucesso* e reforçar determinadas identidades que o ator político procura construir diante dos cidadãos eleitores.

A partir daí torna-se possível perceber nos trechos analisados a presença de imagens elaboradas com a finalidade de projetar no imaginário social alguns *ethé de credibilidade*, como o *ethos de virtude* e o *ethos de competência* observados tanto na primeira quanto na segunda resposta; e também certos *ethé de identificação*, exemplificado pelo *ethos de caráter*, tanto na primeira quanto na segunda resposta.

→ AÉCIO NEVES - ENTREVISTA - 27/01/2003

O então Governador de Minas Gérias Aécio Neves concedeu essa entrevista ao programa *Roda Viva*, em janeiro de 2003. Na entrevista, Aécio Neves fala sobre temas

como a reforma da previdência, suas ações e perspectivas na administração de Minas e faz uma avaliação do início do governo Lula.

Após leitura e análise inicial foram observados vinte e cinco (25) trechos nos quais Aécio Neves faz uso de relatos referentes a algumas passagens de sua vida, relativas tanto ao âmbito pessoal, quanto a sua atuação política. Destes foram selecionadas duas (2) respostas consideradas relevantes para a realização das análises.

TRECHO: [1]

Paulo Markun: Fora o berçário e batizado, qual o momento da vida do senhor em que a política virou projeto de vida? Eu imagino que numa família como a do senhor, deve ter sido no berçário...

Aécio Neves: *Eu tive momentos... Podemos, assim, inverter a pergunta? Eu tive um momento que desencantei pessoalmente de tudo, que foi a morte do Tancredo. Naquele processo, naquela expectativa que o Brasil vivia e nós, então... E eu tinha ali 23 para 24 anos de idade, caminhei com ele, primeiro na campanha das diretas pelo Brasil inteiro. Era o Brasil respirando cidadania, vendo o alvorecer do regime democrático. Depois, a campanha do próprio Tancredo que foi, na verdade, uma reedição da campanha das diretas com manifestação de centenas de milhares de pessoas pelo país inteiro. E, eu, sabendo das suas boas intenções e do que ele estava preparado para fazer – eu vivia com ele, morávamos eu e ele em Brasília durante toda a campanha – e depois viver aquela frustração. E ali, eu achei que a minha passagem pela vida pública tinha sido aquela. Inclusive, Dora, eu estou me lembrando aqui, de algo que serve um pouco do que você perguntou anteriormente da minha disposição de tomar medidas duras e perder popularidade. Eu estava com meu avô em Belém. Chegamos lá, um calor imenso, estávamos num carro, era uma Aero Willys antiga, branca – um dia eu vi essa foto e me lembrei dessa história – conversível e uma multidão nas ruas querendo tocar no Tancredo, querendo vê-lo, se jogando na frente do carro, uma comoção. E ele em pé, saudando as pessoas, enfim, e uma hora sentou-se para descansar um pouco do meu lado no banco, eu estava emocionado com aquele momento, eu falei: ‘meu avô, que coisa maravilhosa essa expectativa toda. O que o senhor vai fazer com tanta expectativa, com tanta esperança dessas pessoas?’ Ele falou assim: ‘Em seis meses eu gasto ela toda’. E eu não entendi na hora. Confesso que fiquei ainda... Só pouco tempo depois eu fui compreender. O próprio discurso que ele, pessoalmente, havia preparado para sua posse, dizendo que ele estava disposto a, nos primeiros seis meses, tomar todas as medidas necessárias: debelar a inflação naquela época que era o grande, o maior dos males que tinha o Brasil, e tomar medidas necessárias para o Brasil encontrar seu rumo. Portanto, fica aí também uma bela lição para todos nós.*

Análise:

Na resposta acima selecionada para análise é possível perceber que Aécio Neves organiza sua fala por meio de um tipo de *saber de conhecimento* que poderia ser interpretado como *empírico*, na medida em que procura pela palavra demonstrar a

experiência adquirida na vida política a partir da convivência e da proximidade com o avô Tancredo Neves, o que lhe permitiu compartilhar dos ideais políticos e a capacidade de articulação que Tancredo demonstrava possuir. Esse aspecto pode ser notado a partir da observação dos trechos a seguir: “*E eu tinha ali 23 para 24 anos de idade, caminhei com ele, primeiro na campanha das diretas pelo Brasil inteiro*”; “[...] *eu vivia com ele, morávamos eu e ele em Brasília durante toda a campanha*”.

Outra característica a ser abordada é que a fala de Aécio Neves parece estar fundamentada no *imaginário da soberania popular*, por meio de um discurso que visa promover a ideia de *igualitarismo*, uma vez que em diversos momentos de sua resposta há referências aos ideais da democracia e da importância da cidadania por meio da participação popular, como mostra os segmentos:

“*Era o Brasil respirando cidadania, vendo o alvorecer do regime democrático*”.

“*Depois, a campanha do próprio Tancredo que foi, na verdade, uma reedição da campanha das diretas com manifestação de centenas de milhares de pessoas pelo país inteiro*”.

Outro imaginário que também pode ser constatado na fundamentação do discurso de Aécio Neves diz respeito ao *imaginário do sucesso*, presente a partir de figuras como a “superação”, notada em: “*Eu tive um momento que desencantei pessoalmente de tudo, que foi a morte do Tancredo*”; “[...] *e depois viver aquela frustração. E ali, eu achei que a minha passagem pela vida pública tinha sido aquela*”. Também é possível observar na resposta a figura do “trabalho” (“dedicação”) e do “esforço”: “*E eu tinha ali 23 para 24 anos de idade, caminhei com ele, primeiro na campanha das diretas pelo Brasil inteiro*”. Pode ser notada ainda a figura do “reconhecimento”, exemplificada pelo seguinte trecho: “*Portanto, fica aí também uma bela lição para todos nós*”. E a figura do “êxito”:

“[...] *ele estava disposto a, nos primeiros seis meses, tomar todas as medidas necessárias: debelar a inflação naquela época que era o grande, o maior dos males que tinha o Brasil, e tomar medidas necessárias para o Brasil encontrar seu rumo*”.

Quanto às formas de *ethé* que podem ser observadas na fala de Aécio Neves, no que tange a essa resposta, é possível detectar a evocação de uma série de representações

com o intuito de configurar uma identidade política que seja capaz de corresponder a determinadas expectativas da instância cidadã. Daí a presença em alguns momentos do *ethos de virtude*, que pode ser constatado pelas referências às ideias de lealdade e de fidelidade dedicadas ao avô que Aécio Neves procura transmitir, como mostram os trechos:

“E eu tinha ali 23 para 24 anos de idade, caminhei com ele, primeiro na campanha das diretas pelo Brasil inteiro”.

“E, eu, sabendo das suas boas intenções e do que ele estava preparado para fazer - eu vivia com ele, morávamos eu e ele em Brasília durante toda a campanha”.

“Portanto, fica aí também uma bela lição para todos nós”.

Virtude caracterizada também pela ideia de sinceridade transmitida em: *“E eu não entendi na hora. Confesso que fiquei ainda... Só pouco tempo depois eu fui compreender”.*

Outra forma de *ethos* que se faz presente na fala de Aécio Neves diz respeito ao *ethos de competência*, sobretudo pela demonstração da capacidade de um *saber-fazer* relacionado com a atividade política, das referências constantes à herança política deixada pelo avô e das experiências adquiridas pela convivência e por meio de atividades e funções exercidas desde o início de sua carreira, como parecem tentar transparecer os trechos a seguir: *“E eu tinha ali 23 para 24 anos de idade, caminhei com ele, primeiro na campanha das diretas pelo Brasil inteiro”*; *“[...] eu vivia com ele, morávamos eu e ele em Brasília durante toda a campanha”*. Observa-se ainda a presença do *ethos de caráter*, sobretudo pela referência à figura do “orgulho”: *“Portanto, fica aí também uma bela lição para todos nós”.*

TRECHO: [2]

Paulo Markun: Claro. Geralmente, quando a gente convive com gente mais velha, sempre surgem frases, conselhos e definições que a gente não esquece. Eu queria que o senhor dissesse uma, que faz sentido, do seu avô, Tancredo Neves.

Aécio Neves: *Acho que uma, não sei se reedito a frase como ele disse, mas foi uma frase que ele me disse quando eu dava os primeiros passos entusiastas na vida pública, ele dizia ‘que você, para alcançar determinado objetivo, você pode até, eventualmente, no meio do curso alterar a estratégia, mas jamais abdique dos seus princípios’. Acho que isso que é o fundamental. As dificuldades na vida pública vêm a todo instante, mas*

se você tiver uma formação moral absolutamente clara, você supera essas dificuldades. E a minha vida eu acho que tem sido isso: uma firmeza muito grande em relação às questões éticas, questões morais, e a estratégia muda. Não era para eu ser governador de Minas, agora, eu sou governador de Minas e vou, no limite das minhas forças, fazer o possível para dar a Minas condições de crescer e dar a nossa gente um pouco mais de esperança.

Análise:

Nessa resposta Aécio Neves recorre mais uma vez a um tipo de *saber de conhecimento* caracterizado pela demonstração de suas habilidades e da experiência adquiridas a partir da convivência com o avô Tancredo Neves e dos ideias políticos dele herdados. Isso pode ser notado a partir do segmento de fala:

“[...] mas foi uma frase que ele me disse quando eu dava os primeiros passos entusiastas na vida pública, ele dizia ‘que você, para alcançar determinado objetivo, você pode até, eventualmente, no meio do curso alterar a estratégia, mas jamais abdique dos seus princípios’”.

Em sua fala é possível observar a evocação do *imaginário do sucesso*, uma vez que Aécio Neves faz referências a algumas figuras como o “progresso”, também representado muitas vezes pela ideia de “avanço”: “[...] eu sou governador de Minas e vou, no limite das minhas forças, fazer o possível para dar a Minas condições de crescer e dar a nossa gente um pouco mais de esperança”. A figura da “superação”, notada no trecho seguinte: “As dificuldades na vida pública vêm a todo instante, mas se você tiver uma formação moral absolutamente clara, você supera essas dificuldades”. Fazem-se presentes também, as figuras do “trabalho”, da “dedicação” e do “esforço”, que podem ser notadas em:

“Não era para eu ser governador de Minas, agora, eu sou governador de Minas e vou, no limite das minhas forças, fazer o possível para dar a Minas condições de crescer e dar a nossa gente um pouco mais de esperança”.

Quanto às formas de *ethé* presentes no discurso de Aécio Neves, é possível observar a recorrência a um conjunto de representações portadoras de imagens capazes de promover identificação e credibilidade junto à instância cidadã, procurando construir uma identidade política que corresponda às expectativas dos cidadãos eleitores. Entre

estas imagens encontra-se o *ethos de virtude*, transmitido por meio da ideia de honestidade e de fidelidade, evidenciados nos trechos:

“[...] mas foi uma frase que ele me disse quando eu dava os primeiros passos entusiastas na vida pública, ele dizia ‘que você, para alcançar determinado objetivo, você pode até, eventualmente, no meio do curso alterar a estratégia, mas jamais abdique dos seus princípios’. Acho que isso que é o fundamental”.

“E a minha vida eu acho que tem sido isso: uma firmeza muito grande em relação às questões éticas, questões morais, e a estratégia muda”.

Observa-se ainda a presença do *ethos de competência*, pela demonstração de certa capacidade e habilidade necessárias à execução das ações políticas, bem como da herança moral e ética assimiladas pela convivência com o avô Tancredo: *“As dificuldades na vida pública vêm a todo instante, mas se você tiver uma formação moral absolutamente clara, você supera essas dificuldades”.* E o *ethos de potência*: *“eu sou governador de Minas e vou, no limite das minhas forças, fazer o possível para dar a Minas condições de crescer e dar a nossa gente um pouco mais de esperança”.*

Considerações preliminares:

Nas duas respostas analisadas detecta-se um tipo de *saber de conhecimento* de natureza *empírica*, na medida em que Aécio Neves procura mostrar a experiência herdada do avô e de seus “mentores políticos” e aquelas adquiridas por meio de sua atuação política.

No que se refere à fundamentação de seu discurso, nota-se na primeira resposta analisada a presença do *imaginário da soberania popular*, por meio do discurso do *igualitarismo*. Já na segunda resposta analisada observa-se a recorrência ao *imaginário da tradição*, por meio de referências ao resgate de uma forma essencial da atividade e do fazer político, da ética e da moralidade na política.

Observa-se também na fundamentação do discurso de Aécio Neves a presença recorrente do *imaginário do sucesso*, sustentado por algumas figuras como a “superação”, o “trabalho”, o “esforço”, o “reconhecimento” e o “êxito”, presentes na primeira resposta. No caso da segunda resposta analisada observa-se que o *imaginário*

do sucesso encontra-se estruturado por um conjunto de representações que remetem à ideia de “progresso”, “trabalho”, “esforço” e “superação”. Figuras estas que contribuem para promover a ideia de *sucesso* e reforçar determinadas identidades que o ator político procura construir diante dos cidadãos eleitores.

A partir daí torna-se possível perceber nos trechos analisados a presença de imagens elaboradas com a finalidade de projetar no imaginário social alguns *ethé de credibilidade*, como o *ethos de competência* na primeira resposta; o *ethos de competência* e o *ethos de virtude* observados na segunda resposta. Há também a presença de determinados *ethé de identificação*, exemplificados pelo *ethos de caráter*, na primeira resposta; e o *ethos de potência* na segunda resposta.

→ AÉCIO NEVES - ENTREVISTA - 18/4/2005

O então Governador de Minas Gerais, Aécio Neves, concedeu essa entrevista ao programa *Roda Viva*, em abril de 2005. Na entrevista, o político é abordado sobre os bastidores da doença e morte do avô, Tancredo Neves; também foi colocado a falar sobre temas relacionados à política brasileira, de sua gestão frente ao governo de Minas Gerais e ainda tece críticas ao governo Lula.

Após leitura e análise inicial foram observados catorze (14) trechos nos quais Aécio Neves relata algumas passagens de sua vida, que dizem respeito tanto ao âmbito pessoal quanto a determinados acontecimentos que estão relacionados à sua atuação política. Destes, foram selecionadas duas (2) respostas consideradas relevantes para a realização das análises.

TRECHO: [1]

Paulo Markun: Diante disso, eu faço a pergunta de Eldon Machado, do Rio de Janeiro, jornalista, que diz o seguinte: “Que fator ou componente político poderá fazê-lo antecipar sua candidatura presidencial de 2010 para 2006?”.

Aécio Neves: *Primeiro, já está afirmando que haverá uma candidatura em 2010.*

Paulo Markun: Talvez seja em 2006, é isso?

Aécio Neves: *Deixe-me dizer, Markun, e mais uma vez de forma absolutamente clara. Nós estamos fazendo algo em Minas Gerais hoje - eu fico feliz de nós podermos entrar nessa agenda mais atual, que é a grande contribuição que a nossa geração, a minha geração, pelo menos de mineiros, está dando ao país. Nós estamos construindo em Minas um laboratório de gestão pública. Nós estamos colocando, ou pelo menos*

tentando colocar na pauta nacional, essa questão que está absolutamente, ao meu ver, na raiz de vários dos problemas que o Brasil vive hoje. Essa é a contribuição deste momento. Nós fizemos em Minas o que nós chamamos de choque de gestão, uma recuperação da capacidade de investimento do estado, num espaço extremamente curto, que tirou Minas da pior situação fiscal do país para ser hoje uma das melhores. Saímos de um déficit de 2,4 bilhões de reais, de dois anos atrás, para um superávit, até o final deste ano, de 1,7 bilhão de reais e quatro bilhões no ano que vem apenas do Tesouro. Eu faço apenas esse relato para dizer que esse é o meu objetivo, eu preciso estar absolutamente dedicado a isso. E vou um pouco mais a Tancredo, já que é o inspirador, talvez, deste nosso programa. Tancredo dizia e eu repito: “Presidência é muito mais destino do que projeto”. Eu tenho uma grande vantagem – aqueles que me conhecem mais de perto, muitos que estão aqui sabem disso –, eu não tenho essa obsessão, não vivo planejando isso. Tristes aqueles que vivem, porque vão sofrer muito. Nós vamos fazer em Minas algo como estamos fazendo já, mas até o final do mandato, absolutamente inovador. O que eu quero é que as pessoas superem aquela máxima – sobretudo as novas gerações –, com a qual muitos de nós aqui fomos criados, de que o setor público é ineficiente por natureza, ele é estruturalmente incapaz de apresentar resultados, seja pela burocracia que o envolve, pelos impedimentos legais, pelas pressões de segmentos da sociedade. Em Minas nós estamos mostrando que é absolutamente possível, se se tem disposição política, se se colocam nos cargos certos as pessoas certas, e não os amigos, apresentar resultados. Portanto, é essa a contribuição de Minas Gerais para este Brasil que nós queremos construir no futuro.

Análise:

Na resposta acima, Aécio Neves procura organizar sua fala recorrendo a um tipo de *saber de conhecimento* que visa demonstrar o domínio e a capacidade técnica no que diz respeito à administração pública, ao fazer constantes referências ao modelo que fora então aplicado em Minas Gerais, chamado de “choque de gestão”, e cuja eficiência e resultados são exaltados pelo governador, como é possível perceber nas seguintes falas de Aécio Neves:

“Nós estamos construindo em Minas um laboratório de gestão pública. Nós estamos colocando, ou pelo menos tentando colocar na pauta nacional, essa questão que está absolutamente, ao meu ver, na raiz de vários dos problemas que o Brasil vive hoje. Essa é a contribuição deste momento.”

[...]

“Nós fizemos em Minas o que nós chamamos de choque de gestão, uma recuperação da capacidade de investimento do estado, num espaço extremamente curto, que tirou Minas da pior situação fiscal do país para ser hoje uma das melhores”.

Ao mesmo tempo, o político em questão busca, com essas falas, apresentar-se à instância cidadã como sendo um administrador eficiente, possuidor de competências e com experiências necessárias para conduzir o estado rumo ao progresso que se propõe a alcançar.

Outro aspecto a ser observado é a presença na fala de Aécio Neves de representações referentes ao *imaginário da modernidade*, uma vez ser possível notar que o político recorre em determinados momentos à utilização de um discurso organizado em torno de valores correspondentes ao sistema econômico, como pode ser constatado no trecho:

“Saímos de um déficit de 2,4 bilhões de reais, de dois anos atrás, para um superávit, até o final deste ano, de 1,7 bilhão de reais e quatro bilhões no ano que vem apenas do Tesouro”.

O *imaginário da modernidade* pode ser percebido também por meio da ideia de eficiência do modelo então proposto, em relação ao modelo de gestão pública anterior que vigorava no estado de Minas Gerais, considerado por Aécio Neves ultrapassado, como parece indicar a seguinte fala:

“Nós estamos construindo em Minas um laboratório de gestão pública”.

[...]

“Nós vamos fazer em Minas algo como estamos fazendo já, mas até o final do mandato, absolutamente inovador”.

Ao observar determinados trechos de fala notamos que o discurso de Aécio Neves parece recorrer também a um conjunto diverso de representações referentes a valores que constituem o fundamento do *imaginário do sucesso*. Assim, algumas figuras mostram-se de modo recorrente nas entrevistas analisadas, sendo possível notar em alguns trechos da fala de Aécio Neves a evocação de valores como o “progresso”: *“Portanto, é essa a contribuição de Minas Gerais para este Brasil que nós queremos construir no futuro”.* Também se faz presente a figura da “superação”, que pode ser observada nos seguintes trechos:

“Nós fizemos em Minas o que nós chamamos de choque de gestão, uma recuperação da capacidade de investimento do

estado, num espaço extremamente curto, que tirou Minas da pior situação fiscal do país para ser hoje uma das melhores.”

[...]

“O que eu quero é que as pessoas superem aquela máxima – sobretudo as novas gerações –, com a qual muitos de nós aqui fomos criados, de que o setor público é ineficiente por natureza, ele é estruturalmente incapaz de apresentar resultados, seja pela burocracia que o envolve, pelos impedimentos legais, pelas pressões de segmentos da sociedade”.

Observamos ainda a figura do “trabalho”, representado neste caso pela ideia de “dedicação”: *“Eu faço apenas esse relato para dizer que esse é o meu objetivo, eu preciso estar absolutamente dedicado a isso”.*

É possível notar ainda a presença de representações de valores referentes ao “saber”, por meio da demonstração do conhecimento relativo ao exercício da atividade política e do domínio de seus meandros, bem como por apresentar-se enquanto possuidor das habilidades necessárias ao político, para que suas ações tenham eficiência e êxito, procurando mostrar os resultados positivos alcançados. Essa tentativa de demonstração de conhecimento pode ser detectada nas palavras do então Governador Aécio Neves:

“Em Minas nós estamos mostrando que é absolutamente possível, se se tem disposição política, se se colocam nos cargos certos as pessoas certas, e não os amigos, apresentar resultados”.

[...]

“Nós estamos construindo em Minas um laboratório de gestão pública”.

[...]

“Nós vamos fazer em Minas algo como estamos fazendo já, mas até o final do mandato, absolutamente inovador”.

Quanto aos tipos de *ethé* que podem ser observados na fala de Aécio Neves, é possível notar a presença de algumas representações evocadas com a finalidade de incorporar determinada identidade política que seja capaz de corresponder a uma expectativa de idealidade social, promovendo credibilidade e identificação junto à instância cidadã.

Para isso, o político em questão irá lançar mão em seu discurso de certas imagens de si, como é o caso do *ethos de virtude*, que pode ser demonstrado por meio da intenção em transmitir os valores da *lealdade* e da *fidelidade* ao trabalho e ao objetivo proposto, vinda do sujeito-falante: a fidelidade está presente na evocação feita

por Aécio Neves aos ideais transmitidos por seu avô Tancredo Neves: “*E vou um pouco mais a Tancredo, já que é o inspirador, talvez, deste nosso programa. Tancredo dizia e eu repito: “Presidência é muito mais destino do que projeto”*”.

Essa intenção de *virtude* se mescla com uma intenção de *honestidade* e *sinceridade* sugeridas pelo sujeito-falante no excerto abaixo, onde tal sujeito apela para a comprovação de suas palavras e intenções por parte daqueles que convivem com ele e o conhecem bem: “*Eu tenho uma grande vantagem – aqueles que me conhecem mais de perto, muitos que estão aqui sabem disso –, eu não tenho essa obsessão, não vivo planejando isso*”.

Pode ser notada também na fala de Aécio Neves a presença do *ethos de competência*, que é manifestado por meio da demonstração de sua capacidade de *saber-fazer* e de sua habilidade e domínio das técnicas necessárias para tanto, trunfos da herança política que lhe foi legada por seu conhecido avô, mas também pelas funções públicas que ele, sujeito político Aécio Neves, exerceu e que, supõe-se, lhe forneceram experiências que foram adquiridas no âmbito de sua atuação política, como procuram mostrar os trechos a seguir:

“Nós estamos construindo em Minas um laboratório de gestão pública. Nós estamos colocando, ou pelo menos tentando colocar na pauta nacional, essa questão que está absolutamente, ao meu ver, na raiz de vários dos problemas que o Brasil vive hoje. Essa é a contribuição deste momento”.

[...]

“Nós fizemos em Minas o que nós chamamos de choque de gestão, uma recuperação da capacidade de investimento do estado, num espaço extremamente curto, que tirou Minas da pior situação fiscal do país para ser hoje uma das melhores. Saímos de um déficit de 2,4 bilhões de reais, de dois anos atrás, para um superávit, até o final deste ano, de 1,7 bilhão de reais e quatro bilhões no ano que vem apenas do Tesouro”.

[..]

“Nós vamos fazer em Minas algo como estamos fazendo já, mas até o final do mandato, absolutamente inovador”.

[...]

“Em Minas nós estamos mostrando que é absolutamente possível, se se tem disposição política, se se colocam nos cargos certas as pessoas certas, e não os amigos, apresentar resultados”.

Há ainda a se ressaltar os efeitos possivelmente gerados por essas palavras, ao evocar um *ethos de caráter*, que aqui se mostra por meio da figura do “orgulho”: “[...]”

eu fico feliz de nós podermos entrar nessa agenda mais atual, que é a grande contribuição que a nossa geração, a minha geração, pelo menos de mineiros, está dando ao país”. Orgulho que é revelado pelo contentamento em relação aos objetivos e às conquistas supostamente alcançadas.

TRECHO: [2]

Teresa Cruvinel: Governador, esse seu choque de gestão, em Minas, basicamente é um doloroso ajuste fiscal, que implicou inclusive demissões de funcionários, extinção de órgãos etc. Eu lhe perguntaria: primeiro, como foi possível fazer esse ajuste sem perda de popularidade? Agora, quanto ao seu partido, a sua eventual candidatura em 2010, e remetendo à pergunta do telespectador, o seu partido está enfrentando dificuldades tanto quanto o governo federal, e o candidato mais viável, que foi apontado como o mais natural, está absolutamente imobilizado, e o partido ainda marca só para o fim do ano para discutir a sucessão. O seu partido não está correndo o risco de chegar atrasado à corrida sucessória? [Charge de Caruso: sentado, Aécio pensa na faixa presidencial]

Aécio Neves: *Vamos lá, Teresa, a primeira etapa: houve, a partir do momento da nossa eleição, um diagnóstico da situação do estado. O estado tinha, repito, a pior equação fiscal do país: faltavam 200 milhões de reais, todo final do mês, para pagar o pessoal, o serviço da dívida, a União – se nós não pagamos, nós ficamos com os nossos recursos bloqueados – e o custeio da máquina, que é o giz da escola, que é a gasolina do carro da polícia. Faltavam 200 milhões de reais todo mês para pagar essas contas, com zero de investimento. O passivo vencido de cerca de quatro bilhões de reais, com credores de todas as áreas. Nós só tínhamos uma alternativa... talvez tenha sido exatamente isso, a falta de alternativa também, que nos levou a fazer o que era necessário no início do governo. Nos primeiros 30 dias nós fizemos na verdade o inverso do que nós estamos assistindo hoje no Brasil: enxugamos cargos: esses de livre nomeação eram três mil em Minas Gerais, esses em que você acomoda a sua turma, nós extinguimos. Eu os extingui antes que iniciassem as pressões para a sua ocupação. Eram 22 secretarias de estado, passei para 15 secretarias; fundimos empresas, racionalizamos a máquina. Pagamos o que nós devíamos. Eu repito, hoje Minas Gerais produz – no ano passado, no final do ano, anunciamos o déficit zero – hoje um superávit extremamente vigoroso, e com as nossas empresas, a Cemig, a empresa de energia, é a empresa de energia que mais investe em geração no Brasil hoje, administração profissionalizada. E a Copasa está investindo 2,7 bilhões de reais nesse período de quatro anos, o maior investimento da sua história em saneamento. Temos a mais avançada legislação de PPPs do país hoje, já trabalhando na área de presídios, na área de rodoviária, na construção do centro administrativo em Minas Gerais. O que é que houve? Decisão política na hora certa. Todo governante perde capital político a cada dia, uns com maior velocidade e outros com menor velocidade. Mas o que nós fizemos, e aí a minha, não digo surpresa, mas a minha grata recompensa foi ter tido um aumento da popularidade ao invés de perder popularidade. Fica aí um registro...*

Análise:

O então governador de Minas Gerais, Aécio Neves, utiliza nessa reposta uma forma de organização que parece privilegiar um tipo de *saber de conhecimento* que se baseia no domínio e no controle das *técnicas* da administração pública, o que por sua vez poderia remeter à ideia de capacidade de gestão e de atuação política, de sua parte e da equipe que lhe assessora. Em alguns momentos de sua fala isso pode ser constatado, como revelam os trechos a seguir:

“[...] *houve, a partir do momento da nossa eleição, um diagnóstico da situação do estado*”.

[...]

“*Eram 22 secretarias de estado, passei para 15 secretarias; fundimos empresas, racionalizamos a máquina. Pagamos o que nós devíamos*”.

[...]

“*O que é que houve? Decisão política na hora certa*”.

Reflitamos sobre os imaginários que participam da fundamentação do discurso deste sujeito-falante. Podemos observar em primeiro lugar, a presença do *imaginário da modernidade*, a partir da ideia central transmitida por um discurso em que seu sujeito-falante recorre ao universo da economia utilizando expressões, dados e valores, que nos remetem ao campo da economia, muitas vezes por meio de explicações matemáticas e pelo uso de estatísticas, argumentos esses que buscam transmitir a imagem de gestor competente, garantindo assim seu capital de credibilidade. Tais características do discurso do *economismo* podem ser constatadas nos seguimentos dessa intervenção oral do sujeito político em foco:

“*O estado tinha, repito, a pior equação fiscal do país: faltavam 200 milhões de reais, todo final do mês, para pagar o pessoal, o serviço da dívida, a União – se nós não pagamos, nós ficamos com os nossos recursos bloqueados – e o custeio da máquina, que é o giz da escola, que é a gasolina do carro da polícia. Faltavam 200 milhões de reais todo mês para pagar essas contas, com zero de investimento. O passivo vencido de cerca de quatro bilhões de reais, com credores de todas as áreas*”.

[...]

“*Eu repito, hoje Minas Gerais produz – no ano passado, no final do ano, anunciamos o déficit zero – hoje um superávit extremamente vigoroso, e com as nossas empresas, a Cemig, a empresa de energia, é a empresa de energia que mais investe em geração no Brasil hoje, administração profissionalizada. E a Copasa está investindo 2,7 bilhões de reais nesse período de*

quatro anos, o maior investimento da sua história em saneamento”.

Outro imaginário que também se encontra presente na base argumentativa dessa resposta de Aécio Neves diz respeito a algumas representações que participam da composição do *imaginário do sucesso*. Chamamos a atenção para o uso de algumas figuras como a do “progresso” (“avanço”) e do “êxito” (“eficiência”):

“[...] hoje Minas Gerais produz – no ano passado, no final do ano, anunciamos o déficit zero – hoje um superávit extremamente vigoroso”.

[...]

“Temos a mais avançada legislação de PPPs do país hoje, já trabalhando na área de presídios, na área de rodoviária, na construção do centro administrativo em Minas Gerais. O que é que houve? Decisão política na hora certa”.

A figura da “superação” se faz presente no trecho: *“Pagamos o que nós devíamos. Eu repito, hoje Minas Gerais produz – no ano passado, no final do ano, anunciamos o déficit zero – hoje um superávit extremamente vigoroso”.*

Em tal discurso, ainda pode ser destacada a figura do “reconhecimento”, que aqui se associa a ideia de “mérito”:

“Mas o que nós fizemos, e aí a minha, não digo surpresa, mas a minha grata recompensa foi ter tido um aumento da popularidade ao invés de perder popularidade”.

Algumas representações detectadas na fala de Aécio Neves parecem ser utilizadas com o intuito de promover credibilidade e identificação junto à instância cidadã. Desse modo, o político em questão busca associar a sua pessoa uma série de imagens que corroboram para a construção de uma determinada identidade política portadora de *ethé* diversos, como o *ethos de virtude*, aqui representado pela figura da “honestidade” e também de uma “fidelidade” aos princípios éticos que norteiam, ou deveriam nortear, o fazer político, observados nos trechos a seguir:

“[...] enxugamos cargos: esses de livre nomeação eram três mil em Minas Gerais, esses em que você acomoda a sua turma, nós extinguimos. Eu os extingui antes que iniciassem as pressões para a sua ocupação.

[...]
“Pagamos o que nós devíamos”.

Outra imagem que também pode ser notada em tal discurso diz respeito ao *ethos de competência*, sobretudo pela demonstração da capacidade de um *saber-fazer*, apresentando-se como possuidor de habilidades técnica e gerencial, bem como de certas experiências que foram adquiridas por meio de sua atuação política:

“[...] houve, a partir do momento da nossa eleição, um diagnóstico da situação do estado”.

[...]

“Nos primeiros 30 dias nós fizemos na verdade o inverso do que nós estamos assistindo hoje no Brasil: enxugamos cargos: esses de livre nomeação eram três mil em Minas Gerais, esses em que você acomoda a sua turma, nós extinguímos. Eu os extingui antes que iniciassem as pressões para a sua ocupação. Eram 22 secretarias de estado, passei para 15 secretarias; fundimos empresas, racionalizamos a máquina. Pagamos o que nós devíamos”.

[...]

“Temos a mais avançada legislação de PPPs do país hoje, já trabalhando na área de presídios, na área de rodoviária, na construção do centro administrativo em Minas Gerais”.

Nota-se ainda nos trechos citados acima a tentativa de incorporação do *ethos de caráter*, demonstrado por meio de representações sobre os valores da “coragem”, que se faz necessária à realização do que foi proposto, mesmo com o risco de perda da popularidade; e também do “orgulho” que é mostrado por meio de realizações ditas conquistadas.

Considerações preliminares:

Nas duas respostas analisadas detecta-se no discurso de Aécio Neves um tipo de *saber de conhecimento* que procura demonstrar o domínio técnico no que diz respeito à administração pública, saber este que se baseia no controle das *técnicas* necessárias à execução de uma gestão eficiente e na habilidade de atuação política.

No que se refere à fundamentação de seu discurso, nota-se nas duas respostas analisadas a presença do *imaginário da modernidade*, uma vez que o político recorre em determinados momentos ao discurso do *economismo*, sobretudo por meio de uma fala

que recorre ao universo da economia e faz uso de expressões matemáticas, dados e números.

No caso da primeira resposta analisada observa-se que o *imaginário do sucesso* encontra-se estruturado por um conjunto de representações que remetem à ideia de “progresso”, “trabalho”, “esforço” e “superação”. Figuras estas que contribuem para promover a ideia de *sucesso* e reforçar determinadas identidades que o ator político procura construir diante dos cidadãos eleitores. Observa-se também na fundamentação do discurso de Aécio a presença recorrente do *imaginário do sucesso*, sustentado por algumas figuras como o “progresso”, o “êxito”, a “superação”, o “reconhecimento” e o “mérito”, valores estes que podem ser percebidos na segunda resposta.

A partir daí torna-se possível perceber nos trechos analisados a presença de imagens elaboradas com a finalidade de projetar no imaginário social alguns *ethé de credibilidade*, como o *ethos de virtude* e o *ethos de competência* na primeira resposta; este último *ethos* se repete na segunda pergunta. Há também a presença de determinados *ethé de identificação*, exemplificados pelo *ethos de caráter*, tanto na primeira quanto na segunda resposta analisadas.

ANÁLISES:

→ FERNANDO HENRIQUE CARDOSO - ENTREVISTA - 04/07/1988

Nesta entrevista concedida ao programa *Roda Viva*, no ano de 1988, o sociólogo e então senador Fernando Henrique Cardoso fala de sua atuação no PMDB, sobre a criação de um novo partido, o PSDB, aborda os rumos da política brasileira e os desafios a serem enfrentados na condução do país.

Na entrevista foram observados vinte e quatro trechos (24) em que Fernando Henrique Cardoso faz referências a algumas passagens de sua vida, sobretudo no que diz respeito a sua atuação política. Destes foram selecionadas duas (2) respostas, consideradas relevantes quanto à apresentação de narrativas sobre suas ações e sua pessoa, para a realização das análises.

TRECHO [1]:

Fernando Mitre: Senador, a verdade é que hoje pouca gente acredita neste país. As últimas pesquisas mostram um resultado aterrador. Já não se trata nem mais de ser da oposição. Isso já é pouco. A descrença é geral. A pesquisa publicada ontem pela imprensa brasileira, hoje, aliás, mostra que o JK, esse novo JK que o senhor fala, para um grande número de eleitores seria o Silvio Santos, que está lá em primeiro lugar, o que é uma coisa que, no mínimo, merece uma reflexão triste. Mas, eu perguntaria ao senhor o seguinte, senador, se os progressistas do PMDB conseguirem, enfim, dar continuidade a sua presença no partido, isso, evidentemente, reduz as possibilidades de crescimento do PSDB. Então, ele terá que crescer de alguma forma. Como é que ele poderá crescer sem perder a nitidez ideológica?

Fernando Henrique Cardoso: *Vamos lá. Em primeiro lugar, com relação ao que você disse sobre a descrença, ela é um dado. Ela atinge a nós. Quando nós resolvemos criar um outro partido, nós estamos deixando posições. Até outro dia, eu era líder do PMDB no Senado, a maior bancada, 40 senadores. O líder do PMDB tem peso e deixo essa liderança. O Mário é líder na Constituinte e deixa essa liderança. Quer dizer, estamos dando um sinal claro que nós não estamos querendo posições ou manter posições. Senão, do ponto de vista de carreira política, é melhor ficar onde está. Não é isso? Então, nós estamos realmente querendo mostrar, com gestos, que nós estamos dispostos a ver se é possível criar uma alternativa. Porque se nós não criarmos alternativas, nem nós vamos acreditar mais, quanto mais vamos pedir aos outros. Você veja que, realmente, é uma questão que inquieta. Como fazer isso? Como é que você transmite esse sentimento de que você realmente está se jogando porque acredita e que tem credibilidade, transmite credibilidade? Eu acho que, aí, você tem que ter propostas mais simples, diretas e claras. Eu acho que isso falta no contexto brasileiro. Falta que você possa ter um comportamento que bata com o que você prega. Não que cada um, individualmente, tenha vontade de fazer zigue-zague, mas a situação está tão confusa*

no Brasil que é preciso que você corte um nó para dizer no que você realmente acredita. Então, esse partido, voltando ao que falou o Ivan Ângelo, dizendo que tinha que ser idealista, tem que ser idealista. A ética tem que entrar na política, na nossa política. Tem que entrar na política. Tem que dizer não para gente que, às vezes, tem até muito voto, mas tem que dizer não porque não corresponde às expectativas do que nós queremos. E tem que dizer um sim muito positivo.

Análise:

Na resposta analisada é possível perceber certo modo de organização que busca privilegiar uma forma de *saber de conhecimento*, neste caso de cunho *empírico*, quando Fernando Henrique Cardoso procura evidenciar seu grau de experiência no que tange a sua atuação política, como pode ser observado no seguinte segmento de fala: “*Até outro dia, eu era líder do PMDB no Senado, a maior bancada, 40 senadores. O líder do PMDB tem peso e deixo essa liderança*”. Nota-se também uma forma de *saber de crença* que parece sustentado por uma posição *ideológica*, como mostra o trecho: “*Quando nós resolvemos criar um outro partido, nós estamos deixando posições*”, na medida em que o político expõe sua mudança de perspectiva quanto ao modo de conceber o fazer político e as razões que o levaram a propor um novo projeto político-partidário e a abandonar a doutrina que outrora possuía como orientação.

Ainda é possível perceber na resposta de Fernando Henrique Cardoso uma forma de *imaginário da modernidade* responsável por fundamentar seu discurso, uma vez que propõe uma superação de um estado anterior que é julgado como ultrapassado e que não seria mais capaz de sustentar as atuais demandas e exigências da conjuntura política e social brasileira, como pode ser notado nos seguintes trechos de fala: “*Então, nós estamos realmente querendo mostrar, com gestos, que nós estamos dispostos a ver se é possível criar uma alternativa [...]*”.

Outra forma de imaginário que se encontra presente na fundamentação do discurso do político em questão é o *imaginário do sucesso*, sustentado por algumas figuras como a “superação”, percebida em:

“Como é que você transmite esse sentimento de que você realmente está se jogando porque acredita e que tem credibilidade, transmite credibilidade? Eu acho que, aí, você tem que ter propostas mais simples, diretas e claras”.

A figura da “coragem”, que pode ser notada nos segmentos:

“Quando nós resolvemos criar um outro partido, nós estamos deixando posições. Até outro dia, eu era líder do PMDB no Senado, a maior bancada, 40 senadores. O líder do PMDB tem peso e deixo essa liderança”;

“[...] mas a situação está tão confusa no Brasil que é preciso que você corte um nó para dizer no que você realmente acredita”;
“Tem que dizer não para gente que, às vezes, tem até muito voto, mas tem que dizer não porque não corresponde às expectativas do que nós queremos”.

Quanto à identidade que Fernando Henrique Cardoso visa projetar no espaço social por meio de seu discurso nota-se em sua resposta a presença de algumas representações, sobretudo as que remetem à honestidade, responsáveis por elaborar e transmitir reiteradamente o *ethos de virtude*, como pode ser percebido nos seguintes trechos de fala:

“O líder do PMDB tem peso e deixo essa liderança”;

“Quer dizer, estamos dando um sinal claro que nós não estamos querendo posições ou manter posições. Senão, do ponto de vista de carreira política, é melhor ficar onde está”;

“Falta que você possa ter um comportamento que bata com o que você prega”; *“A ética tem que entrar na política, na nossa política. Tem que entrar na política. Tem que dizer não para gente que, às vezes, tem até muito voto, mas tem que dizer não porque não corresponde às expectativas do que nós queremos”.*

O entrevistado também procura passar a ideia de que possui habilidade, experiência e o domínio do *saber-fazer*, requisitos estes necessários ao político que se propõe a apresentar um novo projeto político-partidário, buscando evidenciar um *ethos de competência*, como revela, entre outros, o trecho a seguir:

“Como é que você transmite esse sentimento de que você realmente está se jogando porque acredita e que tem credibilidade, transmite credibilidade? Eu acho que, aí, você tem que ter propostas mais simples, diretas e claras. Eu acho que isso falta no contexto brasileiro”.

É possível notar também a presença de certo *ethos de caráter* demonstrado por meio da figura da “coragem”, notada no segmento de fala: “[...] mas a situação está tão

confusa no Brasil que é preciso que você corte um nó para dizer no que você realmente acredita”.

TRECHO [2]:

Ricardo Kotscho: Qual foi o pior momento que o senhor enfrentou nessa situação? O senhor era líder de um governo que o senhor era contra. Teve que defender uma coisa...

Fernando Henrique Cardoso: *Eu nunca defendi, no Senado, os meus discursos foram publicados, eu nunca defendi uma coisa, o máximo que eu fiz foi calar.*

Ricardo Kotscho: Conviver, vamos dizer assim.

Fernando Henrique Cardoso: *Conviver sim, mas defender não. Eu sempre fui muito heterodoxo como líder. E até sou grato ao Senado. Porque, apesar de que eu fiz declarações muito pouco convenientes de críticas e tal, os senadores me mantiveram na liderança e me reelegeram, até por unanimidade na última vez. E eu disse, no dia da eleição: “Olha, eu vou continuar dizendo sobre o partido e sobre o governo o que eu penso”. E deu certo, quer dizer, no sentido que eles me prestigiaram naquele momento. Agora, dificuldade, muita dificuldade, quando o ministro Reinaldo Tavares foi ao Senado e teve que discutir a Norte-Sul. Eu era líder do PMDB e o líder é o último a falar. Então, quando o líder vai falar ele está cansado. Todo mundo já disse tudo e você tem que fazer, em geral, a defesa. Então, foi difícil. Eu não fiz a defesa, mas, enfim, apresentei uma situação que dava alguma argumentação, aceitei uma parte da argumentação. Foi difícil. Toda vez que foi algum ministro desse tipo que eu tinha que, ao falar, ao mesmo tempo, mostrar minha discordância, mas não atacar, quando a vontade era de atacar, foi difícil. No fim, prevaleceu, talvez, um impulso utópico. Mas, ainda tem muito do professor, do intelectual. Chega um momento que a conveniência política manda calar e eu falo.*

Análise:

Nesta resposta nota-se um modo de organização que busca privilegiar determinado tipo de *saber de conhecimento* de natureza *empírica*, uma vez que Fernando Henrique Cardoso procura demonstrar o domínio que possui no campo da oratória política ao explicitar a experiência adquirida enquanto senador da República e líder do governo no Senado, como se percebe pela fala: *“Foi difícil. Toda vez que foi algum ministro desse tipo que eu tinha que, ao falar, ao mesmo tempo, mostrar minha discordância, mas não atacar, quando a vontade era de atacar, foi difícil”.*

Também é possível observar uma forma de *saber de crença* de cunho *ideológico*, nos momentos em que o político busca afirmar seu entendimento e compreensão sobre determinados aspectos da atividade política, demonstrando seu

posicionamento diante de questões de ordem ética. Assim trechos como: “*Conviver sim, mas defender não. Eu sempre fui muito heterodoxo como líder*”; “*Olha, eu vou continuar dizendo sobre o partido e sobre o governo o que eu penso*”, revelam o ponto de vista pessoal de Fernando Henrique Cardoso e o modo como se posiciona diante de alguns assuntos.

Outro aspecto a ser observado na resposta analisada diz respeito ao tipo de imaginário no qual está fundamentado o discurso de Fernando Henrique Cardoso, que procura estruturar-se por meio de um conjunto de representações constituídas por imagens de “superação”, de “trabalho”, de “esforço”, de “saber”, de “reconhecimento”, de “mérito” e também de “coragem”. Figuras estas que constituem o *imaginário do sucesso* e podem ser percebidas de modo implícito em falas como:

“*apesar de que eu fiz declarações muito pouco convenientes de críticas e tal, os senadores me mantiveram na liderança e me reelegeram, até por unanimidade na última vez*” (“reconhecimento” / “mérito”);

“*Olha, eu vou continuar dizendo sobre o partido e sobre o governo o que eu penso*” (“coragem”);

“*E deu certo, quer dizer, no sentido que eles me prestigiaram naquele momento*” (“êxito” / “reconhecimento”);

“*Eu era líder do PMDB e o líder é o último a falar. Então, quando o líder vai falar ele está cansado. Todo mundo já disse tudo e você tem que fazer, em geral, a defesa. Então, foi difícil*” (“trabalho” / “esforço” / “superação”);

“*Eu não fiz a defesa, mas, enfim, apresentei uma situação que dava alguma argumentação, aceitei uma parte da argumentação. Foi difícil*” (“saber” / “esforço” / “superação”);

“*Mas, ainda tem muito do professor, do intelectual*” (“saber”).

Desse modo, sua resposta apresenta algumas figuras que buscam a evocação de certas representações responsáveis pela consituição de algumas formas de identidades. Percebe-se assim a tentativa de construção de certos *ethé de identificação*, como o *ethos de virtude*, por meio de um discurso que procura transmitir a ideia de *honestidade* e *sinceridade*, notado em trechos como: “*Eu nunca defendi, no Senado, os meus discursos foram publicados, eu nunca defendi uma coisa, o máximo que eu fiz foi calar*” e em “*Eu*

sempre fui muito heterodoxo como líder". Também há a presença de um *ethos de competência* como pode ser observado no segmento:

"E deu certo, quer dizer, no sentido que eles me prestigiaram naquele momento".

"[...] apresentei uma situação que dava alguma argumentação, aceitei uma parte da argumentação. Foi difícil. [...] No fim, prevaleceu, talvez, um impulso utópico. Mas, ainda tem muito do professor, do intelectual".

Quanto às formas de *ethé de credibilidade* nota-se a intenção de projetar no espaço social uma imagem de *potência*, que pode ser detectada no segmento: *"Olha, eu vou continuar dizendo sobre o partido e sobre o governo o que eu penso"* e no trecho: *"Chega um momento que a conveniência política manda calar e eu falo"*. Também um *ethos de chefe* observado em: *"[...] os senadores me mantiveram na liderança e me reelegeram, até por unanimidade na última vez"* e em: *"Eu era líder do PMDB e o líder é o último a falar"*.

Considerações preliminares:

Nas duas respostas analisadas acima nota-se que o discurso de Fernando Henrique Cardoso busca privilegiar determinados modos de organização em que ocorre o predomínio de alguns tipos de *saberes de conhecimento*, representado de modo recorrente por um saber de *experiência* voltado para a afirmação de sua capacidade de entendimento e domínio do fazer político. É possível observar também a presença dominante da utilização de um *saber de crença* do tipo *ideológico*, em ambos os casos, revelando a intenção de demonstrar sua compreensão dos aspectos conceituais da organização política e partidária brasileira e seu posicionamento crítico diante de questões de natureza ética.

No que se refere à fundamentação de seu discurso, nota-se na primeira resposta analisada a presença do *imaginário da modernidade*, quando Fernando Henrique Cardoso apresenta as razões da criação de um novo partido político, o PSDB, e os motivos de sua saída do PMDB. O político expõe sua argumentação procurando evidenciar, segundo seu entendimento, o esgotamento ideológico e político do partido a qual pertencia, motivos estes que o levaram a cogitar e a participar da elaboração de

uma nova proposta política-ideológica-partidária que seria mais condizente, em sua compreensão, com aquele momento da história política brasileira. Seu discurso visa assim explicitar a tentativa de superação de um estágio político que em sua perspectiva estaria ultrapassado e que seriam necessários uma nova proposta e novo projeto, condizentes com o cenário e a realidade daquele momento.

Outra forma de imaginário que se observa de modo recorrente na fundamentação do discurso de Fernando Henrique Cardoso é o *imaginário do sucesso*, sustentado por algumas figuras como a “superação” e a “coragem”, presentes na primeira resposta. No caso da segunda resposta analisada observa-se que o *imaginário do sucesso* encontra-se estruturado por um conjunto de representações constituídas pelas imagens de “superação”, de “trabalho”, de “esforço”, de “saber”, de “reconhecimento”, de “mérito” e também de “coragem”. Figuras estas que contribuem para promover a ideia de *sucesso* e reforçar determinadas identidades que o ator político procura construir diante dos cidadãos eleitores.

A partir dessas observações torna-se possível perceber nos trechos analisados a presença de imagens elaboradas com a finalidade de projetar no imaginário social alguns *ethé de credibilidade*, como o *ethos de virtude*, e o *ethos de competência*; e também de certos *ethé de identificação*, sobretudo o *ethos de potência* e em alguns momentos, o *ethos de caráter* e o *ethos de chefe*.

→ FERNANDO HENRIQUE CARDOSO - ENTREVISTA - 11/03/1991

O sociólogo e então senador Fernando Henrique Cardoso em entrevista concedida ao programa *Roda Viva*, em 1991, comenta sobre o desempenho do PSDB nas eleições de 1989, trata das possíveis alianças e dos rumos que o partido poderia tomar.

Nessa entrevista foram observados dezoito trechos (18) em que Fernando Henrique Cardoso apresenta referências a algumas passagens de sua vida, sobretudo de sua atuação de seu pensamento políticos. Destes relatos foram selecionadas duas (2) respostas consideradas relevantes quanto à apresentação de narrativas sobre suas ações, para a realização das análises.

TRECHO [1]:

Jayme Martins: Hoje, todos sabemos, é um dia muito especial na vida do político e professor Fernando Henrique Cardoso: o seu retorno, como professor da USP, depois de mais de vinte anos de afastamento compulsório. Uma pergunta que deveria estar sendo feita aqui hoje, pelo Fernando Pedreira, que infelizmente não pôde sair do Rio, ele pergunta: “Esse retorno teria o claro objetivo de realizar uma compatibilização que parecia impossível? A compatibilização do intelectual bem-sucedido com o político bem-sucedido? Nesse caso, como detalharia a compatibilização do dever do intelectual de defender princípios com a tarefa do político de modificar a realidade?”.

Fernando Henrique Cardoso: *Esse é o drama, não é? O drama que vem do Weber, que vem de todos os... mas eu acho que nós temos que conviver com esse drama e tentar resolvê-lo da melhor maneira possível. Por que eu voltei agora, e não antes, a dar aula? São algumas, não são tantas assim. Pelo seguinte: na verdade, eu sempre respeitei muito a atividade universitária, como respeito à atividade política, e eu sempre me recusei a ser “professor tapa buraco”. Nunca aceitei dar aula na Universidade de Brasília, onde me convidaram, fazer um curso aqui, outro curso ali; no máximo, eu fiz conferências, em geral até mais no exterior, no âmbito acadêmico, do que aqui. Primeiro, nós tínhamos as eleições diretas, nós tínhamos depois a Constituinte, eleições todos os anos. Agora, pela primeira vez, não tem Constituinte, não tem eleição este ano, dá para ter um mínimo de agenda, quer dizer, de eu não faltar ao compromisso, que é a condição fundamental para o professor ser levado a sério, dar aula. Segundo lugar, eu acho que já há um distanciamento no tempo suficiente para que eu possa me dedicar e discutir a transição democrática brasileira, até o governo Sarney, não vou entrar no governo Collor, que aí entram questões já de opção partidária, e eu não quero que se misturem. Mas, até o governo Sarney, acho que já tem distância suficiente para que eu possa passar a limpo a experiência concreta que eu tenho com a formação acadêmica de que também disponho. Então, eu acho que seria oportuno aproveitar essa chance para começar a realizar aquilo que eu sempre prometi a mim mesmo, que eu iria escrever um trabalho sobre essa transição democrática, fazendo uma espécie de síntese da minha experiência política e da minha formação acadêmica. Essa é a razão. O Fernando Pedreira, que é um homem inteligente, colocou o dedo na ferida. A lógica do político não é a mesma lógica do intelectual. Ele disse a coisa verdadeira: o político, quando anuncia, às vezes ao anunciar o seu propósito, ele impede a realização dele, e o intelectual vive o tempo todo anunciando e pondo o seu nome embaixo. As lógicas não são as mesmas, mas não são contraditórias, porque se o político, por outro lado, não tiver convicções, ele é um politiquês, ele não um político. Se ele tem convicções, ele tem também propósitos, tem princípios. Então eu acho que, sendo um político de convicções, não é tão difícil assim conciliar com a atividade acadêmica.*

Análise:

Em sua resposta Fernando Henrique Cardoso parece tentar passar a ideia de que possui um elevado conhecimento de ordem *culta* e *teórica*, ao já iniciar sua fala fazendo

referência a um grande pensador e intelectual das Ciências Sociais, Max Weber, uma personalidade muito conhecida no universo acadêmico. Em alguns segmentos como:

“Esse é o drama, não é? O drama que vem do Weber, que vem de todos os... mas eu acho que nós temos que conviver com esse drama e tentar resolvê-lo da melhor maneira possível”.

“[...] na verdade, eu sempre respeitei muito a atividade universitária, como respeito a atividade política, e eu sempre me recusei a ser “professor tapa buraco”. Nunca aceitei dar aula na Universidade de Brasília, onde me convidaram, fazer um curso aqui, outro curso ali; no máximo, eu fiz conferências, em geral até mais no exterior, no âmbito acadêmico, do que aqui”.

“O Fernando Pedreira, que é um homem inteligente, colocou o dedo na ferida. A lógica do político não é a mesma lógica do intelectual”.

Percebemos nos trechos de fala acima a tentativa do entrevistado em transmitir a imagem de intelectual e acadêmico, detentor de um saber culto e erudito, com vistas a agregar determinados qualificativos a sua pessoa.

É possível perceber também um tipo de *saber de conhecimento* de natureza *empírica* quando o entrevistado procura explicitar suas experiências no campo da atuação política ao longo dos anos em que atuou como senador no cenário político brasileiro:

“Primeiro, nós tínhamos as eleições diretas, nós tínhamos depois a Constituinte, eleições todos os anos”.

“Segundo lugar, eu acho que já há um distanciamento no tempo suficiente para que eu possa me dedicar e discutir a transição democrática brasileira, até o governo Sarney, não vou entrar no governo Collor, que aí entram questões já de opção partidária, e eu não quero que se misturem. Mas, até o governo Sarney, acho que já tem distância suficiente para que eu possa passar a limpo a experiência concreta que eu tenho com a formação acadêmica de que também disponho. Então, eu acho que seria oportuno aproveitar essa chance para começar a realizar aquilo que eu sempre prometi a mim mesmo, que eu iria escrever um trabalho sobre essa transição democrática, fazendo uma espécie de síntese da minha experiência política e da minha formação acadêmica”.

Outro tipo de saber, desta vez uma *crença* de cunho *ideológico*, pode ser encontrado no trecho de fala:

“[...] na verdade, eu sempre respeitei muito a atividade universitária, como respeito a atividade política, e eu sempre me recusei a ser “professor tapa buraco”. Nunca aceitei dar aula na Universidade de Brasília, onde me convidaram, fazer um curso aqui, outro curso ali”.

Tal relato denota a postura que Fernando Henrique Cardoso tem a respeito da importância que representaria a atividade de professor e sua visão sobre as responsabilidades e compromissos que tal função exigiria do profissional. Isto é, mostra sua compreensão ética diante da função de formador.

A análise atenta da resposta de Fernando Henrique Cardoso revela também a presença de algumas figuras que remetem ao *imaginário do sucesso*. Representações que fazem referência à ideia de um domínio do saber *teórico* e *culto*, bem como conhecimentos relativos ao exercício político, como nota-se em segmentos como:

“Esse é o drama, não é? O drama que vem do Weber, que vem de todos os... mas eu acho que nós temos que conviver com esse drama e tentar resolvê-lo da melhor maneira possível”.

“[...] e eu sempre me recusei a ser “professor tapa buraco”. Nunca aceitei dar aula na Universidade de Brasília, onde me convidaram, fazer um curso aqui, outro curso ali; no máximo, eu fiz conferências, em geral até mais no exterior, no âmbito acadêmico, do que aqui”.

“Mas, até o governo Sarney, acho que já tem distância suficiente para que eu possa passar a limpo a experiência concreta que eu tenho com a formação acadêmica de que também disponho. Então, eu acho que seria oportuno aproveitar essa chance para começar a realizar aquilo que eu sempre prometi a mim mesmo, que eu iria escrever um trabalho sobre essa transição democrática, fazendo uma espécie de síntese da minha experiência política e da minha formação acadêmica”.

Uma figura responsável por transmitir a ideia de *sucesso* e percebida nesta resposta seria a do “trabalho”, como se observa nos trechos:

“Primeiro, nós tínhamos as eleições diretas, nós tínhamos depois a Constituinte, eleições todos os anos. Agora, pela primeira vez,

não tem Constituinte, não tem eleição este ano, dá para ter um mínimo de agenda, quer dizer, de eu não faltar ao compromisso, que é a condição fundamental para o professor ser levado a sério, dar aula”.

Ainda é possível notar as figuras do “reconhecimento” e do “mérito” no segmento de fala: *“Nunca aceitei dar aula na Universidade de Brasília, onde me convidaram, fazer um curso aqui, outro curso ali; no máximo, eu fiz conferências, em geral até mais no exterior, no âmbito acadêmico, do que aqui”.* Tais figuras corroboram para a evocação do *imaginário do sucesso*.

Quanto às formas de *ethé* que o entrevistado busca projetar no espaço social com vistas a garantir a credibilidade e promover identificação junto à instância cidadã, percebe-se a utilização de um conjunto de representações capazes de contribuir para a elaboração e projeção de um *ethos de virtude*, notado em: *“na verdade, eu sempre respeitei muito a atividade universitária, como respeito a atividade política, e eu sempre me recusei a ser “professor tapa buraco”*”. Ideia de virtude notada também nos trechos seguintes:

“Agora, pela primeira vez, não tem Constituinte, não tem eleição este ano, dá para ter um mínimo de agenda, quer dizer, de eu não faltar ao compromisso, que é a condição fundamental para o professor ser levado a sério, dar aula”.

“[...] não vou entrar no governo Collor, que aí entram questões já de opção partidária, e eu não quero que se misturem [...]”.

Nota-se também a tentativa de projeção do *ethos de competência*, pelo recurso a um discurso que procura transmitir a ideia de um *saber-fazer*, de uma habilidade e capacidade de realização, ou mesmo de reflexão, pelos estudos e funções exercidas, bem como pela experiência adquirida na atuação política. Nos mesmos trechos de fala pode ser percebida a evocação do *ethos de inteligência*, por meio da demonstração de um “saber culto”. Elementos que podem ser observados em diversos momentos da fala do político entrevistado:

“Nunca aceitei dar aula na Universidade de Brasília, onde me convidaram, fazer um curso aqui, outro curso ali; no máximo, eu fiz conferências, em geral até mais no exterior, no âmbito acadêmico, do que aqui”.

“Segundo lugar, eu acho que já há um distanciamento no tempo suficiente para que eu possa me dedicar e discutir a transição democrática brasileira, até o governo Sarney”.

“Então, eu acho que seria oportuno aproveitar essa chance para começar a realizar aquilo que eu sempre prometi a mim mesmo, que eu iria escrever um trabalho sobre essa transição democrática, fazendo uma espécie de síntese da minha experiência política e da minha formação acadêmica”.

TRECHO [2]:

Florestan Fernandes Jr: Eu queria fazer uma pergunta não para o senador, mas para o sociólogo. Uma das coisas que me angustia muito é ver o país num estado de violência quase que completo. As notícias que a gente tem no dia-a-dia de pessoas que são violentadas, que são mortas, as casas hoje são cercadas, tem policiais na rua, enfim, há muita violência. E uma violência que, de certo modo, até parece, em alguns casos, uma maneira que as pessoas encontram de fazer uma redistribuição de renda que não existe no país. O senhor, como sociólogo, acha que essa violência pode provocar uma anarquia no país, ou pode provocar uma guerra civil, ou uma revolução?

Fernando Henrique Cardoso: *Eu acho que anarquia no país já existe. E você tem vários setores do país onde você tem “áreas liberadas”: os morros no Rio; a questão do bicho e da droga; sei lá o que está acontecendo nas fronteiras do Brasil com a Colômbia e com a Venezuela. Você já tem muitos setores onde, digamos assim, o estado de direito não tem vigência, e o Estado, como organização pública, não tem capacidade de coibir, portanto, a transgressão das leis. Isso existe, isso é grave e isso se explica, evidentemente, tem mil razões para explicar, um Estado, sociologicamente falando, de quase anomia. Há áreas que são anômicas, quer dizer, não têm um corpo definido de regras, de conduta; pelo menos não são as regras vigentes no resto da sociedade, digamos que são regras próprias, a lei do cão, a lei do bandido etc. Isso existe, isso é muito grave. Se isso vai ter efeitos propagadores, aí eu já tenho muitas dúvidas, porque a sociedade brasileira, nesse aspecto, já é uma sociedade bastante modernizada e, portanto, fragmentada. O que acontece em um lugar não tem influência em outro lugar; ela é muito separada, muito dividida, muito hierarquizada, muito cheia de compartimentos. Isso existe, por exemplo, nos Estados Unidos. Uma coisa que sempre me impressionou nos Estados Unidos é a segregação espacial e a violência que existe em várias áreas. Uma vez eu vivia em Princeton, em um instituto de estudos avançados de Princeton, que é uma área, digamos assim, uma torre de marfim, a universidade, o instituto e tal. E você nem tem preocupação: dorme com a porta aberta, porque tem muita polícia em volta e você nem percebe que tem. Você sai dali e vai para Trenton, que é a capital de New Jersey, onde está Princeton, você entra numa cidade conflagrada, cidade onde tem uma população negra muito forte, e as ruas, as janelas das casas foram fechadas por causa dos conflitos raciais havidos no passado, com tijolos. Então, é uma cidade tenebrosa. Bom, se você sai dali... Uma vez, tinha um aluno meu que era porto-riquenho, descendente de porto-riquenhos, ele me convidou para visitar a avó dele que morava no South Bronx, em Nova York. Quando eu disse em Princeton que eu ia ao South Bronx foi um pânico: não pode, porque a violência... mas eu fui. Fui com esse meu aluno, e aquilo parecia uma cidade bombardeada, na região que é depois do Harlem, subindo lá depois de Manhattan. Você chega lá no South*

Bronx, você tem essa senhora, a avó desse meu aluno vivia sozinha com uma neta, e na casa ela tinha cancelas, trancas nas portas e enormes cachorros. E ela não podia fazer compras, senão acompanhada de uma gangue porto-riquenha, porque a gangue dos outros, italianos, judeus, não sei o que lá, batia em quem não estava acompanhado das suas defesas. É violência pura. Os Estados Unidos são uma sociedade onde isso existe abundantemente, terrivelmente, coisa que já não existe na Europa, e aí eu acho que é mérito de ter havido na Europa políticas sociais mais fortes, melhor distribuição de renda, mais, enfim, luta contra isso. Infelizmente, o Brasil é uma sociedade americana, não é européia, nesse aspecto. Então, é possível que nós tenhamos aqui um mundo difícil, duro, um mundo de isolamento, segregação, sem que daí derive, como não derivou nos Estados Unidos, uma possibilidade de uma comoção mais geral. Então, é o pior dos mundos, porque quem está submetido a essas regras da violência, está perdido. E claro, depois, mais tarde, a violência acaba se ligando ao poder; a máfia se liga ao poder, à política, e aí a coisa complica muito. Então, a nossa situação, a meu ver, é mais essa do que de uma iminente revolta. Pior: é uma violência larvar, sem esperança de solução.

Análise:

A resposta de Fernando Henrique Cardoso, em alguns momentos, apresenta um tipo de *saber de conhecimento* que pode ser considerado *culto*, pois se encontra fundamentado em sistemas de pensamentos de natureza teórica, na medida em que procura demonstrar o entendimento que o entrevistado possui acerca de determinados temas relativos não só à economia como também de cunho social, como é o caso da questão sobre a violência levantada pela pergunta. O entrevistado, enquanto sociólogo, relata sua compreensão sobre o assunto tratado expondo seu ponto de vista e adotando uma enunciação de caráter intelectualizado buscando mostrar com explicações sociológicas sobre as causas e as implicações do fenômeno da violência, estabelecendo parâmetros e comparações entre a violência no Brasil, nos Estados Unidos e na Europa. Em trechos de fala como:

“Eu acho que anarquia no país já existe. E você tem vários setores do país onde você tem “áreas liberadas”: os morros no Rio; a questão do bicho e da droga; sei lá o que está acontecendo nas fronteiras do Brasil com a Colômbia e com a Venezuela. Você já tem muitos setores onde, digamos assim, o estado de direito não tem vigência, e o Estado, como organização pública, não tem capacidade de coibir, portanto, a transgressão das leis. Isso existe, isso é grave e isso se explica, evidentemente, tem mil razões para explicar, um Estado, sociologicamente falando, de quase anomia”.

Em: “*Uma vez eu vivia em Princeton, em um instituto de estudos avançados de Princeton, que é uma área, digamos assim, uma torre de marfim, a universidade, o instituto e tal*”, é possível perceber a presença de um *saber culto* que parece sustentar a argumentação sobre a temática tratada.

Outra forma de *saber de conhecimento* notada na fala de Fernando Henrique Cardoso diz respeito a sua *experiência* enquanto professor em uma universidade norte-americana, período em que viveu nos Estados Unidos e pode presenciar e vivenciar alguns aspectos da realidade da sociedade estadunidense, o cotidiano e as condições enfrentadas e vividas por parte de sua população, revelando determinados contrastes sociais, que na opinião de Fernando Henrique Cardoso, são indutores da violência existente naquele país:

“Isso existe, por exemplo, nos Estados Unidos. Uma coisa que sempre me impressionou nos Estados Unidos é a segregação espacial e a violência que existe em várias áreas. Uma vez eu vivia em Princeton, em um instituto de estudos avançados de Princeton, que é uma área, digamos assim, uma torre de marfim, a universidade, o instituto e tal. E você nem tem preocupação: dorme com a porta aberta, porque tem muita polícia em volta e você nem percebe que tem. Você sai dali e vai para Trenton, que é a capital de New Jersey, onde está Princeton, você entra numa cidade conflagrada, cidade onde tem uma população negra muito forte, e as ruas, as janelas das casas foram fechadas por causa dos conflitos raciais havidos no passado, com tijolos. Então, é uma cidade tenebrosa”.

“Os Estados Unidos são uma sociedade onde isso existe abundantemente, terrivelmente, coisa que já não existe na Europa, e aí eu acho que é mérito de ter havido na Europa políticas sociais mais fortes, melhor distribuição de renda, mais, enfim, luta contra isso. Infelizmente, o Brasil é uma sociedade americana, não é européia, nesse aspecto”.

Nos trechos de fala acima percebemos como o político em questão procura demonstrar ser possuidor de um tipo de saber de natureza empírica, uma vez que busca afirmar seu entendimento sobre a questão da violência na sociedade americana a partir de sua experiência pessoal, quando viveu naquele país.

Ao observar outro aspecto da resposta de Fernando Henrique Cardoso é possível notar a presença de determinadas figuras responsáveis por fundamentar seu discurso, imagens estas que constituem o *imaginário do sucesso*, uma vez que corroboram por

promover a ideia de uma identidade política portadora de um *saber* de ordem culta, como nota-se no trecho seguinte: “*Uma vez eu vivia em Princeton, em um instituto de estudos avançados de Princeton, que é uma área, digamos assim, uma torre de marfim, a universidade, o instituto e tal*”; trecho de fala este que contém ao mesmo tempo representações como o “reconhecimento” e o “mérito”, figuras estas que buscam demonstrar a capacidade e a competência do político, por meio de uma espécie de valorização de si, pois fazer parte de um centro de excelência do saber e do conhecimento requer que a pessoa possua certos pré-requisitos para tal.

No que se refere às imagens utilizadas em prol da construção de uma identidade política portadora de credibilidade, necessária e exigida de uma personalidade do mundo intelectual, Fernando Henrique Cardoso busca associar um conjunto de representações reveladoras de um *ethos de competência*, como na fala:

“[...] *Há áreas que são anômicas, quer dizer, não têm um corpo definido de regras, de conduta; pelo menos não são as regras vigentes no resto da sociedade, digamos que são regras próprias, a lei do cão, a lei do bandido etc. Isso existe, isso é muito grave. Se isso vai ter efeitos propagadores, aí eu já tenho muitas dúvidas, porque a sociedade brasileira, nesse aspecto, já é uma sociedade bastante modernizada e, portanto, fragmentada. O que acontece em um lugar não tem influência em outro lugar; ela é muito separada, muito dividida, muito hierarquizada, muito cheia de compartimentos. Isso existe, por exemplo, nos Estados Unidos*”.

“*Uma vez eu vivia em Princeton, em um instituto de estudos avançados de Princeton, que é uma área, digamos assim, uma torre de marfim, a universidade, o instituto e tal*”.

As falas acima tentam transparecer a ideia de capacidade de compreensão dos temas sociais importantes, a demonstração de experiência adquirida pelos estudos e pelas funções exercidas, bem como de um *saber-fazer* pela análise e pela linguagem utilizada.

Em outro momento observa-se a tentativa de incorporação do *ethos de caráter*, neste caso promovido pela figura da “coragem”, no momento em que Fernando Henrique Cardoso narra uma visita que fizera em uma área conflagrada pela violência, a convite de um aluno seu, da Universidade de Princeton, onde lecionava.

“Uma vez, tinha um aluno meu que era porto-riquenho, descendente de porto-riquenhos, ele me convidou para visitar a avó dele que morava no South Bronx, em Nova York. Quando eu disse em Princeton que eu ia ao South Bronx foi um pânico: não pode, porque a violência... mas eu fui. Fui com esse meu aluno, e aquilo parecia uma cidade bombardeada, na região que é depois do Harlem, subindo lá depois de Manhattan. Você chega lá no South Bronx, você tem essa senhora, a avó desse meu aluno vivia sozinha com uma neta, e na casa ela tinha cancelas, trancas nas portas e enormes cachorros. E ela não podia fazer compras, senão acompanhada de uma gangue porto-riquenha, porque a gangue dos outros, italianos, judeus, não sei o que lá, batia em quem não estava acompanhado das suas defesas. É violência pura”;

No segmento de fala acima, o entrevistado procura passar a ideia de uma pessoa não apenas corajosa por enfrentar tal condição de perigo e risco, mas também a imagem de um professor amigo e solidário, que procura se interessar pela realidade vivida por seu aluno e sua família.

Considerações preliminares:

Nas respostas analisadas acima foi possível observar que o discurso de Fernando Henrique Cardoso busca privilegiar determinados modos de organização que privilegia alguns tipos de *saberes de conhecimento*, representado tanto por um *saber culto*, quanto por um *saber de experiência*, ambos voltados para a afirmação de sua capacidade de entendimento e compreensão de certas questões sociais e da análise de fenômenos como a violência urbana. É possível observar na primeira resposta a presença de um *saber de crença* do tipo *ideológico*, revelando seu posicionamento a respeito da importância da atividade de professor e sua visão sobre as responsabilidades e compromissos éticos que tal função exigiria do profissional.

No que se refere à fundamentação do discurso de Fernando Henrique Cardoso, nota-se a presença recorrente do *imaginário do sucesso* sustentado por algumas figuras como o domínio do “saber”, o “trabalho”, o “reconhecimento” e o “mérito”, presentes na primeira resposta. No caso da segunda resposta analisada observa-se que o *imaginário do sucesso* encontra-se estruturado por um conjunto de representações constituídas pelas imagens de “saber”, de “reconhecimento”, de “mérito” e também de “coragem”. Figuras estas que contribuem para promover a ideia de *sucesso* e reforçar

determinadas identidades que o ator político procura construir diante dos cidadãos eleitores.

A partir daí torna-se possível perceber nos trechos analisados a presença de imagens elaboradas com a finalidade de projetar no imaginário social alguns *ethé de credibilidade*, como o *ethos de virtude*, e o *ethos de competência*; e também certos *ethé de identificação*, sobretudo o *ethos de caráter*.

→ **FERNANDO HENRIQUE CARDOSO - ENTREVISTA - 12/04/1993**

O então ministro das relações exteriores, Fernando Henrique Cardoso, concedeu esta entrevista ao programa *Roda Viva*, em abril de 1993, situação em que se discutiram questões sobre o papel da diplomacia brasileira, bem como assuntos referentes à situação política, social e econômica do país.

Nesta entrevista foram detectados vinte e dois (22) trechos considerados portadores de referências às passagens de vida e ações em que o entrevistado relata sua participação. Destes trechos, duas respostas foram selecionadas para a efetivação das análises.

TRECHO [1]:

Milton Coelho da Graça: O senhor mesmo fez a seguinte declaração numa entrevista, aliás, otimista, muito interessante, uma entrevista que talvez esteja faltando de outros membros do governo. Vou literalmente ao que o senhor disse: “O Brasil tem condições de ser um país decente em vinte anos...”. O senhor deu um prazo que ninguém deu até agora. “... se a elite brasileira não for cega e entender de pagar impostos e investir”. O senhor mesmo colocou uma condicional, quer dizer, não adianta o governo fazer nada se... pelo que eu estou lendo, é isso?

Fernando Henrique Cardoso: *É isso aí. Veja, por que eu disse isso, vinte anos e tal? Qualquer um de nós que conheça, muitos conhecem o que aconteceu na Espanha ou na França depois da guerra, viu que em vinte anos aquilo mudou, não é isso? Ou vocês pensam que a França era a prosperidade de hoje? Não era. Era uma França bastante empobrecida. A Espanha, nem se fala, a Espanha não foi por causa da guerra, ela até se beneficiou com a guerra, mas mudou em vinte anos. Um país como o Brasil pode... há pouco perguntavam a mim na televisão: “E o Brasil, o que o senhor acha do negócio do Primeiro Mundo?” Olha aqui, o Primeiro Mundo é aqui dentro, se você não tem Primeiro Mundo aqui dentro, não tem lá fora. O ministro do Exterior não pode fazer uma mágica boba: vou resolver que o Brasil vá ao Primeiro Mundo. Não vai. O que é o Primeiro Mundo? É você ter uma sociedade mais igualitária, em que todo mundo paga imposto, todos pagam, portanto, a taxa, a contribuição de cada um não*

precisa ser tão elevada, em que a elite não é simplesmente cega ao clamor da miséria, e em que você tem educação. Isso você faz em vinte anos, você tem que fazer.

Análise:

A observação dessa resposta revela a presença de uma forma de *saber de conhecimento* de cunho *empírico*, uma vez que Fernando Henrique Cardoso ao relatar sua expectativa quanto ao desenvolvimento do Brasil, estipulando um prazo para que o país alcance um determinado nível econômico e social, procura demonstrar conhecimento a respeito da história de outros países, citando algumas nações européias e as ações adotadas por estas sociedades que as levaram a alcançar a estabilidade e a prosperidade. Desse modo o político mostra por meio de sua fala um grau de conhecimento revelador de sua experiência enquanto sociólogo e conhecedor da história e da política no mundo moderno e contemporâneo, conforme nota-se no trecho:

“Veja, por que eu disse isso, vinte anos e tal? Qualquer um de nós que conheça, muitos conhecem o que aconteceu na Espanha ou na França depois da guerra, viu que em vinte anos aquilo mudou, não é isso? Ou vocês pensam que a França era a prosperidade de hoje? Não era. Era uma França bastante empobrecida. A Espanha, nem se fala, a Espanha não foi por causa da guerra, ela até se beneficiou com a guerra, mas mudou em vinte anos”.

Uma outra forma de saber percebida em sua resposta pode ser encontrada no segmento: *“Olha aqui, o Primeiro Mundo é aqui dentro, se você não tem Primeiro Mundo aqui dentro, não tem lá fora”*; fala esta reveladora de um *saber de crença* de cunho *ideológico*, na medida em que o entrevistado busca passar sua visão e compreensão do que venha a ser uma sociedade tida como de “primeiro mundo”, ou seja, uma sociedade moderna, avançada e com maior justiça social, como se percebe no seguinte trecho:

“O que é o Primeiro Mundo? É você ter uma sociedade mais igualitária, em que todo mundo paga imposto, todos pagam, portanto, a taxa, a contribuição de cada um não precisa ser tão elevada, em que a elite não é simplesmente cega ao clamor da miséria, e em que você tem educação. Isso você faz em vinte anos, você tem que fazer”.

A fala acima revela também que o discurso que Fernando Henrique Cardoso procura promover está fundamentado no *imaginário da soberania popular*, na medida em que busca se apoiar nas figuras do *igualitarismo*: “*O que é o Primeiro Mundo? É você ter uma sociedade mais igualitária, em que todo mundo paga imposto, todos pagam, portanto, a taxa, a contribuição de cada um não precisa ser tão elevada [...]*”. E também da *solidariedade*: “[...] *em que a elite não é simplesmente cega ao clamor da miséria, e em que você tem educação Isso você faz em vinte anos, você tem que fazer*”.

Quanto ao *imaginário do sucesso*, que também participa da fundamentação do discurso de Fernando Henrique Cardoso, é possível observar que nessa resposta ele está sustentado pela figura do “progresso”, notada em:

“Veja, por que eu disse isso, vinte anos e tal? Qualquer um de nós que conheça, muitos conhecem o que aconteceu na Espanha ou na França depois da guerra, viu que em vinte anos aquilo mudou, não é isso? Ou vocês pensam que a França era a prosperidade de hoje? Não era. Era uma França bastante empobrecida”.

A figura da “superação” pode ser percebida no segmento: “[...] *Olha aqui, o Primeiro Mundo é aqui dentro, se você não tem Primeiro Mundo aqui dentro, não tem lá fora*”. E também pela figura do “êxito”:

“O que é o Primeiro Mundo? É você ter uma sociedade mais igualitária, em que todo mundo paga imposto, todos pagam, portanto, a taxa, a contribuição de cada um não precisa ser tão elevada, em que a elite não é simplesmente cega ao clamor da miséria, e em que você tem educação. Isso você faz em vinte anos, você tem que fazer”.

Todas essas representações mobilizadas pela fala do entrevistado contribuem para a evocação de determinadas imagens que corroboram para a elaboração do *ethos de virtude*, por meio de um discurso que promove a ideia de sinceridade, como no trecho: “*O ministro do Exterior não pode fazer uma mágica boba: vou resolver que o Brasil vá ao Primeiro Mundo. Não vai*”. Há também o *ethos de competência*, pela demonstração de um *saber-fazer* analítico, da experiência adquirida na vida pública e acadêmica, enfim de ser uma pessoa portadora de habilidade intelectual, como é possível notar em:

“É isso aí. Veja, por que eu disse isso, vinte anos e tal? Qualquer um de nós que conheça, muitos conhecem o que aconteceu na Espanha ou na França depois da guerra, viu que em vinte anos aquilo mudou, não é isso? Ou vocês pensam que a França era a prosperidade de hoje? Não era. Era uma França bastante empobrecida. A Espanha, nem se fala, a Espanha não foi por causa da guerra, ela até se beneficiou com a guerra, mas mudou em vinte anos. Um país como o Brasil pode [...]”.

“O que é o Primeiro Mundo? É você ter uma sociedade mais igualitária, em que todo mundo paga imposto, todos pagam, portanto, a taxa, a contribuição de cada um não precisa ser tão elevada, em que a elite não é simplesmente cega ao clamor da miséria, e em que você tem educação. Isso você faz em vinte anos, você tem que fazer”.

Observa-se ainda o *ethos de solidariedade* no trecho:

“O que é o Primeiro Mundo? É você ter uma sociedade mais igualitária, em que todo mundo paga imposto, todos pagam, portanto, a taxa, a contribuição de cada um não precisa ser tão elevada, em que a elite não é simplesmente cega ao clamor da miséria, e em que você tem educação”.

TRECHO [2]:

Tonico Ferreira: No sentido de que as coisas são muito difíceis, é difícil mudar, vinte anos. Agora, nós não podemos – o Brasil pode mudar em vinte anos –, mas não podemos ficar com uma inflação de 20%, 30% [ao mês] durante dois anos.

Fernando Henrique Cardoso: *Não, eu não acho isso, não. Já que você tocou nesse ponto, eu vou repetir um argumento que eu tenho usado. Eu comecei minha vida universitária como assistente de história econômica da USP, e eu não sabia praticamente nada, eu tinha 20, 21 anos; comecei a ler, porque tinha que ler para poder dar aula, e um livro me impressionou muito, de um americano chamado Hamilton, que fala sobre história econômica. Ele era professor de história econômica, e ele tem um estudo sobre a inflação na Europa do século XVII. Na Europa no século XVII a inflação durou cem anos – não é para nós isso, não. Agora, o século XVII foi chamado de o século de ouro na Europa. Bom, eu não estou defendendo a inflação, eu estou dizendo que a inflação não é uma coisa, a inflação brasileira tem certas peculiaridades, primeiro que ela é antiga, e isso é ruim, é difícil combater. Segundo, que ela passou a ser uma inflação que permitiu, em certos momentos, o crescimento econômico. Terceiro, que para alguns é vantajosa. Quarto, que a inflação nossa hoje é a mais perversa de todas, por quê? Porque ela é estável ao nível...*

Análise:

Nesta resposta, Fernando Henrique Cardoso demonstra ser portador de um *saber de conhecimento* de natureza *culta* e *teórica*, ao relatar certo episódio de sua vida, quando iniciava sua atividade de professor assistente, procurando mostrar sua capacidade intelectual adquirida pela experiência vivida no âmbito universitário. Isso pode ser constatado pelo trecho narrado:

“Eu comecei minha vida universitária como assistente de história econômica da USP, e eu não sabia praticamente nada, eu tinha 20, 21 anos; comecei a ler, porque tinha que ler para poder dar aula, e um livro me impressionou muito, de um americano chamado Hamilton, que fala sobre história econômica”.

É possível notar também uma forma de *saber de conhecimento* de natureza *empírica* no segmento de fala:

“[...] a inflação brasileira tem certas peculiaridades, primeiro que ela é antiga, e isso é ruim, é difícil combater. Segundo, que ela passou a ser uma inflação que permitiu, em certos momentos, o crescimento econômico. Terceiro, que para alguns é vantajosa. Quarto, que a inflação nossa hoje é a mais perversa de todas, por quê? Porque ela é estável ao nível...”.

Ao falar das características históricas da inflação brasileira, de suas causas e consequências, o político em questão demonstra ser conhecedor da situação econômica do país e que possui conhecimento e experiência suficientes que lhe conferem a capacidade de lidar com a situação econômica enfrentada e propor ações que sejam mais adequadas.

O discurso que Fernando Henrique Cardoso utiliza nessa resposta parece estar fundamentado no *imaginário da modernidade*, sustentado pela figura do *economismo*, característica que predomina em sua fala, como é possível notar no seguinte segmento:

“Ele era professor de história econômica, e ele tem um estudo sobre a inflação na Europa do século XVII. Na Europa no século XVII a inflação durou cem anos – não é para nós isso, não. Agora, o século XVII foi chamado de o século de ouro na Europa. Bom, eu não estou defendendo a inflação, eu estou dizendo que a inflação não é uma coisa, a inflação brasileira tem certas

peculiaridades, primeiro que ela é antiga, e isso é ruim, é difícil combater. Segundo, que ela passou a ser uma inflação que permitiu, em certos momentos, o crescimento econômico. Terceiro, que para alguns é vantajosa. Quarto, que a inflação nossa hoje é a mais perversa de todas, por quê? Porque ela é estável ao nível...”

Quanto ao *imaginário do sucesso*, também presente em seu discurso, nota-se a presença de figuras como a do “saber”:

“Eu comecei minha vida universitária como assistente de história econômica da USP, e eu não sabia praticamente nada, eu tinha 20, 21 anos; comecei a ler, porque tinha que ler para poder dar aula, e um livro me impressionou muito, de um americano chamado Hamilton, que fala sobre história econômica [...]”

E também a figura do “esforço”, associada à ideia do “trabalho” e de “superação” de um estado anterior de ignorância: *“Eu comecei minha vida universitária como assistente de história econômica da USP, e eu não sabia praticamente nada, eu tinha 20, 21 anos; comecei a ler, porque tinha que ler para poder dar aula”*.

Algumas representações sobre a pessoa de Fernando Henrique Cardoso são evocadas com o intuito de promover determinados *ethé* de credibilidade, como o *ethos de competência*, sobretudo pela utilização de um discurso que busca promover a ideia de domínio e compreensão do tema, pela demonstração de um *saber-fazer*, conquistada pelos estudos, pelas funções exercidas e pela experiência adquirida, enquanto professor de história da economia. Isso pode ser percebido nos trechos:

“Eu comecei minha vida universitária como assistente de história econômica da USP, e eu não sabia praticamente nada, eu tinha 20, 21 anos; comecei a ler, porque tinha que ler para poder dar aula, e um livro me impressionou muito, de um americano chamado Hamilton, que fala sobre história econômica”.

“[...] a inflação brasileira tem certas peculiaridades, primeiro que ela é antiga, e isso é ruim, é difícil combater. Segundo, que ela passou a ser uma inflação que permitiu, em certos momentos, o crescimento econômico. Terceiro, que para alguns é vantajosa. Quarto, que a inflação nossa hoje é a mais perversa de todas, por quê? Porque ela é estável ao nível...”

Considerações preliminares:

Nas respostas analisadas acima foi possível observar que o discurso de Fernando Henrique Cardoso busca privilegiar determinados modos de organização que privilegia alguns tipos de *saberes*. É possível observar na primeira resposta uma forma de *saber de conhecimento* de cunho *empírico*, mostra por meio de sua fala um grau de conhecimento revelador de sua experiência enquanto sociólogo e conhecedor da história e da política no mundo moderno e contemporâneo. Há também nessa resposta um *saber de crença* de cunho *ideológico*, na medida em que o entrevistado busca passar sua visão e compreensão do que venha a ser uma sociedade tida como de “primeiro mundo”. Na segunda resposta ocorrem presenças tanto de um *saber culto*, ao relatar certo episódio de sua vida, quando iniciava sua atividade de professor assistente, procurando mostrar sua capacidade intelectual adquirida pela experiência vivida na universidade, quanto por um *saber de experiência*, pela demonstração de entendimento da história e das conjunturas econômicas não só do Brasil, como na Europa, por exemplo.

No que se refere à fundamentação de seu discurso, nota-se na primeira resposta analisada a presença do *imaginário da soberania popular*, nas figuras do *igualitarismo* e da *solidariedade*. Já na segunda resposta analisada observa-se a recorrência ao *imaginário da modernidade*, pelo uso da figura do *economismo*. Observa-se também na fundamentação do discurso de Fernando Henrique Cardoso a presença recorrente do *imaginário do sucesso*, sustentado por algumas figuras como o domínio do “progresso”, a “superação”, e o “êxito”, presentes na primeira resposta. No caso da segunda resposta analisada observa-se que o *imaginário do sucesso* encontra-se estruturado por um conjunto de representações constituídas pelas imagens de “saber”, de “esforço” e de “superação”. Figuras estas que contribuem para promover a ideia de *sucesso* e reforçar determinadas identidades que o ator político procura construir diante dos cidadãos eleitores.

A partir daí torna-se possível perceber nos trechos analisados a presença de imagens elaboradas com a finalidade de projetar no imaginário social alguns *ethé de credibilidade*, como o *ethos de virtude*, e o *ethos de competência*; e também certos *ethé de identificação*, sobretudo o *ethos de solidariedade*.

→ FERNANDO HENRIQUE CARDOSO - ENTREVISTA - 21/07/1994

Nesta entrevista concedida ao programa *Roda Viva*, em 1994, o então senador e candidato à presidência da República, Fernando Henrique Cardoso, aborda questões sobre sua candidatura, sobre sua atuação enquanto ministro (Relações Exteriores e Fazenda) do governo de Itamar Franco e também sobre o Plano Real, entre outros assuntos relacionados à situação política e também econômica do país.

Após leitura da entrevista foram detectados vinte e dois (22) trechos em que Fernando Henrique Cardoso faz referências a determinados momentos de sua vida e de sua atuação política. Destes foram extraídas duas (2) respostas para a realização das análises.

TRECHO [1]:

Rui Xavier: Mas a que o senhor atribui então esses dados, senador? Esse crescimento do senhor e a queda do Lula...

Fernando Henrique Cardoso: *Eu acho que no que diz respeito a mim... no caso do Lula, deixa lá para o Lula explicar e brigar lá no PT, caiu por isso ou por aquilo, eu não sei. Agora, no caso meu, o que eu acho é o seguinte: o que me surpreendia era o fato de muito antes do Real, com a inflação muito alta, tendo eu sido ministro da Fazenda e os jornais... os adversários dizendo: assumiu com 20%, deixou com 45%. Bom, e a população não era hostil, ao contrário, e logo eu fui para o segundo lugar, com perspectiva do segundo turno, por quê? Porque acreditaram, porque viram que eu lutei muito para fazer as coisas, e que eu fiz o que tinha que fazer. Eu não enganei, não é meu jeito. Eu digo as coisas, eu brigo a toda hora, eu dou detalhe, a minha assessoria manda um bilhetinho: não entre no detalhe, eu entro no detalhe porque eu acho que, no fundo, eu sou professor, meu jeito, meu estilo, então eu não consigo não tentar explicar, tentar convencer. Eu acho que isso pesou, isso pesa porque senão... antes do Real. Agora, com o Real evidentemente a população percebe que houve uma melhoria. A dificuldade maior foi a URV, o que foi difícil foi fazer a URV, porque naquela altura havia o temor de que, dada a pressão sindical, alguns setores sindicais...*

[...]: E a incompreensão também.

Fernando Henrique Cardoso: *[...] a incompreensão, falavam de perdas salariais, e eu banquei o negócio até o fim. Banquei, banquei dentro do governo, banquei no Congresso, banquei na televisão: não tem perda. Eu até pensei que tivesse uma categoria que perdesse, depois o Dieese viu que não tem perda, não houve perda.*

Análise:

Ao observar esta resposta de Fernando Henrique Cardoso é possível perceber que, de modo geral, sua fala está fundamentada no *imaginário da modernidade*, sobretudo no discurso do *economismo*, na medida em que o entrevistado busca explicar sobre os motivos do crescimento de seu nome nas pesquisas de intenção de voto, nas eleições presidenciais de 1994, e para isso recorre a uma forma de argumentação que procura se respaldar nas condições econômicas e nos dados estatísticos referentes aos resultados das medidas adotadas pelo chamado “Plano Real”, elaborado e implantado pela equipe econômica liderada por Fernando Henrique Cardoso. Alguns trechos de sua fala parecem fazer referências a certos elementos do campo econômico:

“[...] o que me surpreendia era o fato de muito antes do Real, com a inflação muito alta, tendo eu sido ministro da Fazenda e os jornais... os adversários dizendo: assumiu com 20%, deixou com 45%.”.

“A dificuldade maior foi a URV, o que foi difícil foi fazer a URV, porque naquela altura havia o temor de que, dada a pressão sindical, alguns setores sindicais...”.

“Eu até pensei que tivesse uma categoria que perdesse, depois o Dieese viu que não tem perda, não houve perda”.

As falas reforçam a ideia de domínio da linguagem técnica referente à área econômica.

Outro aspecto a ser considerado é a recorrência de algumas figuras que são utilizadas para evocar o *imaginário do sucesso*, que participa em grande medida da fundamentação do discurso de Fernando Henrique Cardoso. Representações que remetem à ideia de “trabalho” e “esforço” e ao mesmo tempo de “reconhecimento”, como mostram os trechos:

“Porque acreditaram, porque viram que eu lutei muito para fazer as coisas, e que eu fiz o que tinha que fazer”; “A dificuldade maior foi a URV, o que foi difícil foi fazer a URV, porque naquela altura havia o temor de que, dada a pressão sindical, alguns setores sindicais...”.

A figura da “superação”, percebida em:

“[...] o que me surpreendia era o fato de muito antes do Real, com a inflação muito alta, tendo eu sido ministro da Fazenda e os jornais... os adversários dizendo: assumiu com 20%, deixou com 45%. Bom, e a população não era hostil, ao contrário, e logo eu fui para o segundo lugar, com perspectiva do segundo turno, por quê? Porque acreditaram, porque viram que eu lutei muito para fazer as coisas, e que eu fiz o que tinha que fazer”.

“[...] a incompreensão, falavam de perdas salariais, e eu banquei o negócio até o fim. Banquei, banquei dentro do governo, banquei no Congresso, banquei na televisão: não tem perda. Eu até pensei que tivesse uma categoria que perdesse, depois o Dieese viu que não tem perda, não houve perda”.

A figura do “saber”, que também se faz presente na fala do político, indicando o domínio do conhecimento técnico, conforme a fala:

“[...] fiz o que tinha que fazer. Eu não enganei, não é meu jeito. Eu digo as coisas, eu brigo a toda hora, eu dou detalhe, a minha assessoria manda um bilhetinho: não entre no detalhe, eu entro no detalhe porque eu acho que, no fundo, eu sou professor, meu jeito, meu estilo, então eu não consigo não tentar explicar, tentar convencer”.

Estas figuras revelam a tentativa de mostrar que apesar de todas as dificuldades, com muito “trabalho” e “esforço”, e também com a capacidade de *saber-fazer*, foi possível superar as dificuldades e convencer a população que o caminho adotado é o mais correto.

Outras representações que compõem o *imaginário do sucesso* também podem ser observadas no discurso de Fernando Henrique Cardoso, como as figuras do “reconhecimento” e do “mérito”, exemplificadas pelo trecho: *“Bom, e a população não era hostil, ao contrário, e logo eu fui para o segundo lugar, com perspectiva do segundo turno [...]”*; a figura do “progresso”: *“Agora, com o Real evidentemente a população percebe que houve uma melhoria”*; e a figura do “êxito”: *“[...] depois o Dieese viu que não tem perda, não houve perda”*.

A fala de Fernando Henrique Cardoso busca promover, por meio de um conjunto de representações, uma identidade política que corresponda a determinadas expectativas da instância cidadã em relação ao papel de uma liderança política na construção e execução de um projeto de sociedade almejado. O entrevistado lança em seu discurso

uma série de imagens que contribuem para reforçar e elaborar determinados *ethé*, responsáveis pela identificação e pela credibilidade, como é o caso do *ethos de virtude*, transmitido por meio de um discurso que busca promover a ideia de honestidade, de lealdade e de sinceridade, imagens notadas nos segmentos: “*Eu acho que no que diz respeito a mim... no caso do Lula, deixa lá para o Lula explicar e brigar lá no PT, caiu por isso ou por aquilo, eu não sei*”; “*Eu não enganei, não é meu jeito*”; “*Eu digo as coisas*”.

O *ethos de competência* parece se revelar por meio da demonstração da capacidade de *saber-fazer*, da habilidade intelectual de entendimento e de explicação e também pela experiência adquirida, características que podem ser observadas nos trechos:

“[...] *eu dou detalhe, a minha assessoria manda um bilhete: não entre no detalhe, eu entro no detalhe porque eu acho que, no fundo, eu sou professor, meu jeito, meu estilo, então eu não consigo não tentar explicar, tentar convencer*”.

“*A dificuldade maior foi a URV, o que foi difícil foi fazer a URV, porque naquela altura havia o temor de que, dada a pressão sindical, alguns setores sindicais...*”.

É possível ainda observar a tentativa de incorporação do *ethos de potência* nos trechos seguintes:

“*Porque acreditaram, porque viram que eu lutei muito para fazer as coisas, e que eu fiz o que tinha que fazer*”.

“[...] *a incompreensão, falavam de perdas salariais, e eu banquei o negócio até o fim. Banquei, banquei dentro do governo, banquei no Congresso, banquei na televisão: não tem perda*”.

Também o *ethos de caráter*, por meio da ideia de “coragem” (*banquei*) e de “orgulho” (*não houve perda*):

“[...] *a incompreensão, falavam de perdas salariais, e eu banquei o negócio até o fim. Banquei, banquei dentro do governo, banquei no Congresso, banquei na televisão: não tem perda. Eu até pensei que tivesse uma categoria que perdesse, depois o Dieese viu que não tem perda, não houve perda*”.

TRECHO [2]:

Josemar Gimenez: Senador, mudando um pouco de assunto, os seus adversários o chamam muito de candidato das elites, principalmente dos banqueiros, como é o caso de Lula e Quéricia. O senhor tem um dos donos de um grande banco no Brasil, que é o José Eduardo, do Bamerindus, que é coordenador da sua campanha. Como é que o senhor rebate essas acusações?

Fernando Henrique Cardoso: *Com muita tranqüilidade. Em primeiro lugar, elite, é bom ser da elite; o Lula é da elite, elite sindical. Eu sou, eu pertenço à elite cultural, não nego esse fato, e acho bom, bom porque eu trabalhei, eu me esforcei, eu estudei, eu dei duro para ser o que sou. E o Lula deu duro para ser o que ele é, líder sindical importante. É bom! Elite quer dizer isso, são os melhores nas suas categorias. Outra coisa é elite econômica, a qual eu não pertenço. E a política que eu sustentei é contra os bancos... não é contra os bancos, é contra o ganho do capital financeiro desbragado como foi no Brasil. Nós é que fizemos isso, essa política aí do Real vai desinflar os bancos, eles vão ter... Agora está havendo dificuldade de alguns bancos já, então na prática nós sustentamos uma política que era favorável ao povo, porque o povo é que sofre mais com a inflação, porque a inflação é um grande elemento de concentração de renda no Brasil, em benefício de quem? Do capital financeiro, dos especuladores e do governo. Então, a política que eu sustentei é o oposto disso, o resto é palavra de candidato, demagogia, mas não tem força nos fatos. Nós lutamos a favor de uma política econômica e de uma situação para o Brasil na qual o capital financeiro é penalizado na prática. Não é modo de dizer, na prática fizemos isso, é isso. Agora, quanto ao senador José Eduardo, que é presidente do PTB, o senador José Eduardo é um dos pouquíssimos banqueiros – hoje ele não está em função de banqueiro – que sempre lutou contra os juros altos, que tem ideias chamadas heterodoxas no meio financeiro, é isso, hoje ele é um senador, é um político, e as ideias que ele defende não são em função do interesse do banco; e se for, e se o interesse do banco contrariar algum interesse do Brasil, eu fico com o interesse do Brasil e não com o interesse de quem saiu defendendo alguma coisa contrária ao que vale a pena para o povo. Isso para mim é tranqüilo, eu não tenho nenhuma ligação, nenhuma responsabilidade, nenhuma promessa, nenhuma ligação efetiva de fazer política tal ou qual, diferente daquela que eu estou dizendo que vou fazer e já fiz como ministro. Não é que vou fazer, já fiz, claramente a favor da redução do lucro do sistema financeiro. O que os candidatos dizem, dizem cada um aquilo...*

Análise:

Nesta resposta, Fernando Henrique Cardoso organiza sua fala recorrendo a saberes de diferentes ordens, mas que visam associar a sua pessoa as imagens, sobretudo, de competência e de inteligência, utilizando para isso um tipo de *saber de conhecimento*, de natureza *culta*, quando diz: “*Eu sou, eu pertenço à elite cultural*”. O político recorre também a um *saber de conhecimento* de cunho *empírico*, que procura demonstrar sua capacidade de tomada de decisão e de ação, e que pode ser notado nos trechos seguintes:

“E a política que eu sustentei é contra os bancos... não é contra os bancos, é contra o ganho do capital financeiro desbragado como foi no Brasil. Nós é que fizemos isso, essa política aí do Real vai desinflar os bancos, eles vão ter...”

“Então, a política que eu sustentei é o oposto disso, o resto é palavra de candidato, demagogia, mas não tem força nos fatos. Nós lutamos a favor de uma política econômica e de uma situação para o Brasil na qual o capital financeiro é penalizado na prática. Não é modo de dizer, na prática fizemos isso, é isso”

“Não é que vou fazer, já fiz, claramente a favor da redução do lucro do sistema financeiro”

Observa-se também na fala do entrevistado a presença do *saber de crença*, de cunho *ideológico*, como mostra os segmentos:

“Nós lutamos a favor de uma política econômica e de uma situação para o Brasil na qual o capital financeiro é penalizado na prática”

“[...] e se o interesse do banco contrariar algum interesse do Brasil, eu fico com o interesse do Brasil e não com o interesse de quem saiu defendendo alguma coisa contrária ao que vale a pena para o povo”

“Isso para mim é tranquilo, eu não tenho nenhuma ligação, nenhuma responsabilidade, nenhuma promessa, nenhuma ligação efetiva de fazer política tal ou qual, diferente daquela que eu estou dizendo que vou fazer e já fiz como ministro”

Estes trechos de fala procuram evidenciar a perspectiva e a compreensão política que o político em questão visa adotar e transmitir como parte de seu ideal político.

Como parte da fundamentação de seu discurso, Fernando Henrique Cardoso parece procurar nessa resposta associar duas formas de *imaginário de verdade*, uma vez que recorre tanto ao *imaginário da modernidade*, pelo discurso do *economismo*, como pode ser notado no segmento: *“[...] porque a inflação é um grande elemento de concentração de renda no Brasil, em benefício de quem? Do capital financeiro, dos especuladores e do governo”*; quanto ao *imaginário da soberania popular*, pelo discurso da *solidariedade*, conforme pode ser observado nos trechos:

“[...] então na prática nós sustentamos uma política que era favorável ao povo, porque o povo é que sofre mais com a inflação, porque a inflação é um grande elemento de concentração de renda no Brasil”.

“[...] e se o interesse do banco contrariar algum interesse do Brasil, eu fico com o interesse do Brasil e não com o interesse de quem saiu defendendo alguma coisa contrária ao que vale a pena para o povo”.

A fala de Fernando Henrique Cardoso, aqui, recorre a uma série de representações referentes ao *imaginário do sucesso*, responsável por fundamentar seu discurso. Figuras como o “trabalho” e o “esforço”, estão presentes em diversos momentos de sua fala:

“Eu sou, eu pertenço à elite cultural, não nego esse fato, e acho bom, bom porque eu trabalhei, eu me esforcei, eu estudei, eu dei duro para ser o que sou”.

“Nós é que fizemos isso, essa política aí do Real vai desinflar os bancos”.

“Nós lutamos a favor de uma política econômica e de uma situação para o Brasil na qual o capital financeiro é penalizado na prática”.

O entrevistado busca também explicitar sua capacidade de entendimento e de ação, pela figura do “saber”, e do domínio do conhecimento técnico e teórico, como poder ser percebido em: *“Eu sou, eu pertenço à elite cultural”*; *“Não é que vou fazer, já fiz, claramente a favor da redução do lucro do sistema financeiro”*; *“Elite quer dizer isso, são os melhores nas suas categorias”*.

Todo um conjunto de representações é evocado com o intuito de corroborar pela construção de uma identidade política capaz de promover identificação e credibilidade junto à instância cidadã. O discurso de Fernando Henrique Cardoso recorre a uma série de imagens que associadas a sua pessoa permitem a incorporação do *ethos de virtude*, pela ideia de honestidade e de sinceridade sobre sua condição social, e de lealdade ao povo, conforme mostra os trechos:

“Eu sou, eu pertenço à elite cultural, não nego esse fato, e acho bom, bom porque eu trabalhei, eu me esforcei, eu estudei, eu dei duro para ser o que sou”.

“Outra coisa é elite econômica, a qual eu não pertencço”.

“[...] e se o interesse do banco contrariar algum interesse do Brasil, eu fico com o interesse do Brasil e não com o interesse de quem saiu defendendo alguma coisa contrária ao que vale a pena para o povo”.

Observa-se também a presença de um *ethos de competência*, pela demonstração do *saber-fazer* e da experiência adquirida, como revelam os segmentos:

“Nós lutamos a favor de uma política econômica e de uma situação para o Brasil na qual o capital financeiro é penalizado na prática. Não é modo de dizer, na prática fizemos isso, é isso”.

“Não é que vou fazer, já fiz, claramente a favor da redução do lucro do sistema financeiro”.

Percebe-se ainda o *ethos de inteligência* ao dizer: *“Eu sou, eu pertencço à elite cultural, não nego esse fato, e acho bom, bom porque eu trabalhei, eu me esforcei, eu estudei, eu dei duro para ser o que sou”.*

Considerações preliminares:

Na segunda resposta analisada foi possível observar que o discurso de Fernando Henrique Cardoso busca privilegiar determinados modos de organização que privilegia alguns tipos de *saberes de conhecimento*, representado tanto por um *saber culto*, quanto por um *saber de experiência*. É possível observar também na segunda resposta a presença de um *saber de crença* do tipo *ideológico*, revelando sua compreensão do campo de atuação política, sobretudo ações que dizem respeito à atividade econômica e suas implicações sociais e seu posicionamento a respeito de certas condutas e ações políticas que adotou enquanto ministro e que pretende adotar caso seja eleito.

No que se refere à fundamentação de seu discurso, nota-se na primeira resposta analisada a presença do *imaginário da modernidade*, pelo discurso do *economismo*. Já na segunda resposta analisada observa-se a recorrência ao *imaginário da modernidade*, pelo uso da figura do *economismo*, mas desta vez associado ao *imaginário da soberania popular*, pela promoção de um discurso da *solidariedade*.

Observa-se também na fundamentação do discurso de Fernando Henrique Cardoso a presença recorrente do *imaginário do sucesso*, sustentado por algumas figuras com o predomínio do “esforço”, da “superação”, “progresso”, presentes na primeira resposta. No caso da segunda resposta analisada observa-se que o *imaginário do sucesso* encontra-se estruturado por um conjunto de representações constituídas pelas imagens de “saber”, de “esforço” e de “trabalho”. Figuras estas que contribuem para promover a ideia de *sucesso* e reforçar determinadas identidades que o ator político procura construir diante dos cidadãos eleitores.

A partir daí torna-se possível perceber nos trechos analisados a presença de imagens elaboradas com a finalidade de projetar no imaginário social alguns *ethé de credibilidade*, como o *ethos de virtude*, e o *ethos de competência*; e também certos *ethé de identificação*, exemplificado pelo *ethos de potência* e pelo *ethos de caráter*, no primeiro caso; e pelo *ethos de inteligência*, no segundo.

→ FERNANDO HENRIQUE CARDOSO - ENTREVISTA - 14/10/1996

Em entrevista concedida ao programa *Roda Viva*, no ano de 1996, o então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso fala, entre outros assuntos, sobre os rumos da política econômica brasileira e os desafios enfrentados na condução do país.

Nessa entrevista foram observados trinta e sete trechos (37) em que Fernando Henrique Cardoso apresenta referências às passagens de sua vida, sobretudo de sua atuação política. Desse conjunto foram selecionadas duas (2) respostas consideradas relevantes quanto à apresentação de narrativas sobre suas ações e pensamentos, para a realização das análises.

TRECHO [1]:

Eleonora de Lucena: Mas o PIB industrial está caindo.

Fernando Henrique Cardoso: *Não está caindo, não. Esteve no ano passado porque nós seguramos o crescimento, que estava em 10% em janeiro, fevereiro, e o governo, por causa do que eu já disse aqui, que teve que aumentar a taxa de juros por causa da crise do México, nós seguramos o crescimento. Agora nós estamos soltando aos poucos para poder manter a inflação baixa. No modelo anterior, o que havia? O câmbio favorecia as exportações, o salário era baixo e havia inflação. Bom, esse preço o Brasil não deve pagar de novo para ter um crescimento aparentemente rápido, porque isso não é crescimento, é deformação em benefício dos muito ricos e em prejuízo do povo, que é quem pagou o preço de tudo isso. A minha proposta é de fazer o que estamos*

fazendo, ou seja, a população não está sofrendo nenhum custo, sinal de que está melhorando sua vida. São dados, não sou eu quem está dizendo, são os dados, todos os dados [...]. E há a retomada industrial agora, porque nós estamos soltando de novo. A taxa de crescimento aqui nunca foi recessiva desde 1992, é só olhar os números. Agora, sem olhar número, a gente pode colocar o título que quiser, “Estamos indo para uma recessão”, só que não é verdade.

Análise:

A resposta selecionada para análise é portadora de uma forma de *saber de conhecimento* que se sustenta por meio da demonstração de um domínio *técnico* e, ao mesmo tempo, um *saber culto*, na medida em que Fernando Henrique Cardoso procura mostrar o conhecimento que possui acerca de determinadas questões referentes a assuntos de ordem econômica, como pode ser notado no trecho:

“Não está caindo, não. Esteve no ano passado porque nós seguramos o crescimento, que estava em 10% em janeiro, fevereiro, e o governo, por causa do que eu já disse aqui, que teve que aumentar a taxa de juros por causa da crise do México, nós seguramos o crescimento. Agora nós estamos soltando aos poucos para poder manter a inflação baixa”.

Em sua fala é possível perceber também um *saber de conhecimento*, desta vez de cunho *empírico*, uma vez que tal sujeito político busca evidenciar sua capacidade em lidar com questões complexas no âmbito das ações políticas adotadas em seu governo, com o intuito de promover o crescimento econômico e o desenvolvimento social, procurando demonstrar a experiência adquirida ao longo de sua vida política. Isso pode ser percebido no segmento:

“No modelo anterior, o que havia? O câmbio favorecia as exportações, o salário era baixo e havia inflação. Bom, esse preço o Brasil não deve pagar de novo para ter um crescimento aparentemente rápido, porque isso não é crescimento, é deformação em benefício dos muito ricos e em prejuízo do povo, que é quem pagou o preço de tudo isso”.

Quanto ao imaginário que parece fundamentar seu discurso, observa-se a evocação do *imaginário da modernidade*, por meio do emprego do discurso do *economismo*, como se nota em diversos momentos de sua fala, que recorre ao uso de termos e expressões referentes ao universo especializado da economia:

“Não está caindo, não. Esteve no ano passado porque nós seguramos o crescimento, que estava em 10% em janeiro, fevereiro, e o governo, por causa do que eu já disse aqui, que teve que aumentar a taxa de juros por causa da crise do México, nós seguramos o crescimento. Agora nós estamos soltando aos poucos para poder manter a inflação baixa. No modelo anterior, o que havia? O câmbio favorecia as exportações, o salário era baixo e havia inflação”.

“São dados, não sou eu quem está dizendo, são os dados, todos os dados”.

“A taxa de crescimento aqui nunca foi recessiva desde 1992, é só olhar os números”.

De modo paralelo ao *imaginário da modernidade*, Fernando Henrique Cardoso recorre também ao *imaginário da soberania popular*, pelo discurso da *solidariedade*, conforme é possível notar em:

“Bom, esse preço o Brasil não deve pagar de novo para ter um crescimento aparentemente rápido, porque isso não é crescimento, é deformação em benefício dos muito ricos e em prejuízo do povo, que é quem pagou o preço de tudo isso. A minha proposta é de fazer o que estamos fazendo, ou seja, a população não está sofrendo nenhum custo, sinal de que está melhorando sua vida”.

Outro recurso que Fernando Henrique Cardoso parece utilizar na fundamentação de seu discurso diz respeito à evocação do *imaginário do sucesso*, pela constante referência a determinadas figuras como a do “saber”, ligada à imagem de competência e representada pela afirmação do domínio técnico, como em:

“Não está caindo, não. Esteve no ano passado porque nós seguramos o crescimento, que estava em 10% em janeiro, fevereiro, e o governo, por causa do que eu já disse aqui, que teve que aumentar a taxa de juros por causa da crise do México, nós seguramos o crescimento. Agora nós estamos soltando aos poucos para poder manter a inflação baixa”.

Outra figura presente na fala de Fernando Henrique Cardoso é a da “superação”, que pode ser notada em:

“No modelo anterior, o que havia? O câmbio favorecia as exportações, o salário era baixo e havia inflação. Bom, esse preço o Brasil não deve pagar de novo para ter um crescimento aparentemente rápido, porque isso não é crescimento, é deformação em benefício dos muito ricos e em prejuízo do povo, que é quem pagou o preço de tudo isso”.

Também as figuras do “progresso” e do “êxito” que podem ser encontradas em:

“A minha proposta é de fazer o que estamos fazendo, ou seja, a população não está sofrendo nenhum custo, sinal de que está melhorando sua vida”.

“E há a retomada industrial agora, porque nós estamos soltando de novo. A taxa de crescimento aqui nunca foi recessiva desde 1992, é só olhar os números”.

Observa-se ainda a presença da figura do “reconhecimento” percebida em: *“São dados, não sou eu quem está dizendo, são os dados, todos os dados”.*

Em sua resposta o entrevistado recorre ainda a determinadas representações sociais que corroboram para a construção da imagem de si que o político visa promover junto à instância cidadã, com o intuito de transmitir credibilidade junto ao seu eleitorado. Nota-se em certos momentos a tentativa de incorporação do *ethos de competência*, por meio de um discurso que exalte suas habilidades e capacidades de *saber-fazer* e pela demonstração da experiência adquirida na atividade política, como pode ser observado nos segmentos seguintes:

“Não está caindo, não. Esteve no ano passado porque nós seguramos o crescimento, que estava em 10% em janeiro, fevereiro, e o governo, por causa do que eu já disse aqui, que teve que aumentar a taxa de juros por causa da crise do México, nós seguramos o crescimento. Agora nós estamos soltando aos poucos para poder manter a inflação baixa”.

“E há a retomada industrial agora, porque nós estamos soltando de novo. A taxa de crescimento aqui nunca foi recessiva desde 1992, é só olhar os números”.

Também é possível notar a presença de um *ethos de solidariedade* em:

“Bom, esse preço o Brasil não deve pagar de novo para ter um crescimento aparentemente rápido, porque isso não é

crescimento, é deformação em benefício dos muito ricos e em prejuízo do povo, que é quem pagou o preço de tudo isso”.

“A minha proposta é de fazer o que estamos fazendo, ou seja, a população não está sofrendo nenhum custo, sinal de que está melhorando sua vida”.

TRECHO [2]:

Ricardo Noblat: E para o Brasil, daqui a dois anos?

Fernando Henrique Cardoso: *Daqui a dois anos, desde já, é o mesmo. Você hoje já tem condições, porque a casa foi sendo posta em ordem. Quando você começa a botar uma casa em ordem, e ela está em reforma, ela está com a pintura suja ainda, você não vê tudo, não é isso? Agora que as pessoas vão começar a ver... você não vê nem os alicerces; nós fizemos os alicerces. Tivemos coragem, é bom dizer isso, contra a opinião de muita gente, enfrentamos tudo: Congresso em certos momentos, movimentos sociais em outros momentos etc. Mas com convicção. Qual era a convicção? De que se não houvesse o controle da inflação, nada mais se ajeitaria – condição necessária, não suficiente. Bom, agora estamos entrando na fase das outras condições para que o Brasil retome o crescimento: é investimento, é desenvolvimento da educação, é desenvolvimento tecnológico, é investimento, e progressivamente, o que está acontecendo e espero que continue, redistribuição melhor dessa renda.*

Análise:

Nesta resposta observa-se a presença de uma forma de *saber de conhecimento* de cunho *empírico*, quando Fernando Henrique Cardoso busca transmitir a ideia de ser possuidor de certa capacidade de entendimento e compreensão dos temas relativos à administração pública, bem como de assuntos referentes à economia. Conhecimentos estes que foram adquiridos não só através do saber culto e teórico obtidos ao longo de sua vida acadêmica, mas também pela experiência adquirida no decorrer de sua atuação política, tanto no senado quanto nos ministérios em que atuou. Isso pode ser observado em segmentos como:

“Você hoje já tem condições, porque a casa foi sendo posta em ordem. Quando você começa a botar uma casa em ordem, e ela está em reforma, ela está com a pintura suja ainda, você não vê tudo, não é isso?”.

“Qual era a convicção? De que se não houvesse o controle da inflação, nada mais se ajeitaria”.

É possível notar que a fala de Fernando Henrique Cardoso recorre ao *imaginário da modernidade*, pela utilização do discurso do *economismo*, na medida em que faz referências ao universo da economia utilizando expressões e uma linguagem de caráter técnico, em momentos como:

“Bom, agora estamos entrando na fase das outras condições para que o Brasil retome o crescimento: é investimento, é desenvolvimento da educação, é desenvolvimento tecnológico, é investimento, e progressivamente, o que está acontecendo e espero que continue, redistribuição melhor dessa renda”.

Em sua fala Fernando Henrique Cardoso procura evocar algumas figuras que compõem o *imaginário do sucesso*, responsável pela fundamentação de seu discurso. É possível notar a presença da figura da “superação” em: “*Você hoje já tem condições, porque a casa foi sendo posta em ordem*”; a figura do “trabalho” e do “esforço”, sobreposta a figura da “coragem”: “[...] *nós fizemos os alicerces. Tivemos coragem, é bom dizer isso, contra a opinião de muita gente, enfrentamos tudo: Congresso em certos momentos, movimentos sociais em outros momentos etc.*”. Encontra-se também a figura do “saber”, pela demonstração do domínio do conhecimento técnico: “*Mas com convicção. Qual era a convicção? De que se não houvesse o controle da inflação, nada mais se ajeitaria – condição necessária, não suficiente*”. Bem como a figura do “progresso” e do “êxito”, que aqui se sobrepõem:

“Bom, agora estamos entrando na fase das outras condições para que o Brasil retome o crescimento: é investimento, é desenvolvimento da educação, é desenvolvimento tecnológico, é investimento, e progressivamente, o que está acontecendo e espero que continue, redistribuição melhor dessa renda”.

Em sua resposta, Fernando Henrique Cardoso recorre a algumas representações que contribuem para a construção de uma identidade política que visa corresponder a determinadas demandas da instância cidadã quanto ao tipo de liderança esperada. Para isso, o político utiliza na organização de sua fala algumas imagens que contribuem para assimilação do *ethos de competência*, demonstrado por um discurso que busca transmitir a ideia de *saber-fazer*, de portador da capacidade e habilidade técnicas necessárias ao exercício político, como poder ser observado em trechos como:

“Você hoje já tem condições, porque a casa foi sendo posta em ordem”.

“[...] nós fizemos os alicerces”.

“Mas com convicção. Qual era a convicção? De que se não houvesse o controle da inflação, nada mais se ajeitaria – condição necessária, não suficiente”.

“Bom, agora estamos entrando na fase das outras condições para que o Brasil retome o crescimento: é investimento, é desenvolvimento da educação, é desenvolvimento tecnológico, é investimento, e progressivamente, o que está acontecendo e espero que continue, redistribuição melhor dessa renda”.

Também é possível notar a evocação do *ethos de caráter*, pela ideia de “coragem”, transmitida pelo segmento: “Tivemos coragem, é bom dizer isso, contra a opinião de muita gente, enfrentamos tudo: Congresso em certos momentos, movimentos sociais em outros momentos etc”.

Considerações preliminares:

Na primeira resposta analisada foi possível observar que o discurso de Fernando Henrique Cardoso busca privilegiar determinados modos de organização que privilegia alguns tipos de *saberes de conhecimento*, representado tanto por um *saber culto*, voltado para a afirmação de sua capacidade de entendimento e compreensão de certas questões sociais e da análise de assuntos referentes à economia, quanto por *um saber de experiência*, uma vez que tal sujeito político busca evidenciar sua capacidade em lidar com questões complexas no âmbito das políticas adotadas em seu governo demonstrando a experiência adquirida na vida política.

No que se refere à fundamentação de seu discurso, observa-se na primeira resposta analisada a presença do *imaginário da modernidade*, pelo discurso do *economismo*; também a evocação do *imaginário da soberania popular*, pela promoção de um discurso da *solidariedade*. Já na segunda resposta analisada observa-se a recorrência ao *imaginário da modernidade*, pelo uso da figura do *economismo*.

Observa-se também na fundamentação do discurso de Fernando Henrique Cardoso a presença recorrente do *imaginário do sucesso*, sustentado por algumas figuras com o predomínio do “saber”, da “superação”, “progresso”, “êxito” e

“reconhecimento” presentes na primeira resposta. No caso da segunda resposta analisada observa-se que o *imaginário do sucesso* encontra-se estruturado por um conjunto de representações constituídas pelas imagens de “saber”, de “superação” e de “trabalho”. Figuras estas que contribuem para promover a ideia de *sucesso* e reforçar determinadas identidades que o ator político procura construir diante dos cidadãos eleitores.

A partir daí torna-se possível perceber nos trechos analisados a presença de imagens elaboradas com a finalidade de projetar no imaginário social alguns *ethé de credibilidade*, como o *ethos de competência*; e também certos *ethé de identificação*, exemplificado pelo *ethos de caráter* e pelo *ethos de solidariedade*.

→ **FERNANDO HENRIQUE CARDOSO - ENTREVISTA - 30/12/2002**

Nessa entrevista concedida ao programa *Roda Viva* no final de seu segundo mandato, no ano de 2002, o então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso fala do Brasil, de relações internacionais, de Lula e de seu futuro político.

Foram observados em toda a entrevista vinte e um (21) trechos em que o sujeito político Fernando Henrique Cardoso faz referências a sua história de vida, narrando passagens e acontecimentos relativos, predominantemente, a sua atuação política. Desse conjunto de relatos, foram selecionadas duas (2) respostas consideradas relevantes por conterem narrativas que dizem respeito à história do sujeito entrevistado.

TRECHO [1]:

Marco Antônio Coelho Filho: Mas a volta do Estado como uma coisa forte é interessante porque está acontecendo. Aqui mesmo.

Fernando Henrique Cardoso: [interrompendo] *Está acontecendo e independentemente da pressão econômica. Quer dizer, não é para obter vantagem econômica que existe o enrijecimento, este ou aquele no mundo. É para deixar claro a vontade de domínio.*

Paulo Markun: Mas existe papel para o Brasil nesse jogo? O Brasil pode fazer alguma coisa?

Fernando Henrique Cardoso: *Bom, pode. O Brasil mudou muito nesses anos todos. Quer dizer, o Brasil hoje é um país que tem mais peso moral, que é levado a sério porque é um país que cumpre o que promete, é um país que está comprometido com as mudanças sociais. Veja o que aconteceu com a eleição do Lula, que poderia parecer, do ponto de vista do equilíbrio internacional, que seria um grande obstáculo para o*

Brasil. Na medida em que o novo governo está dizendo que vai respeitar certas questões fundamentais para o funcionamento da economia e, na medida em que ele tem uma imagem que se compromete com o combate à desigualdade, isso não é negativo. Eu acho que o que nós fizemos, o que eu ajudei a fazer nesses anos todos foi dar mais respeitabilidade ao Brasil perante nós próprios. Quer dizer, a gente tem que acreditar que vai fazer o que diz que vai fazer. E nós começamos a mudar também as condições sociais. Não por acaso eu ganhei um prêmio das Nações Unidas. Na luta política todo mundo diz: “Ah, só cuida do interesse dos bancos”! Não é verdade! Eu cuidei do interesse do sistema financeiro para poder manter o país funcionando. Mas os recursos disponíveis investimos entre os mais pobres. Isso, hoje, é visto universalmente como uma coisa positiva. Aí, essa questão que você perguntou, que é a moral. Qual é o grande grito moral do mundo de hoje? É que tendo tanto poder, tanta riqueza. Como é que se permite que a África, por exemplo, morra de Aids? Como é que se permite que ainda exista tanta pobreza? Já deixou de ser uma questão econômica, para ser uma questão ética. Eu acho que essas questões podem ser colocadas e o Brasil tem condições de colocá-las com força na medida em que nós não sejamos hipócritas, na medida em que nós aqui façamos também algo positivo nessa direção. Tem condições de ter um papel crescente no conserto internacional. Agora, nós temos que ser realistas também.

Análise:

O trecho citado acima faz parte de um segmento da entrevista em que se discutia a respeito da presença e da participação do Brasil na conjuntura política internacional contemporânea, enquanto nação democrática. Debatia-se também sobre o papel do Estado no mundo atual.

É possível observar na resposta de Fernando Henrique Cardoso a presença de um tipo de *saber de conhecimento* de natureza *empírica*, e mesmo *técnica*, na medida em que o político procura mostrar a experiência que adquiriu no exercício da atividade política, sobretudo enquanto Presidente, característica que pode ser constatada no trecho: “*Eu cuidei do interesse do sistema financeiro para poder manter o país funcionando*”. Em nossa opinião, tal enunciado parece estar fundamentado em um *imaginário da modernidade*, pois se percebe nele a presença do discurso do *economismo*, na medida em que o político procura demonstrar, mesmo que de forma implícita, que as ações tomadas levaram à superação de problemas.

É oportuno lembrar que o *imaginário de modernidade*, como diz Charaudeau “engendra discursos que celebram a eficácia da ação humana que torna os sonhos concretos e que resultaria da conjunção de uma competência e de uma vontade de agir” (CHARAUDEAU, 2006, p. 216). Ora, isso pode ser percebido no trecho:

“O Brasil mudou muito nesses anos todos. Quer dizer, o Brasil hoje é um país que tem mais peso moral, que é levado a sério porque é um país que cumpre o que promete, é um país que está comprometido com as mudanças sociais”.

De modo paralelo ao *imaginário da modernidade* é possível perceber também a presença de um *imaginário da soberania popular*, caracterizado por um discurso que procura promover os valores do *igualitarismo*, uma vez que Fernando Henrique Cardoso parece querer evidenciar, por meio de sua fala, que as ações de sua política de governo possibilitaram promover maior igualdade entre as classes, ou dito de outra maneira, teriam permitido reduzir a diferença existente entre os mais ricos e os mais pobres, no Brasil. Imaginário este marcado também por um discurso de *solidariedade* que prega maior justiça social, conforme podemos visualizar a seguir:

“[...] é um país que está comprometido com as mudanças sociais”.

[...]

“E nós começamos a mudar também as condições sociais”.

[...]

“Mas os recursos disponíveis investimos entre os mais pobres”.

Há ainda que se considerar que a resposta de tal sujeito político recorre a algumas figuras que participam da composição do *imaginário do sucesso*, como aquelas referentes aos valores do “progresso”, este alcançado por meio de ações de governo que levaram à “superação” de uma determinada situação de conflito ou problema. Eis um trecho de fala que ilustra o que foi dito:

“Eu acho que o que nós fizemos, o que eu ajudei a fazer nesses anos todos foi dar mais respeitabilidade ao Brasil perante nós próprios”.

Também encontramos na fala de Fernando Henrique Cardoso a figura do “saber”, percebida por meio da tentativa do político de demonstrar possuir o domínio do conhecimento técnico e a capacidade intelectual que lhe permite emitir opiniões referentes ao papel do Brasil na conjuntura política internacional, conforme revelam os segmentos:

“Como é que se permite que ainda exista tanta pobreza? Já deixou de ser uma questão econômica, para ser uma questão ética. Eu acho que essas questões podem ser colocadas e o Brasil tem condições de colocá-las com força na medida em que nós não sejamos hipócritas, na medida em que nós aqui fazamos também algo positivo nessa direção. Tem condições de ter um papel crescente no conserto internacional”.

Ainda é possível notar na resposta analisada referências às figuras do “reconhecimento” e do “mérito”, presentes nos trechos:

“Não por acaso eu ganhei um prêmio das Nações Unidas”.
[...]
“Isso, hoje, é visto universalmente como uma coisa positiva”.

Quanto aos tipos de *ethé* que podem ser observados na fala de Fernando Henrique Cardoso é possível notar a presença de algumas representações evocadas com a finalidade de incorporar determinada faceta identitária que seja capaz de corresponder a uma expectativa de idealidade social, promovendo credibilidade e identificação junto à instância cidadã. Desse modo, nota-se a presença do *ethos de virtude*, sustentado neste caso por meio de um discurso que faz referências aos valores da *honestidade* e da *sinceridade*, que podem ser percebidos nos trechos:

“Quer dizer, a gente tem que acreditar que vai fazer o que diz que vai fazer”.
[...]
“Eu acho que essas questões podem ser colocadas e o Brasil tem condições de colocá-las com força na medida em que nós não sejamos hipócritas, na medida em que nós aqui fazamos também algo positivo nessa direção. Tem condições de ter um papel crescente no conserto internacional. Agora, nós temos que ser realistas também”.

Observa-se também a tentativa do político de promover um *ethos de competência*, incorporado por meio da utilização de um discurso que procura mostrar certas qualidades e atributos ligados a sua pessoa, apresentando-se enquanto portador de determinados conhecimentos e habilidades necessários ao fazer político, bem como destacando a experiência adquirida na administração federal:

“Eu acho que o que nós fizemos, o que eu ajudei a fazer nesses anos todos foi dar mais respeitabilidade ao Brasil perante nós próprios”.

[...]

“Eu cuidei do interesse do sistema financeiro para poder manter o país funcionando”.

É possível observar ainda que Fernando Henrique Cardoso, em diversos momentos, tenta evocar para si um *ethos de solidariedade*, procurando mostrar a intenção em solucionar as mazelas que afligem a sociedade e que também está atento às necessidades dos cidadãos, características estas que podem ser constatadas nos excertos:

“[...] é um país que está comprometido com as mudanças sociais”.

[...]

“Qual é o grande grito moral do mundo de hoje? É que tendo tanto poder, tanta riqueza. Como é que se permite que a África, por exemplo, morra de Aids? Como é que se permite que ainda exista tanta pobreza? Já deixou de ser uma questão econômica, para ser uma questão ética”.

[...]

“Mas os recursos disponíveis investimos entre os mais pobres”.

As falas acima revelam como Fernando Henrique Cardoso parece querer incorporar uma identidade política que de certa forma contrapõe-se a um *ethos* prévio, que costuma lhe ser atribuído, de político representante da elite econômica do país: *“Na luta política todo mundo diz: “Ah, só cuida do interesse dos bancos”! Não é verdade!”.*

É possível notar ainda na resposta analisada, tendo como referência o trecho: como o sujeito político Fernando Henrique Cardoso procura jogar com imaginários e *ethos* distintos ao emitir sua opinião sobre o peso e o papel do Brasil nas relações políticas internacionais, buscando assim passar a ideia de que em sua gestão o país alcançou maior respeitabilidade, tanto internamente quanto no cenário externo: *“Eu acho que o que nós fizemos, o que eu ajudei a fazer nesses anos todos foi dar mais respeitabilidade ao Brasil perante nós próprios”.*

TRECHO [2]:

Paulo Markun: O senhor mencionou recentemente um paradoxo da sociedade moderna, que é racional, lógica supostamente e que abre espaço - isso se eu não me engano foi no livro da entrevista com Roberto Pompeu de Toledo - abre espaço para o ator indivíduo e deixou claro que esse indivíduo tem que ter competência para se

relacionar com a mídia, para fazer esse jogo que o senhor está mencionando aqui permanentemente. O senhor foi esse ator do governo Fernando Henrique?

Fernando Henrique Cardoso: *Olha, até certo ponto sim, fui reeleito por isso. Agora, você diz que a história moderna é racional. Supostamente! Porque você nunca pode imaginar que uma situação seja puramente racional. Eu sempre digo: Eu sou cartesiano com pitada de Candomblé. Porque se você não tiver pitada de Candomblé, se você não tiver algo de emoção, algo até de irracional, algo de explosivo em certas circunstâncias, você não se comunica. Agora, o paradoxo que eu disse foi exatamente esse: numa sociedade como a nossa, em que todo mundo quer participar e crescentemente, não obstante dá a impressão que as pessoas pesam mais que as instituições. Isso é perigoso, porque isso leva ao carisma, ao messianismo, ao populismo ou até à ditadura. Mas existe essa tendência na sociedade contemporânea, por causa da capacidade que você tem hoje de falar para milhões de pessoas, você sendo um bom ator de você até tentar se sobrepor às instituições. Eu nunca fiz isso, sempre fui contra, embora eu saiba que quando eu quero explicar as coisas eu tenho uma certa capacidade de explicar, mas eu acho que você tem que se policiar para não deixar que a sua capacidade de - vamos usar a palavra certa - manipular, seja pela emoção, pelo choro, pelo grito, seja pela razão, que essa capacidade se sobreponha às outras instâncias da sociedade e aos partidos, a opinião pública que se forma pensando, etc., etc. Mas há um jogo sempre nisso aí e sempre alguém tem que ser a pessoa que sustenta uma situação. É normal que no regime presidencialista seja o presidente. Ou quem é que vai sustentar o governo do Lula? É o Lula”.*

Análise:

Em seus últimos momentos enquanto Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso deixa transparecer por essa resposta certos *conhecimentos* que são revelados por algumas falas portadoras de representações ligadas ao universo acadêmico, passando, intencionalmente ou não, a ideia de que é possuidor de um conhecimento *culto* e *teórico*, que por sua vez é demonstrado ao refletir sobre a questão chamada por ele de “paradoxo da modernidade”, isto é, sobre a racionalidade e a individualidade que constituiria o sujeito no mundo contemporâneo. E ainda revela certo humor ao dizer: “*Eu sou cartesiano com pitada de Candomblé*”.

Tudo isso nos leva a crer que seu discurso revela uma articulação entre alguém que pensa racionalmente, como um cartesiano, isto é, uma pessoa que segue o pensamento filosófico de René Descartes; mas, ao mesmo tempo, o ser que fala é alguém capaz de manifestar sua subjetividade e de também se deixar orientar por certa malícia ou ironia cômica, nessa sua tentativa de se autodefinir.

Os segmentos mostrados a seguir procuram justamente transmitir essa ideia do domínio que tal sujeito-falante tem da linguagem culta, bem como suas capacidades

ligadas à retórica e à argumentação, envoltas por um “bem falar”: eis, em síntese, a imagem que Fernando Henrique Cardoso conseguiu formar junto ao imaginário da opinião pública:

“[...] embora eu saiba que quando eu quero explicar as coisas eu tenho uma certa capacidade de explicar”.

Outro aspecto a ser considerado nessa resposta é a volta do já mencionado *imaginário da modernidade*, que parece fundamentar o discurso de Fernando Henrique Cardoso de modo preponderante. Tal imaginário manifesta-se não apenas por um elogio propriamente dito, feito em relação aos benefícios trazidos pela modernidade, mas por uma forma mista de reflexão e crítica sobre o que o entrevistado considera um paradoxo da sociedade moderna, que seria para ele a capacidade dos indivíduos, sobretudo os atores políticos, de alcançar as massas por meio das ferramentas e das tecnologias de comunicação e de alertar a sociedade sobre o mau uso que outros políticos poderiam fazer dos veículos de informação:

“Agora, o paradoxo que eu disse foi exatamente esse: numa sociedade como a nossa, em que todo mundo quer participar e crescentemente, não obstante dá a impressão que as pessoas pesam mais que as instituições. Isso é perigoso, porque isso leva ao carisma, ao messianismo, ao populismo ou até à ditadura. Mas existe essa tendência na sociedade contemporânea, por causa da capacidade que você tem hoje de falar para milhões de pessoas, você sendo um bom ator de você até tentar se sobrepor às instituições”.

O trecho de fala acima também exemplifica outro imaginário que participa da fundamentação do projeto de fala de Fernando Henrique Cardoso é o *imaginário do sucesso*, evocado por meio de referências a algumas figuras como a do “saber”, por meio da demonstração de domínio do conhecimento técnico e teórico, representado por uma habilidade intelectual que o possibilita refletir sobre questões consideradas relevantes que são colocadas pelos entrevistadores. Também, pela utilização de uma linguagem que poderia ser classificada como “acadêmica”, por meio de referências constantes, no interior de seu discurso, a conceitos, teorias, pensadores, sistemas políticos, etc. Imaginário esse, diga-se de passagem, já detectado no primeiro trecho analisado desta entrevista.

Quanto às representações que o político em questão procura evocar com vistas à construção de uma identidade política que seja capaz de corresponder aos ideais da sociedade brasileira naquele momento, é possível observar na fala de Fernando Henrique Cardoso referências aos valores da honestidade e da sinceridade, figuras estas que contribuem para a manifestação do *ethos de virtude*. Isso é o que percebemos na resposta à pergunta: “O senhor foi esse ator do governo Fernando Henrique?”: “Olha, até certo ponto sim, fui reeleito por isso”. Virtude essa que pode igualmente ser percebida também nos segmentos:

“Mas existe essa tendência na sociedade contemporânea, por causa da capacidade que você tem hoje de falar para milhões de pessoas, você sendo um bom ator de você até tentar se sobrepor às instituições. Eu nunca fiz isso, sempre fui contra”.

[...]

“[...] mas eu acho que você tem que se policiar para não deixar que a sua capacidade de - vamos usar a palavra certa - manipular, seja pela emoção, pelo choro, pelo grito, seja pela razão, que essa capacidade se sobreponha às outras instâncias da sociedade e aos partidos, a opinião pública que se forma pensando, etc., etc.”.

[...]

“Mas há um jogo sempre nisso aí e sempre alguém tem que ser a pessoa que sustenta uma situação”.

Também é visível na fala do presente sujeito, um *ethos de humanidade* (ainda que amalgamado a certa malícia irônica, como já dissemos), que pode ser exemplificado pelo segmento abaixo, em que Fernando Henrique Cardoso procura identificar-se ao brasileiro comum:

“Eu sou cartesiano com pitada de Candomblé. Porque se você não tiver pitada de Candomblé, se você não tiver algo de emoção, algo até de irracional, algo de explosivo em certas circunstâncias, você não se comunica”.

Esta imagem de humanidade pode ser incorporada quando o político em questão procura mostrar-se como um cidadão entre os demais, o que pode ser notado por meio da referência à irracionalidade que constitui a personalidade de todo sujeito, inclusive dele mesmo, ao admitir essa dualidade também para si.

Considerações preliminares:

Na primeira resposta detecta-se a ocorrência do *saber de conhecimento*, na medida em que os ditos dessa resposta procuram mostrar a experiência adquirida pelo sujeito-falante em sua atividade política. Já na segunda resposta foi possível observar que o discurso de Fernando Henrique Cardoso recorre a determinados modos de organização que privilegiam alguns tipos de *saberes de conhecimento*, representados por um *saber culto* (com um toque de irônico humanismo) que procuram demonstrar sua capacidade de reflexão e compreensão de temas relacionados ao pensamento/crenças da sociedade que governa.

No que se refere à fundamentação de seu discurso, nota-se na primeira resposta analisada a presença do *imaginário da modernidade*, por meio da utilização de um discurso que faz referências ao *economismo*. Há ainda a ocorrência do *imaginário da soberania popular*, pela promoção de um discurso que procura destacar os valores do *igualitarismo*, fazendo referências a uma busca por mais igualdade entre as classes; e também um discurso sobre os valores da *solidariedade*, que visa promover a ideia de maior justiça social e de atenção aos mais necessitados.

Já na segunda resposta analisada observa-se a recorrência ao *imaginário da modernidade*, mas com uma visada mais crítica sobre a capacidade de manipulação política e da opinião pública e da possibilidade de se comunicar em larga escala com as massas, proporcionada pelas mídias.

Observa-se também na fundamentação do discurso de Fernando Henrique Cardoso a recorrência ao *imaginário do sucesso*, sustentado agora por algumas figuras como o “saber”, a “superação”, o “progresso”, e também o “reconhecimento” e o “mérito”, presentes na primeira resposta. No caso da segunda resposta analisada observa-se que o *imaginário do sucesso* encontra-se estruturado por um conjunto de representações que remetem à ideia de detentor de um saber de ordem técnica e intelectual. Saberes estes demonstrados por meio de figuras (palavras que remetem a uma ideia) que contribuem para promover a ideia de *sucesso* e reforçar determinadas identidades que esse ator político procura construir diante dos cidadãos eleitores.

A partir daí torna-se possível perceber nos trechos analisados a presença de imagens elaboradas com a finalidade de projetar no imaginário social alguns *ethé de credibilidade*, como o *ethos de virtude* e o *ethos de competência* observados tanto na primeira quanto na segunda resposta; e também certos *ethé de identificação*,

exemplificado pelo *ethos de solidariedade*, na primeira resposta; e pelo *ethos de humanidade*, na segunda resposta.

ANÁLISES:

→ LUÍS INÁCIO LULA DA SILVA - ENTREVISTA - 28/11/1988

A primeira entrevista a ser analisada é a entrevista que Luís Inácio Lula da Silva concedeu ao programa *Roda Viva*, da TV Cultura, em 1988, época em que o político exercia seu mandato de deputado federal (eleito em 1986).

Nesta entrevista foram observadas onze (11) respostas nas quais há inserções de relatos de natureza biográfica. Destes foram selecionados e extraídos dois (2) trechos em que o entrevistado, ao responder, insere narrativas sobre sua pessoa, sobre um acontecimento vivido ou projetado.

A partir da observação desses relatos enunciados por Lula procura-se detectar inicialmente os tipos de saberes que são mobilizados para em seguida interpretar quais os imaginários a que eles corresponderiam. Acreditamos então ser possível compreender de forma mais clara as relações que se estabelecem entre estes imaginários sociodiscursivos e a identidade política que se visa a afirmar. Vamos às análises:

TRECHO [1]

Carlos Chagas: Escuta, Lula, você tem um “discurso de estilingue” conhecido e respeitado, e sério, importante, que tem sido feito há muitos anos. A gente está querendo de você aqui - já houve duas ou três perguntas - um “discurso de vidraça”. Nós queremos saber do programa do seu projeto. O PT está preparando um programa que vai ficar pronto, se tudo der certo, até o fim de janeiro; mas você está contribuindo para esse programa, você tem algumas ideias. Que ideias que você tem para o Brasil e vai oferecer para esse programa do PT? Qual o seu projeto?

Luiz Inácio Lula da Silva: *Primeiro, se eu tivesse um projeto pessoal, eu seria um desastre, porque eu não acredito...*

Carlos Chagas: Não, claro; você vai oferecer subsídios...

Luiz Inácio Lula da Silva: *Eu espero ser apenas um instrumento de execução de um programa que o meu partido tem a capacidade de elaborar. Mas não vou fugir à regra, não, eu quero ser vidraça! Eu quero ser vidraça para provar que não sou vidraça que se quebra com facilidade, sou vidraça de aço temperado. E, quando tiver uma greve, não pense que vou chamar a polícia não! Nós vamos lá enfrentar a greve, conversar com o pessoal no meio. Você vai ter o prazer de me ver em assembléia de trabalhadores se eles fizerem greve. Mesmo trabalhadores de dentro do PT. Você vai ter o privilégio de me ver e de me entrevistar lá falando com os trabalhadores, possivelmente do outro lado. Agora, uma coisa vai ficar certa: nós vamos ser menos vidraça. Sabe por quê? Porque, no governo do PT, nós vamos ter mais competência em falar com os*

trabalhadores; nós não vamos deixar para conversar com o funcionário público faltando três dias para vencer a sua data-base, nós vamos conversar três meses antes. Não adianta o governo ficar dizendo que não tem dinheiro; nós vamos abrir a contabilidade para a direção do movimento sindical ter acesso, para saber quanto de dinheiro tem na prefeitura, para saber se a gente pode pagar ou não pode ou se a gente está mentindo que não pode pagar. Essa franqueza, Chagas, é que falta aos políticos brasileiros; e nós vamos tê-la. Quando alguém disser, quando a prefeita do PT disser que não tem dinheiro, você pode estar certo de que já foi lá o movimento sindical, através das duas entidades, na contabilidade, junto com especialistas, para saber se tem lá, se tem em outra secretaria, se se vai poder tirar ou não. É essa a prática democrática que a gente vai querer executar. Daí porque eu me orgulho de ser vidraça. Agora, veja, por exemplo, uma das coisas pelas quais eu vou me bater no programa do PT é que nós vamos ter que fazer reforma agrária no país. Nós vamos ter que provar à opinião pública, não apenas aos congressistas, que o que foi aprovado sobre reforma agrária é um retrocesso neste país. Nós vamos ter que criar uma imagem positiva na sociedade para eles compreenderem o quê? Que a reforma agrária significa uma maior produção de alimentos neste país, que a reforma agrária significa diminuir a mortalidade infantil, que a reforma agrária significa diminuir a prostituição neste país. Nós vamos provar, pelo lado positivo, a necessidade de se colocar em prática uma reforma agrária. E, ao mesmo tempo, vamos provar que é possível colocar em prática neste país uma política agrícola capaz de garantir ao cidadão que tem seus 20 hectares, 30 hectares, 50 hectares, o quê? Não apenas incentivos fiscais, mas também assistência técnica e, ao mesmo tempo, garantir preço e escoamento da produção. Ou seja, nós vamos poder provar que este país pode ser um país melhor do que é hoje, nós vamos poder provar... E eu disse, na questão da dívida externa, da suspensão do pagamento que nós vamos fazer. Ora, nós vamos poder provar que este país pode ser diferente do que é hoje, que este país pode ser um país muito mais democrático.

Análise:

No que se refere aos tipos de saberes que são mobilizados na organização do discurso de Lula pode ser observada em alguns momentos de sua resposta a ocorrência de um *saber de crença* do tipo *ideológico*, na medida em que o entrevistado explicita sua crença em um projeto político que não leva em consideração, segundo ele, sua visão pessoal, mas sim o projeto elaborado de modo consensual pelo partido (PT) que ele representa, ideia essa que pode ser percebida nos trechos a seguir:

“Primeiro, se eu tivesse um projeto pessoal, eu seria um desastre, porque eu não acredito[...]”;

“Eu espero ser apenas um instrumento de execução de um programa que o meu partido tem a capacidade de elaborar”.

O primeiro trecho destacado acima pode ser entendido também como uma forma de *saber de crença*, desta vez representando as opiniões emitidas por Lula, revelando

assim certa crença de ordem pessoal: “[...] *porque eu não acredito* [...], tendo em conta que estas opiniões podem ser confrontadas com outras diferentes e mesmo contrárias, no campo do debate político. Já o segundo trecho destacado pode ser compreendido ainda uma forma de *opinião coletiva* tendo em vista que o político coloca-se como representante de uma coletividade, isto é, uma voz que representa um grupo político e seu projeto de sociedade proposto.

No decorrer da fala de Lula pode ser percebido um *imaginário de verdade* que parece predominar em sua resposta, que seria o *imaginário da soberania popular* representado pela ideia de *igualitarismo*, que Lula parece querer demonstrar pelo discurso. Os fragmentos a seguir procuram reforçar essa imagem de administração pública aberta, transparente e democrática proposta pelo grupo político em questão:

“E, quando tiver uma greve, não pense que vou chamar a polícia não! Nós vamos lá enfrentar a greve, conversar com o pessoal no meio”.

“[...] nós vamos abrir a contabilidade para a direção do movimento sindical ter acesso [...]”.

“Essa franqueza, Chagas, é que falta aos políticos brasileiros; e nós vamos tê-la”.

“É essa a prática democrática que a gente vai querer executar”.

Além desse *imaginário da soberania popular* detectado em diversos momentos da resposta do político entrevistado, pode ser percebido de modo bastante recorrente em sua fala outro tipo de imaginário, que seria o *imaginário do sucesso*. Especificamente nessa resposta nota-se a presença, mesmo que de modo implícito, de figuras que representam os valores e as ideias ligadas ao *sucesso*. Imagens estas que na fala de Lula parecem ser responsáveis por transmitir e reforçar certas ideias como o “trabalho”, o “esforço”, o “êxito” e, até mesmo, representações que fazem referência às “relações sociais” e que podem ser percebidas em segmentos como os destacados a seguir:

“E, quando tiver uma greve, não pense que vou chamar a polícia não! Nós vamos lá enfrentar a greve, conversar com o pessoal no meio. [...] Você vai ter o privilégio de me ver e de me entrevistar lá falando com os trabalhadores, possivelmente do outro lado”; “Porque, no governo do PT, nós vamos ter mais competência em falar com os trabalhadores”.

Quanto às imagens que são projetadas por essas representações presentes na fala de Lula, podem ser percebidas algumas formas de *ethos* que visam à construção, por parte do político, de um universo de identificação junto ao público visado. Estes *ethé de identificação*, que muitas vezes se sobrepõem, podem ser detectados em momentos como:

“Eu quero ser vidraça para provar que não sou vidraça que se quebra com facilidade, sou vidraça de aço temperado. E, quando tiver uma greve, não pense que vou chamar a polícia não! Nós vamos lá enfrentar a greve, conversar com o pessoal no meio.” (Ethos de potência);

“Primeiro, se eu tivesse um projeto pessoal, eu seria um desastre, porque eu não acredito...” (Ethos de virtude);

“Mas não vou fugir à regra, não, eu quero ser vidraça!” (Ethos de caráter - “firmeza”).

“Daí porque eu me orgulho de ser vidraça.” (Ethos de caráter - “orgulho”).

“E, quando tiver uma greve, não pense que vou chamar a polícia não! Nós vamos lá enfrentar a greve, conversar com o pessoal no meio. Você vai ter o prazer de me ver em assembléia de trabalhadores se eles fizerem greve. Mesmo trabalhadores de dentro do PT. Você vai ter o privilégio de me ver e de me entrevistar lá falando com os trabalhadores, possivelmente do outro lado.” (Ethos de solidariedade).

É possível notar também algumas tentativas de construção de uma imagem de credibilidade por meio de figuras de *ethos* que representam *competência*, como pode ser notado em: *“Porque, no governo do PT, nós vamos ter mais competência em falar com os trabalhadores”*. Também o *ethos de virtude*:

“[...] nós vamos abrir a contabilidade para a direção do movimento sindical ter acesso, para saber quanto de dinheiro tem na prefeitura, para saber se a gente pode pagar ou não pode ou se a gente está mentindo que não pode pagar. Essa franqueza, Chagas, é que falta aos políticos brasileiros; e nós vamos tê-la.”

TRECHO [2]

Richard House: Bom, para terminar, Lula, o Brasil parece que é um país que tem uma necessidade sentimental de um líder forte como presidente. Até se pode dizer que está sofrendo porque não tem, atualmente. Eu queria saber se você pode garantir para seus futuros eleitores que vai ser uma pessoa que pode tomar decisões sozinho, frente a frente com o presidente Bush ou quem quer que seja, sem ter o comitê atrás tomando decisões coletivas naquela “lenga-lenga” coletiva que não resolve nada; se pode tomar decisões firmemente e soberanamente?

Luís Inácio Lula da Silva: *Obviamente que um presidente da República pode tomar decisões, dependendo das circunstâncias políticas, e pode tomá-las, às vezes, sem conversar com seu parceiro que está do lado. Isso não é o correto. O correto, na verdade, é você estabelecer um novo critério de compreensão do que seja política. Ou seja, o povo brasileiro não está precisando de um “paizão”, porque “paizão” ele teve a vida inteira; alguém que dissesse que vai resolver tudo, ele já teve. O que ele está precisando é de um companheiro, e um companheiro que acredite em outro tipo de governo, que acredite que é possível chamar a dona de casa a dar palpite, o companheiro trabalhador a ajudar a deliberar o que vai ser feito neste país. Eu não prometo ser um “paizão”, não, eu prometo ser um companheiro que vai agir com a honestidade maior que possa existir na face da Terra para permitir que a classe trabalhadora brasileira possa viver, possa morar, possa comer e possa trabalhar. É esse presidente que eu quero ser e acho que é desse presidente que o povo está precisando. Aquele negócio de querer alguém que dá bronca, que vai multar carro na rua, o povo não está precisando mais, o povo cansou, enjoou. Está precisando é de um outro tipo de político e eu pretendo ser esse outro tipo de político de que eu acho que o povo brasileiro precisa.*

Análise:

Neste outro trecho da mesma entrevista destacado para análise pode ser percebido que o político revela por meio de sua fala um determinado *saber de conhecimento*, representado pela ideia de experiência que ele procura passar por meio de relatos como:

“Aquele negócio de querer alguém que dá bronca, que vai multar carro na rua, o povo não está precisando mais, o povo cansou, enjoou. Está precisando é de um outro tipo de político [...]”.

“Ou seja, o povo brasileiro não está precisando de um “paizão”, porque “paizão” ele teve a vida inteira; alguém que dissesse que vai resolver tudo, ele já teve.”.

Nos trechos acima é possível perceber que Lula procura evidenciar seu entendimento a respeito da expectativa que o povo possui em relação à figura de um

Presidente da República. Entendimento este que se alicerça na visão que Lula possui da história política brasileira e que, a partir de suas experiências vividas, procura colocar-se como alternativa diferenciada dentre os demais políticos que se apresentam como líderes messiânicos que tratam de modo tutelar a sociedade. Lula crê que a sociedade brasileira anseia por um outro tipo de liderança política que seja mais “companheiro” do povo, que seja portador de uma ética solidária, e que construa ao seu lado uma sociedade mais participativa e um país mais justo.

Nesse trecho selecionado para análise percebe-se também um *saber de crença*, entendida como uma forma de *revelação* que fornece ao político em questão a possibilidade de perceber as demandas da sociedade brasileira, crença esta de cunho *ideológico*, uma vez que revela a perspectiva do político, e de seu partido, quanto ao modo de condução da administração pública, isto é, de uma forma de tomada de decisões que leva em conta a participação popular:

“O que ele está precisando é de um companheiro, e um companheiro que acredite em outro tipo de governo, que acredite que é possível chamar a dona de casa a dar palpite, o companheiro trabalhador a ajudar a deliberar o que vai ser feito neste país.”.

Nessa mesma resposta é possível considerar que o *imaginário de verdade* correspondente seria o *imaginário da soberania popular*, representado pela figura da *solidariedade*, uma vez que o político convoca a instância cidadã a construir uma sociedade mais justa ao seu lado, reforçando a imagem de político companheiro do povo, como pode ser percebido em:

“[...] O que ele está precisando é de um companheiro, e um companheiro que acredite em outro tipo de governo, que acredite que é possível chamar a dona de casa a dar palpite, o companheiro trabalhador a ajudar a deliberar o que vai ser feito neste país. Eu não prometo ser um "paião", não, eu prometo ser um companheiro que vai agir com a honestidade maior que possa existir na face da Terra para permitir que a classe trabalhadora brasileira possa viver, possa morar, possa comer e possa trabalhar”.

O que se observa na resposta de Lula é que determinadas figuras evocadas por seu discurso, como o “progresso”, a “conquista” e o “trabalho”, se mostram como

formas que participam da constituição do *imaginário do sucesso*, imagens essas que colaboram para a construção de uma identidade política reveladora de eficiência e êxito em suas ações: “[...] *eu prometo ser um companheiro que vai agir com a honestidade maior que possa existir na face da Terra para permitir que a classe trabalhadora brasileira possa viver, possa morar, possa comer e possa trabalhar.*”.

Do mesmo modo, estas representações fornecem ao público elementos de identificação e contribuem para a projeção de determinadas identidades, como o *ethos de humanidade*, que parece se sobrepor a uma imagem de *chefe*, no trecho seguinte:

“É esse presidente que eu quero ser e acho que é desse presidente que o povo está precisando. Aquele negócio de querer alguém que dá bronca, que vai multar carro na rua, o povo não está precisando mais, o povo cansou, enjoou. Está precisando é de um outro tipo de político e eu pretendo ser esse outro tipo de político de que eu acho que o povo brasileiro precisa”.

Também pode ser notado o *ethos de virtude*, incorporado por meio da figura da *honestidade*:

“Eu não prometo ser um “paizão”, não, eu prometo ser um companheiro que vai agir com a honestidade maior que possa existir na face da Terra para permitir que a classe trabalhadora brasileira possa viver, possa morar, possa comer e possa trabalhar”.

Nota-se ainda o *ethos de solidariedade*, pela figura de “companheiro” que colabora e participa da construção de um objetivo comum:

“O que ele está precisando é de um companheiro, e um companheiro que acredite em outro tipo de governo, que acredite que é possível chamar a dona de casa a dar palpite, o companheiro trabalhador a ajudar a deliberar o que vai ser feito neste país”.

Considerações preliminares:

A partir das observações realizadas sobre os dois trechos analisados nessa entrevista com o então Deputado Federal Luís Inácio Lula da Silva, realizada em 1988, pelo programa *Roda Viva*, pode ser destacada a predominância de *saberes de crença*,

sobretudo de *ideologias* e *opiniões*, o que parece corresponder a um discurso político que representava naquele momento a oposição ao sistema político-ideológico então vigente.

Quanto aos imaginários que parecem fundamentar o discurso de Lula, o que é possível perceber nessa entrevista é o predomínio do *imaginário da soberania popular*, ora pela figura do *igualitarismo* (trecho 1), ora pela figura da *solidariedade* (trecho 2). Este predomínio do *imaginário da soberania popular* pode ser interpretado como uma característica natural do discurso político de modo geral, uma vez que este tipo de discurso visa sempre corresponder às demandas da sociedade. Portanto, irá buscar de modo freqüente a adesão da instância cidadã ao projeto proposto e para isso colocará em evidência a importância da participação popular nas escolhas e decisões políticas.

Outro aspecto a ser considerado pela análise é a constante presença de certas figuras que compõem o *imaginário do sucesso* no discurso político. Representações como o “trabalho”, o “progresso” e a “conquista” (“êxito”) podem ser percebidas de modo recorrente no discurso de Lula, pois contribuem para promover a ideia de *sucesso* e reforçar determinadas identidades que o ator político procura construir diante dos cidadãos eleitores. Daí torna-se possível perceber nos trechos analisados a presença de imagens elaboradas com a finalidade de projetar no espaço social, determinadas formas de *ethé* de *identificação*, sobretudo os *ethos de caráter* e *solidariedade*, mas também de *humanidade* e, em alguns momentos, o *ethos de potência*. Representações estas recuperadas e estruturadas em prol da elaboração de uma identidade política capaz de corresponder ao imaginário social das comunidades visadas, procurando criar identificação e garantir a adesão do público eleitor ao projeto de sociedade ideal então proposto.

→ LUÍS INÁCIO LULA DA SILVA - ENTREVISTA - 18/03/1991

Nessa entrevista concedida pelo então ex-Deputado Federal Luís Inácio Lula da Silva ao programa *Roda Viva*, em 1991, foram detectados vinte e um (21) trechos de fala que podem ser considerados enquanto narrativas de si. Destes foram selecionadas duas respostas que contém relatos sobre sua pessoa e que apresentam considerável relevância para a efetuação das análises.

TRECHO [1]:

Bruce Handler: Eu gostaria de tentar uma abordagem um pouco mais ampla, já que eu sou o único correspondente estrangeiro do grupo de hoje. Mesmo com as falhas que o senhor aponta no governo atual, vejamos o socialismo do modo como o senhor pregou durante a campanha no resto do mundo: a Alemanha Oriental não existe mais; várias Repúblicas ex-socialistas tiraram as palavras “socialista” do nome; o pessoal da Albânia está se atirando no mar para fugir. E eu pergunto ao senhor: vendo esses acontecimentos em outras partes do mundo, o senhor mudou em a sua visão global sobre os caminhos, os rumos que o Brasil deve seguir para progredir?

Lula: *Primeiro, duas coisas. Ou você não entendeu o que eu falei durante a campanha ou há uma inverdade na afirmação de que eu defendi o socialismo tipo leste europeu. Porque se existe uma pessoa que nunca defendeu o socialismo tipo leste europeu é exatamente esta pessoa que vos fala. Ou seja, por quê? Porque quando nós criamos o PT, nós já criamos o PT exatamente como um contraponto àquele tipo de regime. Nós nunca aceitamos a ideia do partido único. Nós nunca aceitamos a ideia da falta do direito de greve, da falta de liberdade sindical. Ou seja, nós nascemos exatamente criticando aquilo; criticando aquele modelo que, para nós, estava superado, que burocracia mandava, que os partidos não tinham vida, que os sindicatos não existiam e que a sociedade era tratada como se fosse um robô. Então, essa crítica não cabe ao PT. Acho sim que, durante a campanha, nós fomos tímidos em defender a questão do socialismo como nós pensávamos. Então, veja, eu que nunca aceitei me rotular, porque acho que se andar com um carimbo na testa fosse solução para os meus problemas, do meu partido e do país, eu tinha colocado já uns dez rótulos, eu hoje estou mais socialista do que era quando fundei o PT. Eu acredito piamente numa sociedade socialista, numa sociedade pluralista, numa sociedade em que as pessoas têm o direito de ir para a praça protestar contra o governante. Numa sociedade em que os sindicatos possam se organizar e fazer greve contra a política do governo. Esse é o tipo de socialismo que eu acredito. É em função desse socialismo que o PT nasceu. E é em função desse socialismo que eu continuo acreditando que nós poderemos construir um mundo mais fraterno, um mundo mais justo. O que eu acho hipocrisia é que algumas pessoas, ao criticarem o socialismo, colocam o capitalismo como alternativa. E imediatamente se lembram da França, da Itália, da Inglaterra, da Alemanha. Eu não sei por que esses capitalistas fervorosos não defendem a Bolívia, o Equador, o Brasil, a Argentina, o Peru, que são todos capitalistas. Ou seja, poderiam defender, pois é um contraponto também do capitalismo, são países capitalistas. Então, o que eu acho que nós precisamos fazer, e nós do PT... Eu sinto-me à vontade para não negar nada disso, porque nunca afirmei isso anteriormente. Eu acho que, obviamente, que alguns companheiros que defendiam ardorosamente aquilo lá, alguns companheiros que passaram a vida inteira acreditando que a União Soviética era um modelo exemplar, realmente “quebraram a cara”. Como nós nunca acreditamos nisso, nós nunca, enquanto partido político... Se dentro do partido alguém acreditava, era um problema de quem acreditava, mas enquanto partido político, não existe uma única decisão acreditando nisso. Então, nós estamos tranquilos em relação a isso. Achamos que é preciso repensar uma coisa. Achamos que é preciso repensar um pouco o mundo e o Brasil, que está na América Latina, precisa, sobretudo pensar qual é o tipo de política que nós vamos fazer daqui para frente. Por quê? Porque à medida que a Europa se junta num bloco para se contrapor ao Japão e aos Estados Unidos; à medida que o Japão se junta em outro bloco para se contrapor a Europa e aos Estados Unidos, e à medida que os Estados Unidos se juntam em outro bloco para se contrapor a Europa e ao Japão, a pergunta que nós temos que fazer é: onde fica o Brasil? Eu fiz uma viagem*

ano retrasado, ano da campanha, e voltei com a impressão que, em termos de política internacional, o Brasil era o gandula. O Brasil não jogava. Sabe aquele que pega a bola? O Brasil só pegava a bola, mas não participava do jogo. E o Brasil não apita. O Brasil não tem uma política internacional do ponto de vista de se fazer respeitar, não tem inserção na comunidade desenvolvida. E eu acho que não tem porque a vida inteira a gente não conseguiu tirar a nossa cara de colônia. O Brasil ainda continua com mentalidade de colônia e isso é grave para este país, que é uma potência e tem potencialidade para desenvolver, mas que, entretanto, tem uma política internacional pequena.

Análise:

Na resposta de Lula pode ser observada a presença tanto de um *saber de conhecimento* de cunho *teórico* representado dentre outros pelo segmento: “*Porque se existe uma pessoa que nunca defendeu o socialismo tipo leste europeu é exatamente esta pessoa que vos fala*”, uma vez que o político procura demonstrar seu conhecimento sobre questões da política internacional, bem como seu ponto de vista a respeito do pensamento sobre as formas de regime político em debate no campo intelectual. Percebe-se também a presença de uma forma de *saber de conhecimento* do tipo *empírico* mostrado por meio do seguinte trecho:

“Porque quando nós criamos o PT, nós já criamos o PT exatamente como um contraponto àquele tipo de regime. Nós nunca aceitamos a ideia do partido único. Nós nunca aceitamos a ideia da falta do direito de greve, da falta de liberdade sindical. Ou seja, nós nascemos exatamente criticando aquilo; criticando aquele modelo que, para nós, estava superado, que burocracia mandava, que os partidos não tinham vida, que os sindicatos não existiam e que a sociedade era tratada como se fosse um robô. Então, essa crítica não cabe ao PT.”

Neste trecho, Lula busca revelar não só seu conhecimento sobre o modelo de regime socialista aplicado em outros países, como as implicações e consequências advindas do modo como foi conduzido em algumas sociedades, tecendo uma crítica sobretudo ao cerceamento das liberdades que tal sistema implantou.

É possível notar também uma forma de *saber de crença* de cunho *ideológico* no segmento:

“[...] eu hoje estou mais socialista do que era quando fundei o PT. Eu acredito piamente numa sociedade socialista, numa sociedade pluralista, numa sociedade em que as pessoas têm o

direito de ir para a praça protestar contra o governante. Numa sociedade em que os sindicatos possam se organizar e fazer greve contra a política do governo. Esse é o tipo de socialismo que eu acredito. É em função desse socialismo que o PT nasceu. E é em função desse socialismo que eu continuo acreditando que nós poderemos construir um mundo mais fraterno, um mundo mais justo”.

Como é possível notar, Lula revela por meio de sua fala a crença que possui, e também seu partido, em uma forma de socialismo que pode e deve proporcionar maior justiça social, liberdade de expressão e de manifestação das opiniões.

No que se refere ao tipo de imaginário que predomina em sua resposta, os trechos:

“Porque quando nós criamos o PT, nós já criamos o PT exatamente como um contraponto àquele tipo de regime”.

“Ou seja, nós nascemos exatamente criticando aquilo; criticando aquele modelo que, para nós, estava superado” e “Eu acredito piamente numa sociedade socialista, numa sociedade pluralista, numa sociedade em que as pessoas têm o direito de ir para a praça protestar contra o governante. Numa sociedade em que os sindicatos possam se organizar e fazer greve contra a política do governo.”.

Estas falas que parecem revelar uma forma de *imaginário da soberania popular*, sustentado pelas figuras tanto do *igualitarismo* quanto da *solidariedade*, na medida em que propõe um sistema socialista que forneça oportunidades a todos os cidadãos e uma sociedade mais fraterna e justa. Ao mesmo tempo percebe-se a evocação de uma forma de *imaginário da modernidade*, ao promover a ideia de superação de um estado ou situação anterior que se tornou ultrapassada e que deve ser suplantada por meio de novos valores.

Já no trecho: *“É em função desse socialismo que o PT nasceu. E é em função desse socialismo que eu continuo acreditando que nós poderemos construir um mundo mais fraterno, um mundo mais justo”*, o político entrevistado procura passar a ideia de “progresso” e de “superação” dos desafios e dificuldades enfrentados por uma nação para alcançar o êxito de um projeto político que propõe uma sociedade ideal. Lula transmite assim, a mensagem de que sua proposta, e a de seu partido, seriam as mais

adequadas e capazes de solucionar os problemas que ora afligiam o país, revelando por trás de tais figuras o *imaginário do sucesso*.

Quanto aos tipos de *ethé* que podem ser percebidos no discurso de Lula, o *ethos de solidariedade* parece ser mais claramente detectado por meio do segmento:

“Eu acredito piamente numa sociedade socialista, numa sociedade pluralista, numa sociedade em que as pessoas têm o direito de ir para a praça protestar contra o governante. Numa sociedade em que os sindicatos possam se organizar e fazer greve contra a política do governo. Esse é o tipo de socialismo que eu acredito. É em função desse socialismo que o PT nasceu. E é em função desse socialismo que eu continuo acreditando que nós poderemos construir um mundo mais fraterno, um mundo mais justo”.

Neste trecho, Lula parece querer transmitir a ideia de que é um ator político que se preocupa com o bem estar dos cidadãos brasileiros, capaz de promover a justiça social e um ambiente mais fraterno onde pessoas e grupos possam ter liberdade de se organizar e reivindicar seus direitos.

TRECHO [2]:

Ricardo Setti: Lula, você falou em fazer política e minha pergunta se refere a isso, quer dizer, por que você não foi candidato a deputado de novo? Antes, deixa-me concluir. Para uma pessoa que veio do movimento sindical, como você, esse gesto foi visto por muita gente - e eu acho até com certo fundamento - como um ato de um certo menosprezo pelo parlamento. Eu quero dizer o seguinte... “Isso aí não adianta, não é para mim, não funciona”. Quando você optou pela política de porta de fábricas, de contato direto com a sociedade, de viajar pelo país, simultaneamente foi emitido um recado assim: “O parlamento não funciona, não adianta. Eu fui lá, não gostei, não deu certo”. Quer dizer, isso não é uma coisa prejudicial para a democracia? O que impedia você de fazer o que você faz, viajar pelo país, manter os contatos que você tem e continuar no parlamento?

[...]

Lula: *É que eu acho que, às vezes, o parlamento é injustiçado. Porque muitos jornalistas e muitos políticos não têm coragem de falar mal do poder judiciário, porque tem medo de ter um “processinho” amanhã, e isso cair na mão do juiz. Mas, o Congresso Nacional é a única instituição onde vocês não fazem crítica individualizada. A crítica é coletiva. Então, quando você quer criticar uma coisa errada do Congresso Nacional, você não separa os bons dos maus. Você coloca: “o Congresso Nacional fez isso; o Congresso Nacional fez aquilo” e pessoas boas, que não tem nada a ver com aquilo, pagam o mesmo pato. Então, o Congresso Nacional, quando eu deixei de ser deputado, eu fiz questão, inclusive, de pedir para alguns companheiros meus serem*

candidatos. Por exemplo, Aloizio Mercadante virou candidato. Se eu não acreditasse no parlamento, eu não iria indicar companheiros que eu prezo muitíssimo, e que estão na direção do partido, para serem candidatos. O que eu acho é o seguinte: o parlamento é uma instituição tão importante que, sem ela, eu acho difícil haver democracia em qualquer parte do mundo. Agora, acho que o Lula, pessoalmente, é muito mais importante para o PT fora do parlamento, correndo o Brasil, como eu estou correndo, fazendo quatro ou cinco estados por semana, visitando a nossa militância, visitando autoridades e conversando sobre a situação do nosso país, do que o Lula preso no Congresso Nacional. Até porque lá tem vários companheiros que podem fazer um grande trabalho. E, na rua, eu tenho dito aos companheiros, sem nenhuma falta de modéstia, que eu sou mais importante que outros companheiros. E lá dentro outros podem fazer muito mais do que o Lula. Foi essa a razão pela qual eu não fui candidato e isso não significa que o Lula não vá ser mais candidato a nada. Pode ser que o Lula seja candidato a qualquer coisa. Quem sabe daqui a quatro anos, daqui a seis anos, daqui a dez anos, necessariamente não à Presidência da República.

Análise:

Na resposta acima é possível perceber que Lula parece privilegiar na organização de sua fala um tipo de *saber de crença* de cunho *ideológico* ao se observar o trecho:

“Agora, acho que o Lula, pessoalmente, é muito mais importante para o PT fora do parlamento, correndo o Brasil, como eu estou correndo, fazendo quatro ou cinco estados por semana, visitando a nossa militância, visitando autoridades e conversando sobre a situação do nosso país, do que o Lula preso no Congresso Nacional”,

Neste trecho de fala, o entrevistado expõe sua concepção sobre sua atuação política enquanto ex-deputado federal, que naquele momento opta por uma estratégia de contato mais direto com a população, percorrendo o país ao invés de almejar novamente um cargo político no parlamento. Assim, Lula parece querer mostrar por meio de uma perspectiva ideológica que seu papel seria mais efetivo e importante fora da arena política. É possível notar também, no mesmo trecho, que tal afirmação representa a visão pessoal de Lula sobre este tipo de atuação que valoriza o fazer político em toda sua dimensão social, além do seu espaço institucionalmente compreendido.

Nesse sentido, pode-se interpretar tal segmento como revelador de um *imaginário da tradição*, uma vez que essa ideia remete a um modo original do fazer político, ancorado na tradição e no contato direto com o povo, isto é, uma busca pela

origem pura e “imaculada” da política do corpo-a-corpo, realizada direta e conjuntamente com a sociedade.

Do mesmo modo, a fala de Lula parece fundamentar-se num *imaginário do sucesso*, na medida em que evoca determinadas figuras como o “esforço” e o “trabalho”, bem como no relacionamento social que estabelece com os cidadãos e que podem conduzir ao êxito de suas ações e intenções, como se observa no seguinte segmento:

“Agora, acho que o Lula, pessoalmente, é muito mais importante para o PT fora do parlamento, correndo o Brasil, como eu estou correndo; fazendo quatro ou cinco estados por semana, visitando a nossa militância, visitando autoridades e conversando sobre a situação do nosso país, do que o Lula preso no Congresso Nacional”.

Em sua resposta, o político em questão procura em vários momentos evocar para si algumas imagens que possam contribuir para a construção de *ethé* diversos, como o *ethos de potência*, como pode ser conferido no segmento:

“Agora, acho que o Lula, pessoalmente, é muito mais importante para o PT fora do parlamento, correndo o Brasil, como eu estou correndo, fazendo quatro ou cinco estados por semana, visitando a nossa militância, visitando autoridades e conversando sobre a situação do nosso país...”.

Percebe-se também o *ethos de competência* em: “E, na rua, eu tenho dito aos companheiros, sem nenhuma falta de modéstia, que eu sou mais importante que outros companheiros”. Ainda percebe-se a ocorrência do *ethos de humanidade* em: “E lá dentro outros podem fazer muito mais do que o Lula”; e também do *ethos de solidário*, sustentado pela figura da “lealdade”: “Até porque lá tem vários companheiros que podem fazer um grande trabalho”.

Considerações preliminares:

A partir das observações realizadas sobre os dois trechos analisados nessa entrevista com o ex-deputado federal Luís Inácio Lula da Silva, realizada em 1991, pelo programa *Roda Viva*, pode ser destacada a predominância de *saberes de crença*, sobretudo de *ideologias e opiniões*, o que parece corresponder a um discurso político

que representava naquele momento a oposição ao sistema político-ideológico então vigente.

Quanto aos imaginários que parecem fundamentar o discurso de Lula, o que é possível perceber é o predomínio do *imaginário da soberania popular*, ora pela figura do *igualitarismo*, ora pela figura da *solidariedade*. Este predomínio do *imaginário da soberania popular* pode ser interpretado como uma correspondência natural do discurso político de modo geral, uma vez que este tipo de discurso irá buscar de modo frequente a adesão da instância cidadã ao projeto proposto e para isso colocará em evidência a importância da participação popular nas escolhas e decisões políticas.

Outro aspecto a ser considerado é a forte presença de certas figuras que compõem o *imaginário do sucesso* no discurso político. Representações sobre o “trabalho” e o “esforço” podem ser percebidas de modo recorrente no discurso de Lula, contribuindo para promover a ideia de *sucesso* e reforçar determinadas identidades que o ator político procura construir diante dos cidadãos eleitores. Daí torna-se possível perceber nos trechos analisados a presença de imagens elaboradas com a finalidade de projetar no espaço social algumas imagens promotoras de *credibilidade*, como o *ethos de competência* e também certos *ethé de identificação*, sobretudo o *ethos de solidariedade*, mas também o *ethos de humanidade* e em alguns momentos, o *ethos de potência*.

→ LUÍS INÁCIO LULA DA SILVA - ENTREVISTA - 08/02/1993

Essa entrevista foi concedida por Lula ao programa Roda Viva, em 1993, período em que era o então presidente do Partido dos Trabalhadores (PT). Nela foram detectadas treze (13) respostas nas quais foram observadas inserções de trechos de fala considerados como relatos em que o político faz referência sobre sua pessoa ou sobre algum acontecimento de sua atuação política. Deste conjunto foram selecionadas duas (2) respostas consideradas relevantes para a efetuação das análises.

TRECHO [1]:

Jorge Escosteguy: Mas tirando a questão da disciplina partidária, eu pergunto: como você se sente hoje como político depois de todo esse momento?

Luiz Inácio Lula da Silva: *Eu me sinto como um cidadão brasileiro que estou contribuindo para que encontrem uma solução para esse país. Pretendo, no encontro*

nacional, deixar de ser presidente do Partido dos Trabalhadores. É a segunda vez que quero provar a todos os militantes do PT que, para fazer política, não precisa de cargo. Eu já fiquei três anos sem cargo no partido; vou ficar mais três anos. Vou viajar esse país inteiro. Vou fazer, agora em abril, uma caminhada de Garanhuns a São Paulo, de ônibus, para transformar a questão da fome numa questão política.

Análise

A resposta de Lula revela, a princípio, um *saber de conhecimento* de natureza *empírica* ao procurar mostrar que as decisões que pretende tomar naquele momento de sua atividade política são resultados das experiências vividas em outros momentos de sua trajetória política em que deixou o cargo de presidente do partido, e também enquanto ex-deputado federal, buscando com essa colocação demonstrar sua tese de que não é necessário ter algum cargo político para exercer a atividade política, como é possível perceber por meio do segmento:

“Pretendo, no encontro nacional, deixar de ser presidente do Partido dos Trabalhadores. É a segunda vez que quero provar a todos os militantes do PT que, para fazer política, não precisa de cargo. Eu já fiquei três anos sem cargo no partido [...]”.

Essa fala também pode ser interpretada como uma forma de *saber de crença* de cunho *ideológico*, uma vez que sugere ser a perspectiva como Lula encara o fazer e a atuação política.

Sua fala parece estar ancorada no *imaginário da tradição* ao colocar sua atuação política voltada para o contato direto com o povo e a realidade brasileira, para que assim possa encontrar as reais necessidades da população: *“Vou viajar esse país inteiro”*. Isso pode ser entendido como uma forma de busca por um estado de origem que considera o fazer político em seu modo puro, isento dos artifícios e limitações que a máquina pública imporia à atividade política institucionalizada.

Já os segmentos: *“Eu me sinto como um cidadão brasileiro que estou contribuindo para que encontrem uma solução para esse país”*; e: *“Vou viajar esse país inteiro. Vou fazer, agora em abril, uma caminhada de Garanhuns a São Paulo, de ônibus, para transformar a questão da fome numa questão política”*, parecem fundamentar-se no *imaginário do sucesso*, na medida em que procuram transmitir a ideia de que o “trabalho”, o “esforço” e a “dedicação” que Lula coloca para si constituem os meios para alcançar o êxito de sua proposta.

Assim, sua resposta contém algumas figuras que revelam a busca pela projeção de determinadas imagens responsáveis por evocar algumas formas de identidades. Desse modo percebe-se a tentativa de construção de certos *ethé de credibilidade*, como o *ethos de virtude* em: “*Eu me sinto como um cidadão brasileiro que estou contribuindo para que encontrem uma solução para esse país*”; e em: “*É a segunda vez que quero provar a todos os militantes do PT que, para fazer política, não precisa de cargo*”. Observam-se também a presença de algumas imagens responsáveis por corroborar com a identificação, como o *ethos de potência* em: “*Pretendo, no encontro nacional, deixar de ser presidente do Partido dos Trabalhadores. É a segunda vez que quero provar a todos os militantes do PT que, para fazer política, não precisa de cargo*”. Ocorre ainda o *ethos de solidariedade* como revela o segmento: “*Vou fazer, agora em abril, uma caminhada de Garanhuns a São Paulo, de ônibus, para transformar a questão da fome numa questão política*”.

TRECHO [2]:

Fernando Mitre: Esse projeto [de combate à fome] é também a sua plataforma como candidato, digamos assim, o ponto fundamental da campanha?

Luiz Inácio Lula da Silva: *Veja, eu não quero que seja... Na medida em que eu entreguei esse projeto – e é importante salientar que esse projeto foi entregue, inclusive, ao [Antônio] Cabrera, quando era ministro [da Agricultura] do Collor. Porque, Mitre, eu já estou com 47 anos de idade, já estou com a barba branca, e eu não tenho, não posso me dar ao luxo de ficar pensando o que vai acontecer no dia em que o Lula chegar lá. Eu tenho que pensar é, mesmo que o Lula não chegue lá – ou porque não ganhe uma eleição, ou porque morra antes de chegar lá –, que as propostas elaboradas por nós possam ser discutidas com a sociedade. Quando nós fazemos um projeto, nós não estamos pensando no governo, numa campanha, nós estamos pensando em tirar esse país da miséria em que ele se encontra.*

Análise:

O trecho seguinte: “*Porque, Mitre, eu já estou com 47 anos de idade, já estou com a barba branca, e eu não tenho, não posso me dar ao luxo de ficar pensando o que vai acontecer no dia em que o Lula chegar lá*”, demonstra um tipo de *saber de conhecimento* de natureza *empírica*, pois ao falar de algumas características físicas de sua pessoa Lula procura mostrar que já possui experiência suficiente em sua carreira política para propor, independentemente de seu *status* e lugar no campo da atuação política, um projeto que possa colaborar para o progresso da sociedade brasileira.

Por outro lado, um tipo de *saber de crença* de cunho *ideológico* é revelado pelo segmento:

“Eu tenho que pensar é, mesmo que o Lula não chegue lá – ou porque não ganhe uma eleição, ou porque morra antes de chegar lá –, que as propostas elaboradas por nós possam ser discutidas com a sociedade. Quando nós fazemos um projeto, nós não estamos pensando no governo, numa campanha, nós estamos pensando em tirar esse país da miséria em que ele se encontra”.

Esta fala parece revelar seu pensamento e seu modo de compreender a atividade política, por meio de propostas que deveriam ser construídas e debatidas com a sociedade em prol do progresso e desenvolvimento da nação.

Desse modo, tal segmento parece revelar também um *imaginário da soberania popular*, sustentado por meio da figura da *solidariedade*, uma vez que o projeto político proposto por Lula, e por seu partido, visa à construção de uma sociedade onde o povo seria o soberano nas decisões tomadas para garantir um futuro em que não existiria a miséria e a fome que aflige o país.

Já o fragmento: “[...] *nós estamos pensando em tirar esse país da miséria em que ele se encontra*” parece fundamentar-se no *imaginário do sucesso*, na medida em que propõe a ideia de “superação” dos problemas por meio do projeto que Lula e seu partido, em conjunto com a sociedade, propõem como meta para a diminuição da miséria.

Assim, alguns *ethé de credibilidade* como o *ethos de virtude* pode ser observado na fala seguinte:

“Eu tenho que pensar é, mesmo que o Lula não chegue lá – ou porque não ganhe uma eleição, ou porque morra antes de chegar lá –, que as propostas elaboradas por nós possam ser discutidas com a sociedade. Quando nós fazemos um projeto, nós não estamos pensando no governo, numa campanha, nós estamos pensando em tirar esse país da miséria em que ele se encontra”.

Já o *ethos de competência* pode ser notado no trecho: “*Quando nós fazemos um projeto, nós não estamos pensando no governo, numa campanha, nós estamos pensando em tirar esse país da miséria em que ele se encontra*”, podem ser percebidos nos trechos citados. Bem como a presença do *ethos de solidariedade*, sustentado por meio de imagens sugeridas pelo segmento: “*Quando nós fazemos um projeto, nós não*

estamos pensando no governo, numa campanha, nós estamos pensando em tirar esse país da miséria em que ele se encontra”.

Considerações preliminares:

A partir das observações realizadas sobre as duas respostas analisadas nessa entrevista com o então presidente do Partido dos Trabalhadores (PT) Luís Inácio Lula da Silva, realizada em 1993, pelo programa *Roda Viva*, pode ser destacada a predominância de *saberes de experiência* e também *saberes de crença*, sobretudo de ideologias.

Quanto aos imaginários que parecem fundamentar o discurso de Lula nessa entrevista, o que é possível perceber é o predomínio do *imaginário da soberania popular*, sobretudo pela figura da *solidariedade*. Este predomínio do *imaginário da soberania popular* pode ser interpretado como uma correspondência natural do discurso político de modo geral, uma vez que este tipo de discurso irá buscar de modo freqüente a adesão da instância cidadã ao projeto proposto e para isso colocará em evidência a importância da participação popular nas escolhas e decisões políticas.

Outro aspecto a ser considerado é a forte presença de certas figuras que compõem o *imaginário do sucesso* no discurso político. Representações referentes ao “trabalho” e ao “esforço” podem ser percebidas de modo recorrente no discurso de Lula, pois contribuem para promover a ideia de *sucesso* e reforçar determinadas identidades que o ator político procura construir diante dos cidadãos eleitores. Daí torna-se possível perceber nos trechos analisados a presença de imagens elaboradas com a finalidade de projetar no espaço social algumas imagens portadoras de valores responsáveis por promover *credibilidade*, como o *ethos de virtude* e competência; e também certos *ethé de identificação*, sobretudo o *ethos de solidariedade* e em alguns momentos, o *ethos de potência*.

→ LUÍS INÁCIO LULA DA SILVA - ENTREVISTA - 22/07/1994

Nessa entrevista concedida ao programa *Roda Viva*, em 1994, Lula fala enquanto candidato à presidência da República pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e surpreendentemente recorre pouco aos relatos sobre sua pessoa. Em apenas três respostas o político faz referências a si e aos acontecimentos nos quais se insere como

protagonista dos fatos. Aqui serão abordados dois trechos em que isso se apresenta de modo mais significativo.

TRECHO [1]:

Heródoto Barbeiro: Lula, nós temos feito, a todos os candidatos à Presidência da República que estiveram aqui no *Roda Viva*, uma pergunta a respeito da sua estratégia de campanha, em função das últimas circunstâncias. E a última circunstância é exatamente essa que nós nomeamos agora em seu perfil, ou seja, as pesquisas dando, aí, um empate técnico - pelo menos a versão do Gallup - entre você e o candidato Fernando Henrique Cardoso. Qual é a sua estratégia em função desta realidade?

Luís Inácio Lula da Silva: *Veja, primeiro, a minha estratégia não é em função da pesquisa. A minha estratégia é em função de uma coisa que nós tínhamos determinado desde abril do ano passado, quando nós fizemos o primeiro ciclo da nossa estratégia de campanha: era fazer as Caravanas da Cidadania [que ocorreram de maio de 1993 a abril de 1994, nas quais Lula percorreu centenas de cidades brasileiras] - que terminaram. Ou seja, nós, agora, começamos um outro ciclo, que é, primeiro, a televisão; segundo, fazer uma campanha eleitoral maciça nas principais cidades do país, fazendo as grandes concentrações públicas. Essa é a estratégia da nossa campanha. A primeira parte da estratégia foi fazer uma radiografia dos problemas brasileiros, conversando com as pessoas. Por isso, nós andamos quase quarenta mil quilômetros de ônibus, de trem e de barco no rio Amazonas e no rio São Francisco. E, agora, nós vamos partir para a segunda parte, que são as grandes concentrações e a divulgação do nosso programa - tanto programa de governo quanto programa de geração de emprego, programa de saúde, programa para micro, pequena e média empresa.*

Análise:

Nesta resposta é possível perceber como Lula, ao responder sobre a estratégia de sua campanha, coloca-se como o responsável principal pela definição das linhas de atuação, mostrando o modo como compreende o fazer político, que em sua visão deveria levar em conta a opinião das pessoas. Para isso seria necessário um contato direto com a população com o intuito de perceber, por meio desses encontros, os reais problemas e as verdadeiras necessidades do povo brasileiro, o que parece revelar o trecho: “*A primeira parte da estratégia foi fazer uma radiografia dos problemas brasileiros, conversando com as pessoas [...]*”. Este trecho revela também certo *imaginário da soberania popular*, na medida em que fundamenta a ideia de que para se fazer política é necessário levar em consideração a opinião dos cidadãos e suas propostas sobre o próprio destino.

No segmento de fala: “[...] *Por isso, nós andamos quase quarenta mil quilômetros de ônibus, de trem e de barco no rio Amazonas e no rio São Francisco*”, detecta-se o *imaginário do sucesso*, por meio de figuras como o “esforço”, o “trabalho” e até mesmo a “dedicação” e a “superação”. Fala esta que tem por objetivo mostrar todo o esforço empreendido com a finalidade de alcançar as pessoas em seus locais de origem, por mais remoto que este seja, e poder ter acesso a suas opiniões foi necessário percorrer grandes distâncias, durante muitos dias e meses, através de diversos meios de transporte, enfrentando e superando as adversidades encontradas.

Assim, Lula procura evocar para si determinadas imagens e projetá-las no imaginário social, como mostra o segmento: “*A primeira parte da estratégia foi fazer uma radiografia dos problemas brasileiros, conversando com as pessoas [...]*”, que parece passar a ideia de um *ethos de competência*, ao procurar demonstrar que o método utilizado para elaborar seu projeto de governo leva em conta as opiniões das pessoas sobre seus reais problemas, e não apenas o conhecimento dos especialistas e técnicos, revelando assim que conhece as verdadeiras dificuldades que afligem a população e que possui os meios ideais para enfrenta-las e soluciona-las.

TRECHO [2]:

Rui Xavier: Esse tipo de coisa das emendas foi tão pouco dito, não...

Luís Inácio Lula da Silva: *Eu acho importante discutir essa questão das emendas, porque, na Constituição de 1988, durante o processo da Constituinte, eu fui um dos parlamentares que brigaram muito para que a gente conseguisse que o Congresso Nacional participasse da elaboração do orçamento - porque, até então, o Congresso só poderia aceitar ou ficar de boca fechada.*

Análise:

No segmento: “[...] *na Constituição de 1988, durante o processo da Constituinte, eu fui um dos parlamentares que brigaram muito para que a gente conseguisse que o Congresso Nacional participasse da elaboração do orçamento - porque, até então, o Congresso só poderia aceitar ou ficar de boca fechada*”, Lula procura demonstrar um *saber de conhecimento* obtido por meio da experiência na atividade parlamentar, ao dizer sobre sua atuação enquanto Deputado Federal e sua atuação efetiva no processo de elaboração da Constituição de 1988, visando afirmar sua

participação política num período de grande importância para a história e configuração política brasileiras.

Ao afirmar “[...] *eu fui um dos parlamentares que brigaram muito para que a gente conseguisse que o Congresso Nacional participasse da elaboração do orçamento [...]*”, Lula fundamenta seu discurso no *imaginário do sucesso*, por meio de figuras como o “esforço”, o “combate”, o “trabalho” e o “êxito”, quando procura explicitar seu papel decisivo e importante na conquista de um resultado positivo almejado.

Outra interpretação pode ser realizada levando em consideração a identidade que Lula procura projetar no imaginário social a partir da construção de algumas ideias reveladoras de um *ethos de potência*, ao dizer: “[...] *eu fui um dos parlamentares que brigaram muito [...]*”; bem como um *ethos de competência*, afinal, além da força empreendida nesse “combate” político e ideológico foi necessário o uso da sabedoria e conhecimento dos meandros do sistema político para que se chegasse ao objetivo almejado.

Considerações preliminares:

A partir das observações realizadas sobre os dois trechos analisados nessa entrevista com o então candidato a Presidente da República Luís Inácio Lula da Silva, realizada em 1994, pelo programa *Roda Viva*, nota-se em ambas as respostas a presença de um tipo de *saber de conhecimento* fundamentado na experiência do trabalho de Lula enquanto deputado Constituinte.

Quanto aos imaginários que parecem fundamentar o discurso de Lula nessa entrevista, o que é possível perceber é o predomínio do *imaginário da soberania popular*, sobretudo pela figura do *igualitarismo*, ao considerar a opinião popular importante e necessária no fazer político. Este predomínio do *imaginário da soberania popular* pode ser interpretado como uma característica natural do discurso político de modo geral, uma vez que este tipo de discurso busca de modo freqüente a adesão da instância cidadã ao projeto proposto e para isso colocará em evidência a importância da participação do povo nas escolhas e decisões políticas.

Outro aspecto a ser considerado é a forte presença de certas figuras que compõem o *imaginário do sucesso* no discurso político. Representações referentes ao “trabalho” e ao “esforço”, bem como ao “combate” e à “superação”, que aqui também podem ser percebidas no discurso de Lula, contribuem para promover a ideia de *sucesso*

e reforçar determinadas identidades que o ator político procura construir diante dos cidadãos eleitores. Daí torna-se possível perceber nos trechos analisados a presença de imagens elaboradas com a finalidade de projetar no espaço social o *ethos de competência*; e também o *ethos de potência*, recorrentes nessa resposta.

→ **LUÍS INÁCIO LULA DA SILVA - ENTREVISTA - 26/08/1995**

Nessa entrevista concedida ao programa *Roda Viva*, em 1995, um ano após as eleições presidenciais de 1994, Lula tece críticas ao governo de Fernando Henrique Cardoso e fala de seu amadurecimento, político e pessoal. Fala também da Caravana da Cidadania e de suas experiências internacionais. Então com 50 anos de idade, Luiz Inácio Lula da Silva deixou a presidência do Partido dos Trabalhadores e se dedicava a percorrer o país ouvindo a população e discutindo seus problemas.

Nessa entrevista foram detectados vinte e um (21) trechos em suas respostas nos quais relata fatos e acontecimentos vividos tanto no campo pessoal quanto nas experiências de sua atuação política. Para a realização das análises foram selecionadas duas (2) respostas consideradas relevantes do ponto de vista da inserção de narrativas de si.

TRECHO [1]:

Matinas Suzuki: Agora, Lula, você está 15 quilos mais magro, fez 50 anos, é vovô e não está com nenhum plano de uma candidatura imediata, essa coisa toda. E você está visivelmente bem. Isso tem te feito bem, estar fora da política direto, como é que você está se sentindo?

Lula: *Houve um problema, que acho que é da idade. Tem gente que tem crise dos 40, tem gente que tem crise dos 50, eu, na verdade, não tive crise. Eu cheguei a conclusão, ao completar 50 anos de idade, que eu tenho menos tempo de vida para frente do que eu tive até agora, então, a máquina, obviamente que ela vai cansando. Não adianta eu me iludir e dizer: “não, eu continuo jovem”. Não, eu não tenho mais o mesmo vigor físico que eu tinha aos 25, ou quando eu tinha 30, que eu ficava três noites acordado no sindicato fazendo assembléias, 12 assembléias por dia, tomando 5l. Hoje, não. Hoje, a idade começa a pesar e eu preciso então fazer um contraponto, ou seja, me preparar. Então, eu resolvi fazer um contraponto para poder balancear. Na medida que eu completei 50 anos de idade, eu estabeleci uma nova forma de vida, ou seja, eu parei de beber, eu moderei substancialmente aquilo que eu comia. E vou tentar viver a vida da forma mais prazerosa do que eu vivi até agora, inclusive, no jeito de fazer política. Ou seja...*

Análise:

É possível perceber nesta fala de Lula uma reflexão que ele faz de sua vida até então, na medida em que faz um balanço de suas experiências vividas para projetar um novo modo de vida que seja mais adequado à realidade de sua condição física, e mesmo psicológica, daquele momento, como é possível notar principalmente pelo segmento:

“Eu cheguei a conclusão, ao completar 50 anos de idade, que eu tenho menos tempo de vida para frente do que eu tive até agora, então, a máquina, obviamente que ela vai cansando. Não adianta eu me iludir e dizer: “não, eu continuo jovem”. Não, eu não tenho mais o mesmo vigor físico que eu tinha aos 25, ou quando eu tinha 30, que eu ficava três noites acordado no sindicato fazendo assembleias, 12 assembleias por dia, tomando 51. Hoje, não. Hoje, a idade começa a pesar e eu preciso então fazer um contraponto, ou seja, me preparar”.

Em decorrência dessa reflexão percebe-se em Lula uma mudança na compreensão de seu próprio modo e estilo de vida que o faz tomar certas decisões no que tange a vida pessoal e mesmo política:

“Na medida que eu completei 50 anos de idade, eu estabeleci uma nova forma de vida, ou seja, eu parei de beber, eu moderei substancialmente aquilo que eu comia. E vou tentar viver a vida da forma mais prazerosa do que eu vivi até agora, inclusive, no jeito de fazer política”.

A fala acima pode ser interpretada também como uma mudança de perspectiva de Lula sobre seu comportamento e sobre sua visão de mundo.

Determinados momentos de sua fala parecem estar fundamentados no *imaginário do sucesso* ao propor de modo subentendido figuras que remetam a ideia de “trabalho” e “esforço”: “[...] *que eu ficava três noites acordado no sindicato fazendo assembleias, 12 assembleias por dia [...]*”). Também transparece os valores da “superação” em:

“Na medida que eu completei 50 anos de idade, eu estabeleci uma nova forma de vida, ou seja, eu parei de beber, eu moderei substancialmente aquilo que eu comia. E vou tentar viver a vida da forma mais prazerosa do que eu vivi até agora, inclusive, no jeito de fazer política”.

Quanto às formas de *ethé* que podem ser observadas em sua resposta, é possível perceber a projeção de algumas imagens que visam à consolidação de determinadas identidades, como a tentativa de evocar para si o *ethos de virtude*, percebida no segmento: “*Na medida que eu completei 50 anos de idade, eu estabeleci uma nova forma de vida, ou seja, eu parei de beber, eu moderei substancialmente aquilo que eu comia*”. Nota-se também um *ethos de humanidade* em todo o segmento:

“Tem gente que tem crise dos 40, tem gente que tem crise dos 50, eu, na verdade, não tive crise. Eu cheguei a conclusão, ao completar 50 anos de idade, que eu tenho menos tempo de vida para frente do que eu tive até agora, então, a máquina, obviamente que ela vai cansando. Não adianta eu me iludir e dizer: “não, eu continuo jovem”. Não, eu não tenho mais o mesmo vigor físico que eu tinha aos 25, ou quando eu tinha 30, que eu ficava três noites acordado no sindicato fazendo assembleias, 12 assembleias por dia, tomando 51. Hoje, não. Hoje, a idade começa a pesar e eu preciso então fazer um contraponto, ou seja, me preparar. Então, eu resolvi fazer um contraponto para poder balancear. Na medida que eu completei 50 anos de idade, eu estabeleci uma nova forma de vida, ou seja, eu parei de beber, eu moderei substancialmente aquilo que eu comia. E vou tentar viver a vida da forma mais prazerosa do que eu vivi até agora, inclusive, no jeito de fazer política”.

Lula ao relatar suas reflexões pessoais expõe as fraquezas e limites aos quais estão submetidos os seres humanos de modo geral, inclusive ele próprio. Mas ao mesmo tempo busca mostrar-se como uma pessoa capaz de perceber, assumir e superar, ou ao menos amenizar, esses limites impostos pelo tempo e pela condição humana.

TRECHO [2]:

Marco Damiani: É porque, realmente, você já passou duas vezes pela experiência de ser derrotado numa eleição majoritária, se vê perto aqui no caso do Brasil, do Palácio do Planalto. A primeira você ficou abatido, a segunda parece que você se saiu melhor. Quer dizer, o que fica disso?

Lula: *Eu aprendi, eu aprendi uma coisa muito séria. Eu, hoje, com muito mais consciência do que há alguns anos atrás... quer dizer... o grande erro da minha vida foi transformar o fato de eu ter perdido as eleições para o Collor numa derrota. Ou seja, hoje eu tenho consciência que nas condições que nós disputamos as eleições, chegar a ter 47% dos votos nesse Brasil, imaginar, sabe, que o povo brasileiro tinha dado 47% de votos a um torneiro mecânico, é uma coisa de uma grandeza incomensurável e que eu deveria ter visto pelo lado positivo, entretanto, eu achei que perdi. Agora, eu tenho a*

dimensão da minha derrota em 94. Quando a imprensa publica que no governo Itamar foram gastos 210 milhões de dólares para fazer propaganda do Real... quando ele publica esse dado, eu tenho a dimensão do que eu enfrentei. Ao contrário de 89, eu enfrentei em 94 a máquina do Estado inteira, enfrentamos a máquina do PFL, que não é pouca coisa no Brasil, a maior aliança já feita nesse país entre a chamada centro-esquerda e os conservadores. Enfrentamos, né, quase todos os prefeitos do Brasil e os governadores, ou seja, numa eleição que não era solteira, era casada. Então, eu tenho a dimensão que eu não poderia ficar chorando uma derrota. Eu perdi as eleições, perdi para uma moeda, não tive a sensibilidade, sabe, de medir corretamente o valor que a estabilidade teve no imaginário do povo brasileiro e, ao invés de ficar chorando, eu tenho que partir para trabalhar.

Análise:

Na resposta de Lula é possível perceber certa reflexão que ele faz sobre suas disputas nas eleições presidenciais de 1989 e 1994, nas quais fora derrotado, evidenciando o aprendizado que consegue extrair dessas experiências e que o fez adquirir uma nova perspectiva e um novo olhar sobre todo o processo vivenciado, como revelam os trechos de fala:

“Eu aprendi, eu aprendi uma coisa muito séria. Eu, hoje, com muito mais consciência do que há alguns anos atrás...”.

“Ou seja, hoje eu tenho consciência que nas condições que nós disputamos as eleições, chegar a ter 47% dos votos nesse Brasil, imaginar, sabe, que o povo brasileiro tinha dado 47% de votos a um torneiro mecânico, é uma coisa de uma grandeza incomensurável e que eu deveria ter visto pelo lado positivo, entretanto, eu achei que perdi. Agora, eu tenho a dimensão da minha derrota em 94”.

“Então, eu tenho a dimensão que eu não poderia ficar chorando uma derrota.”

No que diz respeito aos tipos de imaginários que fundamentam o discurso de Lula, é possível notar a presença de uma série de figuras que remetem a ideia de “progresso”: *“Eu aprendi, eu aprendi uma coisa muito séria. Eu, hoje, com muito mais consciência do que há alguns anos atrás...”*; de “superação” e de “reconhecimento”: *“[...] hoje eu tenho consciência que nas condições que nós disputamos as eleições, chegar a ter 47% dos votos nesse Brasil, imaginar, sabe, que o povo brasileiro tinha dado 47% de votos a um torneiro mecânico, é uma coisa de uma grandeza incomensurável [...]”*); de “esforço” e de “combate”: *“Ao contrário de 89, eu enfrentei*

*em 94 a máquina do Estado inteira, enfrentamos a máquina do PFL, que não é pouca coisa no Brasil, a maior aliança já feita nesse país entre a chamada centro esquerda e os conservadores.”; e também de “superação” e “trabalho”: “[...] e, ao invés de ficar chorando, eu tenho que partir para trabalhar”. Estas figuras que se encontram subentendidas na fala de Lula são representações que remetem ao *imaginário do sucesso* que o político busca imprimir em seu discurso de modo recorrente.*

Em outra perspectiva de análise observa-se na resposta de Lula a presença de imagens orientadas para a promoção de identidades políticas por meio de determinados *ethé*, como os de *credibilidade*, na figura do *ethos de virtude*, encontrada em:

“Então, eu tenho a dimensão que eu não poderia ficar chorando uma derrota. Eu perdi as eleições, perdi para uma moeda, não tive a sensibilidade, sabe, de medir corretamente o valor que a estabilidade teve no imaginário do povo brasileiro e, ao invés de ficar chorando, eu tenho que partir para trabalhar”.

Também ocorrem na fala de Lula alguns *ethé de identificação*, como as figuras que remetem ao *ethos de potência*, percebido no segmento:

“Ao contrário de 89, eu enfrentei em 94 a máquina do Estado inteira, enfrentamos a máquina do PFL, que não é pouca coisa no Brasil, a maior aliança já feita nesse país entre a chamada centro-esquerda e os conservadores.”;

Já o *ethos de humanidade*, que pode ser notado em:

“Então, eu tenho a dimensão que eu não poderia ficar chorando uma derrota. Eu perdi as eleições, perdi para uma moeda, não tive a sensibilidade, sabe, de medir corretamente o valor que a estabilidade teve no imaginário do povo brasileiro e, ao invés de ficar chorando, eu tenho que partir para trabalhar”.

Considerações preliminares:

A partir das observações realizadas sobre os dois trechos analisados nessa entrevista com Luís Inácio Lula da Silva, realizada em 1995, pelo programa *Roda Viva*, pode ser destacada a predominância de *saberes de experiência* e também *saberes de crença*, sobretudo de ideologias, no caso da primeira resposta analisada.

Quanto aos imaginários que parecem fundamentar o discurso de Lula nessa entrevista, o que é possível perceber é a forte presença de certas figuras que compõem o *imaginário do sucesso* no discurso político. Representações como o “trabalho”, o “esforço” e a “superação”, no primeiro caso; e figuras como a “superação”, o “trabalho” e o “esforço”, no segundo caso, podem ser percebidas de modo recorrente no discurso de Lula, pois ambas contribuem para promover a ideia de *sucesso* e reforçar determinadas identidades que o ator político procura construir diante dos cidadãos eleitores. A partir dessa compreensão torna-se possível detectar nos trechos analisados a presença de imagens elaboradas com a finalidade de projetar no imaginário social alguns *ethé de credibilidade*, como o *ethos de virtude*; e também certos *ethé de identificação*, sobretudo o *ethos de humanidade* e em alguns momentos, o *ethos de potência*, caso da segunda resposta analisada.

→ LUÍS INÁCIO LULA DA SILVA - ENTREVISTA - 01/10/1999

O então presidente de honra do PT (Partido dos Trabalhadores) Luis Inácio Lula da Silva concedeu essa entrevista ao programa *Roda Viva*, em 1999, um ano após ser novamente derrotado na disputa pela presidência da República. Nessa entrevista, Lula faz críticas ao governo de Fernando Henrique Cardoso, diz não saber se seria candidato à presidência mais uma vez e discute o acordo do Brasil com o FMI, além de tratar de outras questões sobre política.

Nessa entrevista foram detectadas seis (6) respostas consideradas portadoras de manifestações de relatos de ordem pessoal, nas quais Lula faz algum tipo de narração sobre aspectos de sua vida ou de acontecimentos nos quais teve participação ativa. Desses relatos foram selecionadas duas (2) respostas consideradas relevantes para a realização das análises.

TRECHO [1]:

Ricardo Noblat: Lula, se me permite... Há, pelos menos, duas eleições que eu ouço você dizer que “não quero ser candidato, não vou ser candidato” e acaba sendo candidato... Ou docemente constrangido ou perversamente constrangido, não sei, mas acaba sendo candidato. Pelo menos foi assim na última. Um pouco na anterior, mas especificamente na última. Na última, aparentemente, você relutou muito, de fato relutou muito e você dizia: “Não quero ser. E eu acho que o PT tem outros nomes, tem outras possibilidades”. Claro que a gente está com um tempo muito longo, como você

mesmo colocou, até lá. Mas é uma questão de foro íntimo: você está disposto a... se o partido lhe pressionar novamente e apertar novamente, constrangido, você se candidata?

Lula: *Noblat, olha, deixa eu falar uma coisa para você. Olha, eu acho que não se trata do partido constranger ou não. Veja, em 1998, eu dei uma contribuição maléfica para o debate, porque eu mesmo coloquei o meu nome em depreciação, eu mesmo coloquei o meu nome. Quinhentas conversas com o Brizola, com Arraes, com o meu presidente José Dirceu, com João Amazonas, ou seja, eu tinha consciência que eles não tinham outro porque não tinham preparado um outro. E, na medida que eu fiquei quatro meses dizendo que eu não queria ser, para eles indicarem outro, eu fui permitindo que passassem para a sociedade a ideia de que existia alguém na esquerda melhor do que eu, quando na verdade não existia naquele momento. O que eu estou querendo dizer agora é que, com muita antecedência, nós precisamos abrir esse debate interno. Fazer avaliações internas para ver quem é que tem possibilidade, até porque nós temos hoje vários governadores na oposição. Nós temos Garotinho no Rio, temos Olívio Dutra, no Rio Grande do Sul. Nós temos o Zeca no Mato Grosso do Sul, nós temos o Lessa, nós temos Jorge Vianna, nós temos o Capiberibe, nós temos sete senadores. E ainda tem o Itamar em Minas Gerais. Então, o que eu acho é que nós precisamos começar a fazer uma discussão para estabelecer critérios para escolher. O que eu tenho dito ao meu presidente, José Dirceu? Eu não quero ser candidato natural, não é possível. Esse partido já tem 20 anos, tem gente extraordinária. Nós precisávamos, então, colocar essas pessoas para viajar o Brasil, para fazerem debates, saírem do seus estados, saírem das coisas pequenas e fazerem uma coisa maior. Sabe, só no PT nós temos José Dirceu, Tarso Genro, Genuíno, Cristóvão Buarque, Aloízio Mercadante, Suplicy, sabe, então nós temos gente extraordinária. Marta foi eleita como prefeita, é uma candidata em potencial. O Garotinho é um candidato em potencial, Olívio Dutra... Então, o que eu quero é que não fique nesse negócio: “Não, Lula tem 30%, olha, ele já começa com trinta. Vamos ficar no banho-maria, vai ser ele mesmo”. Eu não quero mais isso, eu não quero mais isso. Eu quero abrir um debate porque, se eu tiver que ser candidato, eu quero ser candidato num outro critério. Tentar fazer uma prévia nacional em que todos aqueles que queiram ser candidato, para que a gente então saia dessa política pequena de meu partido.*

Análise:

A partir de observações sobre a resposta de Lula é possível perceber que sua fala é organizada inicialmente por um *saber de conhecimento* uma vez que ao dizer:

“Veja, em 1998, eu dei uma contribuição maléfica para o debate, porque eu mesmo coloquei o meu nome em depreciação, eu mesmo coloquei o meu nome. Quinhentas conversas com o Brizola, com Arraes, com o meu presidente José Dirceu, com João Amazonas, ou seja, eu tinha consciência que eles não tinham outro porque não tinham preparado um outro”.

Lula passa a ideia de ter vivido certa experiência da qual pode perceber que naquela ocasião, quando ele próprio afirmava que não queria se candidatar à presidência e que existiriam outros nomes com maior potencial que o dele, acabou por contribuir de modo negativo para o debate dentro do partido, uma vez que agora - no momento em que concede a entrevista - ele percebe e concorda que não havia naquele momento - 1998 - um nome mais forte que o dele para a disputa presidencial.

No que tange aos imaginários que fundamentam seu discurso, no caso dessa resposta, Lula busca transmitir, mesmo que de modo implícito, uma forma de *imaginário da soberania popular*. Imaginário este sustentado na ideia e nos valores da *solidariedade*, neste caso, um tipo de solidariedade de cunho mais político, na medida em que ele propõe um diálogo entre os membros do grupo em prol de um objetivo comum. Como diz Charaudeau:

“Há uma outra forma de solidariedade, mais política, que diz respeito à gestão dos negócios sociais e econômicos e que consiste em promover o encontro dos atores sociais para que, juntos, estabeleçam acordos. Não se trata mais de uma solidariedade no sentido único do Estado para com os desprovidos, nem dos bem-nascidos para com os pobres, mas de uma concepção da gestão dos negócios que preconiza que os parceiros no desenvolvimento de um setor de atividade sejam solidários na vontade de alcançar uma solução comum. Na gestão dos negócios políticos, sociais e econômicos, essa forma de solidariedade leva o nome de parceria, negociação ou diálogo social”. CHARAUDEAU (2006, p. 238).

Ao observar o segmento: “[...] *E, na medida que eu fiquei quatro meses dizendo que eu não queria ser, para eles indicarem outro, eu fui permitindo que passassem para a sociedade a ideia de que existia alguém na esquerda melhor do que eu, quando na verdade não existia naquele momento*”, nota-se a presença do *imaginário do sucesso* por meio de figuras como o “reconhecimento” e o “mérito”, uma vez que Lula reconhece e busca evidenciar sua importância e potencial enquanto representante principal da oposição e nome de maior projeção da esquerda naquele momento.

Do mesmo modo é possível perceber na resposta de Lula algumas imagens reveladoras tanto do *ethos* de competência, quanto do *ethos* de chefe, como mostra o segmento: “[...] *eu fui permitindo que passassem para a sociedade a ideia de que existia alguém na esquerda melhor do que eu, quando na verdade não existia naquele momento*”. Nota-se também a presença do *ethos de virtude* em: “*Eu não quero ser candidato natural, não é possível. Esse partido já tem 20 anos, tem gente*

extraordinária”; e do *ethos de virtude*, sustentado aqui pela ideia de lealdade: “*Eu quero abrir um debate porque, se eu tiver que ser candidato, eu quero ser candidato num outro critério. Tentar fazer uma prévia nacional em que todos aqueles que queiram ser candidato, para que a gente não saia dessa política pequena de meu partido*”.

TRECHO [2]:

Luiz Felipe D'Ávila: A pobreza é uma questão importante que você acabou de mencionar. E é curioso que há uma certa similaridade entre o discurso do ACM e algumas propostas defendidas pelo PT sobre como resolver o problema da pobreza. E é engraçado que você acabou de fazer uma colocação sobre a pobreza... que o discurso vai quase no caminho que eu considero um caminho sensato, ou seja, gerar emprego, gerar crescimento da atividade econômica. Mas o discurso do Antônio Carlos Magalhães e de alguns membros do PT vai exatamente no sentido oposto: é aumentar o peso do assistencialismo estatal, aumentar a ajuda do Estado. Como é que você vai conseguir conciliar? Porque crescer economia, fazer com que a economia funcione, precisamos dar mais crédito, fazer as reformas tributárias, fazer todas essas reformas que nós acabamos de discutir aqui, trabalhista e tal. Por outro lado, existe o combate à pobreza com uma política assistencial, que é exatamente aumentar o gasto do Estado e dar benefícios ou, como você bem disse, esmolas: cestas básicas, coisas que não ajudam a combater a pobreza. Como é que nós vamos conciliar essas duas propostas, aumentar o crescimento econômico sem aumentar o gasto com o assistencialismo estatal?

Lula: *Elas se complementam, uma não exclui a outra. Porque, veja, você não pode dizer para as pessoas: “Fiquem esperando a economia crescer enquanto surge o dinheiro”. Você precisa priorizar. Eu vou dar um exemplo para você: com metade do dinheiro que o BNDES vai liberar para a Ford na Bahia, quase 700 milhões de reais... com metade desse dinheiro, nós faríamos o saneamento fitossanitário em toda a produção de cacau da Bahia e nós poderíamos gerar 200 mil empregos, não, 5 mil empregos. É uma questão de prioridade, quando o BNDES financia praticamente 25% de todo o processo de privatização... Ora, esse dinheiro poderia ter sido canalizado para outro setor da atividade econômica que pudesse gerar emprego mais imediato, principalmente a agricultura, a habitação, saneamento básico, a pequena e média empresa. É uma questão de definição. Acontece que, cegamente, a equipe econômica do governo parece que tem uma tampa e não consegue, efetivamente, ver nada, porque eles só trabalham com estatística, eles não têm sensibilidade com o ser humano. Porque eles não sabem, efetivamente, o que é a miséria nesse país. Eles não sabem o que é uma mulher passar dois dias vendo o filho chorar atrás de um pedaço de pão e não ter dinheiro para comprar. Eu só queria que o Malan tivesse essa mesma benevolência, com o povo pobre do Brasil, que ele tem com o FMI, só isso. A mesma paixão, sabe. O ouvido... Ouviu o povo um pouco porque não é possível tanta insensibilidade. Agora, quem sabe, o Banco Mundial começa a falar de pobreza, o FMI volta a falar de pobreza, o ACM fala de pobreza, daqui a pouco, o Fernando Henrique Cardoso fala de pobreza... aí, quem sabe então, a equipe econômica tira umas migalhas para cuidar da pobreza nesse país.*

Análise:

Nessa resposta de Lula é possível observar duas formas de *saber de conhecimento*. Um tipo seria o *saber técnico* que Lula procura transmitir para mostra sua capacidade de entendimento sobre certas questões de ordem técnica e econômica, como em:

“Eu vou dar um exemplo para você: com metade do dinheiro que o BNDES vai liberar para a Ford na Bahia, quase 700 milhões de reais... com metade desse dinheiro, nós faríamos o saneamento fitossanitário em toda a produção de cacau da Bahia e nós poderíamos gerar 200 mil empregos, não, 5 mil empregos. É uma questão de prioridade, quando o BNDES financia praticamente 25% de todo o processo de privatização... Ora, esse dinheiro poderia ter sido canalizado para outro setor da atividade econômica que pudesse gerar emprego mais imediato, principalmente a agricultura, a habitação, saneamento básico, a pequena e média empresa. É uma questão de definição.”

A outra forma de *saber de conhecimento* que também pode ser observada é um *saber de experiência* contido no segmento: *“Porque eles não sabem, efetivamente, o que é a miséria nesse país. Eles não sabem o que é uma mulher passar dois dias vendo o filho chorar atrás de um pedaço de pão e não ter dinheiro para comprar”*, que revela implicitamente que Lula vivenciou situação semelhante de pobreza e dificuldades.

Nota-se por outro lado uma forma de *saber de crença* de cunho *ideológico* contido na fala: *“Acontece que, cegamente, a equipe econômica do governo parece que tem uma tampa e não consegue, efetivamente, ver nada, porque eles só trabalham com estatística, eles não têm sensibilidade com o ser humano”*, que expõe o ponto de vista de Lula sobre o modo como determinados aspectos da administração pública são conduzidos. Assim critica o modo mecânico e frio da equipe econômica do governo de Fernando Henrique Cardoso, que considera apenas as estatísticas e não teria a sensibilidade necessária para atender as reais necessidades dos mais pobres.

Com relação aos imaginários que fundamentam o discurso de Lula é possível notar nessa resposta a presença do *imaginário da modernidade*, sustentado por meio da utilização do discurso do *economismo*, sobretudo no trecho:

“Eu vou dar um exemplo para você: com metade do dinheiro que o BNDES vai liberar para a Ford na Bahia, quase 700 milhões de

reais... com metade desse dinheiro, nós faríamos o saneamento fitossanitário em toda a produção de cacau da Bahia e nós poderíamos gerar 200 mil empregos, não, 5 mil empregos. É uma questão de prioridade, quando o BNDES financia praticamente 25% de todo o processo de privatização... Ora, esse dinheiro poderia ter sido canalizado para outro setor da atividade econômica que pudesse gerar emprego mais imediato, principalmente a agricultura, a habitação, saneamento básico, a pequena e média empresa. É uma questão de definição.”

Observa-se aqui o modo como Lula articula seu raciocínio visando passar a impressão de domínio do tema com a propriedade de um especialista no assunto.

No que tange aos imaginários presentes implicitamente na fala de Lula, encontram-se algumas figuras responsáveis por consolidar a imagem de sabedoria e coerência de seu discurso, como o domínio do saber técnico, pelo recurso ao economismo, citado acima. Outras figuras que remetem ao *imaginário do sucesso* como a “superação” e a “ascensão social” podem ser notados no trecho: “*Porque eles não sabem, efetivamente, o que é a miséria nesse país. Eles não sabem o que é uma mulher passar dois dias vendo o filho chorar atrás de um pedaço de pão e não ter dinheiro para comprar*”. Ao dizer com propriedade o que é passar fome, Lula mostra ao mesmo tempo sua capacidade de superação desse estado de pobreza que outrora o afligia.

Quanto às diversas imagens manifestas na fala de Lula que contribuem para promover credibilidade e identificação é possível detectar o *ethos de competência*, ao observar o segmento:

“Eu vou dar um exemplo para você: com metade do dinheiro que o BNDES vai liberar para a Ford na Bahia, quase 700 milhões de reais... com metade desse dinheiro, nós faríamos o saneamento fitossanitário em toda a produção de cacau da Bahia e nós poderíamos gerar 200 mil empregos, não, 5 mil empregos. É uma questão de prioridade, quando o BNDES financia praticamente 25% de todo o processo de privatização... Ora, esse dinheiro poderia ter sido canalizado para outro setor da atividade econômica que pudesse gerar emprego mais imediato, principalmente a agricultura, a habitação, saneamento básico, a pequena e média empresa. É uma questão de definição”.

Outras formas de *ethos* percebidas na fala de Lula seriam o *ethos de solidariedade*, que aqui é evocado por meio da figura do *sentimento*, que consiste para o

político em deixar transparecer sua emoção em certas ocasiões públicas, sobretudo por meio da utilização de palavras de compaixão, característica percebida em:

“Acontece que, cegamente, a equipe econômica do governo parece que tem uma tampa e não consegue, efetivamente, ver nada, porque eles só trabalham com estatística, eles não têm sensibilidade com o ser humano. Porque eles não sabem, efetivamente, o que é a miséria nesse país. Eles não sabem o que é uma mulher passar dois dias vendo o filho chorar atrás de um pedaço de pão e não ter dinheiro para comprar”.

Imagem de solidário incorporada também ao demonstrar que sabe “ouvir outro”:
“Ouvisse o povo um pouco porque não é possível tanta insensibilidade”.

Considerações preliminares:

A partir das observações realizadas sobre os dois trechos analisados nessa entrevista com o então presidente de honra do Partido dos Trabalhadores (PT) Luís Inácio Lula da Silva, realizada em 1999, pelo programa *Roda Viva*, pode ser destacada a predominância de *saberes de experiência* e também *saberes de crença*, sobretudo por meio de posicionamentos ideológicos.

Quanto aos imaginários que parecem fundamentar o discurso de Lula nessa entrevista, o que é possível perceber é o predomínio do *imaginário da soberania popular*, pela referência à figura da *solidariedade*. Este predomínio do *imaginário da soberania popular* pode ser interpretado como característica natural do discurso político de modo geral, uma vez que este tipo de discurso irá buscar de modo freqüente a adesão da instância cidadã ao projeto proposto e para isso colocará em evidência a importância da participação popular nas escolhas e decisões políticas. Na segunda resposta, nota-se também a presença do *imaginário da modernidade* pelo recurso a um discurso organizado com base na linguagem do *economismo*, por meio do qual Lula procura mostrar-se detentor de um saber técnico e que domina a linguagem da economia.

Outro aspecto a ser considerado é a forte presença de certas figuras que compõem o *imaginário do sucesso* no discurso político. Representações como o “reconhecimento”, o “mérito” e a “superação” podem ser percebidas no discurso de Lula, pois contribuem para promover a ideia de *sucesso* e reforçar determinadas identidades que o ator político procura construir diante dos cidadãos eleitores. É

possível perceber também nos trechos analisados a presença de imagens elaboradas com a finalidade de projetar no espaço social alguns *ethé de credibilidade*, como o *ethos de virtude* e o *ethos de competência*; e também certos *ethé de identificação*, sobretudo o *ethos de solidariedade* e o *ethos de humanidade*.

→ **LUÍS INÁCIO LULA DA SILVA - ENTREVISTA - 16/10/2006**

No final de seu primeiro mandato como Presidente, em 2006, Lula concedeu no Palácio da Alvorada, residência oficial da Presidência da República, essa entrevista ao programa *Roda Viva*, na qual fez avaliações sobre sua administração e debateu seus planos para um possível segundo mandato.

Após análise preliminar da entrevista foram observados quinze (15) trechos nos quais Lula faz inserções de relatos que dizem respeito a sua trajetória de vida e a sua atuação política. Desse conjunto de falas foram selecionadas duas (2) respostas consideradas relevantes para as análises de suas narrativas.

TRECHO [1]:

Alexandre Machado: Presidente, como é que o governo, o Estado, pode investir se, no momento, nós temos um histórico de baixíssimos investimentos do Estado e uma perspectiva, inclusive já mencionada pelo senhor, de que o governo, no próximo mandato, terá que ainda cortar gastos? De onde é que sai dinheiro para poder fazer esse tipo de investimento?

Luiz Inácio Lula da Silva: *Veja, eu vou te dar uma experiência de vida, Alexandre. Eu, toda minha vida, quando eu precisava de mais recursos, não vendia minha geladeira, eu fazia hora extra, eu trabalhava mais. Então, eu trabalhava exatamente para garantir o dinheiro do transporte, eu trabalhava para garantir o dinheiro do aluguel, eu trabalhava para garantir algumas coisas extras. O Brasil, veja, todo mundo fala em gasto, ficou na moda agora falar em gasto, e toda vez que nós ouvimos a palavra gasto corrente, a gente já sabe diretamente onde que vai cair o gasto corrente, vai cortar políticas sociais, vai cortar salário... Veja, o Brasil, a palavra de ordem neste país, para o próximo ano, quem quer que seja que governe este país, não podem ser outras a não ser desenvolvimento, crescimento econômico, distribuição de renda. Somente com crescimento econômico é que nós vamos ter o dinheiro para que a gente possa fazer as coisas que nós precisamos fazer no Brasil. Eu posso te dizer, Alexandre, eu até poderia, um dia, te chamar para discutir o orçamento da União, nós temos arrecadação de 360 bilhões de reais, sabe. Só com a Previdência são 160 bilhões de reais, com a folha de pagamento são 107 bilhões de reais, com a saúde são 45 bilhões de reais. Quando você vai perceber, não sobra dinheiro para você fazer os investimentos e não tem de onde tirar porque você não pode tirar da Previdência, você não pode tirar da saúde, você não pode tirar da folha de pagamento. Eu, quando vejo um assessor, sabe, dizer que vai economizar 60 bilhões, é uma heresia, é sufocar este*

país a mais 20 anos de arrocho. Então, o que nós precisamos? É preciso de um pacto nesse país. Quando eu digo a palavra pacto é porque eu acho que é preciso ter um entendimento porque não tem mágica, não tem milagre. Ou nós fazemos a economia brasileira voltar a crescer, e aí nós precisamos reduzir a taxa de juros de forma muito contínua, a TJLP já está a 6,85, é o mais baixo nível da sua história, reduzir a taxa de juros, fazer as parcerias público-privada, atrair capital estrangeiro, atrair capital nacional para a gente poder investir. Nós temos grandes projetos em andamento que podem garantir o desenvolvimento desse país. Agora, não existe isso, Alexandre, eu posso te dizer uma coisa, eu duvido que haja muita margem de manobra para alguém dizer: “Eu vou cortar 60 bilhões, 40 bilhões.” porque é asfixiar o país. Nós estamos dando uma demonstração de seriedade que é manter um superávit de 4,25%, é importante lembrar que fomos nós que aumentamos o superávit de 3,75 para 4,25%.

Análise:

Por meio dessa resposta, Lula procura em alguns momentos transmitir certos conhecimentos, ao narrar determinados acontecimentos vivenciados por ele. Assim, as experiências que Lula adquiriu ao longo de sua vida permitiram ao político elaborar um modo próprio de encarar e superar as dificuldades que possam surgir. Princípios estes que também poderiam nortear as soluções a serem aplicadas na administração de um país, o que parece revelar o trecho:

“Veja, eu vou te dar uma experiência de vida, Alexandre. Eu, toda minha vida, quando eu precisava de mais recursos, não vendia minha geladeira, eu fazia hora extra, eu trabalhava mais. Então, eu trabalhava exatamente para garantir o dinheiro do transporte, eu trabalhava para garantir o dinheiro do aluguel, eu trabalhava para garantir algumas coisas extras”.

Assim, dificuldades sejam elas de ordem pessoal e familiar, ou aquelas que possam surgir quando da condução de um país e de uma crise econômica podem ser enfrentadas e superadas, afirma Lula, por meio do trabalho e do esforço, e como ele próprio sugere, por meio do desenvolvimento econômico, ao dizer: *“Somente com crescimento econômico é que nós vamos ter o dinheiro para que a gente possa fazer as coisas que nós precisamos fazer no Brasil.”* Os ditos desse sujeito-falante parecem revelar também suas crenças e os valores que lhe são caros, na medida em que expõe seu ponto de vista sobre como devem ser encaradas as crises pelas quais passam as pessoas, ou mesmo um país.

Ao responder a questão colocada pelo jornalista, Lula procura demonstrar conhecimento de causa ao enunciar por meio de dados estatísticos e percentuais a real

situação econômica enfrentada pelo país, visando mostrar domínio técnico ao utilizar uma linguagem que busca conciliar dados da economia, com situações simples e cotidianas enfrentadas por grande parte da população brasileira. Sua fala, portanto, parece estar fundamentada no *imaginário da modernidade*, através de um discurso portador de valores sobre o *economismo*, característica esta percebida em:

“Ou nós fazemos a economia brasileira voltar a crescer, e aí nós precisamos reduzir a taxa de juros de forma muito contínua, a TJLP já está a 6,85, é o mais baixo nível da sua história, reduzir a taxa de juros, fazer as parcerias público-privada, atrair capital estrangeiro, atrair capital nacional para a gente poder investir.”

É possível perceber em outros momentos de sua resposta a evocação de determinadas figuras responsáveis por promover certas ideias relacionadas com o “trabalho”, o “esforço” e a “dedicação” como vimos em: “[...] eu fazia hora extra, eu trabalhava mais”. Desse modo, Lula procura lançar ideias que remetem a um *imaginário do sucesso* e que buscam promover identificação com o público eleitor, transmitindo-lhe credibilidade.

Partindo desse raciocínio nota-se em sua fala a tentativa de projetar na opinião pública imagens que corroboram para a construção e manutenção de determinadas identidades, incorporadas por meio de determinadas figuras de *ethos*, como a clara tentativa de afirmação do *ethos de sério*: “Nós estamos dando uma demonstração de seriedade que é manter um superávit de 4,25% [...]”, também do *ethos de virtude*, evocado por meio da figura da sinceridade: “Quando eu digo a palavra pacto é porque eu acho que é preciso ter um entendimento porque não tem mágica, não tem milagre”; ou ainda de um *ethos de competência*, revelado pela fala seguinte:

“Nós temos grandes projetos em andamento que podem garantir o desenvolvimento desse país”.

“[...] é importante lembrar que fomos nós que aumentamos o superávit de 3,75 para 4,25%”.

Assim, por meio da evocação de valores e imagens diversas, o sujeito político Lula procura garantir seu capital de credibilidade necessário para promover e reafirmar sua identidade política junto à instância cidadã.

TRECHO [2]:

Paulo Markun: Presidente, o nosso tempo acabou e eu queria botar uma última pergunta, que será também a última pergunta para Geraldo Alckmin. Eu sei que político não gosta de raciocinar sobre hipóteses, mas na hipótese de o senhor não ser eleito, o que é que o senhor pretende fazer?

Luiz Inácio Lula da Silva: *Primeiro, eu vou ser reeleito, mas segundo, Paulo, eu vou voltar para São Bernardo do Campo. Eu digo sempre o seguinte: Cada um que já foi presidente desse país pode sair da Presidência e ir para o exterior, eu vou para São Bernardo do Campo a 600 metros do sindicato que me criou na política e todo dia, quando eu levantar, que eu abro a janela eu estou vendo a Volkswagen, estou vendo a empresa, estou vendo o pessoal entrar, o pessoal que me criou para a política. Eu acho que Deus já foi generoso comigo ao extremo de permitir que houvesse uma alternância de poder, que coubesse a um presidente da República. Eu, depois de fazer muito tempo que tinha lido o livro Mauá [Mauá, o empresário do Império, de Jorge Caldeira], eu esses dias assisti um filme Barão de Mauá [Mauá, o imperador e o rei], e eu vi o comportamento de uma pequena parcela da elite brasileira que não gosta de alternância do poder, que fica nervosa, que fica irritada. Eu estou tranqüilo, acho que cumpri com a minha função como presidente da República, tenho possibilidade de fazer muito mais, primeiro porque já aprendi muito, segundo porque já sei, agora, todos os caminhos das pedras e você sabe que fazia tempo que um governo não chegava no final do mandato com uma aceitação da opinião pública que nós chegamos, sabe por quê? Porque o povo está sentindo é no bolso, ele não está vendo manchete de jornal, ele está vendo é no bolso dele, ele está vendo é no supermercado, ele está vendo na farmácia, ele está vendo no depósito de materiais, ele está vendo no açougue, que apesar de algumas coisas negativas que se colocam, ele está comendo mais e vivendo melhor.*

Análise:

Em alguns momentos da resposta acima é possível perceber que Lula, ao falar sobre as experiências adquiridas enquanto Presidente da República procura transmitir a ideia de que possui os conhecimentos necessários para continuar no exercício do poder político, procurando afirmar os resultados e as conquistas alcançadas no primeiro mandato, características estas que podemos observar na seguinte fala:

“Eu estou tranqüilo, acho que cumpri com a minha função como presidente da República, tenho possibilidade de fazer muito mais, primeiro porque já aprendi muito, segundo porque já sei, agora, todos os caminhos das pedras [...]”.

Por outro lado, os segmentos: “[...] acho que cumpri com a minha função como presidente da República [...]” e “[...] e você sabe que fazia tempo que um governo não

chegava no final no mandato com uma aceitação da opinião pública que nós chegamos [...], são falas que podem ser consideradas portadoras de uma forma de crença, na medida uma vez que Lula ao emitir sua opinião sobre sua gestão coloca em evidência opiniões divergentes que podem discordar do seu ponto de vista.

Com relação aos imaginários que parecem fundamentar o discurso que Lula emprega nessa resposta é possível perceber, de modo geral, a presença do *imaginário da soberania popular*, observando determinados momentos em que a fala do político faz referências ao poder de escolha do cidadão e também revela a consciência de sua parte de que as decisões de um líder devem estar subordinadas às escolhas do povo, característica que podemos detectar em trechos como:

“[...] estou vendo a empresa, estou vendo o pessoal entrar, o pessoal que me criou para a política”.

“[...] eu vi o comportamento de uma pequena parcela da elite brasileira que não gosta de alternância do poder, que fica nervosa, que fica irritada”.

“[...] acho que cumpri com a minha função como presidente da República”.

Em diversos momentos da resposta de Lula aparecem determinadas representações que remetem ao “êxito”, como pode ser percebido em: *“Primeiro, eu vou ser reeleito [...]*”; e também no trecho: *“Eu estou tranqüilo, acho que cumpri com a minha função como presidente da República”.* Outras podem se referir ao mesmo tempo ao “trabalho” e ao “saber”: *“[...] tenho possibilidade de fazer muito mais, primeiro porque já aprendi muito, segundo porque já sei, agora, todos os caminhos das pedras”.* Ainda se fazem presentes outras figuras como a do “reconhecimento” e a do “mérito”, que podem ser exemplificadas pela fala: *“[...] e você sabe que fazia tempo que um governo não chegava no final do mandato com uma aceitação da opinião pública que nós chegamos”.* O discurso de Lula faz referência também ao “progresso”:

“Porque o povo está sentindo é no bolso, ele não está vendo manchete de jornal, ele está vendo é no bolso dele, ele está vendo é no supermercado, ele está vendo na farmácia, ele está vendo no depósito de materiais, ele está vendo no açougue, que apesar de algumas coisas negativas que se colocam, ele está comendo mais e vivendo melhor.”

Vê-se ainda na fala de tal sujeito político a presença da figura da “fé”: “*Eu acho que Deus já foi generoso comigo ao extremo de permitir que houvesse uma alternância de poder, que coubesse a um presidente da República*”. Portanto, todas essas imagens corroboram para a constituição do *imaginário do sucesso* que paira em seus ditos.

Quanto às formas de *ethé* que podem ser observados na fala de Lula, notamos a utilização de certas imagens que visam à elaboração e projeção no espaço social de uma identidade política portadora de valores capazes de promover a *credibilidade* e a *identificação*. Assim é possível notar a presença do *ethos de competência* em falas como a seguinte:

“Eu estou tranqüilo, acho que cumpri com a minha função como presidente da República, tenho possibilidade de fazer muito mais, primeiro porque já aprendi muito, segundo porque já sei, agora, todos os caminhos das pedras”.

Outra forma de *ethos* que pode ser considerada a partir da análise da resposta corresponde à tentativa de Lula em passar uma imagem de “humanidade”, na medida em que procura, em certas ocasiões, mostrar-se como um homem do povo, que leva uma vida comum, transmitindo a ideia de simplicidade:

“Eu digo sempre o seguinte: Cada um que já foi presidente desse país pode sair da Presidência e ir para o exterior, eu vou para São Bernardo do Campo a 600 metros do sindicato que me criou na política e todo dia, quando eu levantar, que eu abro a janela eu estou vendo a Volkswagen, estou vendo a empresa, estou vendo o pessoal entrar, o pessoal que me criou para a política”.

O *ethos de humanidade* demonstra ser aquele com o qual Lula procura se revestir com maior empenho e frequência, mesmo que, como vimos, possa se manifestar sobreposto a outras imagens que o político busca evocar para si.

Considerações preliminares:

A partir das observações realizadas sobre os dois trechos analisados nessa entrevista com o então Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, quando do final de seu primeiro mandato, realizada em 2006, pelo programa *Roda Viva*, vimos que nela pode ser destacada a predominância de *saberes de experiência*, com ocorrências de

saberes de crença na forma de *ideologia*, na primeira resposta analisada, e de uma *opinião relativa*, no caso da segunda resposta.

Quanto aos imaginários que parecem fundamentar o discurso de Lula nessa entrevista, o que é possível perceber no primeiro caso é a presença do *imaginário da modernidade* na figura do *economismo*, pois Lula procura mostrar-se detentor de um saber técnico e capaz de dominar a linguagem da economia. Na segunda resposta, nota-se também a presença do *imaginário da soberania popular*.

Outro aspecto a ser considerado é a forte presença de certas figuras que compõem o *imaginário do sucesso* no discurso político. Representações como o “trabalho”, o “esforço” e a “superação”, predominam no primeiro caso, enquanto figuras como o “êxito”, o “progresso” e o “reconhecimento” podem ser percebidas na segunda resposta analisada. Representações estas que no discurso de Lula contribuem para promover a ideia de *sucesso* e reforçar determinadas identidades que o ator político procura construir diante dos cidadãos eleitores. Daí torna-se possível perceber nos trechos analisados a presença de imagens elaboradas com a finalidade de projetar no espaço social algumas formas de *ethé*, como o *ethos de virtude*, o *ethos de competência* e o *ethos de humanidade* na primeira resposta analisada; e, no segundo caso, o *ethos de competência* e o *ethos de humanidade*.

ANÁLISES:

→ MARINA SILVA - ENTREVISTA - 19/11/1994

Nessa entrevista concedida ao programa *Roda Viva*, em novembro de 1994, a então senadora acreana Marina Silva conta como conseguiu superar as adversidades e fala de sua trajetória política, marcada pela amizade com Chico Mendes e pela defesa da Amazônia.

A partir de leituras da entrevista foi possível observar a presença de trinta e seis (36) trechos de falas consideradas portadoras de referências a passagens de sua vida, tanto de ordem íntima, quanto no que diz respeito a relatos de sua atividade política. Desse conjunto de narrativas pessoais foram destacadas duas respostas para a realização das análises.

TRECHO [1]

Rodolpho Gamberini: Senadora, a sua presença amanhã nessa votação deve ser muito importante, até um pouco simbólica, não é? A senhora virou um símbolo no Acre. A senhora é campeã de votos no Acre, teve 64 mil e poucos votos, como a senhora explica esse fenômeno? A senhora era analfabeta aos 16 anos e hoje é campeã de votos no seu estado. Como é isso na sua cabeça? E como a senhora explica esse sucesso?

Marina Silva: *Veja bem, eu acho que essa questão dos votos, não é bem que seja um fenômeno. Na verdade, há 16 anos eu estou nessa luta, não é? Realmente, eu fui uma pessoa que veio de uma família humilde, com uma trajetória de muitas dificuldades, eu fui alfabetizada a partir dos 16 anos, mas desde que eu saí do convento onde eu morava, eu me liguei às comunidades eclesiais de base e comecei um trabalho em um movimento social na estação experimental. Na época, nós lutávamos por água e por luz. Quando eu entrei na faculdade, já em 1981, eu me liguei ao movimento estudantil, quando eu saí, eu já era professora e já estava em um movimento sindical, rural e urbano, e é um projeto político. Hoje, nós temos uma prefeitura que goza de 90% de ótimo e bom. Quer dizer, é um projeto político. Eu sempre digo que a minha votação, a minha eleição é um grande iceberg, não é? Existe uma pontinha que está fora d'água, mas existe um volume muito grande que são exatamente aquelas pessoas que a gente não consegue ver.*

Análise:

A partir da leitura e análise da entrevista e de observações de alguns aspectos considerados relevantes para a pesquisa, sendo eles as indicações fornecidas pelo modo como os saberes se organizam, os imaginários que fundamentam as falas, bem como os

ethé que são manifestados, pode ser destacado na resposta selecionada para análise que a entrevistada recorre para a organização de seu discurso a um tipo de *saber de conhecimento*, de cunho *empírico*. Marina Silva procura, ao falar sobre sua eleição ao senado, relatar sua trajetória na vida política demonstrando a experiência adquirida a partir dos desafios enfrentados, o início de sua atividade política nos movimentos sociais, e todas as dificuldades que tiveram que ser superadas para alcançar os objetivos de seu projeto político proposto e o reconhecimento do eleitorado, conforme pode ser percebido no segmento a seguir:

“Na verdade, há 16 anos eu estou nessa luta, não é? Realmente, eu fui uma pessoa que veio de uma família humilde, com uma trajetória de muitas dificuldades, eu fui alfabetizada a partir dos 16 anos, mas desde que eu saí do convento onde eu morava, eu me liguei às comunidades eclesiais de base e comecei um trabalho em um movimento social na estação experimental. Na época, nós lutávamos por água e por luz. Quando eu entrei na faculdade, já em 1981, eu me liguei ao movimento estudantil, quando eu saí, eu já era professora e já estava em um movimento sindical, rural e urbano, e é um projeto político”.

Sua fala também apresenta um tipo de *saber de crença*, que pode ser entendido como uma forma de *ideologia*, que parece comportar uma compreensão do modo de atuação política por meio da participação em movimentos sociais e da proposição de ideias e projetos, o que Marina Silva deixa transparecer nos trechos: “[...] *mas desde que eu saí do convento onde eu morava, eu me liguei às comunidades eclesiais de base e comecei um trabalho em um movimento social na estação experimental*”; “[...] *é um projeto político*”.

Quanto aos imaginários que participam da fundamentação do discurso de Marina Silva pode-se perceber a evocação do *imaginário da soberania popular*, pela promoção da dos valores da solidariedade aos mais necessitados, aos excluídos; o que pode ser detectado nos trechos:

“[...] mas desde que eu saí do convento onde eu morava, eu me liguei às comunidades eclesiais de base e comecei um trabalho em um movimento social na estação experimental. Na época, nós lutávamos por água e por luz”.

“Eu sempre digo que a minha votação, a minha eleição é um grande iceberg, não é? Existe uma pontinha que está fora d’água,

mas existe um volume muito grande que são exatamente aquelas pessoas que a gente não consegue ver”.

Observa-se também a presença do *imaginário do sucesso*, aqui sustentado pelas figuras do “trabalho” e do “esforço”, como revelam os trechos em que a entrevistada procura exaltar seu empenho:

“Na verdade, há 16 anos eu estou nessa luta, não é”.

“Na época, nós lutávamos por água e por luz. Quando eu entrei na faculdade, já em 1981, eu me liguei ao movimento estudantil, quando eu saí, eu já era professora e já estava em um movimento sindical, rural e urbano”.

Outra figura que pode ser notada é a da “superação”, quando Marina Silva ao responder relata sua trajetória de vida e as dificuldades enfrentadas e superadas para conquistar seu espaço e “reconhecimento”, conforme mostra o segmento:

“Realmente, eu fui uma pessoa que veio de uma família humilde, com uma trajetória de muitas dificuldades, eu fui alfabetizada a partir dos 16 anos, mas desde que eu saí do convento onde eu morava, eu me liguei às comunidades eclesiais de base e comecei um trabalho em um movimento social na estação experimental. Na época, nós lutávamos por água e por luz. Quando eu entrei na faculdade, já em 1981, eu me liguei ao movimento estudantil, quando eu saí, eu já era professora e já estava em um movimento sindical, rural e urbano, e é um projeto político. Hoje, nós temos uma prefeitura que goza de 90% de ótimo e bom”.

Com relação aos tipos de *ethé* que podem ser observados na fala de Marina Silva, nota-se nessa resposta a evocação de um conjunto de representações que participam da elaboração de uma identidade política capaz de corresponder a determinadas expectativas da instância cidadã e promover credibilidade e identificação com o público. Assim é possível perceber um *ethos de virtude*, pela demonstração de modéstia e de lealdade, revelados nos trechos:

“Veja bem, eu acho que essa questão dos votos, não é bem que seja um fenômeno”.

“Eu sempre digo que a minha votação, a minha eleição é um grande iceberg, não é? Existe uma pontinha que está fora d’água,

mas existe um volume muito grande que são exatamente aquelas pessoas que a gente não consegue ver”.

Percebe-se ainda a tentativa de evocar para si o *ethos de competência*, uma vez que a entrevistada recorre a um discurso que visa demonstrar capacidade de *saber-fazer*, os estudos realizados, as funções exercidas, bem como a experiência adquirida ao longo do tempo dedicado à vida política, conforme pode ser observado no segmento:

“Quando eu entrei na faculdade, já em 1981, eu me liguei ao movimento estudantil, quando eu saí, eu já era professora e já estava em um movimento sindical, rural e urbano, e é um projeto político. Hoje, nós temos uma prefeitura que goza de 90% de ótimo e bom. Quer dizer, é um projeto político”.

É possível também detectar imagens responsáveis pela incorporação do *ethos de humanidade*, na medida em que relata sua origem humilde, como pode ser percebido em: *“Realmente, eu fui uma pessoa que veio de uma família humilde, com uma trajetória de muitas dificuldades, eu fui alfabetizada a partir dos 16 anos”.* E também do *ethos de solidariedade*, ao demonstrar lealdade e preocupação com os mais necessitados: *“[...] mas desde que eu saí do convento onde eu morava, eu me liguei às comunidades eclesiais de base e comecei um trabalho em um movimento social na estação experimental. Na época, nós lutávamos por água e por luz”.*

TRECHO [2]

Heródoto Barbeiro: A senhora vai ser candidata [ao governo do Acre]?

Marina Silva: Não, eu, na minha vida, as coisas nunca...

Heródoto Barbeiro: É que alguém perguntou aqui, por isso que eu estou dizendo.

Marina Silva: Não funciona assim comigo, eu quando fui eleita vereadora eu não estava me programando para ser deputada estadual, e quando eu era deputada estadual eu não me programei para ser senadora. Inclusive, foi difícil convencer o partido para sair senadora, porque eles achavam que era mais fácil eu ser candidata a deputada federal, que ganhava mais fácil. E aí nós tivemos – eu inclusive – de convencer que tínhamos que disputar o Senado para ser uma alternativa no Senado, muito embora, corrêssemos o risco de perder. Então, não tem na minha vida isso. O que eu quero fazer é um bom trabalho como senadora. Eu quero trabalhar duas questões que, para mim, são fundamentais: essa questão da Amazônia e a questão dos excluídos. Eu acho que é fundamental que se tenha um grande movimento, isso, o

Betinho já está fazendo, e eu quero ajudar nessa luta, pela minha trajetória, pela minha origem.

Análise:

Marina Silva apresenta nesta resposta uma fala caracterizada, de modo geral, por um tipo de *saber de conhecimento* que procura demonstrar a experiência adquirida a partir de sua atuação em cada esfera política em que atuou: “[...] *eu quando fui eleita vereadora eu não estava me programando para ser deputada estadual, e quando eu era deputada estadual eu não me programei para ser senadora*”.

Um outro tipo de saber que pode ser constatado é uma forma de *crença* de cunho *ideológico*, na mediada em que sua fala busca confirmar suas convicções, seu entendimento e seu posicionamento sobre questões que considera relevantes para o debate e a ação política:

“Então, não tem na minha vida isso. O que eu quero fazer é um bom trabalho como senadora. Eu quero trabalhar duas questões que, para mim, são fundamentais: essa questão da Amazônia e a questão dos excluídos. Eu acho que é fundamental que se tenha um grande movimento, isso, o Betinho já está fazendo, e eu quero ajudar nessa luta, pela minha trajetória, pela minha origem”.

Pode ser observado também, que a fala apresentada por Marina Silva nesta resposta fundamenta-se no *imaginário da soberania popular*, sustentado por meio de um discurso que prega os valores da *solidariedade*, ideia que se mostra recorrente nessa entrevista:

“Eu quero trabalhar duas questões que, para mim, são fundamentais: essa questão da Amazônia e a questão dos excluídos. Eu acho que é fundamental que se tenha um grande movimento, isso, o Betinho já está fazendo, e eu quero ajudar nessa luta, pela minha trajetória, pela minha origem”.

Participa também desse processo de fundamentação do discurso de Marina Silva o *imaginário do sucesso*, evocado por meio de figuras que remetem a ideia de “trabalho” e seu correlato o “esforço”, observados nos trechos:

“Inclusive, foi difícil convencer o partido para sair senadora”.

“E aí nós tivemos – eu inclusive – de convencer que tínhamos que disputar o Senado para ser uma alternativa no Senado”.

“O que eu quero fazer é um bom trabalho como senadora”.

“[...] e eu quero ajudar nessa luta”.

Quanto aos tipos de *ethé* que podem ser observados na fala de Marina Silva, nota-se o *ethos de virtude*, por meio da ideia de *sinceridade* e de *fidelidade* ao projeto proposto:

“Não funciona assim comigo, eu quando fui eleita vereadora eu não estava me programando para ser deputada estadual, e quando eu era deputada estadual eu não me programei para ser senadora”.

“[...] porque eles achavam que era mais fácil eu ser candidata a deputada federal, que ganhava mais fácil”.

“Então, não tem na minha vida isso”.

O *ethos de competência* também se faz presente, por meio de referências ao domínio do *saber-fazer*, à habilidade retórica para convencer, à capacidade de exercer determinada função e à experiência adquirida pela atuação política:

“Inclusive, foi difícil convencer o partido para sair senadora”; “E aí nós tivemos – eu inclusive – de convencer que tínhamos que disputar o Senado para ser uma alternativa no Senado”.

“O que eu quero fazer é um bom trabalho como senadora”.

É possível detectar ainda o *ethos de solidariedade* demonstrado pela preocupação e lealdade aos mais necessitados, conforme revela o segmento:

“Eu quero trabalhar duas questões que, para mim, são fundamentais: essa questão da Amazônia e a questão dos excluídos. Eu acho que é fundamental que se tenha um grande movimento, isso, o Betinho já está fazendo, e eu quero ajudar nessa luta, pela minha trajetória, pela minha origem”.

Considerações preliminares:

Na primeira resposta de Marina Silva escolhida para a análise detecta-se um *saber de conhecimento* de natureza *empírica*, na medida em que procura mostrar a experiência adquirida na atividade política; e também um *saber de crença* de cunho *ideológico*, representado pelo modo como compreende o fazer político. Na segunda resposta analisada também foi possível observar que o discurso de Marina Silva busca privilegiar determinados tipos de *saberes* adquiridos pela *experiência vivida* no campo pessoal e na atividade política. Consta-se ainda uma forma de crença *ideológica*, na medida em que sua fala busca confirmar suas convicções e seu posicionamento sobre questões que considera relevantes para o debate e a ação política.

No que se refere à fundamentação de seu discurso, nota-se nas duas respostas analisadas a presença do *imaginário da soberania popular*, representado pelo discurso da *solidariedade* que visa promover a ideia de maior justiça social. Observa-se também na fundamentação do discurso de Marina Silva a participação recorrente do *imaginário do sucesso*, sustentado por algumas figuras com o predomínio da referência ao “trabalho”, ao “esforço”, à “superação”, ao “reconhecimento” (“mérito”). Figuras estas que contribuem para promover a ideia de *sucesso* e reforçar determinadas identidades que o ator político procura construir diante dos cidadãos eleitores.

A partir daí torna-se possível perceber nos trechos analisados a presença de imagens elaboradas com a finalidade de projetar no imaginário social alguns *ethé de credibilidade*, como o *ethos de virtude* e o *ethos de competência* observados tanto na primeira quanto na segunda resposta; e também determinados *ethé de identificação*, exemplificados pelo *ethos de solidariedade*, na primeira e na segunda resposta; e o *ethos de humanidade*, na primeira resposta.

→ MARINA SILVA - ENTREVISTA - 13/3/2006

A então Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, concedeu essa entrevista ao programa *Roda Viva*, em março de 2006, situação em que falou sobre sua atuação no ministério, sobre a política ambiental do governo Lula e as ações de combate ao desmatamento na Amazônia.

A partir de uma análise preliminar da entrevista foi possível constatar a ocorrência de dezesseis (16) trechos em que a entrevistada faz referências a algumas

passagens de sua vida ou de sua atuação no campo político. Desse conjunto foram selecionadas duas (2) respostas nas quais os relatos, portadores de conteúdo biográfico, proferidos por Marina Silva foram considerados relevantes para a realização das análises.

TRECHO [1]

Marcelo Leite: Ministra, eu gostaria de voltar à questão dos números. Eu concordo com o Markun que a sua visão talvez seja um pouco rosa, e é perfeitamente compreensível, vindo de uma pessoa do governo. O governo, acho que merece todos os cumprimentos pelos esforços que tem feito, que são visíveis. O Brasil inteiro deve comemorar a redução de 31% do desmatamento, ninguém em sã consciência pode colocar isso em dúvida. Mas o fato é que foram 18 mil quilômetros quadrados de floresta. Ele só foi uma redução de 31% porque vínhamos de uma base absurda de 27 mil e duzentos quilômetros quadrados no ano anterior, que foi a segunda maior taxa de desmatamento da história medida.

[...]

Marcelo Leite: Eu só quero concluir aqui. A questão, de qualquer modo [...] vamos fazer um exercício de especulação: mesmo que neste ano a gente repita a fantástica soma de 18 mil e novecentos quilômetros quadrados de desmatamento, esses três anos de governo Lula vão representar 65 mil quilômetros quadrados de desmatamento. Na média, dá mais de 21 mil por ano, que é uma cifra absurda e é maior do que qualquer cálculo que se faça sobre o período Fernando Henrique Cardoso, primeiro mandato separado, segundo mandato separado, ou os dois mandatos juntos. Isso é um indicador correto, objetivo, suficiente da sua gestão no Ministério?

Marina Silva: *Olha, quando entrei no Ministério do Meio Ambiente, eu sabia que era um desafio muito grande, e quando você diz que eu faço uma avaliação rosa por ser do governo, eu discordo de você. Eu faço uma avaliação de que tivemos ganhos, e que esses ganhos precisam ser reconhecidos e celebrados, até porque eles não são fruto da ação exclusiva do governo. O que o governo está fazendo não tem nada de novo. O que o governo está fazendo é colocando em prática aquilo que a sociedade já estava careca de dizer: “Desmatamento não dá para ser combatido apenas pelo Ministério do Meio Ambiente, tem que ser uma ação integrada”. Desmatamento tem que ser combatido com transparência, colocando claramente os dados, e isso está sendo feito. O governo tem que ouvir a sociedade na hora de tomar as decisões. Foram feitos três seminários técnico-científicos com a sociedade para acolher essas sugestões. Estamos implementando – corajosamente, eu devo dizer – o presidente Lula está implementando todo esse conjunto de sugestões. E o que eu estou é, em hipótese alguma, minimizando os números que você está colocando. Não estou dizendo isso. E também não quero comparar, até porque eu peguei uma realidade em que o desmatamento vinha crescendo a 27%. É como se eu tivesse um navio a alta velocidade em alto-mar. Eu tenho que frear esse processo e fazer uma curva para ele crescer, e a minha posição dentro do governo foi: “Eu não vou fazer pirotecnia ambiental”. Nós vamos fazer coisas estruturantes, para que fique para o Estado brasileiro uma política que vá além dos governos. Criar 15 milhões de unidades de conservação em áreas de conflito,*

diferentemente das que eram criadas, igualmente importantes, em regiões remotas da Amazônia, é política estruturante. Mexer em ordenamento territorial e latifundiário, em que há trinta anos não se mexia neste país, é política estruturante. Ter um trabalho voltado para, inclusive, redimensionar o crédito, como está fazendo o ministro Ciro Gomes, para que os projetos aprovados pelo Basa [Banco da Amazônia S/A], pelo Banco do Brasil, possam incorporar critérios de sustentabilidade – já fez isso –, é política estruturante. Estamos discutindo, inclusive, que isso possa ser levado para os bancos privados, é política estruturante. De sorte que, o que nós temos que celebrar é um processo que precisa se consolidar, sem a ansiedade de ficar medindo se eu fiz mais ou menos do que o Fernando Henrique. Até porque...

Análise:

Nessa entrevista de 2006, Marina Silva demonstra um discurso estruturado com base em uma linguagem um tanto quanto técnica e formal, restringindo-se em quase toda a entrevista a assuntos específicos de sua atuação no ministério. Entretanto, ela faz poucas referências a si, isso talvez pelo fato de Marina Silva, enquanto ministra, falar em nome do país, fazendo uso constante da terceira pessoa do plural: “[...] *porque nós somos o número um dos países megadiversos*”.

A enunciação de Marina Silva nessa resposta apresenta em alguns momentos uma organização estruturada com base no *saber de conhecimento*, por meio da demonstração de capacidade e do domínio *técnico* referente ao tema em debate. Fala essa que busca transmitir ao mesmo tempo a ideia de *experiência*, que foi adquirida por meio de sua atuação na atividade política que, segundo ela, sempre esteve ligada à defesa e à proteção do meio ambiente. Ela então entremeia seu discurso com um conjunto de expressões que procuram transmitir certa firmeza de sua parte e garantir assim a credibilidade, conforme pode ser notado nos trechos seguintes:

“Foram feitos três seminários técnico-científicos com a sociedade para acolher essas sugestões.”.

“[...] até porque eu peguei uma realidade em que o desmatamento vinha crescendo a 27%. É como se eu tivesse um navio a alta velocidade em alto-mar. Eu tenho que frear esse processo e fazer uma curva para ele crescer, e a minha posição dentro do governo foi: “Eu não vou fazer pirotecnia ambiental”. Nós vamos fazer coisas estruturantes, para que fique para o Estado brasileiro uma política que vá além dos governos. Criar 15 milhões de unidades de conservação em áreas de conflito, diferentemente das que eram criadas, igualmente importantes, em regiões remotas da Amazônia, é política estruturante. Mexer

em ordenamento territorial e latifundiário, em que há trinta anos não se mexia neste país, é política estruturante”.

Outro tipo de saber que se faz presente na fala desse sujeito-falante diz respeito a uma forma de crença, uma vez que representa a perspectiva pela qual Marina Silva concebe o fazer político e a participação popular nas decisões do governo. Isso pode ser constatado pela observação do trecho:

“O que o governo está fazendo não tem nada de novo. O que o governo está fazendo é colocando em prática aquilo que a sociedade já estava careca de dizer: Desmatamento não dá para ser combatido apenas pelo Ministério do Meio Ambiente, tem que ser uma ação integrada. Desmatamento tem que ser combatido com transparência, colocando claramente os dados, e isso está sendo feito. O governo tem que ouvir a sociedade na hora de tomar as decisões”.

No que se refere aos imaginários que participam da fundamentação do discurso desse ator político, a fala citada acima também pode ser utilizada para ilustrar, por um lado, a referência a certos valores correspondentes ao *imaginário da soberania popular*, tão recorrente no discurso de Lula, que Marina Silva parece incorporar em seu discurso. Ao mesmo tempo, o que também pode ser percebido nesse trecho é a evocação do *imaginário da tradição*, por meio do uso de uma fala que faz referência a uma busca por certa forma de pureza que está sendo perdida por meio da destruição dos recursos naturais.

Mas o discurso de Marina Silva parece recorrer de modo paralelo ao *imaginário da modernidade*, na medida em que propõe uma forma de desenvolvimento que seja sustentável, ao mesmo tempo em que tece uma crítica ao desenvolvimento destrutivo, utilizando para isso uma linguagem técnica, que evoca o discurso do *economismo*, por meio da utilização de dados e de estatísticas: “[...] até porque eu peguei uma realidade em que o desmatamento vinha crescendo a 27%”.

Outro imaginário que participa da fundamentação do discurso de Marina Silva é o *imaginário do sucesso*, que está presente em sua fala por meio da referência a um conjunto de figuras responsáveis por transmitir a ideia de “trabalho” e “esforço”:

“Olha, quando entrei no Ministério do Meio Ambiente, eu sabia que era um desafio muito grande [...]”.

“[...] É como se eu tivesse um navio a alta velocidade em alto-mar. Eu tenho que frear esse processo e fazer uma curva para ele crescer”.

Mostram-se presentes também algumas figuras como o “progresso”, observada no trecho seguinte: *“Eu faço uma avaliação de que tivemos ganhos [...]”.*

Ainda nos foi possível notar nessa resposta de Marina Silva a presença das figuras do “reconhecimento” e do “mérito”:

“Eu faço uma avaliação de que tivemos ganhos, e que esses ganhos precisam ser reconhecidos e celebrados”.

“De sorte que, o que nós temos que celebrar é um processo que precisa se consolidar, sem a ansiedade de ficar medindo se eu fiz mais ou menos do que o Fernando Henrique”.

Algumas representações podem ser detectadas na fala de Marina Silva, como aquelas utilizadas com o intuito de promover identificação e credibilidade junto à instância cidadã. Desse modo, a entrevistada busca associar sua pessoa uma série de imagens que corroboram para a construção de uma determinada identidade política portadora de *ethé* diversos, como o *ethos de virtude*, incorporado por meio de um discurso que remete aos valores da *honestidade* e da *sinceridade*:

“O que o governo está fazendo não tem nada de novo. O que o governo está fazendo é colocando em prática aquilo que a sociedade já estava careca de dizer”.

“Desmatamento tem que ser combatido com transparência, colocando claramente os dados, e isso está sendo feito”.

“E o que eu estou é, em hipótese alguma, minimizando os números que você está colocando. Não estou dizendo isso. E também não quero comparar”.

“[...] e a minha posição dentro do governo foi: Eu não vou fazer pirotecnia ambiental”.

Encontra-se presente também o *ethos de competência*, por meio de um discurso capaz de promover a ideia de capacidade de *saber-fazer* e da experiência adquirida na vida pública:

“Nós vamos fazer coisas estruturantes, para que fique para o Estado brasileiro uma política que vá além dos governos. Criar 15 milhões de unidades de conservação em áreas de conflito, diferentemente das que eram criadas, igualmente importantes, em regiões remotas da Amazônia, é política estruturante. Mexer em ordenamento territorial e latifundiário, em que há trinta anos não se mexia neste país, é política estruturante”.

Outra forma de *ethé* que pode ser notada na fala de Marina foi o *ethos de caráter*, demonstrado por meio da referência a algumas figuras como a “coragem” e o “orgulho”, respectivamente ilustrados pelos trechos a seguir:

“Estamos implementando – corajosamente, eu devo dizer – o presidente Lula está implementando todo esse conjunto de sugestões”.

“De sorte que, o que nós temos que celebrar é um processo que precisa se consolidar, sem a ansiedade de ficar medindo se eu fiz mais ou menos do que o Fernando Henrique”.

Essa conjugação de valores e imagens de que se vale Marina Silva ao organizar sua fala parece corroborar a tendência já apontada de que o discurso político visa a corresponder a demandas e públicos distintos.

TRECHO [2]

Paulo Markun: Ministra, eu queria saber o seguinte: nós andamos adiante, de 72 para cá? Porque a sensação, quando se olham as estatísticas – nós que eu digo é o mundo, como um todo, e o Brasil mais ainda – dá a impressão que não; quando se olha essa consciência vaga que a senhora citou, sim – todo mundo é ecologista, ambientalista, limpo, puro e são até de recolher a primeira latinha de alumínio na praia da esquina para vender e refazer o ciclo de produção de alumínio.

Marina Silva: *Avançamos. Eu acho que o homem ter consciência de que vivemos a era dos limites é um avanço. Infelizmente, nem todos têm essa consciência, e alguns ainda ficam resistindo e querendo destruir os recursos de milhares e milhares de anos pelo lucro de apenas algumas décadas. Eu acho que esse é o desafio que está posto para a humanidade. Agora, é claro que nós estamos no olho do furacão. Quando alguém chega e diz que a nossa perda de biodiversidade já é semelhante à da época da extinção dos dinossauros, é algo muito grave. E quando eu li essa informação no Relatório-Síntese de Avaliação Ecossistêmica do Milênio... eu me lembro de uma cena, que o meu pai fazia roça de subsistência no seringal e, de repente, ele brocou uma capoeira, para fazer o roçado, e deixou um pé de jurubeba. E várias lagartas que devoram as folhas estavam no pé de jurubeba. Ele derrubou todo o entorno e eu disse: “Papai, o senhor não vai derrubar o pé de jurubeba?”. Ele disse: “Não, vou deixar aí e*

elas vão se ferrar”. E elas ficaram comendo toda a jurubeba, porque elas atacavam depois o arroz... principalmente o feijão. Ele, com a cabeça dele de lavrador, já sabia que elas dariam prejuízo, não estava ligado na biodiversidade [rindo]. Mas ele deixou só o pé de jurubeba lá e, de repente, quando elas acabaram de comer todo o pé de jurubeba, elas morreram todas. Quer dizer, quando eu vi essa informação eu disse: “Meu Deus, será que nós já estamos no pé de jurubeba? Será que essa coisa já é tão avassaladora assim?” Mas o importante é que existe uma consciência. O que se avançou, de 92 para cá, com estruturas multilaterais, no âmbito dos Estados nacionais. Se você verificar o que se criou hoje, em termos de organização... [sendo interrompida]

Paulo Markun: Mas aí chegam os Estado Unidos e dizem que não assinam o Protocolo de Quioto, aí chega o setor do agronegócio brasileiro e diz que não é bem assim, que determinada Lei não é bem assado, e isso gera enorme discussão e debate. Quer dizer, todo esse avanço não é um pouco utópico?

Marina Silva: *Olha, eu acho que se nós não tivéssemos utopias nós tínhamos parado bem antes da roda, sabe? Eu acho que o que faz rodar, girar esse processo, é a utopia. Eu acredito nisso. Muitas vezes eu fui chamada de sonhadora, por várias razões, e acredito que, o que mobiliza as pessoas, é o sonho, é acreditar. E quando você cria espaços institucionais para fazer essa disputa, para fazer a negociação, você faz isso democraticamente e você consegue avançar. Lamentavelmente, existem alguns setores que eu considero que estão bastante atrasados em relação à percepção do que se tem hoje no mundo. Hoje, pensar...” [sendo interrompida]*

Análise:

No segmento acima é possível observar preliminarmente que a fala de Marina Silva organiza-se por meio de certos saberes de *conhecimento* que poderia ser interpretado como estando ligado à sua *experiência* de vida, um relato em que procura passar uma mensagem de aprendizado transmitido pelo pai sobre um aspecto da vida na roça, que ela utiliza para ilustrar metaforicamente (formigas/seres humanos) uma conjuntura mundial no que tange à destruição e preservação do meio ambiente. No segmento narrativo abaixo ela busca transmitir os valores de certa sabedoria adquirida por meio das experiências herdadas do pai:

“[...] eu me lembro de uma cena, que o meu pai fazia roça de subsistência no seringal e, de repente, ele brocou uma capoeira, para fazer o roçado, e deixou um pé de jurubeba. E várias lagartas que devoram as folhas estavam no pé de jurubeba. Ele derrubou todo o entorno e eu disse: “Papai, o senhor não vai derrubar o pé de jurubeba?”. Ele disse: “Não, vou deixar aí e elas vão se ferrar”. E elas ficaram comendo toda a jurubeba, porque elas atacavam depois o arroz... principalmente o feijão. Ele, com a cabeça dele de lavrador, já sabia que elas dariam

prejuízo, não estava ligado na biodiversidade. Mas ele deixou só o pé de jurubeba lá e, de repente, quando elas acabaram de comer todo o pé de jurubeba, elas morreram todas. Quer dizer, quando eu vi essa informação eu disse: “Meu Deus, será que nós já estamos no pé de jurubeba? Será que essa coisa já é tão avassaladora assim?”.

Na resposta de Marina também se percebe a presença de certas crenças, configuradas na forma de um posicionamento ideológico, uma vez que a entrevistada relata em diversos momentos de sua fala a perspectiva com que ela se posiciona diante de determinadas questões e de valores que são relevantes para a sociedade, aspectos estes que podem ser observados nos trechos a seguir:

“Olha, eu acho que se nós não tivéssemos utopias nós tínhamos parado bem antes da roda, sabe? Eu acho que o que faz rodar, girar esse processo, é a utopia. Eu acredito nisso. Muitas vezes eu fui chamada de sonhadora, por várias razões, e acredito que, o que mobiliza as pessoas, é o sonho, é acreditar”.

“Infelizmente, nem todos têm essa consciência, e alguns ainda ficam resistindo e querendo destruir os recursos de milhares e milhares de anos pelo lucro de apenas algumas décadas”.

No que tange à fundamentação do discurso que Marina Silva utiliza na resposta acima, o que se observa é a evocação, por um lado, do *imaginário da tradição*, realizada por meio de uma fala que faz referências à preservação da natureza e ao equilíbrio ambiental. Paralelamente nota-se a participação do *imaginário da modernidade*, que se revela por meio da referência a uma possível superioridade do nível de desenvolvimento e de conscientização alcançados até o tempo presente, em relação ao passado. Modernidade também contida na possibilidade de equilibrar a preservação do meio ambiente com o desenvolvimento econômico, isto é, o desenvolvimento sustentável, configurando assim uma forma linguageira que poderia ser classificada como discurso do “ecologismo”:

“Lamentavelmente, existem alguns setores que eu considero que estão bastante atrasados em relação à percepção do que se tem hoje no mundo”.

“Eu acho que esse é o desafio que está posto para a humanidade. Agora, é claro que nós estamos no olho do furacão. Quando alguém chega e diz que a nossa perda de biodiversidade já é

semelhante à da época da extinção dos dinossauros, é algo muito grave.”

Outras formas de representações evocadas por Marina Silva dizem respeito ao *imaginário do sucesso* que também corrobora seu discurso por meio de referências a figuras responsáveis por transmitir os valores do “progresso”, representado no caso pela figura do “avanço”, e que pode ser ilustrado pelos trechos:

“Avançamos. Eu acho que o homem ter consciência de que vivemos a era dos limites é um avanço.”

“E quando você cria espaços institucionais para fazer essa disputa, para fazer a negociação, você faz isso democraticamente e você consegue avançar”.

Encontra-se em tais enunciados e também nesse que é apresentado a seguir, a figura da “superação”:

“Mas o importante é que existe uma consciência. O que se avançou, de 92 para cá, com estruturas multilaterais, no âmbito dos Estados nacionais. Se você verificar o que se criou hoje, em termos de organização [...]”.

Quanto às formas de *ethé* encontradas na fala desse sujeito-falante é possível observar a presença do *ethos de competência*, onde se verifica uma habilidade intelectual e retórica na análise da conjuntura política e ambiental, bem como da experiência adquirida na vida política:

“Infelizmente, nem todos têm essa consciência, e alguns ainda ficam resistindo e querendo destruir os recursos de milhares e milhares de anos pelo lucro de apenas algumas décadas”.

[...]

“E quando eu li essa informação no Relatório-Síntese de Avaliação Ecológica do Milênio [...]”.

É possível notar também a ocorrência do *ethos de humanidade*, na medida em que a então senadora busca transmitir, por meio de certa *confissão* ou mesmo por uma *revelação*, um pensamento de ordem mais íntima, uma crença pessoal na capacidade realizadora proporcionada pela utopia:

“Olha, eu acho que se nós não tivéssemos utopias nós tínhamos parado bem antes da roda, sabe? Eu acho que o que faz rodar, girar esse processo, é a utopia. Eu acredito nisso. Muitas vezes eu fui chamada de sonhadora, por várias razões, e acredito que, o que mobiliza as pessoas, é o sonho, é acreditar”.

Humanidade que pode ser percebida também pela ideia de *simplicidade*, mostrada no segmento em que faz referência a sua infância na roça: “*eu me lembro de uma cena, que o meu pai fazia roça de subsistência no seringal [...]*”. Ainda é possível notar uma rápida referência ao *ethos de chefe*, por meio da incorporação da figura do “profeta”: “*Eu acho que esse é o desafio que está posto para a humanidade*”.

Considerações preliminares:

Na primeira resposta de Marina Silva detectam-se algumas figuras por ela utilizadas para remeter a um *saber de conhecimento* de natureza *empírica e técnica*, na medida em que ela procura mostrar a experiência adquirida na atividade política e a capacidade de execução; encontra-se também um *saber de crença* de cunho *ideológico*, representado pelo modo como ela afirma compreender o fazer político. Na segunda resposta analisada foi possível observar determinados tipos de *saberes* adquiridos pela *experiência* vivida no campo pessoal e na atividade política. Constata-se também uma forma de crença *ideológica*, na medida em que sua fala busca elementos suscetíveis de confirmar suas convicções.

No que se refere à fundamentação de seu discurso, nota-se em ambas as respostas analisadas a presença do *imaginário da tradição*, por meio de uma fala que faz referência a um retorno às origens e a busca por uma forma de pureza perdida pela destruição dos recursos naturais. Há também a evocação do *imaginário da modernidade*, na medida em que tal fala visa uma forma de desenvolvimento que seja sustentável, ao mesmo tempo em que tece uma crítica ao desenvolvimento destrutivo, utilizando para isso uma linguagem técnica, que recorre ao discurso do *economismo*, por meio do uso de dados e de estatísticas.

Observa-se também na fundamentação do discurso de Marina Silva a evocação recorrente do *imaginário do sucesso*, sustentado por algumas figuras que representam valores ligados ao “trabalho” (“esforço”), ao “progresso” (“avanço”), à “superação”, ao “reconhecimento” (“mérito”) e ao “êxito”. Figuras estas que contribuem para promover

a ideia de “sucesso” e reforçar determinadas identidades que o ator político procura transmitir aos cidadãos eleitores.